

2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NA ITÁLIA

EU SOU DEUS



Giorgio Faletti

AUTOR DE **EU MATO**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

GIORGIO FALETTI

Eu sou Deus

Título original italiano

Io Sono Dio

2002

Tradução

ELIANA AGUIAR

Capa

Mara Scanavino

INTRÍNSECA

A Mauro, pelo resto da viagem

Sinto-me como um carona surpreendido por uma chuva de granizo numa autoestrada do Texas.

Não posso fugir.

Não posso me esconder.

E não posso parar a chuva.

LYNDON B. JOHNSON

Presidente dos Estados Unidos

OITO MINUTOS

COMEÇO A CAMINHAR.

Caminho lentamente porque não preciso correr. Caminho lentamente porque não quero correr. Tudo está previsto, inclusive o tempo destinado a meu passo. Calculei que oito minutos são suficientes. Tenho um relógio de poucos dólares no pulso e um peso no bolso da jaqueta. É uma jaqueta de tecido verde e, na frente, em cima do bolsinho, sobre o coração, houve em certa época uma tira costurada na qual se viam uma patente e um nome. Pertencia a uma pessoa cuja lembrança, como se entregue aos cuidados de uma memória outonal, se desbotara. Só restou um leve traço mais claro, uma pequena mancha no tecido, que sobreviveu à agressão de mil lavagens quando alguém quem? por quê? arrancou aquela tira fina e transferiu o nome inicialmente para um túmulo e depois para o nada.

Agora é uma jaqueta e ponto.

A minha jaqueta.

Resolvi usá-la toda vez que sair para minha breve caminhada de oito minutos. Passos que se perderão como sussurros no fragor de milhões de outros passos dados a cada dia nesta cidade. Minutos que se confundirão como caprichos do tempo, estrelas cadentes sem cor, um floco de neve no perfil dos picos das montanhas que é o único a saber que é diferente de todos os outros.

Devo caminhar oito minutos num passo regular para ter certeza de que o sinal de rádio terá alcance suficiente.

Li em algum lugar que, se o Sol se apagasse bruscamente, sua luz ainda chegaria à Terra por mais oito minutos antes de tudo mergulhar na escuridão e no frio do adeus.

De repente, eu me lembro disso e começo a rir. Sozinho, em meio ao trânsito e às pessoas, em uma calçada de Nova York, com a cabeça erguida para o céu, com a boca escancarada como se

surpreendido ao avistar um satélite no espaço, começo a rir. Pessoas em redor se movem e olham para o sujeito que está rindo como um louco, de pé na esquina de uma rua.

Talvez até pensem que eu realmente seja louco.

Uma pessoa inclusive para e acompanha minha risada por alguns instantes, até perceber que está rindo sem saber o motivo. Rio até as lágrimas da incrível e irônica infâmia do destino. Homens há que viveram para pensar, enquanto outros não puderam fazê-lo porque tinham como única incumbência sobreviver.

E outros, morrer.

Uma angústia sem remédio, um estertor de sufocamento, um ponto de interrogação para carregar nas costas como o peso de uma cruz, porque a saída é uma doença que não acaba nunca. Ninguém encontrou o remédio, por um motivo muito simples: não existe remédio.

A minha proposta é uma só: oito minutos.

Ninguém entre os seres humanos que se afligem a meu redor é capaz de saber o momento em que os últimos oito minutos terão início.

Eu sou.

Eu tenho o Sol em minhas mãos muitas vezes, e posso apagá-lo quando quiser. Chego ao ponto que representa, para meu passo e meu cronômetro, a palavra aqui — enfio a mão no bolso e meus dedos circundam um pequeno objeto sólido e conhecido.

Minha pele sobre o plástico é um guia seguro, uma trilha a percorrer, uma memória alerta.

Encontro um botão e o aperto com delicadeza.

E mais um.

E outro ainda.

Um instante ou mil anos depois, a explosão é um trovão sem temporal, a terra recebendo o céu, um momento de libertação.

Depois, os gritos, a poeira dos carros que se abalroam, e as sirenes que avisam que para muitas pessoas atrás de mim os oito minutos chegaram ao fim.

Esse é o meu poder.

Esse é o meu dever.

Esse é o meu querer.
Eu sou Deus.

MUITOS ANOS ANTES

1

O TETO ERA BRANCO, MAS PARA o homem estendido na cama ele estava repleto de imagens e espelhos. As imagens eram as que o atormentavam toda noite havia meses. Os espelhos eram os da realidade e da memória, nos quais continuava a ver seu rosto refletido.

Seu rosto de agora, seu rosto de outrora.

Duas figuras diversas, a trágica magia de uma transformação, duas peças que em seu percurso marcaram o início e o fim daquele longo jogo de sociedade que fora a guerra.

Muita gente o tinha jogado, gente demais. Alguns pararam por uma rodada; outros, para sempre.

Ninguém venceu. Ninguém, nem de um lado, nem do outro.

Mas, apesar de tudo, ele retornou. Conservara a vida e a respiração e a possibilidade de olhar, mas perdera para sempre o desejo de ser olhado. Agora o mundo para ele não ia além do limite de sua sombra, e como punição continuaria a correr até o fim da vida, a fugir perseguido por algo que carregava colado em si como um cartaz num muro.

Às suas costas, o coronel Lensky, psiquiatra do exército, estava sentado numa poltrona de couro, uma presença amiga numa posição da qual podia se defender. Fazia meses, talvez anos, na realidade séculos, que se encontravam naquele quarto que não conseguia apagar do ar e da mente o leve cheiro de ferrugem que se respirava em qualquer ambiente militar — mesmo quando, em vez de uma caserna, se tratava de um hospital.

O coronel era um homem de ralos cabelos castanhos, voz calma e uma aparência que, à primeira vista, lembrava mais um capelão que um soldado. Às vezes, vestia o uniforme, mas quase

sempre estava à paisana. Roupas discretas, cores neutras. Um rosto sem identidade, uma daquelas pessoas que a gente encontra e esquece rapidamente.

Que querem ser esquecidas rapidamente.

Por outro lado, durante todo aquele tempo tinha ouvido mais sua voz que olhado seu rosto.

— Pois então, sairá amanhã.

Aquelas palavras continham o sentido definitivo da despedida, o valor ilimitado do alívio, o significado inexorável da solidão.

— Mesmo? — Acha que está pronto? Não! , gostaria de gritar. Não estou pronto, assim como não estava quando tudo isso começou.

Não estou pronto agora e não estarei nunca. Não depois de ter visto o que vi e de ter vivido o que vivi; não depois de meu corpo e meu rosto... — Estou pronto.

A voz saiu firme. Ou ao menos lhe pareceu firme ao pronunciar aquela frase que o condenava ao mundo. E mesmo que não estivesse, com certeza o coronel Lensky preferia pensar que estava. Como homem e como médico, preferia acreditar que sua missão estava cumprida a ter de admitir que tinha fracassado. Por isso, estava disposto a mentir para ele como mentia para si mesmo.

— Muito bem, então. Já assinei os documentos.

Ouviu o ranger da poltrona e o fru-fru da calça de tecido enquanto o coronel se levantava. O sargento Wendell Johnson se sentou na cama e ficou um segundo imóvel.

Diante dele, para além da janela que se abria para o parque, despontavam as copas das árvores recortando um fragmento de céu azul. Daquela posição, não conseguia ver o que certamente veria se estivesse debruçado. Sentados nos bancos ou acomodados no socorro hostil de uma cadeira de rodas, de pé sob as árvores ou filhos daqueles poucos movimentos frágeis que alguns chamavam de autossuficiência, havia homens como ele.

Quando partiram, foram chamados de soldados.

Agora eram veteranos.

Uma palavra sem glória que atraía o silêncio, mas não a atenção.

Uma palavra que significava que sobreviveram, que conseguiram sair com vida da fossa infernal do Vietnã, onde ninguém sabia que pecado estava pagando, embora tudo ao redor evidenciasse a forma de pagamento. Eram veteranos, e cada um deles carregava consigo, de modo mais ou menos visível, o peso da própria redenção pessoal, que começava e terminava nos limites do hospital militar.

O coronel Lensky esperou que se levantasse e se virasse antes de se aproximar.

Estendeu a mão e fitou-o nos olhos. O sargento Johnson percebeu o esforço que fazia para impedir que seu olhar se desviasse e fosse pousar nas cicatrizes que deformavam o rosto do coronel.

— Boa sorte, Wendell.

Era a primeira vez que falava com ele chamando-o pelo nome.

Um nome não significa uma pessoa, pensou.

Havia muitos nomes por aí, gravados em túmulos com cruzes brancas, todos em fila com uma precisão de relojoeiro. Isso não mudava nada. De nada serviria para trazer aqueles rapazes de volta à vida, para tirar de seus peitos sem respiração o número que traziam escrito como uma medalha em honra das guerras perdidas. Ele continuaria a ser, sempre e somente, mais um entre muitos. Conheceu muitos como ele: soldados que se moviam e riam e fumavam baseados e usavam heroína para esquecer que tinham a retícula de uma mira desenhada para sempre no peito. A única diferença entre eles era o fato de que ele ainda estava vivo, embora na prática se sentisse sob uma daquelas cruzes. Ainda estava vivo, mas o preço que pagara por essa diferença irrelevante foi um salto no vazio grotesco da monstruosidade.

— Obrigado, senhor.

Virou e dirigiu-se para a porta. Sentia o olhar do médico apontado para sua nuca. Há muito tempo não era obrigado a fazer a saudação militar — não se exige que a faça quem é reconstruído

pedaço por pedaço no corpo e na mente com o único objetivo de lhe permitir que se lembre pelo resto da vida. E o final da missão estava cumprido.

Boa sorte, Wendell.

O que na verdade queria dizer: agora é por sua conta, vire-se, cabo.

Percorreu o corredor verde-claro, que era pintado até a altura de sua cabeça com uma tinta brilhante, e dali para cima com outra, opaca. Na luz incerta filtrada pela pequena claraboia, aquilo trazia à memória certos dias pontilhados de chuva na floresta, quando as folhas ficavam lustrosas como espelhos, mas a parte escondida parecia feita de sombra.

Uma sombra da qual a qualquer momento poderia despontar o cano de um fuzil.

Saiu ao ar livre.

Lá fora havia sol, céu azul e várias árvores. Árvores fáceis de aceitar e de esquecer. Não eram densos bosques de pinheiros ou bambus, nem manguezais ou extensões aquáticas de arrozais.

Não era dat-nuoc.

Esta palavra ressoou em sua cabeça, levemente gutural, como na pronúncia exata. Na língua falada do Vietnã quer dizer país, mas a tradução literal é terra-água, um modo extremamente realista de compreender a essência daquele território. Era uma imagem feliz para qualquer um que precisasse trabalhar lá com a espinha curvada ou caminhar carregando nas costas uma mochila e um M16.

Agora a vegetação que tinha em torno de si significava casa. Embora naquele momento não soubesse a que lugar poderia dar esse nome.

O cabo sorriu porque não encontrou outra maneira de expressar amargura. Fez isso porque aquele gesto já não mais provocava dor física. A morfina e as agulhas sob a pele eram uma lembrança quase apagada. A dor moral, não — esta ficaria como uma mancha amarela na memória toda vez que se despisse diante de um espelho ou tentasse em vão passar as mãos nos cabelos,

encontrando apenas o áspero contato das cicatrizes das queimaduras.

Caminhou pela aleia ouvindo o cascalho chiar sob os pés, deixando o coronel Lensky para trás, com tudo o que ele significava. Encontrou a faixa de asfalto da rua principal e dobrou à esquerda, dirigindo-se sem pressa a um dos edifícios brancos que despontavam em meio ao parque, aquele no qual estava alojado.

Naquele lugar, encontrava-se toda a ironia do princípio e do fim.

A história se fechava onde tinha começado. A poucas dezenas de milhares de quilômetros dali ficava o Fort Polk, campo de treinamento avançado antes da partida para o Vietnã. Quando chegaram, eram um grupo de rapazes que alguém arrancara da vida à força, a pretexto de transformá-los em soldados. A maior parte deles nunca saíra do estado em que vivia e alguns nem mesmo do município em que tinham nascido.

Não pergunte o que seu país pode fazer por você... Ninguém perguntava, mas ninguém estava pronto para enfrentar o que seu país lhe pediria.

No interior do forte, na parte sul, tinham reconstruído uma típica aldeia vietnamita.

Telhados de palha, madeira, cana de bambu, ratã. Ferramentas e utensílios estranhos; rostos de instrutores de aparência asiática que, na verdade, eram semblantes mais americanos que o seu por direito de nascimento. Não encontrou nenhum dos materiais e objetos que lhe eram familiares. No entanto, naquelas construções, naquelas expressões metafísicas de um lugar que ficava a milhares de milhas de distância, havia ao mesmo tempo uma ameaça e um quê de cotidiano.

Veja como é feita a casa de Charlie, disse o sargento.

Charlie era o apelido dado aos inimigos pelos soldados norte-americanos. O treinamento começou e chegou ao fim. Havia ensinado a eles tudo o que precisavam saber. Mas tudo fora feito apressadamente e sem muita convicção, pois convicção era coisa escassa naqueles tempos. Cada um teria de se virar por conta própria, sobretudo para entender, entre os rostos todos iguais que o

cercavam, quem era um vietcongue e quem era um camponês sul-vietnamita amigo. O sorriso com que às vezes se aproximavam era o mesmo, mas o que carregavam podia ser completamente diferente.

Uma bomba manual, talvez.

Como no caso do homem negro que naquele momento vinha em sua direção, impulsionando com braços fortes a própria cadeira de rodas. Entre os veteranos internados no hospital à espera de reconstrução, era o único com quem Wendell fizera amizade.

Jeff B. Anderson, de Atlanta. Foi vítima de um atentado quando saía de um bordel de Saigon. Ao contrário dos outros companheiros, sobrevivera, mas tinha ficado paralisado da cintura para baixo. Nada de glória, nada de medalha. Apenas internações e constrangimento. A glória, aliás, era um fato ocasional no Vietnã, e as medalhas às vezes não valiam o metal de que eram feitas.

Jeff freou a corrida da cadeira pressionando a palma das mãos contra as rodas.

— Oi, cabo. Estão dizendo coisas estranhas a seu respeito.

— Neste lugar, muitas das coisas que são ditas costumam ser verdadeiras.

— Então é verdade. Vai para casa? — É, vou para casa.

A pergunta seguinte chegou depois de uma fração de segundo, uma suspensão breve mas interminável, pois certamente era uma questão que Jeff considerara para si mesmo muitas vezes.

— Vai conseguir? — E você? Ambos preferiram não dar uma resposta, mas deixar ao outro a possibilidade de imaginá-la. Aquele silêncio entre eles era o resumo das várias conversas anteriores.

Tinham muitas coisas a dizer e muitas a maldizer, e aquele não dito era o resumo de tudo.

— Não sei se devo invejá-lo ou não.

— Se quer mesmo saber, nem eu sei.

O homem na cadeira contraiu os maxilares. A voz saiu de seus lábios partida por um ódio tardio e inútil.

— Se ao menos tivessem bombardeado aqueles malditos diques... Jeff deixou a frase em suspenso. Suas palavras evocavam

fantasmas que ambos tentaram exorcizar muitas vezes, sem resultado.

O sargento Wendell Johnson sacudiu a cabeça.

O que fora feito pertencia à história e o que não fora era uma hipótese sem possibilidade de confirmação. Apesar dos bombardeios maciços a que o Vietnã do Norte fora submetido, apesar da constatação de que as incursões aéreas despejaram o triplo das bombas usadas na Segunda Guerra Mundial, ninguém nunca dera a ordem de destruir os diques do rio Vermelho. Muitos pensavam que aquela seria a manobra definitiva. A água teria invadido os vales e o mundo teria identificado como crime de guerra aquilo que muito provavelmente seria quase um genocídio. Mas talvez o conflito tivesse um resultado diferente.

Talvez.

— Centenas de milhares de pessoas teriam morrido, Jeff.

O homem na cadeira de rodas ergueu um olhar em que flutuava algo de indefinível.

Talvez fosse o apelo extremo a uma misericórdia suspensa entre o lamento e o remorso pelo que pensava. Depois virou a cabeça e olhou para um ponto distante, além da copa das árvores.

— Sabe, há momentos em que estou distraído e apoio as mãos nos braços da cadeira para me levantar. Então me lembro do estado em que me encontro e me amaldiçoo.

Respirou profundamente, como se tivesse necessidade de muito ar para pronunciar o que iria dizer.

— Eu me amaldiçoo porque estou assim e sobretudo porque daria a vida de milhões daquelas pessoas para ter minhas pernas de volta.

Voltou a olhá-lo nos olhos.

— O que aconteceu, Wen? E sobretudo por que aconteceu? — Não sei. Acho que ninguém nunca vai conseguir saber de verdade.

Jeff apoiou as mãos nas rodas e moveu a cadeira um pouco para a frente e para trás, como se aquele gesto servisse para lembrá-lo de que ainda estava vivo. Ou era simplesmente um momento de distração, um daqueles em que pensava que podia se levantar e ir embora com as próprias pernas. Seguiu o curso de

seus pensamentos e precisou de um segundo antes que eles se transformassem em palavras.

— Antigamente diziam que os comunistas comiam criancinhas.

Falava e olhava para o cabo Wendell sem vê-lo, como se, na realidade, estivesse visualizando a imagem que aquelas palavras evocavam.

— E nós combatíamos os comunistas. Talvez por isso não nos tenham comido.

Fez uma pausa e quando falou de novo a voz era um sussurro.

— Só mastigaram e cuspiram de volta.

Sacudiu-se e estendeu-lhe a mão. O cabo apertou-a. Era sólida e enxuta.

— Boa sorte, Jeff.

— Vá tomar no cu, Wen. E logo. Detesto ficar chorando na frente de um branco.

Sobre minha pele, até as lágrimas parecem negras.

Wendell se afastou com a nítida sensação de que perdia alguma coisa. De que ambos perdiam alguma coisa. Além do que já tinham perdido. Tinha dado apenas alguns passos quando a voz de Jeff o obrigou a parar.

— Ah, Wen.

Virou-se e o viu, uma sombra de homem e de máquina contra o crepúsculo.

— Coma uma por mim.

Fez com o dedo um gesto inconfundível.

Como resposta, Wendell sorriu.

— Certo. Quando acontecer, será em seu nome.

O sargento Wendell Johnson afastou-se com o olhar fixo diante de si, num passo que, mesmo a contragosto, ainda era o de um soldado. Chegou ao alojamento sem cumprimentar nem falar com ninguém. Entrou em seu quarto. A porta do banheiro estava fechada. Sempre a mantinha assim, pois o espelho ficava na frente da porta. Preferia evitar que seu rosto fosse a primeira imagem a recebê-lo.

Obrigou-se a pensar que, a partir do dia seguinte, teria de construir esse hábito.

Espelhos benevolentes não existiam, mas sim superfícies que refletiam exatamente o que viam. Sem piedade, com o sadismo involuntário da indiferença.

Tirou a camisa e jogou-a numa cadeira, longe da magia automutiladora do outro espelho, no interior do armário embutido. Tirou os sapatos e deitou-se na cama com as mãos atrás da cabeça, pele áspera contra pele áspera, uma sensação à qual já se habituara.

Da janela, além dos vidros semicerrados, filha do azul cinzento que prenunciava a noite, chegava a batida ritmada e escondida de um pica-pau entre as árvores.

tuc-tuc-tuc-tuc... tuc-tuc-tuc-tuc... A memória rodou seus círculos viciosos, e aquele som se transformou no tossir surdo de um AK-47, imediatamente seguido de um murmúrio de vozes e imagens.

— Matt, onde esses merdas se meteram? De onde estão atirando? — Não sei. Não vejo nada.

— Jogue uma granada naquelas moitas à direita com o M-79.

— Cadê o Corsini? E a voz de Farrell, suja de terra e medo, chegou de um ponto indefinido à direita.

— Corsini já era. E também o Mc... tuc-tuc-tuc-tuc... E a voz de Farrell também se dissolveu no ar.

— Wen, vamos nessa, é melhor darmos o fora. Estão acabando conosco.

tuc-tuc-tuc-tuc... tuc-tuc-tuc-tuc... — Não, por aí não. Está tudo descoberto.

— Santo Deus, estão em toda parte.

Reabriu os olhos e permitiu que as coisas ao redor retornassem. O armário, a cadeira, a mesa, a cama, as janelas com os vidros estranhamente limpos. E também o cheiro de ferrugem e de desinfetante. Aquele quarto fora sua única referência durante meses, depois de todo o tempo passado numa enfermaria, onde os médicos se agitavam em volta dele, tentando aliviar o sofrimento das queimaduras. Ali, permitiu que a mente voltasse quase intacta

ao corpo devastado, recuperou a lucidez e fez uma promessa a si mesmo.

O pica-pau deu uma trégua à árvore que estava torturando. Isso parecia um bom presságio, o fim das hostilidades, uma parte do passado que podia deixar para trás de algum modo.

Que tinha de deixar para trás.

Sairia no dia seguinte.

Não sabia que mundo encontraria além dos muros do hospital, nem como ele o receberia. Na realidade, nenhuma das duas coisas lhe importava. Só lhe interessava a longa viagem que tinha pela frente, pois no final dessa viagem um encontro com dois homens esperava por ele. Olhariam para ele com os olhos cheios de medo e espanto, daqueles que se sentem diante do inacreditável. Em seguida, seria sua vez de falar. Para aquele medo e para aquele espanto.

Então, finalmente, ele os mataria.

Um sorriso, mais uma vez desprovido de dor. Sem perceber, caiu no sono. Naquela noite, dormiu sem ouvir vozes e, pela primeira vez, não sonhou com as árvores-da-borracha.

2

DURANTE A VIAGEM, FOI SURPREENDIDO pelo trigo.

A partir de certo ponto, enquanto subia para o norte e se aproximava de casa, aqui e ali desfilava suavemente ladeando a estrada, dócil sob a sombra do ônibus da Greyhound que seguia em frente, empurrado pela gasolina e pela indiferença. As estrias desenhadas pelo vento e a sombra das nuvens faziam com que parecesse vivo e, na lembrança, rebelde sob a mão. Inesperado companheiro de viagem, cor quente da cerveja gelada, hospitalidade de celeiro.

Conhecia aquela sensação. Um dia, comera daquele pão.

Toda vez que, com outras mãos, passara os dedos pelos cabelos de Karen e respirara seu perfume bom de mulher, que recendia a todas as coisas e a nenhum lugar igual no mundo. Mas tudo se transformou numa pontada dolorosa ao ir embora depois de um mês de licença em casa, na efêmera ilusão de invulnerabilidade que o exército concede a todos antes da partida. Tinham lhe oferecido trinta dias de paraíso e de sonhos possíveis, antes que o Terminal do Exército de Oakland se transformasse no Havaí e se convertesse a seguir em Bien-Hoa, centro de distribuição das tropas, a trinta quilômetros de Saigon.

E finalmente Xuan-Loc, o local onde tudo começara, onde ganhara seu pequeno lote no inferno.

Desviou o olhar da estrada e baixou a viseira do boné de beisebol. Usava óculos escuros presos com elásticos, pois praticamente não tinha orelhas nas quais apoiar as hastes. Fechou os olhos e se escondeu naquela frágil penumbra. Em troca, apenas mais imagens, outras.

Não havia trigo no Vietnã.

Não havia mulheres de cabelos louros. Só algumas enfermeiras do hospital os tinham, mas agora ele quase não dispunha de sensibilidade nos dedos, nem de desejo de tocá-los.

Sobretudo, tinha certeza de que nenhuma mulher sentiria mais o desejo de ser tocada por ele.

Nunca mais.

Um rapaz de camisa florida e cabelos compridos que dormia à sua direita, do outro lado do corredor, despertou. Esfregou os olhos e se permitiu um bocejo que cheirava a suor, a sono e a maconha. Virou-se e começou a remexer dentro de uma bolsa de tecido que estava em cima do banco livre a seu lado. Tirou um rádio portátil e o ligou. Depois de alguns resmungos na busca, uma estação o aceitou e as notas do Iron Maiden, de uma música de Barclay James Harvest, uniram-se ao rumor das rodas, do motor e ao sibilo do ar do lado de fora das janelas.

Instintivamente, o cabo se virou para olhá-lo. Quando os olhos do rapaz, que devia ter mais ou menos a idade do cabo, pousaram em seu rosto, reagiram como sempre, como Wendell lia a cada vez no rosto das pessoas, a reação que fora obrigado a aprender antes de tudo, como os palavrões em uma língua estrangeira. O rapaz que tinha uma vida e uma cara, por mais bonitas ou feias que fossem, mergulhou na bolsa, fingindo que estava à procura de algo. Depois ficou sentado um pouco de costas, ouvindo a música e olhando para fora pela janela.

O cabo apoiou a cabeça no vidro.

Cartazes publicitários desfilavam à beira da estrada. Às vezes, exibindo produtos que ele não conhecia. Automóveis em alta velocidade ultrapassavam o ônibus, alguns de modelos que nunca tinha visto. Um Ford Fairlane conversível de 1966 que vinha no sentido contrário foi a única imagem que o acaso concedeu à sua memória naquele momento. O tempo seguira adiante, embora pouco. E, com o tempo, a vida, e todos os apoios fortuitos que oferecia a quem tinha de escalá-la, dia após dia.

Dois anos tinham se passado. Um bater de cílios, um salto indecifrável no cronômetro da eternidade. No entanto, bastaram para apagar tudo. Agora, se levantasse os olhos, só veria diante de si uma parede lisa, cujo único apoio para encorajar a subida era seu rancor.

Em todos aqueles meses, tinha conseguido cultivá-lo minuto a minuto, alimentá-lo, fazê-lo crescer até se transformar em ódio em estado puro.

E agora estava voltando para casa.

Não haveria braços abertos, palavras de glória nem fanfarras para a chegada do herói.

Ninguém nunca o definiria assim e, de todo modo, para todos o herói estava morto.

Partira da Louisiana, onde uma viatura do exército o descarregou sem muitos cumprimentos diante da rodoviária. Encontrou-se sozinho, transformado bruscamente em figurante — não mais protagonista. A seu redor, o mundo, o verdadeiro, aquele que não esperara por ele. Não existiam mais as paredes anônimas, porém tranquilizadoras do hospital. Enquanto estava na fila para comprar a passagem, sentiu-se como um sujeito na fila para a contratação do elenco de *Freaks*, o filme de Tod Browning. Essa ideia o fez sorrir por um instante, a única escolha que tinha à disposição. Para não fazer o que tinha feito por noites a fio e que jurara nunca mais fazer: chorar.

Boa sorte, Wendell... — Dezesseis dólares.

De repente, a saudação do coronel Lensky tinha se transformado na voz de um empregado, que pousou diante dele a passagem para a primeira etapa da viagem.

Escondido atrás da vidraça do guichê, o homem não tinha olhado para aquela parte do rosto que o sargento permitia que o mundo visse. Em troca, lhe oferecera a indiferença de passageiro anônimo que ele desejava.

Mas quando empurrou as notas sobre o balcão com a mão coberta por uma luva de algodão fino, o sujeito magro, com poucos cabelos, lábios finos e olhos sem luz, ergueu a cabeça. Deteve o olhar por um segundo no rosto de Wendell e abaixou-o de volta. Sua voz parecia chegar do mesmo lugar de onde ele vinha, fosse qual fosse tal lugar.

— Vietnã? Esperou um instante antes de responder.

— Sim.

Inesperadamente, o bilheteiro lhe devolveu o dinheiro.

Nem levou em consideração sua perplexidade. Talvez já esperasse por ela. Acrescentou algumas palavras elucidativas. E que para os dois formavam um longo discurso.

— Perdi um filho lá, faz dois anos amanhã. Fique com a grana. Acho que vai precisar mais dela do que a companhia.

O cabo afastou-se com a mesma sensação que teve ao deixar Jeff Anderson para trás.

Dois homens sozinhos para sempre, um em sua cadeira de rodas e o outro em seu guichê, num crepúsculo que parecia destinado a se tornar eterno para todos.

Enquanto recordava, mudou de ônibus, de companheiros de viagem e de estados de espírito. A única coisa que não podia mudar era sua aparência. Fez tudo tranquilamente, pois não tinha nenhuma pressa de chegar e tinha de acertar as contas com um corpo de cansaço fácil e descanso difícil. Foi para um motel de terceira categoria, dormiu pouco e mal, com os dentes e as feições crispadas e os maxilares contraídos. E com seus sonhos recorrentes. Síndrome de choque pós-traumático, diagnosticou alguém. A Ciência sempre encontra um jeito de fazer a descrição de uma pessoa de carne e osso se transformar em parte de uma estatística. Mas o cabo aprendeu por si só que o corpo nunca se habitua completamente à dor. Só a mente, às vezes, consegue se habituar ao horror. E dentro em breve encontraria o modo de mostrar a alguém tudo o que experimentara na própria pele.

O Mississippi transformou-se, quilômetro após quilômetro, no Tennessee que, pela magia das rodas, virou o Kentucky até pôr diante de seus olhos a paisagem familiar de Ohio. Os panoramas catalogavam-se em torno de si e em sua mente como lugares estrangeiros, uma linha que um lápis colorido traçava à medida que o tempo passava no mapa de um território desconhecido. Ao lado da estrada corriam os fios da luz e do telefone. Acima de sua cabeça, conduziam energia e palavras. Havia casas e pessoas como marionetes em seu teatrinho, ajudadas por aqueles fios a se mover e a se iludir com o fato de que viviam.

De vez em quando se perguntava de que energia e de que palavras precisava no momento. Talvez todas as frases tivessem

sido ditas enquanto esteve deitado no divã do coronel Lensky, e todas as forças, evocadas e invocadas. Era uma liturgia cirúrgica que sua razão recusara como um crente recusa uma prática pagã, e o médico a celebrou em vão.

Escondeu sua pequena fé no nada, num lugar seguro da mente, onde coisa alguma pudesse feri-la ou anulá-la.

O que já aconteceu não pode ser mudado nem esquecido.
Só devolvido.

O leve impulso para a frente do ônibus que diminuía a marcha o trouxe de volta para onde estava. O tempo estava dizendo agora, sem escapatória, e o lugar estava representado por uma placa rodoviária que confirmava um nome: Florence. A julgar pela periferia, a cidade era igual a tantas outras, sem a presunção de lembrar de alguma forma sua homônima italiana. Certa noite em que estavam em seu quarto, na cama, lera com Karen um folheto de viagem. Eram fotografias e olhos e páginas e mãos ansiosas por folheá-las.

A França, a Espanha, a Itália... Florence, a italiana, foi justamente a cidade em que se demoraram mais. Karen explicou-lhe algumas coisas que ele não sabia sobre a cidade e o fez sonhar com coisas que não imaginava ser possível. Era uma época em que ainda acreditava que as esperanças não custavam nada, antes de aprender que, ao contrário, podem custar muito caro.

Às vezes, a vida.

Com a ironia da existência, que nunca esgota sua verve, chegara, finalmente, a uma Florence. Mas nada era como deveria ter sido. As palavras de Ben, o homem que, para ele, mais se aproximou da figura de um pai, voltaram à mente.

O tempo é um naufrágio e só volta à tona o que realmente vale a pena... O seu se revelara apenas um zombeteiro ponto de apoio em uma jangada, uma cansativa abordagem da realidade depois de ir a pique em sua pequena utopia privada.

O motorista conduziu o ônibus docilmente até a rodoviária. Parou com um solavanco ao lado de uma marquise um pouco consumida pela ferrugem sob os letreiros desbotados.

Ficou sentado em seu lugar, à espera de que todos os outros passageiros descessem.

Uma mulher que aparentava ser de origem mexicana e levava uma menina adormecida nos braços teve dificuldade de se deslocar com a mala que segurava na mão livre. Ninguém fez nem um gesto sequer para ajudá-la. O rapaz à sua direita pegou sua mala e não resistiu à tentação de lançar uma última olhadela em sua direção.

O cabo tinha resolvido chegar a Chillicothe à tardinha; portanto, preferia descansar um pouco antes de atravessar a fronteira. Florence era um lugar como outro qualquer; portanto, o lugar certo. Qualquer local o seria, naquele momento. De lá, tentaria alcançar seu objetivo pegando carona, apesar das complicações que tal escolha comportava. Seria bastante difícil para qualquer pessoa permitir que ele entrasse em seu carro.

Em geral, as pessoas associam a deformidade física com a propensão, diretamente proporcional, para a maldade. Sem pensar que, para obter alimento, o mal precisa parecer sedutor, cativante. Precisa atrair para si o mundo ao redor com a promessa da beleza e a premissa do sorriso. E agora ele se sentia como a última figurinha que faltava para completar o álbum dos monstros.

O motorista lançou um olhar pelo retrovisor que lhe permitia controlar o interior do ônibus e logo em seguida virou a cabeça. O cabo não se perguntou se era um convite para descer ou se ele estava verificando se o que tinha entrevisto no espelho era mesmo verdade. Em todo caso, quem tinha a obrigação de tomar a iniciativa era ele. Levantou-se e pegou a sacola no porta-bagagem. Pendurou-a no ombro, prestando atenção para segurar a correia de tecido com a mão protegida pela luva, para evitar abrasões.

Percorreu o corredor enquanto o motorista, um sujeito que, curiosamente, se parecia com Sandy Koufax, o arremessador dos Dodgers, dava a impressão de estar particularmente interessado no painel.

O cabo desceu aqueles poucos degraus intermináveis e encontrou-se sozinho de novo num largo, sob um sol que era o mesmo em todas as partes do mundo.

Deu uma olhada ao redor.

Do outro lado do largo, dividido em dois pela estrada, havia um posto de gasolina Gulf, com um bar-restaurante e um estacionamento compartilhado com o Open Inn, um motel de aspecto decadente, que prometia quartos livres e sonhos de ouro.

Ajeitou no ombro a sacola em que guardava suas coisas e foi naquela direção, disposto a comprar um pouco de hospitalidade sem discutir o preço.

Enquanto ela durasse, seria um novo cidadão de Florence, Kentucky.

3

O MOTEL ERA, AO CONTRÁRIO DE todas as promessas, um momento ordinário de turismo a preços baixos. Por todo lado, a cor da necessidade sem o gosto do prazer. O homem atrás do balcão da recepção, um sujeito baixo e gorducho, com uma calvície precoce, que compensava com bigodes e longas costeletas os poucos cabelos que lhe restavam, não teve a menor reação visível quando o cabo pediu um quarto. Mas não entregou a chave enquanto ele não colocou no balcão o dinheiro exigido como garantia. Não entendeu se era uma regra habitual ou um tratamento especial reservado exclusivamente a ele. Num caso ou no outro, não tinha a menor importância.

No quarto havia um cheiro de umidade e de móveis de viagem e o tapete surrado estava manchado em vários pontos. A chuva que tomou, escondido dos olhos de ninguém atrás de uma cortina de plástico, foi uma alternância descontrolada de água quente com fria. A televisão funcionava aos soluços e, por fim, resolveu deixá-la sintonizada no canal local, onde as imagens e o áudio eram mais nítidos. Transmitiam um velho episódio de *The Green Hornet*, uma série com Van Williams e Bruce Lee que foi ao ar por um ano apenas, muito tempo atrás.

Agora estava deitado na cama, com os olhos fechados. As palavras dos dois heróis mascarados, mergulhados com suas roupas sempre imaculadas na luta contra o crime, eram um zumbido distante. Tinha retirado a colcha e se enfiado embaixo do lençol para não ter o súbito espetáculo do próprio corpo apresentado a seus olhos quando os reabrisse.

Não havia vez em que não sentisse a tentação de puxar aquela fina camada de tecido até a cabeça, como se faz com os cadáveres. Tinha visto tantos deles estirados no chão daquele modo, com um tecido manchado de sangue jogado por cima, não por piedade, mas para evitar que os sobreviventes tivessem uma

visão clara do que poderia acontecer com qualquer um deles, a qualquer momento. Vira tantos mortos, que passou a fazer parte deles mesmo estando vivo. A guerra ensinara-o a matar e lhe concedeu que o fizesse sem acusações e sem culpa, pelo simples fato de que envergava uma farda. Agora, tudo o que lhe restava daquela farda era uma jaqueta de tecido verde no fundo de uma sacola. E as regras voltaram a ser as de sempre.

Mas não para ele.

Sem o saber, os homens que o mandaram enfrentar a guerra e seus ritos tribais deram- lhe algo que, antes, ele apenas tivera a ilusão de possuir: liberdade.

Mesmo a de matar de novo.

Sorriu à ideia e ficou estendido por muito tempo naquela cama que, sem nenhuma cortesia, acolhera dezenas de corpos. Naquelas horas insones, contando apenas com o bilhete de viagem de seus olhos fechados, voltou atrás no tempo, quando de noite ainda... * * * dormia como uma pedra, como somente os jovens fazem depois de um dia de trabalho. Um rumor surdo o despertou de repente e, logo em seguida, a porta do quarto se escancarou trazendo um sopro de ar em seu rosto e uma luz apontada contra ele. Em meio ao clarão, viu despontar a ameaça polida do cano de um fuzil parado a um palmo de seu rosto. Havia sombras por trás daquela luz e em seu cérebro ainda enganado pelos resíduos do sono.

Uma das sombras se transformou em uma voz, dura e precisa.

— Não se mova, babaca, ou será a última coisa que vai fazer na vida.

Mãos ásperas o viraram de bruços na cama. Seus braços foram puxados sem gentileza para as costas. Ouviu o estalo metálico das algemas e a partir daquele momento seus movimentos e sua vida não lhe pertenceram mais.

— Já estive no reformatório. Conhece aquela história sobre seus direitos.

— Sim.

Tinha soprado aquele monossílabo com dificuldade, com a boca empastada.

— Pois faça de conta que acabei de ler todos eles para você.

A voz dirigiu-se à outra sombra no quarto, em tom de comando: — Dê uma olhada por aí, Will.

Enquanto estava com a cara espremida contra o travesseiro, os ruídos de uma busca chegavam a seus ouvidos. Gavetas abertas e fechadas, objetos que caíam, o cicio de roupas jogadas para o ar. Suas poucas coisas estavam sendo remexidas, talvez por mãos experientes, mas com certeza sem nenhum cuidado.

Por fim, outra voz, com um tom exultante.

— Ei, chefe, o que será isso que temos aqui? Ouviu passadas se aproximando e a pressão em suas costas ficou mais leve. Depois, quatro mãos ásperas o puxaram e ele se viu sentado na cama. Diante de seus olhos a luz iluminava um saquinho de plástico transparente cheio de maconha.

— Então gostamos de um baseado de vez em quando, hem? Ou quem sabe você prefere vender essa merda? Acho que se meteu numa enrascada, meu jovem.

Naquele momento, a luz do quarto se acendeu, reduzindo a da lanterna a um simples acessório.

Diante dele estava o xerife Duane Westlake em pessoa. Às suas costas, magricela e comprido, com um fio de barba na cara esburacada, estava Will Farland, um de seus ajudantes. O sorriso zombeteiro que tinha estampado nos lábios era uma careta sem alegria. A única coisa que conseguia fazer era destacar a expressão cruel de seus olhos.

Só conseguiu balbuciar algumas poucas palavras apressadas, detestando-se por isso.

— Isso não é meu.

O xerife levantou uma sobrancelha.

— Ah, não é seu. E de quem seria? Esse lugar por acaso é mágico? A fadinha do dente lhe trouxe maconha? Wendell levantou a cabeça e olhou para eles com ar decidido que, para os dois, logo se transformou num olhar de desafio.

— Foram vocês que colocaram, seus escrotos! A bofetada chegou rápida e violenta. O xerife era corpulento e tinha a mão pesada. Até parecia impossível que pudesse ser tão rápido. Sentiu na boca o sabor doce do sangue. E o sabor ferruginoso do ódio. Instintivamente, deu um salto tentando atingir com uma cabeçada o estômago do homem à sua frente. Talvez tenha sido um movimento previsível, talvez o xerife fosse dotado de uma agilidade incomum para um homem de seu porte. Viu-se estendido no chão, com a frustração do tiro que saiu pela culatra somada à raiva.

Acima dele, outras palavras de escárnio foram pronunciadas.

— Nosso jovem amigo tem o sangue quente, Will. Quer bancar o herói. Talvez precise de um sedativo.

Os dois o puseram de pé sem muito cuidado. Em seguida, enquanto Farland o segurava, o xerife desferiu um soco em seu estômago que transformou o oxigênio num alívio desconhecido. Caiu nocauteado na cama com a sensação de que nunca mais conseguiria respirar.

O xerife se dirigiu ao ajudante com o tom de quem pergunta a uma criança se ela fez os deveres.

— Will, tem certeza de que já achou tudo o que tinha de achar? — Talvez não, chefe. É melhor dar outra olhadinha nesse ninho de rato.

Farland enfiou a mão na jaqueta e extraiu um objeto enrolado em um plástico transparente.

Falava com o xerife, mas continuava a olhar o rapaz nos olhos.

Seu riso zombeteiro era mais largo.

— Veja o que encontrei, chefe. Não parece suspeito? — E o que é? — À primeira vista, diria que é uma faca.

— Deixe-me ver.

O xerife tirou do bolso um par de luvas de couro e as vestiu. Em seguida, pegou no invólucro que o ajudante lhe estendeu e começou a desenrolar. Os estalidos do plástico revelavam pouco a pouco o brilho de uma longa faca com cabo de plástico preto.

— Mas isso é uma espada, Will! À primeira vista, uma lâmina dessas poderia ter dado cabo daqueles dois hippies molambentos,

na outra noite, no rio.

— É, podia mesmo.

Estendido na cama, ele começou a entender. E estremeceu, como se a temperatura do quarto tivesse baixado de repente. Tentou, tanto quanto permitia a voz alquebrada devido ao soco, esboçar um débil protesto.

Ainda não sabia quanto aquilo era inútil.

— Não é meu. Nunca o vi.

O xerife olhou para ele com uma expressão ostensiva de estupor.

— Ah, não? Mas como, se está coberto de impressões digitais suas? Os dois se aproximaram e trataram de virá-lo de barriga para baixo. Segurando o punhal pela lâmina, o xerife o obrigou a apertar o cabo. A voz de Duane Westlake era calma enquanto pronunciava sua sentença.

— Eu me enganei quando disse que estava numa enrascada. Na verdade, você está afundado na merda até o pescoço.

Pouco depois, enquanto o arrastavam dali para colocá-lo no carro, teve a nítida percepção de que sua vida, tal como a conhecera até aquele momento, estava acabada para sempre.



“... da Guerra do Vietnã. Continua a polêmica sobre a publicação, pelo The New York Times, dos “Documentos do Pentágono”. A previsão é de um recurso à Corte Suprema para ratificação do direito de publicação por parte...” A voz impostada do locutor das Daily News, que a plaqueta indicava como Alfred Lindsay, sacudiu-o do torpor sem-trégua em que tinha caído. O volume da TV aumentou sozinho, como se animado por vontade própria. Como se a notícia fosse algo que ele precisasse absolutamente ouvir. O assunto era sempre e ainda a guerra, que todos queriam esconder como uma sujeira imóvel sob o tapete, a qual, deslizando como uma serpente, toda vez conseguia fazer a cabeça saltar para fora das bordas.

O cabo conhecia aquela história.

Os Documentos do Pentágono eram o resultado de uma investigação cuidadosa sobre as causas e as circunstâncias que levaram os Estados Unidos a se envolver na Guerra do Vietnã, uma investigação ordenada pelo Secretário de Defesa, McNamara, e realizada por um grupo de trinta e seis especialistas, funcionários civis e militares, com base em documentos oficiais gerados desde o governo Truman. Como um coelho que saísse da cartola dos jornalistas, ficou evidente que a administração Johnson mentira conscientemente à opinião pública a respeito da condução do conflito. O jornal The New York Times, que de alguma forma teve acesso aos documentos, começara a publicá-los poucos dias antes. Com as consequências que todos podemos imaginar.

Mas no fim, como sempre acontece, seriam apenas palavras. Palavras que, tanto ditas quanto escritas, tinham todas o mesmo peso.

O que eles sabiam da Guerra? O que sabiam sobre o que queria dizer estar a milhares de quilômetros de casa, combatendo um inimigo invisível e inacreditavelmente determinado, que ninguém imaginara que estivesse disposto a pagar um preço tão alto para obter tão pouco? Um inimigo que, no fundo de seus pensamentos, todos respeitavam, embora ninguém jamais tivesse tido coragem de confessar.

Seriam necessários pelo menos trinta e seis mil especialistas de colarinho branco, civis ou militares, pouco importa. E nem mesmo assim entenderiam ou resolveriam nada, porque nunca sentiram o cheiro do napalm ou do agente laranja, o desfolhante usado em doses maciças para destruir a floresta ao redor do inimigo. Nunca tinham ouvido o tac-tac- tac-tac das metralhadoras; o rumor surdo de um projétil ao furar um capacete; os gritos de dor dos feridos, que pareciam altos o suficiente para chegar a Washington e que, ao contrário, mal conseguiam alcançar os padioleiros.

Boa sorte, Wendell... Afastou o lençol e sentou-se na cama.

— Vá tomar no cu, coronel Lensky. Você e suas síndromes de merda.

Tinha deixado tudo isso para trás, agora.

Chillicothe, Karen, a guerra, o hospital.

O rio seguia seu curso e apenas a margem conservava a lembrança das águas passadas.

Tinha 24 anos e não sabia se o que tinha diante de si ainda podia ser chamado de futuro. Mas, para certas pessoas, aquela palavra logo perderia qualquer sentido.

Descalço, aproximou-se da televisão e a desligou. O rosto tranquilizador do locutor foi sugado pela escuridão e transformou-se numa bolinha luminosa no meio da tela.

Como todas as ilusões, durou alguns instantes antes de desaparecer por completo.

4

— TEM CERTEZA DE QUE NÃO quer que o leve até a cidade? — Não, aqui está ótimo. Muito obrigado, sr. Terrance.

Abriu a porta. O homem ao volante olhou para ele com um sorriso no rosto bronzeado, erguendo as sobrancelhas com ar interrogativo. À luz do painel, ficou parecido com um personagem de Don Martin.

— Queria agradecer. Muito obrigado, Lukas.

O homem fez um sinal com o polegar virado para cima.

— Está certo.

Deram um aperto de mãos. Depois, o cabo retirou a sacola detrás do banco, saiu do carro e fechou a porta. A voz do homem ao volante chegou até ele através da janela aberta.

— Qualquer coisa que esteja procurando, espero que encontre. Ou que ela o encontre.

As últimas palavras quase se perderam em meio ao ronco do escapamento. Num instante, o carro em que tinha chegado se transformou num barulho de motor que se afastava, num cheiro de combustível disperso pelo vento e pela distância. Uma luz de faróis que a noite alta engolia como se fosse seu alimento costumeiro.

Ajeitou a sacola no ombro e começou a andar. Um passo após o outro, sentindo a vizinhança, os perfumes, os lugares, como um animal. No entanto, não havia ansiedade nem euforia naquele retorno.

Apenas determinação.

Poucas horas antes, no armário do seu quarto de motel, tinha encontrado uma caixa de sapatos vazia, esquecida por algum dos hóspedes precedentes. Na tampa, via-se a marca dos Famous Flag Shoes, comprados por correspondência. O fato de que ainda estivesse lá falava muito sobre o cuidado com a limpeza no Open Inn. Arrancou as abas da tampa e escreveu CHILLICOTHE com letras maiúsculas sobre o fundo branco, reforçando-as várias vezes

com o hidrocor preto que tinha na sacola. Desceu para a recepção com a bolsa no ombro e o cartaz que fizera como possível itinerário na mão. Atrás do balcão, uma moça anônima com os braços bastante magros, os cabelos longos, lisos, e uma fita vermelha ao redor da cabeça substituiu o sujeito de bigode e costeletas. Quando se aproximou para devolver as chaves, ela perdeu a expressão encantada de Flower Power e olhou para ele com um laivo de medo nos olhos escuros. Como se ele estivesse caminhando em sua direção com a intenção de agredi-la. Estava aprendendo a lidar com esse tipo de comportamento. E começava a suspeitar de que aquele balanço não terminaria equilibrado.

Aí está a minha sorte, coronel... Por um segundo, teve a tentação maligna de matá-la de susto, de pagar com a mesma moeda aquela repulsa e aquela desconfiança instintivas que sentia por ele. Mas não era o momento nem o lugar de procurar encrenca.

Pousou a chave no balcão de vidro diante dela com delicadeza ostensiva.

— Aqui está a chave. O quarto é nojento.

Sua voz calma e suas palavras fizeram a moça ter um sobressalto. Olhou para ele um pouco alarmada.

Morra, escrota.

— Sinto muito.

Sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente. Encarou-a, deixando que imaginasse seus olhos por trás das lentes escuras.

— Não diga isso. Nós dois sabemos que você não dá a mínima para isso.

Virou de costas e saiu do motel.

Além da porta de vidro, reencontrou o sol batendo sobre o largo. À direita ficava o posto de gasolina da Gulf, com seu letreiro laranja e azul. Dois carros aguardavam em fila para entrar no lava a jato e as bombas pareciam ter movimento suficiente para que ele esperasse algum resultado num prazo razoável. Encaminhou-se para uma cafeteria coroadada com um letreiro em forma de flecha que exibia seu nome: Florence Bowl, na qual serviam comida caseira e café da manhã a qualquer hora. Seguiu adiante desejando aos clientes que estavam lá dentro que o café e a comida fossem

melhores que a imaginação de quem tinha escolhido o nome do local.

Desfilou na frente das sugestões de bebida — Canada Dry, Tab e Bubble Up — e de hambúrgueres. Ignorou as ofertas de pneus pela metade do preço, de STP e mudanças de óleo com descontos e posicionou-se na saída do posto, para ficar bem à vista tanto para os carros que saíam do estacionamento do restaurante quanto para os que deixavam as bombas após abastecer.

Jogou a sacola no chão e sentou-se em cima dela. Estendeu o braço, tentando dar um jeito para que o cartaz escrito ficasse o mais exposto possível.

E esperou.

Alguns carros chegaram a diminuir a velocidade. Um até parou, mas quando Wendell se levantou para se aproximar e o motorista viu seu rosto, partiu como se tivesse topado com o diabo em pessoa.

Ainda estava sentado exibindo seu patético cartaz, quando a sombra de um homem estampou-se no asfalto à sua frente. Levantou a cabeça e encontrou-se diante de um sujeito de macacão preto com recortes vermelhos. No peito e nas mangas, marcas coloridas de patrocinadores.

— Acha que vai conseguir chegar a Chillicothe? Ele esboçou um sorriso.

— Se continuar assim, creio que não.

O homem era alto, tinha cerca de 40 anos, um físico enxuto, barba e cabelos avermelhados. Olhou para ele um instante antes de prosseguir. Depois baixou a voz um tom, como se quisesse minimizar o que estava para dizer.

— Não sei quem o deixou assim, e não é problema meu. Só lhe pergunto uma coisa. E se não disser a verdade, vou perceber.

Concedeu-se uma pausa. Para ponderar as palavras. Ou para que tivessem mais peso.

— Tem problemas com a lei? Ele tirou o boné e os óculos e olhou para o outro.

— Não, senhor.

Involuntariamente, o tom daquele “não, senhor” o denunciou definitivamente.

— É militar? Sua expressão pareceu uma confirmação mais que suficiente. A palavra Vietnã não fora pronunciada, mas flutuava no ar.

— Loteria? Sacudiu a cabeça.

— Voluntário.

Baixou a cabeça instintivamente ao pronunciar aquela palavra, como se fosse uma culpa. E logo se arrependeu. Reergueu o rosto e plantou os olhos nos daquele homem que estava em pé à sua frente.

— Como se chama, rapaz? A pergunta o pegou de surpresa. O homem percebeu sua hesitação e deu de ombros.

— Os nomes não importam. É só para saber como falar com você. O meu é Lukas Terrance.

Ele se levantou e apertou a mão que o outro estendia.

— Wendell Johnson.

Lukas Terrance não demonstrou perplexidade ante as luvas de algodão. Com um aceno de cabeça, indicou uma grande picape vermelha e preta que exibia nas laterais as mesmas marcas que se viam no macacão. Estava parada diante de uma bomba de gasolina atrás deles, e um frentista negro enchia o tanque. Ao reboque estava presa uma carreta que levava um monoposto usado para corridas em circuitos ovais de terra. Era um veículo estranho, com rodas aparentes e uma cabine que mal parecia capaz de acomodar um homem. Já tinha visto um parecido na capa da Hot Rod, uma revista sobre motores.

Terrance esclareceu as circunstâncias de sua viagem.

— Estou indo para o norte, para a Mid-Ohio Speedway, perto de Cleveland.

Chillicothe não fica exatamente no caminho, mas posso fazer um pequeno desvio. Se aceitar viajar sem pressa e sem ar condicionado, posso lhe dar carona.

Respondeu à oferta com uma pergunta.

— É piloto de corrida, sr. Terrance? O homem começou a rir. Ao lado dos olhos, no rosto bronzeado, formou-se uma teia de

rugas.

— Ah, não. Sou só uma espécie de faz-tudo. Mecânico, motorista, homem de grid. Grid de largada e de churrasco, se for preciso.

Fez um gesto com as mãos que resumia os fatos da vida.

— Nesse exato momento, Jason Bridges, meu piloto, está viajando confortavelmente de avião. Nós, da equipe, ficamos com o trabalho; eles, os pilotos, com a glória. Mas, para ser honesto, glória é o que ele menos tem encontrado. Como piloto, é mais ou menos, mas ainda assim continua a correr. Coisas que acontecem quando se tem um pai com a carteira recheada. É possível comprar carros, colhões, não.

Assim que o frentista acabou de reabastecer, virou-se, buscando com os olhos o motorista da picape. Quando o encontrou, fez um gesto eloquente, indicando a fila de carros à espera. Terrance bateu as mãos, como se apagasse assim todas as palavras anteriores.

— Bem, vamos? Caso sua resposta seja afirmativa, pode me chamar de Lukas de agora em diante.

Pegou a sacola no chão e tratou de segui-lo.

A cabine de direção era um caos de mapas rodoviários, revistas de palavras cruzadas e números da Mad e da Playboy. Terrance abriu espaço para ele no banco do passageiro, retirando um pacote de biscoitos Oreo e uma latinha vazia de Wink.

— Peço desculpas. Quase nunca temos passageiros nesta carreta.

Calmamente, deixaram para trás o posto de gasolina, depois Florence e, por fim, o Kentucky. Em breve, aqueles momentos e aqueles lugares seriam apenas lembranças. E nem seriam das piores. As boas, as verdadeiras, as que acariciaria por toda a vida como gatos nos joelhos, estava indo criá-las.

Foi uma viagem agradável.

Ouviu as piadas do motorista sobre o mundo das corridas e particularmente sobre o piloto que ele acompanhava. Terrance era um bom homem, solteiro, praticamente sem moradia fixa, que vivia desde sempre no ambiente das corridas, sem nunca ter encontrado

espaço nas que realmente importavam, como a NASCAR ou a Indy. Citava nomes de pilotos famosos, gente do calibre de Richard Petty ou Parnelli Jones ou ainda A. J. Foyt como se os conhecesse pessoalmente. E talvez fosse verdade. Em todo caso, parecia sentir prazer em pensar que sim, e dessa forma estava tudo certo para os dois.

Não mencionou a guerra nem uma única vez.

Passada a fronteira, sem pressa, sem ar condicionado e com sua carcaça de corrida, a picape pegou a Route 50, que levava diretamente a Chillicothe. Sentado em seu lugar com a janela aberta, enquanto ouvia as histórias de Terrance, viu que, pouco a pouco, o crepúsculo se preparava para se transformar em noite, com aquela tenaz luminosidade persistente típica das noites de verão. Os lugares foram se tornando familiares e por fim apareceu a placa com a inscrição "Bem-vindos a Ross County".

Estava em casa.

Ou melhor, estava no local ao qual queria chegar.

Um par de quilômetros depois de Slate Mills, pediu a seu espantado companheiro que parasse. Deixou-o com sua perplexidade e com o resto de sua viagem e, como um fantasma, caminhava agora em campo aberto. Só as luzes de um grupo de casas, que no mapa estavam com o nome de North Folk Village, apareciam a distância, indicando o caminho. E cada passo parecia mais difícil que todos os que deixou marcados sobre a lama do Vietnã.

Finalmente chegou àquela que foi a sua meta desde a partida, na Louisiana. A pouco menos de um quilômetro do Village, pegou uma trilha de terra à esquerda e, depois de algumas centenas de metros, chegou a um barracão de alvenaria, cercado por uma rede metálica. Nos fundos, havia um espaço iluminado por três lampiões, onde, entre montes de tubos para andaimes, estavam estacionados um guindaste de oito rodas, um furgão Volkswagen e um Mountaineer Dump Truck com a pá limpa-neve.

Aquela fora sua casa durante todo o tempo que vivera em Chillicothe. E seria sua base para a última noite que passaria ali.

No interior da construção não havia luzes que pudessem revelar presenças.

Antes de prosseguir, verificou se não havia ninguém nas vizinhanças. Partiu enfim, costeando a cerca pela direita até o lado que ficava na sombra. Chegou até uma moita que o protegia da visão dos outros. Pôs a sacola no chão e retirou um alicate que comprara numa grande loja durante a viagem. Cortou a rede apenas o necessário para possibilitar passagem. Imaginou a figura robusta de Ben Shepard em pé diante da abertura e ouviu com os ouvidos da lembrança a voz sibilante que bradava contra “esses malditos filhos da puta que não respeitam a propriedade alheia” .

Assim que entrou, dirigiu-se a uma pequena porta de ferro que ficava ao lado do portão corrediço pintado de azul — a entrada de veículos do barracão. Logo acima havia um grande letreiro branco com uma inscrição em azul. Dizia a quem pudesse interessar que ali era a sede da empresa “Ben Shepard — Demolições, Reformas, Construções”.

Não tinha mais sua chave, mas sabia onde o velho patrão guardava a chave reserva, desde que o hábito tivesse sido mantido.

Abriu a portinhola do armário que guardava o extintor. Logo atrás do tubo vermelho estava a chave que procurava. Pegou-a com um sorriso nos lábios martirizados e foi abrir a porta. O batente deslizou para o interior sem rangidos.

Mais um passo e estava dentro.

A pouca luz que conseguia penetrar do exterior através dos vidros colocados no alto, nos quatro lados, revelava um barracão cheio de ferramentas e máquinas: capacetes de trabalho, macacões pendurados, duas betoneiras de capacidades diversas e, à esquerda, uma longa bancada repleta de instrumentos para trabalhar madeira e ferro.

O calor úmido, a penumbra, o cheiro eram coisas familiares. Ferro, cimento, cal, gesso cartonado, lubrificante. O leve odor acre de corpos suados que vinha dos macacões pendurados nos ganchos. Era o gosto ácido da angústia, o regurgitar de tudo o que lhe tinham arrancado. A vida de todo dia, o afeto, o amor. O pouco de

amor que conhecera quando Karen lhe ensinou o que realmente merecia ser chamado desse nome.

Avançou na semiobscuridade, controlando bem onde colocava os pés, em direção a uma porta do lado direito, e esforçava-se para não pensar que aquele lugar áspero e anguloso um dia significara para ele tudo o que os outros rapazes encontravam numa bela casa de paredes recém-pintadas e num carro estacionado na garagem.

Além da soleira, preso à parede do barracão como um molusco num rochedo, havia um único grande quarto com uma janela apenas, protegida por grades. Uma quitinete e um banheiro na parede oposta completavam a planta de sua morada habitual, no tempo em que se tornara guardião, operário e único inquilino do lugar.

Chegou à porta e a empurrou.

E ficou boquiaberto de espanto.

Ali as formas eram mais nítidas. A luz dos lampiões do estacionamento entrava pela janela e mandava quase todas as sombras se esconderem nos cantos.

O quarto estava em perfeita ordem, como se ele tivesse saído dali horas atrás, e não anos. Não havia no ar nem um só vestígio pruriginoso de poeira, mas saltavam aos olhos os sinais de uma limpeza frequente e cuidadosa. Apenas a cama estava coberta por um plástico transparente.

Ia dar um novo passo em sua velha casa quando, de repente, sentiu algo bater nele e deslizar velozmente por entre suas pernas. Logo em seguida, uma silhueta escura pulou em cima da cama, fazendo o plástico chiar.

Fechou a porta, aproximou-se da mesinha de cabeceira e acendeu a lâmpada ao lado da cama. Da luz tênue que veio se somar à de fora, emergiu o focinho de um grande gato preto, que o olhava com seus enormes olhos verdes.

— Walzer. Santo Deus, você ainda está aqui! Sem medo, o animal se aproximou caminhando levemente de lado e se pôs a cheirá-lo.

Ele estendeu a mão para o bichano, que se deixou pegar sem esboçar nenhuma reação.

Sentou-se na cama e colocou-o nos joelhos. Mal começou a coçá-lo delicadamente no queixo e ele passou a ronronar, como sabia que faria.

— Ainda gosta, não é? Ainda é o mesmo filósofo voluptuoso de antes.

Enquanto o acariciava, deslizou a outra mão até onde deveria estar a pata posterior direita.

— Estou vendo que não cresceu de novo nesse intervalo.

Por trás do nome daquele gato havia uma história estranha. Enquanto Wen fazia uma reforma, pela empresa de Ben, no consultório da dra. Peterson, a veterinária; chegou um casal com um gatinho embrulhado numa coberta toda ensanguentada. Um cão de grande porte invadira o jardim deles e mordera o bichinho, cuja única culpa fora, talvez, a de existir. O gato foi examinado e submetido em seguida a uma cirurgia, mas não foi possível salvar a pata. Quando a veterinária saiu da sala de operação e anunciou o resultado aos donos, os dois se entreolharam com ar embaraçado.

Depois a mulher, uma criatura desbotada vestindo um twin-set azul, e que tentava inutilmente corrigir com batom os lábios finos demais, falou com a médica em tom hesitante.

— Sem uma pata, doutora? E virou-se para buscar apoio no homem que estava a seu lado.

— O que acha, Sam? O homem fez um gesto vago.

— Bem, com certeza o bichinho vai sofrer muito sem uma pata. Ficaria aleijado para toda a vida. Não sei se nesse caso não seria melhor até... Deixou a frase em suspenso. A dra. Peterson olhou para ele com ar interrogativo e resolveu acrescentar a palavra que faltava.

— Sacrificá-lo? Os dois se consultaram com um olhar agora cheio de alívio. Não podiam acreditar que tivessem encontrado uma escapatória: a de fazer passar a ideia de que a proposta vinha de uma fonte autorizada, e não de uma decisão já tomada por eles.

— Vejo que também está de acordo, doutora. Então é o melhor a fazer. Ele não vai sofrer, não é mesmo? Naquele momento,

os olhos azuis da veterinária pareciam de gelo e sua voz parecia capaz de congelá-los. Mas os dois estavam tão aflitos para deixar aquele lugar, que nem perceberam.

— Não, não vai sofrer.

Eles pagaram e saíram um pouco mais rápido do que se poderia esperar, fechando a porta com delicadeza. Em seguida, o barulho do carro do lado de fora confirmou a sentença de morte sem possibilidade de perdão para o pobre animal. Ele assistira à cena sem parar de trabalhar. Mas, naquele instante, abandonou o gesso que estava preparando num balde e aproximou-se de Claudine Peterson. Os dois estavam brancos: ela, por causa do jaleco; ele, devido à poeira que manchava suas roupas.

— Não mate o bichinho, doutora. Eu fico com ele.

Ela olhou para ele sem falar. Seus olhos o examinaram longamente. Depois, disse apenas duas palavras.

— Está certo.

Virou-se e retornou ao consultório, deixando-o sozinho e dono de um gato de três patas. Seu nome nascera exatamente disso. Quando cresceu, seu modo de andar lembrava o compasso de uma valsa: um-dois-três, um-dois-três, um-dois-três... E ficou Walzer.

Estava afastando o gato, que continuava a ronronar satisfeito a seu lado na cama, quando de repente a porta foi escancarada por um pontapé. Walzer se assustou e num salto ágil das três patas correu para se esconder embaixo da cama. Uma voz imperiosa caiu sobre o quarto e sobre o que restava de suas orelhas.

— Seja quem for, é melhor que saia daí com as mãos bem à mostra e sem fazer movimentos bruscos. Tenho um fuzil e toda a intenção de usá-lo.

Ficou imóvel por um segundo.

Depois, sem dizer nem uma palavra, levantou-se, dirigindo-se calmamente para a porta.

Um pouco antes de aparecer na moldura iluminada, estendeu os braços para o alto. Era o único movimento que ainda lhe provocava certa dor.

E uma maré de recordações.

5

BEN SHEPARD SURTIU POR TRÁS DE uma betoneira, escolhendo a melhor posição para manter a porta em sua linha de tiro. Uma gota de suor poeirento que escorria ao longo da têmpora lembrava como aquele barracão era quente e úmido. Por um instante, teve a tentação de enxugá-la, mas preferiu não tirar as mãos do Remington. Fosse quem fosse que estivesse naquele quarto, não tinha como saber qual seria sua reação diante da ordem de sair. E, sobretudo, não sabia se estava armado ou não. De todo modo, o homem foi avisado: tinha nas mãos um fuzil e nunca lançava palavras ao vento. Fez a Guerra da Coreia. Se o sujeito, ou sujeitos, não acreditavam que ele estava realmente decidido a usá-lo, estavam redondamente enganados.

Nada aconteceu.

Preferiu não acender as luzes. Na penumbra, o tempo parece ser um fato pessoal entre ele e as batidas de seu coração. Esperou alguns instantes que pareciam gerados pela eternidade.

Estava ali naquela hora por puro acaso.

Retornava de uma noitada no boliche com seu time. Estava na Western Avenue e tinha acabado de sair do North Folk Village quando a luzinha do óleo acendeu no painel do velho furgão. Se continuasse, correria o risco de ficar a pé. Algumas dezenas de metros adiante, ficava a viela que levava ao barracão de sua empresa. Entrou por ali correndo, invadindo a outra pista para fazer uma curva larga e não ser obrigado a frear. Logo em seguida, desligou o motor e colocou em ponto morto para chegar até o portão aproveitando o declive.

Enquanto se aproximava do prédio ouvindo a brita rolar sob os pneus com um som cada vez mais grave à medida que perdia velocidade, teve por um instante a impressão de ver uma luz desbotada transparecendo através dos vidros. Isso interrompeu

alguns pensamentos não exatamente edificantes contra qualquer divindade responsável pela proteção dos automóveis.

Imediatamente parou o furgão. Retirou o Remington de trás dos bancos e verificou se estava carregado. Desceu sem bater a porta e aproximou-se pela borda gramada do caminho, para não fazer barulho com os sapatos pesados. Talvez tenha esquecido a luz acesa ao ir embora, cerca de duas horas atrás.

Com certeza foi isso.

Mas, em todo caso, preferiu garantir que continuaria do lado certo do cano do fuzil.

Como seu velho costumava dizer, prudência e canja de galinha nunca mataram ninguém.

Continuou acompanhando a rede e encontrou o corte na cerca. Depois, viu o quarto dos fundos iluminado e uma sombra passando diante da janela.

As mãos pousadas na culatra do Remington começaram a umedecer mais que o devido. Mas o olhar continuou a revistar os arredores com rapidez.

Não notou carros estacionados nas vizinhanças, fato que o deixou perplexo. O barracão estava cheio de material e de ferramentas. Não eram de grande valor, mas sempre poderiam despertar o apetite de um ladrão. No entanto, eram coisas bastante pesadas, e achou estranho que alguém resolvesse depenar sua oficina a pé.

Ultrapassou a abertura na rede e chegou à entrada ao lado da passagem de automóveis.

Quando empurrou o batente, viu que estava aberto. Sentiu pelo tato a chave na fechadura e, na luz escassa dos lampiões refletida pela parede clara, percebeu o armário do extintor entreaberto.

Estranho. Muito estranho.

Só ele sabia da existência da chave reserva.

Curioso e desconfiado em igual medida, fez uma pequena gincana furtiva por entre os materiais amontoados no interior, até escancarar a porta do quarto dos fundos com um pontapé.

Agora apontava o fuzil na direção de uma porta aberta.

Uma silhueta de homem com as mãos levantadas surgiu na soleira. Deu alguns passos e parou. Ben se moveu paralelamente, para se manter sob a proteção da massa pesada e disforme da betoneira. De onde estava, podia mirar as pernas do sujeito e, se ele tentasse algum movimento brusco, tirar-lhe uns vinte e cinco centímetros de altura.

— Está sozinho? A resposta chegou em seguida. Calma e tranquila, aparentemente sincera.

— Estou.

— Muito bem, vou sair. Se você ou algum coleguinha seu estiver armando alguma cilada para mim, faço um buraco do tamanho de um túnel ferroviário em sua barriga.

Esperou um instante e depois saiu cautelosamente a descoberto. Segurava o fuzil na altura do quadril, solidamente apontado para o estômago do homem. Deu dois passos em sua direção até conseguir ver seu rosto.

E o que viu depositou um véu de arrepios em seus braços e pescoço. O homem tinha o rosto e a cabeça completamente desfigurados por marcas que pareciam cicatrizes de queimaduras terríveis. Do rosto, prosseguiram pelo pescoço e se perdiam no colarinho aberto da camisa. A orelha direita desaparecera completamente, enquanto do outro lado só ficara um pedaço, grudado como se fosse uma zombaria no crânio, onde a pele grosseiramente cicatrizada tinha substituído os cabelos.

Somente a área ao redor dos olhos estava intacta. E agora aqueles olhos, mais irônicos que preocupados o seguiam enquanto ele se aproximava.

— Mas quem é você, diabos? O homem sorriu. Admitindo-se que fosse mesmo um sorriso aquilo que aparecia em seu rosto quando ele tentava sorrir.

— Obrigado, Ben. Ao menos você não perguntou que coisa eu sou.

O homem abaixou os braços sem pedir autorização. Só então Ben percebeu que ele usava luvas de tecido fino nas mãos.

— Sei que é difícil me reconhecer. Esperava que ao menos a voz ainda fosse a mesma.

Ben Shepard arregalou os olhos. O cano do fuzil pendeu sem que ele percebesse, como se, de repente, os braços tivessem ficado fracos demais para sustentá-lo. Depois as palavras chegaram a seus lábios como se antes ele não tivesse o dom da fala.

— Minha Nossa Senhora, Little Boss. É você. Nós pensávamos que você estivesse... A frase ficou em suspenso, como também ficaram suas vidas durante aquele tempo. O outro fez um gesto vago com a mão.

— Morto? E o que disse a seguir saiu de seus lábios como um pensamento em voz alta e uma esperança subterrânea.

— E não acha que estou? Ben se sentiu velho de repente. E compreendeu que a pessoa que tinha diante de si se sentia muito mais velha que ele. Ainda confuso com aquele encontro inesperado, sem saber muito bem o que fazer ou dizer, aproximou-se da parede e estendeu a mão para o interruptor. Uma luz improvável iluminou o ambiente. Quando ia acender outra, Little Boss o deteve com um gesto.

— Deixe. Posso garantir que não vou ficar melhor com mais luz.

Ben percebeu que estava com os olhos úmidos. Sentiu-se inútil e estúpido. Finalmente, fez a única coisa que seu instinto mandava. Apoiou o Remington sobre uma pilha de caixas, aproximou-se e abraçou com delicadeza aquele soldado que só tinha destruição nos olhos.

— Cacete, Little Boss, que bom saber que está vivo.

Sentiu os braços do rapaz circundando seus ombros.

— Little Boss não existe mais, Ben. Mas é muito bom estar com você.

Ficaram um instante assim, unidos por um afeto que era de pai para filho. Com a absurda esperança de que, quando se afastassem, estivessem em um dia qualquer do passado: tudo voltaria ao normal, e Ben Shepard, empresário da construção civil, só estaria se demorando no barracão para dar a seu operário instruções para o dia seguinte.

Desfizeram o abraço e voltaram a ser os homens de agora, um diante do outro.

Ben fez um sinal com a cabeça.

— Vamos para lá. Deve ter sobrado alguma cerveja. Se quiser.

O rapaz sorriu e respondeu com a velha intimidade que havia entre eles.

— Nunca recuse uma cerveja de Ben Shepard, ele poderia se ofender. E vê-lo nessas condições não é um belo espetáculo.

Dirigiram-se para o quarto dos fundos. Little Boss sentou-se na cama. Deu uma espécie de assobio e Walzer saiu imediatamente do esconderijo e saltou em seu colo.

— Deixou tudo como era antes. Por quê? Ben foi até a geladeira e ficou contente porque Little Boss não podia ver seu rosto enquanto respondia.

— Premonições de vidente ou inabaláveis esperanças de um velho. Dê o nome que quiser.

Fechou a geladeira e virou-se com duas cervejas nas mãos. Com o gargalo de uma delas indicou o gato, que aceitava com suas simples implicações felinas as carícias na cabeça e no pescoço.

— Mandei limpar seu quarto com frequência. E empanturrei essa besta que está em seus joelhos todo santo dia.

Estendeu a cerveja ao rapaz sentado na cama. Depois pegou uma cadeira e por alguns instantes beberam em silêncio. Os dois sabiam que estavam cheios de perguntas cujas respostas seriam difíceis para ambos.

Em seguida, Ben percebeu que cabia a ele começar.

Controlando com dificuldade o desejo de olhar para outro lado, perguntou: — O que houve? O que o deixou desse jeito? O rapaz precisou de um tempo longo como uma guerra antes de responder.

— Não é uma história curta, Ben. E é bastante feia. Você tem certeza de que quer ouvi-la? Ben se apoiou no encosto da cadeira e inclinou-a até que encostasse na parede.

— Tenho tempo. Todo o tempo... * * * — ...e todos os homens que nos servem, soldado. Até que você e seus companheiros entendam que aqui neste país vocês serão derrotados.

Estava sentado no chão, encostado num toco de árvore sem folhas, preso ao terreno por raízes inúteis, com as mãos amarradas atrás das costas. Diante dele, a luz da aurora despontava. Às suas costas, sentia a presença de seu companheiro, ele também imobilizado da mesma maneira. Já fazia algum tempo que não falava e não se movia. Talvez tivesse conseguido cochilar. Talvez estivesse morto. Ambas as hipóteses eram plausíveis. Estavam parados naquele lugar havia dois dias. Dois dias de comida escassa e sono interrompido por pontadas nos pulsos e cãibras no traseiro. Agora tinha sede e fome e suas roupas estavam coladas à pele pelo suor e pela sujeira. O homem com a faixa vermelha na testa inclinou-se sobre ele e manteve suspensas diante de seu rosto as plaquetas de reconhecimento. Balançou-as diante de seus olhos com um efeito quase hipnótico. Depois virou-as para si, como se quisesse verificar os nomes, embora pudesse recordá-los muito bem.

— Wendell Johnson e Matt Corey. O que dois bravos rapazes norte-americanos estão fazendo no meio desses arrozais? Não tinham nada melhor pra fazer em casa? Claro que eu tinha, seu babaca escroto .

Berrou a frase apenas em sua cabeça. Tinha aprendido às próprias custas o preço das palavras ditas àquela gente.

O guerrilheiro era um sujeito mirrado, de idade indefinível, com olhos pequenos e encovados. Um pouco mais alto que a média. Falava um bom inglês, manchado apenas por um acento gutural. O tempo passara quanto? depois que seu pelotão fora aniquilado por um ataque repentino dos vietcongues. Todos morreram, exceto eles dois. E, logo em seguida, começou um calvário de deslocamentos contínuos, de marchas exaustivas feitas de passos executados apenas pela força de vontade, mais um, mais um, mais um... E de pancadas.

De vez em quando, encontravam algum outro grupo de combatentes. Homens com os rostos iguais que transportavam de bicicleta armas e mantimentos por trilhas quase invisíveis traçadas entre a vegetação.

Aqueles eram os únicos momentos de alívio para onde estão nos levando, Matt? Não sei.

Tem ideia de onde estamos? Não, mas vamos sair dessa, Wen, fique tranquilo e de repouso.

A água, a bendita água que em todo lugar chegava com o simples gesto de abrir uma torneira, era um instante de paraíso na Terra, que os carcereiros pareciam distribuir com prazer sádico.

Seu carcereiro não esperou resposta. Sabia que não chegaria.

— Sinto muito que seus outros companheiros estejam mortos.

— Não acredito — deixou escapar.

Tensionou imediatamente os músculos do pescoço, esperando uma bofetada como réplica. Mas, ao contrário, no rosto do vietcongue apareceu um sorriso que somente a luz zombeteira dos olhos conseguia tornar cruel. Em silêncio, acendeu um cigarro. Depois respondeu com uma voz neutra que soava estranhamente sincera.

— Está enganado. Realmente gostaria de tê-los vivos. Todos.

Usou o mesmo tom de voz quando disse: — Não se preocupe, cabo. Vai receber tratamento agora mesmo... e logo em seguida atirou na cabeça de Sid Margolin, que estava caído no chão e se lamentava por um ferimento no ombro.

De um ponto atrás dele chegou o zumbido choroso de um rádio. Em seguida, outro guerrilheiro, um rapaz bem mais jovem, aproximou-se do comandante. Os dois trocaram frases num diálogo apressado, na língua incompreensível de um país que nunca conseguiria entender.

Depois o chefe voltou a falar com ele: — Hoje teremos um dia que promete ser muito divertido.

Dobrou os joelhos e acocorou-se diante dele, para poder encará-lo bem de perto.

— Acontecerá um ataque aéreo. Como tem todo dia. Mas o próximo será nessa área.

Naquele momento, entendeu tudo. Havia homens que iam à guerra porque tinham de ir.

Outros, porque sentiam que deviam ir. O homem com a faixa vermelha na cabeça estava ali porque gostava. Quando a guerra acabasse, ele provavelmente inventaria outra, desde que pudesse continuar a combater.

E a matar.

Aquele pensamento desenhou em seu rosto uma expressão que o outro entendeu mal.

— O que houve? Está espantado, soldado? Acha que os macacos amarelos, os Charlies, como vocês nos chamam, não são capazes de realizar operações de inteligência? Deu um tapinha em seu rosto com a palma da mão, ainda mais sarcástico por ter sido leve como uma carícia.

— Pois somos capazes. E hoje você vai descobrir para quem está combatendo.

Levantou-se de um salto e fez um gesto. De repente quatro homens armados com AK-47 e fuzis chegaram correndo e os cercaram, mantendo-os sob mira. Um quinto homem se aproximou e soltou seus pulsos. Com um gesto brusco, convidou-os a que se levantassem.

O comandante indicou a trilha diante deles.

— Por ali. Rapidamente e em silêncio, por favor.

Foram empurrados sem nenhuma cerimônia para a direção indicada. Depois de poucos minutos de marcha em passo acelerado, desembocaram numa vasta clareira arenosa, costeada à direita por algo que parecia ser uma plantação de seringueiras, colocadas a uma distância tão regular, que parecia um capricho da natureza no caos da vegetação em redor.

Foram separados e amarrados em dois troncos que ficavam quase em extremidades opostas da clareira, de modo que entre eles houvesse uma longa fileira de árvores. Logo depois de sentir os laços prenderem seus pulsos, uma mordaca foi colocada em sua boca.

A mesma sorte coube a seu companheiro, que, depois de um gesto de rebelião, recebeu também um golpe no meio da espinha, dado com a culatra do fuzil.

O homem com a faixa vermelha se aproximou com seu ar dissimulado.

— Vocês, que o usam com tanta facilidade, devem saber qual é o efeito do napalm. Meu povo já sabe há tempos... Indicou um ponto impreciso no céu diante dele.

— Os aviões virão de lá, soldado americano.

Em seguida, recolocou a plaqueta de reconhecimento em seu pescoço. Depois, virou as costas e foi embora, seguido por seus homens, silenciosos como só eles sabiam ser. Wendell e Matt ficaram sozinhos, olhando-se de longe e perguntando-se por que, o que, e quando. Depois, daquele ponto além das árvores, no céu diante dos dois, chegou o barulho de um motor. O Cessna L-19 Bird Dog brotou da borda da vegetação como se fosse fruto de um feitiço. Estava em missão de reconhecimento e voava a baixa altura. Já tinha quase passado por eles quando o piloto deu uma guinada repentina, fazendo o aparelho descer ainda mais. Tanto, que permitiu que visse com clareza a silhueta dos dois homens na carlinga. Pouco depois, acabado o jogo de enganar, o avião voltou a seguir pelo céu de onde viera. O tempo transcorreu no silêncio e no suor em quantidades indefiníveis. Bastou um assobio e uma dupla de Phantoms chegou a uma velocidade que o medo decompôs em fotografias, trazendo consigo o trovão. E só então, como uma extravagância, o relâmpago. Viu o clarão crescer e se transformar numa linha de fogo que avançava como se numa dança, depois de devorar tudo em seu caminho. A linha avançou até eles e atingiu... * * * — ...em cheio meu companheiro, Ben. Ele foi literalmente carbonizado. Eu estava mais longe e fui atingido apenas por uma onda de calor tão forte, que me deixou nesse estado. Não sei como me salvei. E não sei quanto tempo fiquei ali até que chegasse socorro. Tenho lembranças muito confusas. Sei que acordei em um hospital, estava coberto de bandagens e com agulhas enfiadas nas veias. E acho que são necessárias várias vidas humanas para experimentar a dor que senti naqueles poucos meses.

O rapaz fez uma pausa. Ben entendeu que era para permitir que assimilasse aquilo que tinha acabado de dizer. Ou para

prepará-lo para a confirmação que viria a seguir.

— Os vietcongues nos usaram como escudos humanos. E os homens do reconhecimento nos viram. Sabiam que estávamos lá. Mas atacaram mesmo assim.

Ben examinou a ponta dos sapatos. Naquele momento, qualquer coisa que dissesse a respeito daquela experiência seria inútil.

Decidiu voltar ao presente e a todas as suas incertezas.

— O que pretende fazer agora? Little Boss deu de ombros, com displicência.

— Só preciso de um abrigo por algumas horas. Preciso me encontrar com duas pessoas. Depois passo para pegar Walzer e vou embora.

O gato, indiferente como todos os seus semelhantes, levantou dos joelhos do dono e ajeitou suas três patas numa posição mais cômoda na cama.

Ben afastou a cadeira da parede e deixou-a pousar de novo no chão.

— Sinto que está para se meter numa encrenca.

Ele tirou as luvas de algodão e estendeu para Ben as mãos cobertas de cicatrizes.

— Está vendo isso? Sem impressões digitais. Apagadas. Não importa o que eu toque, nunca deixarei marcas.

Pareceu refletir por um instante, como se finalmente tivesse encontrado a definição correta de si mesmo.

— Deixei de existir. Sou um fantasma.

E fitou-o com olhos que pediam muito, mas que estavam dispostos a conceder pouco.

— Ben, preciso que me dê sua palavra de honra de que não vai dizer a ninguém que estive aqui.

— Nem mesmo a...? Interrompeu-o, e foi seco, preciso. Antes mesmo que Ben tivesse tempo de terminar a frase.

— A ninguém, eu disse. Nunca.

— De outro modo? Um instante de silêncio. Depois, palavras frias como as dos mortos saíram daquela boca martirizada.

— Eu mato você.

Ben Shepard compreendeu que o mundo desaparecera para aquele rapaz. Não somente o mundo que tinha dentro de si, mas também o que estava a seu redor. Um arrepio percorreu sua espinha. Wendell partira com muitos homens de seu país para lutar numa guerra contra outros homens, os quais deveriam odiar e matar. Depois do que aconteceu, os papéis tinham se invertido. Voltara para casa e, para todos, ele se tornara o inimigo.

6

SENTADO NA ESCURIDÃO, AGUARDAVA.

Esperava por aquele momento havia muito tempo, e, agora que tinha chegado, a pressa ou a ansiedade estavam completamente ausentes. Parecia que sua presença naquele lugar era totalmente corriqueira, prevista, estimada. Como a aurora e o crepúsculo ou qualquer outra coisa que tem de ser e que, a cada dia, dia após dia, é.

Apoiada nos joelhos, tinha uma Colt M1911, a arma regulamentar do exército. O bom Jeff Anderson, que tinha sido privado das pernas, mas não da capacidade de se virar, conseguira-lhe aquela pistola sem fazer perguntas. E, talvez pela primeira vez na vida, não pedira nada em troca. Durante toda a viagem, ele guardara a arma na sacola, envolvida num pano.

A única coisa leve que carregava consigo.

O cômodo em que estava era um salão com um sofá e duas poltronas no centro, dispostos em forma de ferradura ao redor da televisão encostada na parede. A decoração comum de uma casa norte-americana comum, e que deixava claro que ali vivia só um homem. Poucos quadros de dois tostões nas paredes, um tapete que não inspirava ideia de limpeza, alguns pratos de uma antiga refeição na pia. E cheiro de cigarro por todo canto.

Diante dele, à direita, a porta da cozinha. À esquerda, outra porta pela qual, depois de atravessar um pequeno vestíbulo, entrava-se na casa passando pelo jardim. Às suas costas, protegido por uma saliência da parede, o acesso às escadas que levavam ao andar de cima.

Quando chegou e percebeu que a casa estava deserta, forçou a porta dos fundos e revistou rapidamente o interior.

Enquanto o fazia, tinha nos ouvidos a voz do sargento instrutor em Fort Polk.

Em primeiro lugar, reconhecimento do local.

Depois de tomar conhecimento da disposição dos aposentos, resolveu esperar no salão, porque de lá podia manter sob controle tanto a entrada principal quanto a de serviço.

Escolha estratégica da posição.

Sentou-se no sofá e destravou a pistola. A bala deslizou pelo cano com um rumor seco como sua boca.

Controle da eficiência das armas.

E, enquanto esperava, seu pensamento retornou a Ben.

Ainda tinha nos olhos a expressão que ele fez quando Wendell o ameaçou. Nenhum traço de medo, apenas desilusão. Tentara em vão apagar aquelas três palavras mudando de assunto, perguntando aquilo que na verdade queria perguntar desde o primeiro instante do encontro.

— Como está a Karen? — Bem. Teve o menino. Escreveu para você. Por que não entrou em contato com ela depois? Fez uma pausa e em seguida prosseguiu, num tom mais baixo.

— Quando lhe disseram que você estava morto, chorou todas as lágrimas que era possível chorar.

Havia uma nota de reprovação naquelas palavras e naquela voz. Ele se levantou num salto, apontando para si mesmo com as duas mãos.

— Não está me vendo, Ben? As cicatrizes que está vendo em meu rosto estão espalhadas por todo o meu corpo.

— Ela amava você.

Ben se corrigiu imediatamente.

— Ela ama você.

Ele sacudiu a cabeça como se quisesse afastar um pensamento incômodo.

— Ama um homem que já não existe mais.

— Tenho certeza de que... Ele o deteve com um gesto de mão.

— As certezas não são desse mundo. E as poucas que existem são quase sempre negativas.

Virou-se para a janela, para que Ben não visse seu rosto. Mas sobretudo para não ver o dele.

— Claro, sei muito bem o que aconteceria se fosse procurá-la. Ela iria se pendurar em meu pescoço. Mas por quanto tempo? Virou-se de novo para Ben. Primeiro, instintivamente, escondeu-se por um instante.

Mas precisava voltar a encarar a realidade e deixar que ela o encarasse também.

— Supondo que todos os problemas entre nós dois fossem resolvidos, o pai e tudo mais, por quanto tempo duraria? É o que me pergunto a todo o momento desde que permitiram que me olhasse no espelho e descobri no que foi que me tornei.

Ben viu as lágrimas brilharem em seus olhos como diamantes baratos. Os únicos que podia comprar com seu salário de soldado. E compreendeu que ele já tinha repetido aquelas palavras na mente centenas de vezes.

— Pode imaginar o que significa acordar de manhã e ser esse rosto a primeira coisa que vê? Quanto duraria, Ben? Quanto? Não esperou resposta. Não porque não quisesse sabê-la, mas porque já sabia qual seria.

Ambos sabiam.

E mudou novamente de assunto.

— Sabe por que me alistei como voluntário para o Vietnã? — Não. Nunca consegui entender o sentido dessa decisão.

Tinha voltado a se sentar na cama e a acariciar Walzer. Contou tudo o que acontecera.

Ben ficou em silêncio, ouvindo. Enquanto ele falava, encarou seu rosto, deixando que os olhos deslizassem sobre a pele martirizada. Quando acabou, Ben cobriu o rosto com as mãos. Sua voz era filtrada pela barreira dos dedos.

— Mas não acha que Karen... Num salto, ficou de pé novamente e aproximou-se da cadeira onde seu velho patrão estava sentado. Como se quisesse sublinhar melhor as palavras.

— Pensei que tivesse sido claro. Ela não sabe que estou vivo e não deve saber.

Ben, que então se levantara em silêncio, abraçou-o de novo, dessa vez com mais força.

Ele não conseguiu retribuir o gesto. Permaneceu com os braços abandonados ao longo do corpo até que o outro se afastasse.

— Há coisas que ninguém deveria experimentar na vida, meu pobre rapaz. Não sei se é justo fazer isso. Com você, com Karen, com o menino. Mas, no que me diz respeito, eu nunca mais o vi.

Quando saiu, Ben estava na porta do barracão. Não lhe perguntou aonde ia nem o que pretendia fazer. Mas em seus olhos havia a amarga convicção de que logo ficaria sabendo.

Sentia seu olhar, cúmplice a contragosto, seguiu-o enquanto se afastava.

Naquele momento, só havia duas coisas certas para ambos.

A primeira era que Ben jamais o trairia.

A segunda era que nunca mais se veriam.

Atravessou a cidade e percorreu a pé o trajeto até a casa no final da Mechanic Street.

Preferia andar alguns quilômetros a pedir um carro emprestado a Ben. Faria o que fosse preciso para evitar que ele se envolvesse mais que o necessário naquela história terrível. E não tinha a menor intenção de ser pego tentando roubar um carro.

Enquanto caminhava, Chillicothe desfilava imóvel a seu redor sem notá-lo, como sempre. Era apenas um lugar qualquer da América, aquele no qual se contentara com uma migalha de esperança, enquanto muitos rapazes de sua idade se moviam com segurança entre montanhas de coisas seguras.

Percorreu ruas e evitou pessoas e se esquivou de luzes, e cada passo era um pensamento e cada pensamento... O motor de um carro na ruazinha trouxe de volta a atenção perdida por um instante.

Levantou-se do sofá e aproximou-se da janela. Afastou uma cortina que cheirava a poeira e olhou para fora. Uma Plymouth Barracuda último modelo estava estacionada com o focinho apontado para o portão de ferro da garagem. As luzes dos faróis morreram sobre o cimento e, um depois do outro, Duane Westlake e Will Farland desceram do carro.

Os dois estavam uniformizados.

O xerife estava um pouco mais corpulento que na última vez que o vira. Comida demais e cerveja demais, talvez. Talvez cada vez mais cheio de merda. O outro continuava tão magro e comprido e maldito quanto lembrava.

Os dois se aproximaram da porta de entrada conversando. Não conseguia acreditar em sua sorte.

Contava com a hipótese de ter de fazer duas visitas naquela noite. Agora o acaso lhe oferecia numa bandeja de prata a possibilidade de evitar uma delas. E de fazer as coisas de forma que os dois ficassem sabendo de tudo... A porta se abriu, mas, antes que a luz invadissem o quarto, conseguiu ver a silhueta dos dois homens estampada na moldura que a luz recortara no chão.

O claro e o escuro.

O gordo e o magricela.

O mau e o pior.

Deslocou-se para a escada e, por alguns instantes, ficou apoiado à parede ouvindo as vozes. O diálogo passou por sua cabeça como as páginas de um texto teatral que Karen lhe dera para ler certa vez.

Westlake.

— O que fez com os rapazes que pegamos? Quem são?
Farland.

— Quatro vagabundos de passagem. Como sempre. Cabelos compridos e guitarras.

Não temos nada contra eles. Mas como somos nós que controlamos, passarão uma noite na geladeira.

Uma pausa. Outra vez Farland.

— Mandei Rabowsky escolher uma cela com alguém da pesada, se houver.

Ouviu uma risadinha que parecia o chiado de um rato. Certamente saída dos lábios finos do subxerife.

Farland de novo.

— Essa noite, em vez de amor, vão fazer a guerra.

Westlake.

— E talvez fiquem com vontade de cortar o cabelo e arrumar um emprego de verdade.

De seu esconderijo, sorriu com um gosto amargo na boca. O lobo perde os dentes, mas não o vício de morder. Só que aqueles dois não eram lobos. Eram chacais, da pior espécie.

Expôs-se com cuidado, protegido pela penumbra e pelo abrigo fornecido pela parede.

O xerife foi ligar a televisão, jogou o chapéu sobre a mesa e se afundou numa poltrona.

Em seguida, o clarão da tela fundiu-se à luz da sala.

E ao comentário de uma partida de beisebol.

— Droga, já está quase no fim. E estamos perdendo. Sabia que jogar na Califórnia não ia ser bom.

Virou-se para seu auxiliar.

— Se quiser, tem cerveja na geladeira. E já que está indo, aproveite para trazer uma para mim também.

O xerife era o chefe absoluto e gostava de deixar isso bastante claro, mesmo em caso de hospitalidade. Wendell se perguntou como ele se comportaria se, no lugar de seu subordinado, estivesse naquela sala o juiz Swanson.

Resolveu que tinha chegado a hora. Saiu do esconderijo com a pistola apontada.

— A cerveja pode esperar. Mãos ao alto.

Ao som daquela voz, Will Farland, que estava à sua direita, estremeceu. E quando viu a aparência dele, seu rosto empalideceu.

Westlake virou a cabeça de súbito. Ao vê-lo, ficou um segundo imóvel.

— Quem diabos é você? Pergunta errada, xerife. Tem certeza de que quer saber? — Por ora isso não tem importância. Levante-se e vá para o meio da sala. E você fique ao lado dele.

Enquanto os dois faziam o que ele ordenara, Farland tentou enfiar a mão no coldre da pistola.

Previsível.

Deu dois passos rápidos de lado para enquadrá-lo completamente e sacudiu a cabeça.

— Nem tente. Sei usar essa arma muito bem. Acredita na minha palavra ou quer que eu faça uma demonstração? O xerife

ergueu as mãos num gesto que pretendia ser tranquilizador.

— Ouça, amigo, vamos tentar ficar calmos. Não sei quem você é nem o que pretende, mas devo lembrar-lhe que só sua presença nesta casa já é um crime. Além do mais, está ameaçando com uma arma dois representantes da lei. Não acha que sua situação já está bastante grave? Antes de fazer mais besteira, aconselho... — Seus conselhos dão azar, xerife Westlake.

Espantado ao vê-lo pronunciar seu nome, o homem franziu as sobrancelhas e inclinou a cabeça.

— Já nos conhecemos? — Vamos deixar as apresentações para mais tarde. Agora, sente-se no chão, Will.

Farland estava perplexo demais para ficar curioso. Virou os olhos para seu superior, hesitando sobre o que deveria fazer.

A voz que o alcançou apagou qualquer dúvida.

— Não é mais ele quem comanda, seu merda. Agora sou eu. Se prefere acabar morto aí no chão, posso satisfazer seu desejo.

O homem dobrou as longas pernas e sentou-se, ajudado pela mão apoiada no chão.

Naquele momento, apontou para ele com o cano da pistola e disse ao xerife.

— Agora, com muita calma e sem movimentos bruscos, tire as algemas da cintura de Farland e prenda as mãos dele atrás das costas.

Westlake ficou com o rosto vermelho devido ao esforço, enquanto se inclinava até o chão para executar a ordem. O duplo e seco clack das algemas se fechando marcou o início da prisão do subxerife Will Farland.

— Agora pegue suas algemas e coloque uma no pulso direito. E vire-se com os braços atrás das costas.

Nos olhos do xerife havia ódio. Mas diante daqueles mesmos olhos havia também uma pistola. Obedeceu à ordem e logo em seguida uma mão segura fez a outra algaema estalar no pulso esquerdo.

E aquele foi o início de sua prisão.

— Sente-se ao lado dele agora.

O xerife não podia se ajudar com as mãos. Dobrou os joelhos e caiu desajeitadamente no chão, apoiando seu peso com violência no ombro de Farland. Por pouco não acabaram esparramados no chão.

— Quem é você? — Os nomes vão e vêm, xerife. Só as lembranças permanecem.

Desapareceu por um segundo atrás da parede que escondia a escada. Quando voltou, segurava na mão um galão cheio de gasolina. Durante a inspeção da casa, encontrara-o na garagem, ao lado de um cortador de grama. Com certeza, era uma reserva que o xerife mantinha em casa para não ficar sem combustível enquanto aparava a grama. Essa descoberta insignificante trouxe à sua mente uma pequena ideia, proporcionou-lhe uma grande alegria.

Enfiou a pistola na cintura e aproximou-se dos dois homens. Com calma, começou a regá-los com o conteúdo do galão. Suas roupas se mancharam de escuro enquanto o cheiro acre e oleoso da gasolina se espalhava pela sala.

Para evitar que o jato de gasolina atingisse seu rosto, Will Farland se afastou instintivamente, dando uma cabeçada na têmpora do xerife. Westlake não teve a menor reação: a dor foi anestesiada pelo pânico que começava a aflorar em seus olhos.

— O que está querendo? Dinheiro? Não tenho muito em casa, mas no banco... O subordinado interrompeu o chefe pela primeira vez, com uma voz que o medo tornava esganiçada.

— Eu também tenho. Quase vinte mil dólares. Posso lhe dar tudo.

O que dois bravos rapazes norte-americanos estão fazendo no meio desse arrozal? Enquanto continuava a jogar o líquido do galão em cima dos dois, sentiu prazer ao pensar que suas lágrimas não eram causadas apenas pelo cheiro da gasolina. Falou com o tom tranquilizador que um dia alguém lhe ensinou.

Não se preocupe, cabo. Já vai receber tratamento... — Claro. Podemos fazer um acordo.

Um clarão de esperança chegou a reconfortar o rosto e as palavras do xerife.

— Sem dúvida. Amanhã de manhã você vai conosco ao banco, e lhe daremos um monte de dinheiro.

— É, poderíamos fazer isso... A voz que concedia a ilusão desapareceu de repente.

— Mas não vamos.

Com a gasolina que restava no recipiente, desenhou no pavimento uma linha que chegava até a porta. Colocou a mão no bolso e tirou um isqueiro Zippo. Um cheiro nauseabundo se somou ao odor pungente que já enchia a sala. Farland tinha se borrado nas calças.

— Não, por favor, não faça isso, não faça, pelo amor de... — Feche essa boca de merda! Westlake interrompeu aquela inútil choradeira. Recuperou um pouco de orgulho com a força do ódio e da curiosidade.

— Quem é você, bastardo? O rapaz que fora um soldado olhou-o por um instante em silêncio.

Os aviões virão de lá... Depois disse seu nome.

O xerife arregalou os olhos.

— Não é possível. Você está morto.

Acendeu o isqueiro. Os olhos aterrorizados dos dois homens estavam fixos na chama.

Sorriu e apenas por essa vez ficou contente de que seu sorriso fosse uma careta.

— Não, filhos da puta. Vocês estão mortos.

Com um gesto teatral, abriu a mão mais que o necessário e deixou o Zippo cair no chão. Não sabia quanto tempo duraria a queda do isqueiro para os dois homens. Mas sabia muito bem quanto aquele curto trajeto podia ser longo.

Nada de trovão para eles.

Só o barulho metálico do Zippo batendo no pavimento. Depois uma luminosa lufada quente e, em seguida, uma língua de fogo que avançava dançando até engoli-los como uma antecipação do inferno que esperava por eles.

Ainda ficou ouvindo os gritos e vendo-os queimar e se agitar, até que o cheiro de carne queimada se espalhasse pelo cômodo.

Respirou-o a plenos pulmões, deleitando-se com o fato de, dessa vez, a carne não ser a dele.

Depois abriu a porta e saiu para a rua. Começou a andar, deixando a casa para trás, ouvindo os gritos que o acompanhavam como uma bênção enquanto ele se afastava.

Pouco depois, quando os gritos cessaram, soube que a prisão do xerife Duane Westlake e de seu subordinado, Will Farland, não existia mais.

MUITOS ANOS DEPOIS

7

JEREMY CORTESE OLHOU PARA A BMW escura que se afastava com o desejo secreto de vê-la explodir. Tinha certeza de que, à exceção do motorista, o mundo não sentiria a menor falta das pessoas que estavam lá dentro.

— Podem ir se foder, imbecis.

Dizendo isso como se fosse um GPS, deixou que o carro se perdesse no tráfego e retornou a uma das duas barracas do canteiro de obras. Na verdade, eram duas grandes caixas metálicas, montadas sobre rodas e alinhadas à cerca que delimitava a área de trabalho.

Resistiu à tentação de acender um cigarro.

A reunião técnica recém-terminada o deixara indisposto e aumentara o mau humor que o dominava desde o começo do dia, embora aquela não fosse a única causa.

Na noite anterior, estava no Madison Square Garden e viu os Knicks perderem feio para os Dallas Mavericks. Saiu de lá com aquela sensação de amargura que, de vez em quando, fazia com que se perguntasse o porquê de sua insistência em frequentar aquele templo do esporte.

Já fazia muito tempo que a confraternização, a festa, a paixão comum tinham deixado de envolvê-lo. Não importava se seu time perdesse ou vencesse, sempre se achava em casa com o mesmo pensamento surrado.

E só.

Andar por aí em busca de recordações nunca é um bom negócio. Não importa o que se encontre pelo caminho, será sempre e de qualquer jeito um sonoro nada. Não poderá capturar as boas lembranças e não poderá matar as más. E cada respiração parece

feita de ar malsão, que para na garganta e deixa um gosto ruim na boca.

No entanto, voltava sempre, alimentando aquele instinto de fazer mal a si mesmo que todo ser humano carrega dentro de si, em maior ou menor medida.

Muitas vezes, durante a partida, deixou seu olhar correr pela arquibancada a seu redor até perder pouco a pouco o interesse pelo que acontecia no campo, onde os jogadores se agitavam com seus uniformes coloridos.

Com um melancólico pote de pipoca na mão, viu pais e filhos exultarem com uma enterrada de Irons ou um triplo de Jones e gritarem em coro com o restante da torcida, escandindo bem as sílabas da palavra, toda vez que o time adversário partia para o ataque: Defesa! Defesa! Defesa! Houve um tempo em que também fazia isso, em que ia ver os jogos com seus filhos e sentia que representava alguma coisa na vida deles. Mas, afinal, aquilo tinha se revelado uma ilusão, e a verdade era que eles, sim, representavam tudo em sua vida.

Quando um dos Knicks conseguiu acertar um arremesso de três, ele também se levantou, comemorando por reflexo com uma multidão de perfeitos desconhecidos e aproveitando a ocasião para engolir de volta certa coisa que subia em direção a seus olhos.

Depois se sentou novamente. À sua direita havia um lugar vazio e à esquerda um rapaz e uma moça se olhavam e pareciam se perguntar por que estavam ali, em vez de estarem em uma cama qualquer, numa casa qualquer, fazendo bem um ao outro.

Quando ia ao Madison com os filhos, ele se sentava sempre no meio dos dois. John, o caçula, em geral se colocava à direita e observava com o mesmo interesse o jogo e o vaivém dos vendedores de bebidas, algodão-doce e mais um monte de comida típica de arquibancada. Jeremy costumava compará-lo com uma fornalha capaz de queimar grandes quantidades de cachorro-quente e pipoca, assim como uma locomotiva queima carvão.

Desconfiou mais de uma vez de que o garoto não tivesse nenhum interesse por basquete, e de que seu único prazer no

estádio seria a mão-aberta que o pai demonstrava naquelas ocasiões.

Sam, o mais velho, aquele que se parecia mais com ele tanto no físico quanto no temperamento, aquele que logo o superaria em altura, ficava, ao contrário, completamente absorvido nas fases do jogo. Embora nunca tivessem falado nisso, sabia que seu sonho era se tornar uma estrela da NBA. Infelizmente, Jeremy estava convencido de que aquilo seria sempre um sonho, e nada mais. Sam herdara sua ossatura grande e uma compleição que, com o tempo, teria tendência a se alargar, mais que a encompridar, embora ele jogasse no time da escola e o derrotasse sistematicamente quando jogavam no quintal dos fundos da casa.

O filho chegava a tripudiar. E toda vez o orgulho de pai deixava Jeremy feliz por sofrer aquela humilhação.

Depois, aconteceu o que aconteceu. Na realidade, não tinha nenhum sentimento de culpa, e não tinha mesmo culpas a assumir.

Simplesmente, a demolição teve início.

Ele e Jenny, sua mulher, se descobriam zanzando pela casa, conversando cada vez menos e brigando cada vez mais. Depois, as brigas acabaram e ficou somente o silêncio.

Sem nenhuma verdadeira razão, tinham se transformado em dois estranhos. Então, a demolição já estava concluída, e eles não encontraram forças para começar uma reconstrução.

Depois do divórcio, Jenny resolveu ficar mais perto dos pais, e agora vivia no Queens com os meninos. A relação entre os dois era, a bem da verdade, bastante boa e, apesar da decisão do juiz, ela permitia que ele encontrasse os filhos quando quisesse. Só que Jeremy nem sempre podia fazê-lo, e, pouco a pouco, os garotos começaram a vê-lo com frequência e entusiasmo cada vez menores. As saídas se espaçaram e as idas ao estádio cessaram completamente.

Ao que tudo indicava, demolir era agora a sua especialidade, tanto no trabalho quanto fora dele.

Afastou aqueles pensamentos e tentou retornar ao presente.

A Sonora Inc., a empresa de construção civil que tinha um faturamento estratosférico e para a qual trabalhava, adquirira dois

prédios contíguos de quatro andares na esquina da Terceira Avenida com a Rua 23 e pagara uma soma considerável aos proprietários, além de uma simpática gratificação às poucas famílias que ainda moravam nos edifícios. Eles dariam lugar a um grande condomínio de quarenta e dois andares, com academia de ginástica, piscina na cobertura e outros serviços variados.

O novo eliminava o velho a cotoveladas.

Já estavam quase no fim da obra de demolição. Jeremy considerava aquele trecho do percurso necessário, mas extremamente entediante. Depois de meses de esforço, barulho e caminhões retirando entulho, parecia que o trabalho nem tinha começado. No início, viu com uma pitada de melancolia caírem os dois velhos prédios de tijolos vermelhos que eram um pedaço do pouco de história que ainda havia a seu redor. No entanto, a excitação de construir era um ótimo antídoto. Logo as escavadeiras criaram o espaço necessário para assentar os alicerces adequados à sustentação de um edifício daquela envergadura. E depois teria início a criação, a subida, o acréscimo, pedaço por pedaço, até o momento sublime em que fincariam uma bandeira com estrelas e listras no topo da construção.

De pé na porta da barraca, viu os operários abandonarem um a um suas ocupações e caminharem em sua direção.

Olhou para o relógio. As discussões com aqueles idiotas impediram que percebesse que a hora da pausa tinha chegado. Não estava com fome nem sobretudo com vontade de, naquele instante, partilhar com seus subordinados as palavras que a hora do almoço trazia juntamente com a refeição. Tinha relações bastante cordiais, até mesmo amigáveis, com as pessoas que comandava. Não dividiam outros aspectos da vida, mas partilhavam o trabalho, que representava a maior parte dela. E ele pretendia que se trabalhasse na maior harmonia possível nos canteiros de obra que dirigia. Foi por isso que ganhou a estima de seus superiores e o respeito dos operários, embora todos soubessem que estaria pronto a tirar a luva e exhibir o punho de ferro quando necessário.

O fato de que naquele caso específico as luvas não fossem exatamente de veludo, mas de cansaço, não mudava a essência

das coisas.

Ronald Freeman, seu vice, entrou na barraca fazendo o chão estremecer levemente.

Era um homem negro, alto e gordo, apaixonado por comida picante e cerveja. Os traços dessas duas paixões eram evidentes em seu rosto e em seu corpo. Freeman era casado com uma mulher de origem indiana, encontrando assim, como ele mesmo dizia, alimento para seus dentes. Jeremy foi jantar na casa deles uma vez. Assim que colocou na boca o primeiro pedaço de uma coisa que atendia pelo nome de masala, sentiu a garganta queimar e foi obrigado a beber imediatamente um gole de cerveja. Depois perguntou ao anfitrião, sorrindo, se era preciso ter porte de arma para servir aquela comida.

Ron tirou o capacete de plástico e aproximou-se do canto em que estava a marmitta térmica que a mulher lhe preparava todo santo dia. Sentou-se no banco que costeava o lado mais longo da barraca e pousou o capacete nos joelhos. Quando viu o rosto do chefe, entendeu que se tratava de um daqueles dias que deveriam ser riscados do calendário.

— Problemas? Jeremy deu de ombros, minimizando.

— Os de sempre. Quando um arquiteto e um engenheiro chegam a um acordo depois de uma briga que durou horas, a única coisa que sabem fazer é sair à cata de um terceiro pentelho para organizar uma espécie de Triângulo das Bermudas.

— E encontraram? — Sabe como é. A facilidade com que se pode encontrar um babaca é desarmante.

— A Brokens.

— Isso mesmo.

— Se essa mulher conseguisse entender o dobro do que entende, ainda não entenderia porra nenhuma. Deve ser mesmo um fenômeno na cama, para justificar que o marido solte suas rédeas dessa maneira.

— Ou é um pedaço de madeira, inerte, e o marido prefere que ela rale o dia inteiro, para que não fique cheia de intenções à noite. Imagine o que deve ser aquela mulher deitada do seu lado estendendo a mão para você... Ron fez um careta de horror e

sublinhou seu pensamento com palavras: — Pessoalmente, teria de enfiar uma parelha de Beagles na cueca para desentocar o “Bráulio”.

Naquele instante, dois homens subiram os degraus e vieram se juntar a eles no interior da barraca. Ron aproveitou para abrir a marmitta de comida. Imediatamente, um forte cheiro de alho espalhou-se pelo ambiente.

James Ritter, um operário jovem, com cara de bom moço, deu um passo em direção à porta pela qual entrara um segundo antes.

— Santo Cristo, Ron! A CIA já sabe que você anda por aí com armas de destruição em massa? Se comer esse negócio, vai poder soldar ferro só com o bafo.

Como resposta, Freeman levou ostensivamente à boca mais uma garfada de comida.

— Você é um incompetente, e merece aquele lixo que costuma comer, que arruína seu estômago e ainda anula todo o efeito do Viagra de que com certeza já anda precisando.

Jeremy sorriu.

Ficava satisfeito com aquela atmosfera de camaradagem. A experiência tinha lhe ensinado que os homens que realizam um trabalho pesado rendem mais num ambiente leve. Pensando exatamente nisso era que costumava preparar alguma coisa em casa para comer sentado numa das barracas com os operários.

Mas quando estava de ovo virado, preferia ficar sozinho. Para pensar em seus problemas, sem jogá-los em cima dos outros.

Aproximou-se da porta e ficou um segundo na soleira, olhando para fora.

— Não vai comer, chefe? Sacudiu a cabeça, sem se virar.

— Vou dar um pulo no restaurante aqui atrás, o Deli. Estarei de volta para contar as vítimas da comida de Ron.

Desceu os degraus da barraca e encaminhou-se para a Rua 23, deixando a Terceira Avenida para trás. O tráfego não era muito intenso naquela hora e naquela parte da cidade. Nova York escolhia seus ritmos de maneira muito regular, à exceção de alguns surtos

ocasionais, quando uma massa de carros e pessoas desaguava nas ruas sem aviso prévio e sem motivo.

Naquela cidade, tudo aparecia e desaparecia continuamente, como num eterno passe de mágica: carros, pessoas, casas.

Vidas.

Chegou ao Deli caminhando decidido, sem parar diante de nenhuma vitrine. Em parte porque não se interessava pelo que exibiam, mas sobretudo porque não queria ver sua imagem refletida. Por medo de perceber que ele também desaparecera no nada.

Empurrou a porta do salão lotado, e um cheiro de comida invadiu suas narinas. Ao vê-lo entrar, uma asiática deu um jeito de sorrir para ele detrás do caixa, antes de retornar à fila de gente à espera de pesar e pagar a comida.

Percorreu lentamente o longo balcão com os réchauds para a comida quente, procurando algo que o atraísse no conteúdo dos vários recipientes. À medida que ficavam vazios, eram substituídos pelos serventes, que também eram asiáticos. Pegou uma embalagem de plástico para viagem e escolheu alguns pedaços de frango ensopado que pareciam ser razoáveis e pediu que lhe preparassem uma salada mista.

Nesse meio-tempo, a fila do caixa diminuiu e logo depois ele estava diante da moça que lhe sorrira à entrada. Num primeiro olhar distraído, pensou que ela fosse bem mais jovem. Agora que podia vê-la de perto, percebeu que não poderia ser sua filha. Ela voltou a sorrir-lhe, como se estivesse disposta a se transformar em algo bastante diferente para ele. Jeremy pensou que provavelmente agia assim com todos. Pesou a comida, pagou a quantia que lhe foi cobrada e deixou a mulher, que exibia um sorriso igual para o cliente seguinte.

Foi para o fundo do restaurante e sentou-se sozinho numa mesa para dois. O frango era o que prometia, ou seja, pouco. Deixou-o de lado quase imediatamente para se dedicar à salada, lembrando-se de como Jenny insistia, quando ainda estavam casados, para que ele comesse mais verduras.

Tudo acontece tarde demais. Sempre tarde demais... Perseguiu com a língua os restos de salada que se enfiavam entre os dentes e lavou-os com um gole da cerveja que tinha retirado da geladeira de bebidas.

Seu pensamento voltou à reunião da manhã com Val Courier, arquiteto de fama evidente e sexualidade dúbia, e Fred Wyring, engenheiro de cálculos mais que suspeitos, ao qual se juntou a mulher do proprietário da empresa. A sra. Elisabeth Brokens, que parecia um folheto publicitário do Botox, cansada de passar de um analista a outro, resolvera que o melhor tratamento para suas neuroses seria o trabalho. Como não tinha nenhuma aptidão, nenhum preparo, nenhuma ideia, o único caminho que poderia trilhar seria o de se encostar no marido. Talvez conseguisse se livrar das neuroses, mas apenas porque as estava distribuindo a mancheias entre todas as pessoas que encontrava.

Jeremy Cortese não tinha diplomas acadêmicos — seus títulos foram obtidos na prática do trabalho, dia após dia, dando duro e aprendendo com quem sabia mais que ele.

Considerava qualquer discussão com gente incompetente uma perda de tempo, da qual teria de prestar contas mais cedo ou mais tarde — no caso, ao sr. Brokens em pessoa, que conhecia muito bem o trabalho, mas nem tanto a esposa, já que permitia que metesse o bedelho em tudo.

Toda vez que a via chegar, tinha vontade de ligar o cronômetro para mostrar ao chefe quanto tempo uma visita de sua senhora custava ao canteiro. Talvez para ele fosse melhor continuar a pagar os honorários dos analistas. E talvez os de um jovem professor de tênis ou golfe disposto a fazer hora extra.

Estava tão imerso em seus pensamentos, que não viu Ronald Freeman entrar. Foi só quando ele parou de pé diante da mesa que Jeremy percebeu sua presença e levantou os olhos da salada.

— Estamos com um problema.

Ron fez uma pausa e apoiou as mãos na mesa. Olhando fixamente para ele. Tinha no rosto uma expressão que ele nunca vira antes. Se uma definição fosse possível, Jeremy diria que Ron estava pálido.

— Um problema dos grandes.

A confirmação acendeu a luz de alarme na cabeça de Jeremy.

— O que houve? Ron fez um sinal com a cabeça indicando a porta.

— Talvez seja melhor que você veja pessoalmente.

Sem esperar resposta, virou-se e dirigiu-se para a saída.

Jeremy foi atrás dele, meio surpreso, meio preocupado. Era muito raro ver Ron paralisado diante de uma emergência, fosse ela qual fosse.

Na rua, seguiram um ao lado do outro. Ao se aproximar do canteiro de obras, viu que os homens tinham saído da área cercada, formando um grupo heterogêneo de jaquetas de trabalho e capacetes coloridos.

Sem perceber, apertou o passo.

Quando chegaram à entrada, os operários abriram passagem em silêncio. Parecia uma cena de filme antigo, um daqueles em que um plano-sequência mostra rostos mudos e sem esperança diante da galeria de uma mina onde vários trabalhadores estão presos depois de um desmoronamento inesperado.

Mas que droga está acontecendo? Não perderam tempo colocando o capacete, como prescrevia a regra do canteiro.

Jeremy seguiu Ronald, que tinha dobrado à direita.

Acompanharam a cerca, ao lado dos restos de uma parede ainda de pé e, em seguida, tiveram de descer a escada que conduzia ao velho subsolo, já quase todo a céu aberto. Assim que desceram, Ron o guiou para o lado oposto da escavação. A única parede que ainda restava parcialmente de pé era a mais sólida, comum aos dois prédios, e na qual estavam justamente trabalhando, finalizando a demolição.

Um, depois o outro, chegaram ao canto esquerdo, o mais distante da escada. Ronald parou e se afastou, deixando a vista livre, como se abrisse a cortina de um palco, num involuntário efeito coreográfico.

Jeremy sentiu um estremeamento imediato. Uma ânsia agitou seu estômago, e ele ficou contente por só ter comido salada.

O trabalho de demolição revelara um espaço vazio entre as paredes. De uma fenda aberta pelo martelo pneumático, sujo de tempo e poeira, surgia o braço de um cadáver. O rosto, quase reduzido a uma caveira, estava apoiado no que restava do ombro, e parecia olhar para o exterior com a amarga desolação de quem só conseguiu encontrar a luz e o ar tarde demais.

8

VIVIEN LIGHT ESTACIONOU SEU VOLVO XC60, desligou o motor e ficou um instante esperando que o mundo a seu redor a alcançasse. Durante toda a viagem de retorno de Cresskill, teve a sensação de ter se extraviado, de estar se movendo em uma exclusiva dimensão paralela, na qual ela era mais veloz que todo o resto. Como se deixasse atrás de si um rastro composto de fragmentos do passado, rápidas frações e refrações coloridas de tempo, visíveis como a cauda de um cometa para os carros, as casas e as pessoas que animavam as telas das janelas.

Isso acontecia toda vez que ia visitar a irmã.

Cada viagem de ida era uma esperança, imotivada, mas, justamente por isso, ainda mais forte e ainda mais decepcionante quando a reencontrava igual a sempre e, como sempre, linda. Parecia que, por uma absurda compensação, os meses e os anos não tinham efeito sobre seu rosto. Somente os olhos se transformaram em uma mancha azul escancarada no vazio em que estava debruçada e que sua doença continuava lentamente a escalar.

Por isso, a volta era uma espécie de salto no hiperespaço, de onde reemergia num lugar que esperava por ela no centro da realidade.

Sem coquetismo, girou o espelho retrovisor para si. Para se ver normal, para se reconhecer. Surgiu o rosto de uma moça que algumas vezes uns definiram como bela e com a qual outros cruzaram como se ela não existisse. A atração, como sempre acontece, era pontualmente inversa a seus interesses.

Era morena, tinha os cabelos curtos, raramente sorria, nunca cruzava os braços e de vez em quando sentia necessidade de um contato físico com as pessoas. Em seus olhos claros pairava um traço perene de severidade. E no porta-luvas de seu carro havia uma Glock 23, calibre 40 S&W.

Se fosse uma mulher normal, talvez sua abordagem cotidiana da existência fosse diferente. E sua aparência também. Talvez. Mas os cabelos curtos serviam para impedir que alguém pudesse agarrá-la num corpo a corpo; a expressão severa representava uma distância a ser mantida; cruzar os braços poderia significar insegurança; tocar uma pessoa servia para transmitir-lhe uma sensação de proteção e para instaurar a relação de confiança que a faria confiar e se abrir. E a pistola estava lá porque ela era a detetive Vivien Light, servindo no 13º Distrito do New York Police Department, na Rua 21. A entrada de seu local de trabalho estava às suas costas, só à espera de que ela saltasse do carro e desse aqueles poucos passos para deixar de ser uma mulher sofrida e se transformar novamente em uma policial.

Esticou-se para pegar a pistola no compartimento diante do banco do carona e enfiou-a no bolso da jaqueta. Tirou o celular e permitiu-se mais um segundo antes de ligá-lo e retornar à realidade.

No espelho lateral, viu dois agentes do distrito saírem pela porta de vidro da entrada, descerem a escada, entrarem no carro e partirem a toda a velocidade, com as luzes girando e a sirene ligada. Uma chamada, uma das muitas que chegam todo dia: emergências, necessidades, crimes. Homens, mulheres, jovens que todos os dias caminhavam pela cidade em meio ao perigo sem a menor possibilidade de prevêê-lo e de combatê-lo.

Eles estavam ali para isso.

Cortesia Profissionalismo Respeito Era o que estava escrito nas portas dos carros da polícia. Infelizmente, nem sempre a cortesia, o profissionalismo e o respeito bastavam para proteger toda aquela gente da violência e da loucura dos homens. Às vezes, para poder combatê-la, o policial tinha de permitir que uma pequena parte daquela loucura penetrasse em si. Com a difícil missão de ter consciência disso e de conseguir controlá-la. Era isso que fazia a diferença entre eles e as pessoas com as quais às vezes eram obrigados a trocar violência por violência. E era por isso que usava cabelos curtos, raramente sorria, tinha um distintivo no bolso e levava uma pistola presa na cintura.

Sem nenhuma razão, uma antiga fábula índia lhe veio à memória, aquela que um dia contou a Sundance e que falava de um velho cherokee sentado com seu neto diante do pôr do sol.



— Vovô, por que os homens lutam? O velho, com os olhos voltados para o sol poente, para o dia que perdia a batalha para a noite, falou com voz calma.

— Todo homem, cedo ou tarde, é chamado a lutar. Para cada homem, há sempre uma batalha à espera de ser travada, vencida ou perdida. Porque o confronto mais feroz é o que acontece entre dois lobos.

— Que lobos, vovô? — Os que o homem carrega dentro de si.

O menino não conseguiu entender, mas esperou que o avô rompesse o instante de silêncio que deixara cair entre eles, talvez para acender sua curiosidade. Por fim, o velho, que tinha dentro de si a sabedoria do tempo, recomeçou em seu tom calmo.

— Há dois lobos em cada um de nós. Um é mau e vive de ódio, ciúme, inveja, ressentimento, falso orgulho, mentiras, egoísmo.

O velho fez uma nova pausa, dessa vez para dar-lhe tempo de assimilar o que acabara de dizer.

— E o outro? — O outro é o lobo bom. Vive de paz, amor, esperança, generosidade, compaixão, humildade e fé.

O menino pensou um instante no que o avô tinha acabado de dizer. Depois, deu voz à sua curiosidade e a seu pensamento.

— E qual dos dois lobos vence? O velho cherokee se virou para olhá-lo e respondeu-lhe com os olhos límpidos: — Aquele que você alimentar melhor.



Vivien abriu a porta e desceu do carro. Ligou o celular que, assim que ganhou vida, começou a tocar.

Levou-o ao ouvido e, instintivamente, respondeu como se estivesse sentada em sua escrivaninha.

— Detetive Light.

— É Bellew. Onde você está? — Bem aqui embaixo.

Entrando.

— Ótimo, estou descendo. Nos vemos no hall.

Vivien subiu os degraus, atravessou a porta de vidro e chegou ao interior do prédio, um ponto de chegada e partida para uma amostra de humanidade aflita e transitória.

Pessoas que a vida havia destruído, pessoas que haviam destruído vidas. Cada uma delas deixara para trás um resíduo que trazia imagens à mente e que se respirava no ar. À esquerda, atrás de um balcão que ocupava toda a parede, ficavam os agentes em serviço.

Estavam de pé sobre uma espécie de degrau, de modo que quem estivesse na frente deles era obrigado a olhar para cima. Às suas costas, uma parede coberta de ladrilhos que algum dia tinham sido brancos. Como nas fábulas, Vivien não sabia como chegar à origem daquela história. Agora, alguns tinham caído, o ponto de fuga era uma teia de aranha acinzentada e o branco estava coberto por uma pátina opaca que só o tempo maltranscorrido pode originar.

Um homem negro com as mãos algemadas atrás das costas estava diante do balcão com um agente uniformizado segurando seu braço de um lado enquanto um outro, atrás do computador, formalizava os detalhes da prisão.

Vivien seguiu adiante e respondeu com um gesto à saudação do agente. Virou à direita e chegou a uma ampla sala, pintada com uma cor neutra, com cadeiras alinhadas no centro e um painel branco pendurado na parede em frente. Outro painel ficava num cavalete, ao lado de uma escrivaninha em um pequeno estrado. Essa era a sala de reuniões, onde a ordem do dia era passada para os policiais em serviço e onde se comunicavam as orientações gerais de operação.

O capitão Alan Bellew, seu superior imediato, surgiu de uma porta de vidro que se abria para um corredor em frente à entrada. Assim que a viu, veio em sua direção com seu passo veloz, que dava a impressão de vigor físico. Era um homem alto, prático, capaz, que amava seu trabalho e sabia fazê-lo muito bem.

Conhecia a difícil situação familiar de Vivien. Apesar da pouca idade e do fardo que lhe pesava nos ombros, seus méritos profissionais indiscutíveis faziam com que tivesse uma consideração especial por ela. Uma relação de estima recíproca se estabelecera entre os dois, o que fazia com que, nos casos em que trabalhavam juntos, obtivessem ótimos resultados — tanto pessoais quanto profissionais. Certa vez, um dos colegas falou que Vivien era “peixinho do capitão”, mas quando Bellew ficou sabendo, chamou o detetive à parte e teve uma conversinha com ele. Ninguém nunca soube o que ele lhe disse, mas desde então nada mais se ouvira a esse respeito.

Quando chegou junto dela, foi direto ao ponto, como era seu hábito.

— Só tivemos uma chamada. Um homicídio. Um cadáver que, ao que parece, já tem alguns anos. Foi encontrado num canteiro de obras durante os trabalhos de demolição.

Estava murado na parede divisória entre dois subsolos.

Fez uma pausa. O suficiente para dar-lhe tempo de tomar pé da situação.

— Gostaria que tratasse disso.

— Onde fica? Instintivamente, Bellew fez um sinal com a cabeça indicando um ponto qualquer.

— A dois quarteirões daqui, na esquina da 23 com a Terceira. A Perícia já deve estar lá. O médico-legista também já está a caminho. Bowman e Salinas estão no local para manter a situação sob controle até a sua chegada.

Foi nesse momento que Vivien soube para onde tinham ido os dois agentes que saíam enquanto ela chegava.

— Não é um caso para o Cold Case? O Cold Case Squad é o departamento da polícia encarregado dos casos de homicídio não solucionados depois de muitos anos. Freddi, por exemplo. E segundo as palavras do capitão, aquele caso parecia se adequar perfeitamente.

— Vamos cuidar dele por enquanto. Depois veremos se é melhor transferir.

Vivien sabia que, por temperamento, o capitão Alan Bellew considerava o 13º Distrito seu território particular e tinha dificuldade de suportar a intromissão de agentes que não estivessem sob suas ordens diretas.

Então, acenou concordando.

— Certo. Já estou indo.

Naquele momento, dois homens saíram da porta que ficava à direita do balcão, na parte oposta do hall. Um deles era mais velho, tinha cabelos grisalhos e rosto bronzeado.

Vela, talvez, ou golfe.

Ou talvez os dois, pensou Vivien.

O terno escuro, a pasta de couro e o ar sério eram os três elementos que penduravam em seu pescoço um cartaz com uma única palavra: advogado.

O outro era mais jovem, tinha cerca de 35 anos. Usava óculos escuros e no rosto chupado via-se uma barba de alguns dias. Suas roupas eram decididamente mais esportivas, embora exibissem os sinais da noite passada na cadeia — e não só da parte da cadeia em si, pois o homem levava uma marca no lábio e a manga esquerda de seu paletó estava rasgada na costura do ombro.

Os dois saíram sem olhar ao redor. Vivien e Bellew seguiram-nos com os olhos até que desaparecessem no vaivém da porta de vidro. O capitão deu um meio sorriso.

— Esta noite o Plaza recebeu uma celebridade.

Vivien conhecia muito bem o significado daquela frase. No andar de cima, ao lado de um salão onde ficavam, uma ao lado da outra, as escrivaninhas dos detetives, que de tão próximas pareciam uma exposição de móveis de escritório, havia uma cela. Em geral, recebia os presos que esperavam, às vezes a noite inteira, para ser libertados sob fiança ou transferidos para a prisão que ficava perto de Chinatown. Fora batizada ironicamente de Plaza, pelo desconforto dos longos bancos de madeira presos nas paredes.

— Quem é o cara? — Russell Wade.

— Aquele Russell Wade? Que ganhou o Pulitzer há vinte e cinco anos? E que o perdeu três meses depois? O capitão fez um sinal com a cabeça. O sorriso tinha desaparecido de seus lábios.

— É, ele mesmo.

Vivien percebia quando havia na voz de seu superior um traço de amargura muito humana, natural. Qualquer um ficaria angustiado diante daquela sistemática e quase bem-sucedida tentativa de autodestruição. Por motivos pessoais, ela também conhecia muito bem aquela situação.

— Foi pego ontem à noite, numa blitz num cassino clandestino, bêbado de cair.

Resistiu à prisão. Acho que levou uns tapas de Tyler.

Bellew arquivou aquele breve parêntese entre os casos resolvidos e tratou de recolocar o motivo de seu encontro no centro da discussão.

— Sem querer ofender os vivos, agora precisamos cuidar de um morto. Já esperou tanto, não vamos deixá-lo esperando de novo.

— Creio que tem todo o direito.

Bellew deixou-a sozinha, e, ao sair dali, Vivien se viu cercada pelo ar suave daquela tarde de primavera. Desceu os poucos degraus e teve, à direita, uma breve visão de Russell Wade e de seu advogado desaparecendo no interior de uma limusine com motorista. O carro se moveu, desfilando diante dela. O hóspede daquela noite no Plaza havia tirado os óculos, e seus olhos se cruzaram através da janela aberta. Vivien penetrou por um instante num par de olhos escuros e ficou espantada com a tremenda tristeza que encontrou dentro deles. Depois, o carro seguiu em frente e aquele rosto desapareceu no trânsito, por trás do vidro elétrico. Por um instante, dois planetas que habitavam os confins da galáxia se tocaram, mas logo a distância foi restabelecida pela simples barreira de um vidro escuro.

Foi só um instante, e Vivien voltou a ser quem era e aquilo que o mundo esperava que ela fosse. O local onde encontraram o corpo ficava tão perto, que seria mais rápido ir a pé. No caminho, poderia elaborar as poucas informações que possuía. Um canteiro

de obras era, muitas vezes, o lugar ideal para sumir com uma pessoa indesejada. Não seria a primeira vez, nem a última. Um crime, um corpo escondido no cimento, uma velha história de violência e loucura.

Qual dos dois lobos vence? O confronto entre os lobos teve início no início dos tempos. Na viagem dos séculos, sempre houve quem alimentasse o lobo errado. Vivien começou a andar com a inevitável excitação com que costumava abordar cada novo caso. E consciente de que, independentemente de resolvê-lo ou não, todos saíam dali derrotados, como sempre.

9

CHEGOU AO CANTEIRO DE OBRAS SUBINDO a Terceira Avenida.

Enquanto caminhava, atravessou sinais, passou por vitrines de bares, cruzando com as pessoas — e, entre elas, Vivien era apenas mais uma, um ser normal entre seres normais.

Agora, precisava sair do anonimato — que até aquele momento a confundia com a diversidade de pessoas que a circundava — para assumir um papel particular. A chegada do detetive à cena do crime era um momento especial, tal qual a abertura das cortinas para um ator. Ninguém moveria um dedo antes da chegada do encarregado do inquérito.

Já conhecia as sensações que iria experimentar. E sabia que, inevitavelmente, ficaria bastante contente se pudesse evitar tudo aquilo. O local onde um assassinato era cometido, fosse recente, fosse antigo, não deixava de exercer um fascínio perverso. Com o tempo, muitos palcos de massacres até se transformaram em pontos turísticos. Mas, para ela, tratava-se sempre do lugar onde devia abandonar as emoções e executar seu trabalho.

Todas as hipóteses que podia ter construído naquele breve trajeto passariam agora pelo crivo dos fatos.

O carro da polícia estava estacionado ao lado da calçada, protegido pelas barreiras de plástico laranja que delimitavam a área do canteiro de obras que invadia a pista. Não viu nem Bowman nem Salinas, os dois agentes enviados por Bellew. Provavelmente já estavam lá dentro, vedando com fitas amarelas a área em que o corpo tinha sido encontrado.

Os operários estavam reunidos diante da entrada de uma das duas barracas nas laterais do canteiro de obras. De pé, um pouco afastados, havia dois outros homens, um negro alto e gordo e um branco com uma jaqueta azul de trabalho. O nervosismo parecia ser o único motor dos movimentos de todos os presentes. Vivien podia

entender muito bem o estado de espírito deles. Não é todo dia que se derruba uma parede e dá de cara com um cadáver.

Aproximou-se dos dois, exibindo o distintivo.

— Bom dia. Acho que vocês estavam à minha espera. Sou a detetive Vivien Light.

Se ficaram surpresos por vê-la chegar a pé, não demonstraram. O alívio causado por sua presença, por finalmente aparecer alguém que servisse como ponto de referência, superava qualquer outra consideração.

O branco falou pelos dois.

— Sou Jeremy Cortese, mestre de obras. E este é Ronald Freeman, meu assistente.

Vivien abordou o assunto sem rodeios, certa de que aqueles dois também já não viam a hora de começar.

— Quem descobriu o cadáver? Cortese indicou o grupo de operários que estava atrás deles.

— Jeff Sefakias. Estava derrubando uma parede e... Vivien o interrompeu.

— Certo. Falarei com ele depois. Agora gostaria de fazer uma inspeção.

Cortese deu um passo em direção à entrada do canteiro.

— Por aqui. Vou lhe mostrar o caminho.

Freeman ficou onde estava.

— Se for possível, preferiria evitar rever aquele... aquela coisa.

Vivien reprimiu com dificuldade um sorriso de simpatia. Fez isso porque o sorriso podia ser interpretado como zombaria. Não havia razão para humilhar alguém que, instintivamente, parecia uma boa pessoa, a seu ver. Pela enésima vez, Vivien teve de se render à extrema imprevisibilidade de quem era encarregado de harmonizar corpos e mentes. O corpanzil daquele homem era de dar medo a qualquer um; no entanto, era ele quem se mostrava impressionado com uma cena sinistra.

Naquele instante, um automóvel sedan escuro parou diante da barreira. O motorista correu para abrir a porta para o passageiro do banco traseiro. Uma mulher desceu do carro. Era alta, loura e

devia ter sido bonita. Agora era apenas um retrato da inútil batalha de certas mulheres contra a imparcialidade do tempo. Embora a roupa fosse casual, todas as peças eram de marca. Cheirava a boutique da Quinta Avenida, Sacks, sessões de massagem em spas exclusivos, perfume francês e cara de nojo. Sem se dignar a olhar para Vivien, falou diretamente com Cortese.

— O que está acontecendo aqui, Jeremy? — Como lhe disse ao telefone, encontramos o corpo de um homem durante a demolição.

— Muito bem, mas o trabalho não pode parar só por causa disso. Tem ideia de quanto custa cada dia dessa obra para a empresa? Cortese deu de ombros e fez um gesto instintivo com as mãos em direção a Vivien.

— Estávamos esperando que a polícia chegasse.

Foi só então que a mulher deu sinal de ter notado sua presença. Examinou-a da cabeça aos pés, com uma expressão que, Vivien resolveu, não valia a pena tentar decifrar. Do que quer que se tratasse o exame — roupas, aparência ou idade —, sabia que não iria passar.

— Agente, precisamos resolver esse incidente desagradável o mais rápido possível.

Vivien virou levemente a cabeça para o lado e sorriu.

— Com quem tenho o prazer de falar? A mulher respondeu num tom solene.

— Elisabeth Brokens. Meu marido é Charles Brokens, proprietário da empresa.

— Muito bem, sra. Elisabeth Brokens, esposa de Charles Brokens, proprietário da empresa: um incidente desagradável seria, por exemplo, esse nariz que o cirurgião plástico colocou em sua cara. O resto do mundo teima em chamar o que aconteceu aqui de homicídio. E como a senhora bem sabe, essa é uma prática punida pela lei, a qual, permito-me lembrar-lhe, tem primazia sobre o balanço da empresa.

Parou de sorrir e mudou de tom bruscamente.

— E se a senhora não sumir daqui, vou mandar prendê-la por obstrução à ação da polícia de Nova York.

— Como se atreve?! Meu marido é amigo pessoal do chefe de polícia e... — E então pode ir reclamar com ele, cara sra. Elisabeth Brokens, esposa de Charles Brokens, amigo pessoal do chefe de polícia. E me deixe fazer meu trabalho.

Virou as costas, deixando-a imóvel como um mármore, imaginando sabe-se lá que represália contra ela. Dirigiu-se para a abertura na cerca que achou que seria a entrada para o canteiro de obras.

Jeremy Cortese se pôs a seu lado. Sua expressão era feliz e incrédula.

— No dia em que precisar de alguém para dirigir uma obra, ficaria feliz em fazer o trabalho de graça para a senhorita. A cara da sra. Brokens, depois do que disse a ela, sempre estará entre as melhores lembranças de minha vida.

Mas Vivien quase não ouviu suas palavras. Naquela altura, sua mente já estava bem longe. Assim que cruzaram a soleira, percebeu toda a situação num golpe de vista. Um pouco além de seus pés, cercado por uma rede de proteção, abria-se um buraco no chão que ocupava cerca de três quartos do canteiro, com a profundidade de um subsolo. O fundo era o piso de dois prédios diversos e a diferença entre os revestimentos marcava a linha que os dividia. Do outro lado, ainda se via uma parte do andar térreo não demolido, mas a maior parte do trabalho já tinha sido feita. Embaixo, os dois agentes estavam acabando de delimitar uma área no canto à esquerda. Um operário estava de pé logo atrás deles, encostado numa parede, à espera.

Cortese lhe deu as respostas antes mesmo que formulasse as perguntas.

— A Sonora adquiriu dois prédios velhos, um ao lado do outro. Nós estamos demolindo os dois para construir um condomínio. Como pode ver, estamos quase terminando.

Vivien indicou o pavimento dividido em dois.

— O que havia aqui antes? — Desse lado, apartamentos e um restaurante no térreo. Cozinha italiana, acho eu.

Retiramos um monte de aparelhos velhos. Do outro lado, uma pequena garagem. Acho que tinha sido anexada depois da

construção do prédio, pois encontramos sinais de uma reforma.

— Sabe quem eram os proprietários? — Não. Mas com certeza a empresa tem toda a documentação de que precisar.

Cortese seguiu em frente e Vivien foi atrás. Chegaram ao canto à sua direita, onde uma escada de cimento, vestígio da construção precedente, descia para o andar de baixo. O canteiro deserto criava uma sensação de desolação, com os martelos pneumáticos caídos no chão e, ao lado, o enorme caminhão amarelo do guindaste, imóvel, com o motor desligado. O melancólico desconforto da destruição envolvia tudo aquilo, sem a promessa colorida do renascimento.

Enquanto seguiam pela escada, dois técnicos da Perícia apareceram, carregando seus instrumentos. Vivien fez um sinal e eles vieram em sua direção.

A detetive e Cortese desceram a escada e caminharam em silêncio até os dois agentes que esperavam. Cortese parou a dois passos da linha amarela. Victor Salinas, um rapaz alto e moreno que tinha um fraco por Vivien e cujo olhar não deixava dúvidas sobre isso, esperou que a detetive chegasse até ele e ergueu a fita amarela para que ela pudesse passar.

— Como estão as coisas? — À primeira vista, normais, eu diria, mas ao mesmo tempo complicadas. Venha ver.

Na parte final da parede havia uma espécie de vão quadrado. Vivien virou a cabeça e viu que havia outro igual do lado oposto. Era provável que uma ou várias colunas, já demolidas, seguissem aquela linha.

Diante dela, despontava de uma fenda no cimento um antebraço coberto com o que restava de uma jaqueta de tecido. No interior, entrevia-se uma caveira ainda com vestígios de pele seca como um pergaminho, com seu sorriso alegórico de *Feria de los muertos* e seu significado terreno de morte violenta.

Vivien aproximou-se da parede. Examinou com atenção o braço, o corpo, o tecido da manga. Espiou lá dentro, tentando descobrir algum detalhe para formar aquela primeira impressão que tantas vezes se revelara precisa.

Virou-se e viu que o pessoal da perícia e um homem de cerca de 40 anos que vestia jeans e uma jaqueta esportiva estavam parados além das barreiras, à espera de instruções.

Vivien nunca o vira, mas pelo ar vagamente entediado compreendeu que se tratava do médico-legista. Provavelmente tinha se reunido aos outros enquanto ela examinava o corpo.

Vivien foi até eles.

— Certo. Vamos retirá-lo de lá.

Jeremy Cortese deu um passo adiante e indicou o operário que estava de pé um pouco afastado.

— Se quiserem, tenho um homem disponível que não tem problemas quando vê um cadáver. Conhece seu ofício e, no tempo livre, ajuda o cunhado que tem uma empresa funerária.

— Pode chamá-lo.

O mestre de obras fez um sinal para o operário, que veio até eles. O sujeito aparentava pouco mais de 30 anos, tinha um rosto de menino e traços vagamente orientais. Vivien imaginou que devia haver algum oriental em sua árvore genealógica.

Sem dizer nem uma palavra, ele se aproximou da parede e inclinou-se para pegar o martelo pneumático no chão.

Vivien colocou-se a seu lado.

— Como é seu nome? — Tom. Tom Dickson.

— Muito bem, Tom, isso é uma coisa muito delicada, que precisa ser feita com extrema cautela. Tudo o que estiver no interior dessa fenda pode ser muito importante. Se não se importa, preferia que usasse malho e formão, mesmo que exija mais tempo e esforço.

— Fique tranquila. Sei o que faço. Vai encontrar tudo aquilo de que precisa.

Vivien colocou a mão em seu ombro.

— Confio em você, Tom. Pode começar.

Teve de admitir que o sujeito realmente conhecia seu ofício. Aumentou a brecha de modo que o interior ficasse acessível fazendo o entulho cair para fora, e sem que o cadáver se movesse nem um milímetro sequer.

Vivien pegou uma lanterna elétrica com Salinas e se aproximou para dar uma olhada lá dentro. A luz do dia ainda estava bastante forte, mas a penumbra no interior não permitia que se distinguíssem bem os detalhes. E Deus sabia quantos detalhes seriam necessários num caso como aquele. Passou o raio luminoso pelas paredes e pelos restos do homem. O espaço exíguo tinha impedido que o corpo caísse no chão. Estava apoiado no lado esquerdo, a cabeça dobrada num ângulo não natural. Esse detalhe deu a impressão de que estava com a cabeça apoiada no ombro. O ambiente fechado, com pouca umidade, tinha mumificado parcialmente o corpo, que estava bem mais íntegro que o normal.

Consequentemente, era ainda mais difícil prever quanto tempo fazia que estava enterrado entre aquelas paredes.

Quem é você? Quem o matou? Vivien sabia que para as famílias de pessoas desaparecidas o pior era a angústia de não saber. Alguém, num momento qualquer, uma noite, um dia saía de casa e, sem nenhuma razão aparente, nunca mais voltava. E na ausência da prova de um corpo, as pessoas próximas passariam a vida inteira se perguntando como, onde e por quê. Sem nunca deixar de alimentar uma esperança que, pacientemente, só o tempo seria capaz de apagar.

Despertou daqueles pensamentos e voltou à inspeção.

Quando iluminou o terreno, viu que aos pés do cadáver, no chão, havia um objeto coberto de poeira, que à primeira vista parecia uma carteira. Pediu um par de luvas de látex, enfiou-se pela abertura e inclinou-se para pegá-lo. Levantou em seguida e fez um gesto para os técnicos da Perícia e para o médico-legista.

— Por favor, senhores, tenham a bondade.

Enquanto os técnicos começavam a trabalhar, examinou o objeto que tinha nas mãos.

Soprou delicadamente o véu de poeira. Era feito de um material que imitava couro e que um dia deve ter sido preto ou marrom. Parecia mais um porta-documentos que uma carteira. Abriu com cuidado. As folhas de plástico duro do interior estavam coladas e se separaram com um leve rumor de papel rasgado.

E de lá de dentro surgiram, uma de cada lado, duas fotos.

Ergueu a proteção e enfiou delicadamente os dedos para retirá-las sem danificar.

Examinou-as à luz da lanterna. Na primeira, um rapaz de capacete e uniforme de combate estava encostado num tanque e encarava a objetiva com olhos sérios. A seu redor, via-se uma vegetação que remetia a algum país exótico. Virou-a e topou com uma escrita desbotada pelo tempo, que já quase apagara algumas letras, mas não o suficiente para que ficassem ilegíveis.

Cu Chi District 1971.

A segunda, muito mais bem-conservada, surpreendeu-a. Era o mesmo rapaz que na foto anterior olhava para o fotógrafo com ar pensativo. Agora estava à paisana, e usava uma camiseta com desenhos psicodélicos e calças de trabalho. Naquela imagem, tinha os cabelos longos e sorria, estendendo para a objetiva um grande gato preto. Estudou atentamente a pessoa e o animal. No início, pensou que se tratasse de uma deformação provocada pela perspectiva, mas viu depois que a primeira impressão era boa.

O gato só tinha três patas.

Não havia nenhuma inscrição atrás.

Pediu dois envelopes plásticos a Bowman, o outro agente, e pôs ali o porta- documentos e as fotos. Foi até Frank Ritter, chefe da perícia, com o qual já colaborara, e entregou-lhe os envelopes.

— Gostaria que analisasse esse material. Impressões digitais, se houver, e um exame das roupas da vítima e tudo mais que puder obter. Gostaria também de uma ampliação das fotos.

— Veremos o que é possível fazer. Mas se eu fosse você, não esperaria muito. Tudo isso me parece bastante antigo.

E quem precisa de um perito para saber disso? ... Viu que o cadáver tinha sido deslocado e colocado em uma maca com todo o cuidado.

O legista estava de pé ao lado do corpo e aproximou-se para examiná-lo. Aquilo que foi um homem chegou a seu último dia usando uma jaqueta de tecido e calças que aparentemente eram de qualidade bastante ordinária.

O médico-legista rodeou a maca e parou ao lado de Vivien. Limitaram as apresentações ao mínimo necessário.

— Jack Borman.

— Vivien Light.

Ambos sabiam quem eram, onde estavam e o que faziam. Qualquer outra consideração ficava em segundo plano naquele momento.

— Pode me dar uma ideia da causa da morte? — Pela posição da cabeça do cadáver, sem usar termos técnicos, poderia arriscar que alguém quebrou o osso do pescoço. Como? Ainda não sei. Ficará mais claro depois da necropsia.

— Há quanto tempo acha que está aí? — Pelo estado de conservação do corpo, eu diria que em torno de quinze anos. Mas as condições do local onde estava escondido também contam, embora vamos chegar lá com a análise dos tecidos do corpo. E os exames da perícia na roupa também poderão ser úteis.

— Obrigada.

— De nada.

Enquanto o médico-legista se afastava, Vivien percebeu que tudo o que se podia fazer já tinha sido feito. Mandou remover os despojos, cumprimentou os presentes e deixou os homens entregues a seu trabalho. Àquela altura, considerava inútil falar com o operário que encontrara o corpo. Encarregou Bowman de anotar os dados de todas as pessoas que pudessem ser úteis à investigação. Cuidaria de ouvi-las num segundo momento, inclusive o sr. Charles Brokens, proprietário da empresa, que despertava toda manhã com aquela mulher na cama.

Num caso de homicídios como aquele, os dados mais interessantes vinham, em geral, das revelações técnicas, e não dos testemunhos. Depois disso, trataria de elaborar um plano de ação.

Refez, na direção contrária, o percurso que a trouxe ao local do crime, um crime com muitos anos nas costas e saiu do canteiro de obras. Os operários olharam para ela com um misto de admiração e intimidação. Deixou-os para trás e foi para o distrito pegar seu carro. Precisava pensar, e o fragoroso anonimato de Nova York era, paradoxalmente, o ambiente certo para isso.

O caso que Bellew colocou em suas mãos não era fácil. Talvez tenha feito isso por achar que ela seria capaz de resolvê-lo,

mas tal deferência era, nesse caso, sinônimo de se livrar de uma batata quente. E, pelo que ela vira, era uma batata que estava assando havia no mínimo quinze anos — estava tão torrada, que já tinha se transformado num pedaço irreconhecível de carvão.

Passou na frente da vitrina de um bar e, automaticamente, deu uma olhada lá para dentro. Em uma mesa, sentado ao lado de uma loura de cabelos longos, estava Richard.

Os dois conversavam e se olhavam de um modo que excluía a possibilidade de uma simples amizade. Sentiu-se uma bisbilhoteira e se afastou depressa, antes que ele a visse, embora parecesse ter olhos apenas para a companheira. Não se espantou ao vê-lo ali.

Morava nas redondezas e estiveram juntos naquele mesmo bar inúmeras vezes.

Algumas vezes a mais talvez tivesse sido melhor.

Teve uma história com ele que durara um ano, com muitos risos, comida e vinho. E sexo carinhoso e delicado. Uma relação que esteve a um passo de poder ser definida como amor.

Mas ela, com o trabalho e os problemas de Sundance e da irmã, encontrava cada vez menos tempo para se dedicar a eles dois. No final, aquele último passo se revelou longo demais para suas pernas curtas, e a história chegou ao fim.

Enquanto caminhava, percebeu que seu problema era o mesmo de todas as pessoas que se moviam naquela rua, naquela cidade e naquele mundo, com a presunção de que viviam e com a certeza de que iriam morrer. Infelizmente, não havia nenhum mundo alternativo, e nenhum deles, por mais que se enganasse com a ilusão de poder fazer o tempo durar mais um pouco, tinha na verdade tempo suficiente.

10

ZIGGY STARDUST SABIA SE DISFARÇAR.

Era capaz de ser um autêntico João-ninguém, entre os milhões de Joões-ninguém que respiravam o ar de Nova York a cada dia. Era o exemplo perfeito de um sujeito nem isso, nem aquilo: nem alto, nem baixo; nem gordo, nem magro; nem bonito, nem feio. Um esplêndido homem de nada, daqueles que ninguém nota, de quem ninguém se recorda, que ninguém ama.

O rei do nada.

Mas desse nada fizera sua arte. E, a seu modo, se considerava exatamente isso: um artista. E dessa mesma maneira se definia também como um viajante. Percorria por dia mais quilômetros de metrô que os que um usuário normal percorria numa semana, em média. Para Ziggy Stardust, o metrô era o lugar dos otários. E o local principal de uma de suas multiformes atividades: bater carteiras. Outra, paralela, mas não menos importante, era ser fiador de uma série de pessoas cheias de dinheiro que amavam o pó branco e outros acessórios, mas não queriam riscos nem problemas.

E com ele, nunca os tiveram.

Não era um tráfico em grande estilo, mas uma entrada permanente, uma espécie de pequena renda. Bastava um telefonema para um número seguro, e os senhores e senhoras da upper class recebiam em casa aquilo de que precisavam para suas noitadas ou um bom endereço para seus joguinhos. Eles tinham o dinheiro; e, as coisas pelas quais estavam dispostos a pagar. Esse cruzamento da demanda com a oferta era tão natural, que derrubava qualquer escrúpulo, se é que Ziggy os tivera algum dia.

Eventualmente, quando conseguia, vendia informações para quem precisasse. Às vezes, também para a polícia, que, em troca de alguma dica produtiva feita sob o mais rigoroso sigilo, fechava os olhos para as frequentes viagens de Ziggy Stardust no metrô.

Obviamente, aquele não era seu verdadeiro nome. Ninguém mais se lembrava do original. Às vezes, nem mesmo ele. O apelido lhe fora dado havia muito tempo, quando alguém notou que ele se parecia com o David Bowie, na época do lançamento do Ziggy Stardust and the Spiders from Mars. Não recordava mais quem tinha sido nem sob o efeito de que substância a semelhança fora descoberta, mas o apelido tinha pegado.

Era a única coisa que o tirava um pouco do anonimato no qual sempre tentou viver.

Não andava no meio da calçada. Seguia rente às paredes e sempre na área mais escura.

Quando podia escolher, preferia ser esquecido a ser lembrado. À noite, retornava a seu covil no Brooklyn, via televisão e navegava pela internet. Só saía para telefonar. Fazia todas as ligações de trabalho de um telefone público. Em casa, em cima de um móvel, tinha sempre um montinho de moedas de vinte e cinco centavos, para qualquer eventualidade. Havia muita gente que ainda não tinha entendido que o celular não se chamava assim por acaso. Era ao mesmo tempo um telefone e um veículo para levá-lo para a cadeia. E os que dançavam por causa de uma ligação interceptada num celular mereciam dançar. Não por serem delinquentes, mas por serem burros.

Mesmo agora, enquanto descia as escadas que levavam à estação da Bleecker Street, com sua roupa de passageiro comum, não podia deixar de reiterar tal convicção: era melhor deixar todo o mundo acreditar que você não é ninguém... que ter de ver, cedo ou tarde, alguém lhe demonstrar isso.

Chegou à plataforma e subiu num trem da linha verde, para Uptown. O abre e fecha das portas corrediças, a entrada e saída constante de passageiros cansados, cujo único desejo é estar em outro lugar, significavam empurrões, corpos em contato, cheiro de suor.

Mas também significavam carteiras e distração, os dois elementos-base de seu trabalho.

Havia sempre uma bolsa meio aberta, um bolso malfechado, uma sacola ao lado de alguém mergulhado num livro tão

envolvente, que o fazia esquecer todo o resto. Muitas vezes Ziggy Stardust pensou, sorrindo, que os autores dos best-sellers viciantes poderiam ser acusados de cumplicidade com os punquistas que agiam diariamente no metrô.

É bem verdade que a era de ouro havia passado. Agora os cartões de crédito reinavam absolutos e o dinheiro vivo circulava cada vez menos. Foi exatamente por isso que resolveu ampliar e diversificar suas atividades, como os brokers aconselhavam na TV.

Esse pensamento o surpreendeu. Nunca se reconhecera como uma pessoa a quem aquela definição de agente comercial pudesse ser aplicada. A imagem de um cartão de visita surgiu em sua mente: Ziggy Stardust Broker Por pouco não começou a rir.

Atenção ao fechamento da porta, recitou a voz gravada do alto-falante.

Deslocou-se para a parte da frente do vagão, a mais cheia. Ultrapassou duas pessoas, abrindo caminho entre cotovelos pendurados e bafos de alho. Sentado ao lado da porta, viu um sujeito com uma jaqueta militar verde. Não conseguiu definir sua idade. Do lugar em que estava, não podia vê-lo direito porque o capuz azul de um macacão despontava por baixo da jaqueta, escondendo parcialmente o rosto. A cabeça estava ligeiramente inclinada para o lado e ele parecia ter adormecido com o balanço do vagão. Junto a seus pés havia uma bolsa de tecido escuro, do tamanho de uma mala de mão.

Ziggy sentiu um leve formigamento na ponta dos dedos. Havia uma parte dele que manifestava uma percepção quase extrassensorial ao identificar uma vítima. Uma espécie de caráter escondido que às vezes lhe dava a ideia de que nascera exatamente para aquilo.

É verdade que a roupa do sujeito estava muito longe de indicar a possibilidade de haver algo de valor naquela bolsa. Contudo, as mãos apoiadas no colo não eram as de um homem que faz trabalhos pesados e o relógio parecia de marca.

Na sua opinião, havia alguma coisa que ia além da aparência. Seu instinto raramente o traía e com o tempo aprendeu a confiar nele.

Uma vez, sem nenhuma inspiração, bateu a carteira de um sujeito de paletó e gravata só porque, ao esbarrar nele, sentiu o toque de um casaco de caxemira que devia valer, só ele, mais de quatro mil dólares. Sem nenhum outro pressentimento, exceto a ilusória referência daquele tecido, resolveu agir. Pouco depois, constatou que a carteira do sujeito tinha apenas sete dólares, um cartão de crédito falso e um passe livre do metrô.

Mesquinho.

Aproximou-se do homem com a jaqueta verde, mantendo-se do outro lado da porta.

Esperou mais duas paradas. O número de passageiros estava aumentando. Deslocou-se para o centro e depois, como se quisesse deixar a porta livre, parou ao lado dele.

A bolsa de tecido estava no chão, perto de seus pés, à esquerda, com a alça numa posição perfeita para ser pega na estação certa saindo enquanto outros passageiros entravam. Verificou se o homem continuava com a cabeça na mesma posição. Ele não se mexera. Muita gente adormecia nos trens, sobretudo os que tinham uma longa viagem pela frente. Ziggy decidiu que o sujeito pertencia a essa categoria de pessoas. Esperou pela estação Grand Central, onde geralmente o fluxo de passageiros que entram e que saem era maior. Assim que as portas se abriram, com um movimento extremamente veloz e natural, pegou a bolsa e saiu.

Escondeu-a imediatamente com o corpo.

Com o rabo do olho, enquanto tentava desaparecer na multidão, teve a impressão de ver uma jaqueta verde descer do vagão um instante antes de ele partir.

Merda.

A Grand Central estava sempre cheia de tiras, se aquele sujeito tivesse sacado seu golpe, era muito provável que o resultado fosse uma bela enrascada. E talvez alguns dias de molho. Passou por dois policiais, um homem mais velho e uma moça negra, mais jovem, que conversavam logo na saída da estação. Nada aconteceu. Ninguém chegou correndo e gritando "Pega ladrão!" para chamar a atenção dos dois policiais. Preferiu não olhar para

trás, para dar ao sujeito que o seguia a impressão de que não tinha percebido nada.

Seguiu pela Rua 42, dobrou à direita e logo em seguida novamente à direita, na Vanderbilt. Era um trecho pouco movimentado, um local adequado para verificar se o sujeito de jaqueta militar estava mesmo atrás dele ou não. Voltou para o Terminal pela entrada lateral, aproveitando a ocasião para dar uma olhadela distraída à direita. Não viu ninguém parecido com a pessoa em questão dobrar a esquina. Mas isso também não significava grande coisa. Se aquele sujeito fosse esperto, saberia como fazer para seguir alguém sem ser notado. Exatamente como ele conhecia o modo de despistar alguém que o estivesse seguindo. Perguntou-se de novo por que o sujeito não tinha chamado a polícia.

Se percebeu o furto em seguida e resolveu ir atrás dele para recuperar a bolsa pessoalmente, isso poderia significar duas coisas.

Primeira: corria o risco de que o homem fosse um tipo perigoso. Segunda: a bolsa podia esconder alguma coisa de valor, mas que ele preferia que não acabasse nas mãos da polícia. E se essa segunda hipótese fosse a verdadeira, o interesse de Ziggy pelo conteúdo crescia. Mas, ao mesmo tempo, o sujeito se tornava muito perigoso.

Seu pressentimento luminoso estava se transformando rapidamente num céu menos sereno. Desceu para o andar inferior, cheio de restaurantes étnicos e de gente que comia e bebia a qualquer hora do dia, depois da chegada ou antes da partida. O salão estava cheio de letreiros, cores, cheiros de comida, envoltos numa atmosfera de pressa. E esta última era a única a interessá-lo, embora tentasse caminhar com passo normal.

Foi até o outro lado e, enquanto subia de novo a escada, virou os olhos para controlar a rua atrás de si. Nenhuma pessoa suspeita. Começou a relaxar. Talvez fosse apenas uma impressão. Talvez estivesse ficando velho demais para aquele trabalho.

Seguiu as indicações e retornou ao metrô, dirigindo-se para a estação da linha roxa, que subia a cidade em direção ao Queens. Esperou pelo trem e seguiu o fluxo de passageiros que entravam no

vagão. Uma precaução necessária, à luz do raciocínio anterior: se o homem de jaqueta verde estivesse mesmo atrás dele, jamais tentaria alguma coisa num lugar cheio de gente. Esperou com ar indiferente até que a voz conhecida anunciou que as portas iriam fechar.

Só então, num salto, voltou para a plataforma, como um passageiro que percebe de repente que pegou o trem errado. Deixou o barulho de ferragens em movimento para trás e dirigiu-se mais uma vez para a linha verde que descia para Downtown e continuava em seguida até o Brooklyn.

Fez a viagem em várias etapas, esperando o próximo trem em cada estação, passeando os olhos ao redor com ar indiferente. Anônimo entre gente desbotada e anônima, com algumas poucas manchas de cor humana que, em Nova York, serviam como termo de comparação. Se é que alguém ainda tinha tempo e vontade de fazer comparações.

Depois da última estação, quando concluiu que estava tudo tranquilo, encontrou um lugar em que se sentar. Instalou-se comodamente e esperou, com a bolsa no colo, vencendo a curiosidade de abri-la e descobrir logo o que tinha dentro. Melhor em casa, onde poderia examinar tudo com tranquilidade, sem pressa.

Ziggy Stardust sabia esperar.

Fez isso a vida inteira, desde que era um menino e teve de começar a se virar de mil maneiras para juntar o almoço com o jantar. E continuou em seguida, sem cair no erro grosseiro da ganância. Aceitando o que vinha, mas com a certeza inabalável de que um dia, de repente, tudo iria mudar. Sua vida, sua casa, seu nome.

Adeus, Ziggy Stardust; bem-vindo, senhor Zbigniew Malone.

Mudou mais uma vez de linha antes de chegar a uma estação nas redondezas de sua casa. Morava no Brooklyn, no bairro onde havia a maior concentração de haitianos e onde até os letreiros de alguns restaurantes ainda estavam escritos em francês. Um mundo multiétnico, com mulheres de traseiros enormes e vozes agudas e jovens com passo arrastado e bonés com a viseira de lado. Aquela

zona fazia fronteira com o mundo ordenado e disciplinado do bairro judeu, de casinhas com gramados bem-cuidados e Mercedes estacionadas atrás do portão. Pessoas silenciosas que se moviam como sombras escuras, os rostos sérios sob os cabelos negros. Cada vez que os via, Ziggy tinha a impressão de que rezavam até mesmo enquanto contavam dinheiro.

Mas para ele estava bem assim. À espera do dia em que poderia dizer "Chega!" e, finalmente, escolher.

Na parede do edifício em que morava, naquela que não tinha janelas e que dava para a rua, alguém pintou um mural. O artista não era grande coisa, mas as cores num local tão mortiço e desbotado sempre lhe traziam alegria. Passou pela entrada e desceu os degraus que levavam ao subsolo, seu lar, doce lar. Um único cômodo com um minúsculo banheiro, móveis ordinários e gastos e um cheiro de cozinha exótica que vinha dos andares superiores. A cama desfeita estava encostada contra a parede da frente, sob a janela próxima do teto por onde entrava a pouca luz que chegava do exterior. Tudo parecia fazer parte de um tempo passado, até mesmo o toque de modernidade da TV de alta definição, do PC e da impressora multifuncional, sobre os quais se estendia um véu de poeira.

A única nota estranha, incomum, era uma estante na parede esquerda, cheia de livros perfeitamente arrumados e organizados em ordem alfabética. Havia outros espalhados pela casa. E uma pilha de livros servia de mesinha de cabeceira do lado direito da cama.

Ziggy colocou a bolsa na mesa cheia de velhas revistas e tirou a jaqueta, jogando-a na poltrona. Pegou a bolsa e foi se sentar na cama. Abriu-a e começou a esvaziá-la, apoiando o conteúdo no lençol. Havia dois jornais, o The New York Times e o USA Today, uma caixa plástica amarela e azul que logo revelou ser um kit de ferramentas de trabalho, um rolo de arame e outro de fita adesiva cinza, daquelas que os eletricitistas usam. Depois, retirou aquilo que enchia a bolsa e pesava mais. Um álbum de fotografias com capa de couro marrom e folhas de papel áspero da mesma cor, cheias de velhas imagens em preto e branco, gente que ele não

conhecia em lugares que desconhecia. Eram fotos bastante antigas. Pelas roupas, à primeira vista, diria que se tratava dos anos 1970. Folheou algumas páginas. Uma foto chamou sua atenção. Tirou-a das linguetas que a fixavam no papel e examinou a imagem por alguns instantes. Um rapaz de cabelos longos, com um sorriso nos lábios que não conseguia chegar até os olhos, tinha nos braços um grande gato preto.

O instantâneo conseguiu captar, de maneira absolutamente casual, uma estranha referência recíproca, como se aqueles dois seres vivos fossem, em suas respectivas espécies, um o reflexo do outro.

Enfiou a foto no bolso da camisa e continuou a exploração do conteúdo da bolsa.

Extraiu um objeto de plástico negro, de forma retangular, ligeiramente mais longo e mais estreito que um maço de cigarros, fechado no meio por uma fita para evitar que se abrisse.

Numa das extremidades, havia uma série de botões de cores diversas.

Ziggy ficou um instante olhando para ele, intrigado. Parecia um controle remoto artesanal. Rudimentar, talvez, mas era o que parecia. Colocou-o ao lado das outras coisas e tirou da bolsa o último objeto que ela continha: era um grande envelope marrom, um pouco amassado, com um nome e um endereço já um tanto desgastados devido ao manuseio. Pelas dimensões, parecia que tinha sido usado para enviar o álbum de fotos.

Abriu para verificar o que tinha dentro e encontrou um maço de folhas de papel comum, preenchidas com uma caligrafia tosca, mas bastante legível. O estilo de um homem que talvez não tivesse grande familiaridade com as palavras, tanto as faladas quanto as escritas.

Ziggy começou a ler. As primeiras páginas eram tediosas, com a história de uma vida exposta de modo rude e às vezes desarticulado. Ziggy era um leitor de livros e sabia reconhecer a pena de um homem que tinha estudado e sabia escrever. Não era o caso daquela.

Mas notou que a leitura não era desprovida de certo fascínio, apesar de não ser a prosa de um escritor. Interessante pelo que contava, não pelo modo como o fazia. Continuou a ler com atenção crescente e, pouco a pouco, a atenção se transformou em interesse e, enfim, numa espécie de febre. No final da última folha, saltou em pé sem conseguir evitá-lo. Sentiu um leve calafrio percorrer sua espinha e os pelos de seus braços arrepiando-se como se por efeito de um campo elétrico.

Ziggy Stardust não podia acreditar nos próprios olhos. Sentou-se lentamente, com as pernas abertas e o olhar perdido num ponto impreciso, mais do tempo que do espaço.

A grande oportunidade havia chegado.

O que tinha nas mãos podia valer milhões de dólares se escolhesse as pessoas certas.

Sua cabeça girava diante dessa possibilidade. As vantagens que poderia obter fizeram com que esquecesse as consequências inevitáveis para os outros.

Colocou as folhas na cama com atenção exagerada, como se fossem frágeis. Em seguida, começou a pensar no jeito certo de tirar proveito daquela sorte inesperada. O que fazer e como fazer para entregar o material de forma a suscitar o máximo interesse e obter o máximo de lucro.

E, sobretudo, a quem contatar.

Pensamentos diversos passaram por seu cérebro à velocidade da luz.

Ligou a impressora e colocou as folhas na mesa ao lado do monitor do computador. A primeira coisa importante a fazer era copiar aquelas folhas. Uma cópia já seria o suficiente para despertar o interesse de qualquer um, e esse qualquer um teria que estar disposto a desembolsar uma bela quantia para apossar-se do material que, no entanto, tinha de ficar em suas mãos até a conclusão do negócio. Uma vez feitas as cópias, manteria consigo apenas o necessário para despertar a imaginação, sem revelar nada de decisivo. O resto seria destruído. Colocaria o original daquela bendita carta num envelope e mandaria para uma caixa postal

anônima que usava de vez em quando. E lá ficaria até que alguém lhe desse um bom motivo para retirá-la.

E aquele motivo só podia ser uma bela quantia em dinheiro.

Começou a escanear, colocando cada folha original ao lado da cópia. Ziggy era um sujeito metódico no trabalho. E aquele era o trabalho mais importante que já tinha enfrentado na vida.

Colocou uma das últimas folhas na placa de vidro do escâner, abaixou a tampa e apertou o botão. O feixe de luz varreu a máquina até guardar a página completa na memória. No momento de imprimir, o sensor avisou que o papel tinha acabado e um led cor de laranja começou a piscar do lado esquerdo do aparelho.

Ziggy pegou algumas folhas de uma resma que guardava numa prateleira da estante e colocou na impressora.

Naquele momento ouviu um rumor às suas costas, uma leve crac metálico, como uma chave que se parte na fechadura. Virou a tempo de ver a porta se abrir e revelar um homem com uma jaqueta verde.

Não, não agora, logo agora que estava com tudo na mão... Mas na verdade o que tinha diante de si era uma mão que segurava uma faca.

Certamente era a lâmina com a qual tinha forçado aquela porcaria de fechadura. E pelo olhar do homem, entendeu que ele não iria se limitar àquilo.

Sentiu as pernas amolecerem e não teve forças para dizer nada. Enquanto o homem avançava para ele, Ziggy Stardust começou a chorar. De medo da dor e de medo da morte.

Mas, acima de tudo, de desilusão.

11

O VOLVO SEGUIA SEM DIFICULDADE EM meio ao tráfego que o arrastava para o Bronx. Ir para o norte naquele horário podia se transformar em uma verdadeira viagem. Contudo, logo que saiu de Manhattan, Vivien descobriu que o trânsito fluía bastante bem. A partir do momento em que deixou a Triborough Bridge para trás, conseguiu percorrer a Bruckner Expressway em um tempo relativamente curto.

O sol estava se pondo às suas costas e a cidade se preparava para o anoitecer. O céu exibia uma luminosidade azul tão profunda, tão nítida, que parecia trabalhada à mão. A cor que só a brisa de Nova York sabia oferecer, quando conseguia limpar aquele pequeno pedaço de infinito que cada um tinha a ilusão de ter sobre si.

O telefone do carro interrompeu a música que vinha do rádio. Deixou-a tocando muito baixinho: um som com regras e intenções precisas de misturar-se com o burburinho informe do trânsito.

Ligou o viva-voz e deu a quem a chamava a permissão de entrar. Em seu carro e em seus pensamentos.

— Vivien? — Oi.

— Oi, é Nathan.

Esclarecimento inútil. Tinha reconhecido a voz de seu cunhado. Poderia reconhecê-la mesmo em meio ao fragor de uma batalha.

O que você quer, seu merda? , pensou.

— O que você quer, seu merda — disse.

Houve um instante de silêncio.

— Nunca vai conseguir me perdoar, não é? — Nathan, o perdão existe para quem se arrepende. O perdão é para quem tenta reparar o mal que causou.

O homem do outro lado esperou um segundo para que aquelas palavras se perdessem na distância que os separava. Em todos os sentidos.

— Tem visto Greta recentemente? — E você? Vivien atacou-o, sentindo crescer a vontade de agredi-lo a cada vez que se encontrava em sua presença ou simplesmente ouvia sua voz. Naquele momento, se Nathan estivesse sentado a seu lado, ela teria quebrado o nariz dele com uma cotovelada.

— Quanto tempo faz que não vê sua mulher? Quanto tempo faz que não vê sua filha? Por quanto tempo mais você acha que pode se esconder? — Vivien, não estou me escondendo. Eu... — Eu, o caralho, seu filho da puta! Tinha gritado. E estava errada. O desprezo que sentia por aquele homem não devia ser manifestado com um rugido. Devia ser expresso com um silvo de serpente.

E em serpente se tornou.

— Nathan, você é um covarde. Sempre foi e sempre será. E quando se viu diante de dificuldades grandes demais para você, fez a única coisa que sabe fazer: fugiu.

— Sempre supri todas as necessidades das duas. Às vezes, é preciso fazer escolhas que... Interrompeu-o bruscamente.

— Você não tinha escolhas. Tinha responsabilidades. E tinha que assumi-las. Essa merda de cheque que manda todo mês não é suficiente para compensar seu sumiço. E nem para que fique com a consciência em paz. Portanto, não venha me ligar para saber como vai sua mulher. Não me ligue para saber como está sua filha. Se quer se sentir melhor, mexa esse maldito traseiro em que está sentado e trate de resolver isso pessoalmente.

Apertou o botão que desligava o telefone com tanta força, que por um instante ficou com medo de tê-lo quebrado. Ficou alguns segundos olhando para a frente, dirigindo e ouvindo a batida desesperada de seu coração. Umhas poucas e dilaceradas lágrimas de raiva desceram por suas bochechas. Secou-as com o dorso da mão e tentou se acalmar.

Para esquecer o lugar em que estivera naquela manhã e o lugar para o qual se dirigia agora, refugiou-se no único lugar seguro que conhecia: o trabalho.

Tentou deixar para trás todos os outros pensamentos, ordenando à mente que se concentrasse na investigação que tinha pela frente. Evocou as imagens daquele braço despontando da

fenda de uma parede, a desolação daquela cabeça ressequida apoiada a um ombro que era somente um resto de pele e osso.

Embora a prática tivesse lhe ensinado que tudo era possível, essa mesma experiência fazia com que desconfiasse de que não seria nada fácil descobrir a identidade do homem no cimento. Em geral, as obras eram um terreno muito apreciado pelos criminosos para esconder as vítimas de acertos de contas. Tratando-se de profissionais, muitas vezes os cadáveres eram sepultados nus ou com as etiquetas das roupas arrancadas, para o caso improvável de o cadáver ser encontrado. Alguns chegavam a apagar as impressões digitais com ácido. Examinando o corpo, notou que isso não tinha sido feito e que as etiquetas estavam lá, embora muito deterioradas. Talvez significasse que não se tratava de um profissional, mas de um assassino ocasional, sem a frieza e a experiência necessárias para eliminar todas as pistas possíveis.

Mas quem teria a possibilidade de esconder o corpo num bloco de cimento? Seria muito difícil para qualquer pessoa, a menos que contasse com a cumplicidade de algum empregado da obra ou que o culpado fosse justamente um deles. Alguém que trabalhasse para a empresa de construção. O assassinato, qualquer que fosse o motivo, podia ser uma ação isolada de um homem comum contra outro homem comum, sem nenhum envolvimento do crime organizado.

A única pista era aquela foto, sobretudo aquele estranho gato de três patas... — Cacete! Absorvida em seus pensamentos, não percebeu que a saída para a Hutchinson River Parkway estava bloqueada por uma fila de carros. Freou bruscamente, desviando para a esquerda para não bater no carro à frente. O motorista de uma grande picape que vinha atrás buzinou com fúria. Vivien viu pelo retrovisor que, debruçado sobre o para-brisa, ele lhe mostrava o dedo médio esticado.

Em geral, detestava recorrer a certos meios quando não estava em serviço, mas naquela noite tinha realmente muita pressa. Ficou nervosa, mais pela própria distração que pelo gesto do sujeito. Pegou a luz giratória imantada atrás do banco, abriu a janela e fixou-a no teto.

Com um sorriso, viu o homem atrás dela abaixar a mão bruscamente e recuar. Os carros à frente espremeram-se no limite do possível para deixá-la passar. Abriu caminho na direção da Zerega Avenue e, dois quarteirões depois de dobrar na Logan, viu-se diante da igreja de Saint Benedict.

Estacionou o XC60 numa vaga do lado oposto da rua. Ficou um instante observando a fachada de tijolos claros, a breve escadaria que levava aos três portões de entrada coroados com arcos semicirculares, as colunas e os frisos decorativos.

Era uma construção recente. Sua história não deveria ser procurada no passado, mas naquilo que construía no presente para o futuro. Vivien nunca imaginou que um lugar como aquele pudesse se tornar tão familiar.

Saiu do carro e atravessou a rua.

A penumbra que confunde a cor dos gatos já estava no ar, mas ainda havia luz suficiente para reconhecer uma pessoa. Vivien tomava a direção do priorado quando viu o padre Angelo Cremonesi, um dos vigários da paróquia, que saía do portão central com duas pessoas, um homem e uma mulher. Em geral, o dia de confissão era sábado, das quatro às cinco, mas ninguém era muito rígido e os horários podiam ser bastante elásticos.

Vivien subiu os poucos degraus da escadaria e aproximou-se. O padre parou para esperá-la, enquanto o casal que estava com ele se afastava.

— Boa noite, srta. Light.

— Boa noite, reverendo.

Vivien apertou a mão do padre. Já com cerca de 60 anos, tinha os cabelos brancos, uma aparência vigorosa e um olhar suave. Na primeira vez que o viu, pensou em Spencer Tracy num velho filme.

— Veio visitar sua sobrinha? — Vim. Falei com padre McKean e acreditamos que chegou a hora de tentar levá-la para passar alguns dias em casa. Estará de volta segunda de manhã.

Pronunciar aquele nome lhe trouxe à memória o rosto e o olhar de Michael McKean.

Tinha um rosto expressivo e olhos que davam a sensação de penetrar nas pessoas e atravessar as paredes, sem precisar forçar a fechadura ou derrubar muros. Talvez fosse essa capacidade de ver além que o fazia aparecer toda vez que alguém precisava dele.

O vigário, um homem tranquilo mas um pouco minucioso, quis precisar os fatos.

— Padre McKean não está e mandou pedir-lhe desculpas. Os rapazes ainda estão no porto. Uma pessoa gentil cujo nome não lembro ofereceu-lhes um passeio de barco. Mas John acabou de ligar e falou do combinado com Michael. Pediu que lhe avisasse que está acabando de arrumar as coisas e em breve estará aqui.

— Ótimo.

— Quer esperar no priorado? — Não, obrigada, padre. Vou esperar na igreja.

— Então até logo, srta. Light.

O sacerdote se afastou. Talvez tivesse entendido sua intenção de esperar na igreja como prova de devoção. Na verdade, tudo o que queria naquele momento era ficar sozinha.

Empurrou o batente do portão e cruzou o átrio revestido de madeira clara, deixando para trás as estátuas de santa Teresa e de são Gerardo que estavam em um nicho na parede. Outra porta, mais leve, levou-a para o interior da igreja propriamente dito.

O ar era fresco, havia penumbra e silêncio. E aquela promessa de boas-vindas e abrigo que o altar na extremidade oposta da única nave oferecia.

Toda vez que entrava em uma igreja, Vivien tinha dificuldade para reconhecer a presença de Deus. Passara parte de seu pouco tempo nas ruas e já tinha encontrado muitos demônios, sentindo-se sempre e somente um ser humano frágil e assustado ao enfrentá-los. Mesmo naquele lugar, com aquelas imagens, com aquela ânsia de um sagrado construído pela necessidade dos homens, à luz daquelas velas acesas por fé e esperança, não conseguia partilhar sequer um fragmento de tais sentimentos.

A vida é um lugar em aluguel. Às vezes, Deus é um personagem incômodo de ter em casa.

Sentou-se num dos últimos bancos e percebeu uma coisa. Naquele que era para muitos um lugar de paz e salvação, ela carregava uma pistola pendurada na cintura. E, apesar de tudo, sentia-se desarmada.

Fechou os olhos e substituiu a luz incerta pela escuridão. Enquanto esperava que Sundance, a sobrinha, chegasse, chegaram também as lembranças. O dia em que... * * * ...estava sentada atrás de sua escrivaninha colocada bem de frente para o Plaza, num caos de papéis, telefonemas, feitos de gente ruim e vida ruim, piadas e discursos ociosos entre colegas nos turnos de serviço. Numa sequência que nunca mais esqueceria, na porta que dava para a escada, surgiu o detetive Peter Curtin. Ele servia no 13º Distrito até algum tempo atrás. Depois, num conflito armado durante uma operação, ficou gravemente ferido. Saiu daquela muito bem fisicamente, mas não era mais o mesmo do ponto de vista emocional. Somando-se a isso a pressão da mulher, pediu para ser transferido para um cargo mais tranquilo, e foi atendido. E agora servia na Delegacia de Costumes.

Ele se encaminhou diretamente para a escrivaninha de Vivien.

— Oi, Peter. O que faz por aqui? — Tenho uma coisa para lhe falar, Vivien.

Uma nota de embaraço na voz dele apagou o sorriso com que ela o tinha recebido.

— Claro, pode falar.

— Aqui não. Vamos dar uma caminhada? Surpresa, Vivien deixou a escrivaninha e pouco depois estavam ao ar livre. Curtin dirigiu-se para a Terceira Avenida e Vivien caminhava a seu lado. Havia uma tensão no ar e ele estava tentando aliviá-la. Ela não entendia bem em benefício de quem.

— Como estão as coisas? Bellew continua levando todo o mundo na rédea curta? Vivien parou.

— Não precisa ficar dando voltas, Peter. O que houve? Seu colega olhava para o outro lado. E era um lado que Vivien não estava gostando nem um pouco.

— Sabe como são as coisas nesta cidade. Acompanhantes e coisas do gênero. Asian Paradise, Ebony Companions, Transex Dates. E oitenta por cento dos que se anunciam como spas, casas de massagens etc. são na realidade uma espécie de casa de encontros. Isso ocorre no mundo inteiro. Mas aqui é Manhattan. É o centro do mundo e tudo aqui acontece com mais intensidade... Peter tinha parado e, finalmente, resolveu encará-la.

— Tivemos uma denúncia: um local de luxo, no Upper East Side. Frequentado por homens que gostam de meninas muito jovens. E meninos, às vezes. Todos menores de idade, de qualquer forma. Entramos e pegamos um monte de gente. E... Fez uma pausa que para Vivien foi como um pressentimento. Com um fio de voz na garganta, pronunciou uma longa súplica numa única letra.

— E? E o pressentimento se transformou em realidade.

— E uma delas era a sua sobrinha.

O mundo todo se transformou bruscamente num carrossel. Vivien sentiu por dentro uma coisa que teria trocado de bom grado pela morte.

— Fui eu quem entrou no quarto em que... Peter não teve coragem de acrescentar mais nada. No entanto, aquele silêncio deixou campo livre para a imaginação de Vivien e foi pior que as piores palavras.

— Por sorte, eu a reconheci e, por milagre, consegui tirá-la do meio da confusão.

Peter tinha apoiado as mãos em seu braço.

— Se essa história vier a público, a assistência social se mete no meio. Com uma situação familiar como a de vocês, é bem capaz que ela seja entregue a alguma instituição para menores. Essa menina precisa de ajuda.

Vivien encarou-o.

— Não está me contando tudo, Peter.

Um segundo de pausa. Em seguida, uma resposta que ele não gostaria de ter de dar e que ela não gostaria de ouvir.

— Sua sobrinha usa drogas. Encontramos cocaína no bolso dela.

— Quanta? — Não o suficiente para configurar tráfico, mas deve usar um bocado por dia. A ponto de... A ponto de se prostituir para arranjar dinheiro, completou Vivien em sua cabeça.

— Onde ela está agora? Peter fez um sinal com a cabeça indicando um ponto qualquer ao longo da rua.

— No meu carro. Um colega está de olho nela.

Vivien apertou a mão dele. Para transmitir e para receber.

— Obrigada, Peter. Você é um bom amigo. Vou ficar lhe devendo não uma, mas mil.

Foram para o carro. Vivien fez aquele breve trajeto como uma sonâmbula, com a urgência e o temor de ficar frente a frente com a sobrinha, com... .. a mesma ansiedade que sentia ao esperá-la agora.

Um barulho de passos às suas costas a obrigou a abrir os olhos e a trouxe de volta a um presente só um pouco melhor que o passado.

Levantou-se e virou-se para a entrada. Estava diante da sobrinha, que segurava uma sacola esportiva. Ela era bonita como a mãe e, como a mãe, estava, de certa forma, destroçada. Mas para ela havia uma esperança. Tinha de haver.

John Kortighan ficou para trás, na soleira da porta. Protetor e atento, como sempre, mas discreto o suficiente para não invadir aquele momento de intimidade. Fez apenas um sinal com a cabeça que era ao mesmo tempo um cumprimento e uma aprovação. Vivien retribuiu a saudação daquele homem que era o braço direito do padre McKean, o sacerdote que fundou a Joy, comunidade que cuidava de Sundance e de outros jovens com experiências como a dela.

Vivien tocou o rosto da sobrinha. Cada vez que a encontrava, não conseguia evitar um sentimento de culpa. Por tudo aquilo que não tinha feito. Por estar sempre tão empenhada em cuidar de gente distante, que não tinha sido capaz de perceber que quem mais precisava dela estava a apenas um passo de distância. E que, à sua maneira, pediu ajuda sem que ninguém a ouvisse.

— Que bom ver você, Sunny. Está muito bonita.

A menina sorriu. Tinha nos olhos um ar malicioso, mas sem provocação.

— Bonita é você, Vunny. Eu sou deslumbrante, devia saber disso.

Estavam retomando uma brincadeira que faziam quando ela era criança, da época em que inventaram aqueles apelidos, que eram como códigos. Do tempo em que Vivien penteava os cabelos da sobrinha e previa que um dia ela se transformaria em uma mulher deslumbrante. Quem sabe uma modelo ou uma atriz. E imaginavam juntas tudo o que poderia ser.

Tudo, menos aquilo que realmente tinha acontecido... — E então, vamos? — Vamos. Estou pronta.

Levantou um pouco a bolsa com as roupas necessárias para aqueles dias que passariam juntas.

— Trouxe roupa de roqueira? — Uniforme completo.

Vivien conseguiu duas entradas para o concerto do U2 no Madison Square Garden, no dia seguinte. Sundance era fã da banda, e isso facilitou muito a concessão daqueles dois dias de licença da Joy.

— Então vamos.

Aproximaram-se de John. Era um sujeito de estatura mediana, físico enérgico, vestido com um jeans simples e um moletom. Tinha um rosto aberto, olhos sem surpresa e o ar proativo de quem pensa mais no futuro que no passado.

— Tchau, Sundance. A gente se vê segunda.

Vivien estendeu a mão. O homem apertou-a com firmeza.

— Obrigada, John.

— Eu é que agradeço. Divirta-se e faça com que ela se divirta também. Podem ir, vou ficar mais um pouco por aqui.

Saíram, deixando o homem na atmosfera calma da igreja.

A noite expulsou qualquer sinal de luz natural para enfeitar-se por obra e arte das luzes artificiais. Entraram no carro e foram para Manhattan, o triunfo daquela maquiagem luminosa. Vivien dirigia tranquilamente, ouvindo o que a sobrinha dizia, deixando campo livre para qualquer assunto de que ela desejasse tratar.

Não mencionou o nome da mãe — e a menina tampouco —, como se tivessem um acordo tácito de banir qualquer pensamento sombrio a partir daquele momento. Não era para enganar ou ignorar a memória. Cada uma delas guardava dentro de si, sem precisar falar, a certeza de que tudo o que estavam tentando reconstruir não era só para elas.

Continuaram assim até que Vivien teve a sensação de que a cada giro das rodas, a cada batida do pulso perdiam um pouco de seu papel de tia e sobrinha para se tornarem um pouco mais amigas. Sentia que alguma coisa se dissolvia dentro dela, que a imagem de Greta, que atormentava seus dias, e a imagem de Sundance nua nos braços de um homem mais velho que seu pai, que atormentava suas noites, começavam a se desbotar.

Deixou Roosevelt Island para trás e estavam costeando a East River em direção a Downtown quando aconteceu. Cerca de meio quilômetro à sua frente, à direita, uma luz conseguiu, de repente, superar e apagar todas as outras e, por um instante, pareceu ser o concentrado de todas as luzes do mundo.

Depois, a rua deu a impressão de que estremecia sob as rodas do carro e através das janelas abertas chegou o estrondo ávido de uma explosão.

12

RUSSELL WADE TINHA ACABADO DE ENTRAR em casa quando um clarão brilhante chegou de repente do Lower East Side. As grandes janelas que iam do chão ao teto da sala de estar transformaram-se na moldura daquele relâmpago, tão vívido, que parecia de mentira.

Mas o relâmpago não se apagou, continuou a arder, e a esconder todas as luzes a distância.

Através do filtro dos vidros antiarrombamento chegou um estrondo surdo que não era um trovão, mas sua destruidora imitação humana. Em seguida, foi uma sinfonia heterogênea de dispositivos de alarme, acionados pelo deslocamento de ar, histéricos, mas sem ferocidade, como inúteis cãezinhos que latem atrás de uma grade.

Instintivamente, deu um passo para trás, por causa da vibração. Sabia o que tinha acontecido. Entendeu imediatamente. Já tinha visto e experimentado aquilo na própria pele, em outro lugar. Sabia que aquele clarão significava incredulidade e surpresa, dor e poeira, gritos, feridos, blasfêmias e preces.

Significava morte.

E, num clarão igualmente repentino, um flash de imagens e lembranças.



Robert, por favor... Seu irmão, já tomado pela ansiedade, verificava as câmaras e as objetivas e se os rolos estavam no lugar certo, nos bolsos da jaqueta. Sem olhá-lo nos olhos. Talvez se envergonhasse por isso. Talvez em sua mente já estivesse vendo as fotos que tiraria.

— Não vai acontecer nada, Russell. Só precisa ficar aqui, tranquilo.

— E você, aonde vai? Robert sentira o cheiro de seu medo. Estava habituado àquele cheiro. Toda a cidade estava impregnada dele. Dava para sentir no ar. Como um pressentimento ruim que se

realiza, como um pesadelo que não desaparece ao acordar, como os gritos dos moribundos que não cessam depois da morte.

Fitou-o com olhos que talvez o vissem pela primeira vez, desde que tinham chegado a Pristina. Um rapaz apavorado que não devia estar ali.

— Preciso ir lá fora. Tenho de estar lá.

Russell entendera que não podia ser de outra maneira. E no mesmo instante concluiu que nunca poderia, nem em mil vidas, ser como o irmão. Voltou para o porão, sob o alçapão coberto pelo velho tapete farinhento e Robert saiu pela porta. Para o sol, para a poeira, para a guerra.

Foi a última vez que o viu vivo.

* * * Como reação àquele pensamento, correu para o quarto onde uma de suas máquinas fotográficas estava em cima da escrivaninha. Pegou-a e voltou à janela. Apagou todas as luzes para evitar reflexos e fotografou vários ângulos daquele clarão distante, hipnótico, cercado por uma aura de luz malsã. Sabia que aquelas fotos não teriam nenhuma utilidade, mas as tirou para punir-se. Para recordar quem era, o que fizera, o que não fizera.

Muitos anos se passaram desde que o irmão saíra por aquela porta transpassada pelo sol, ampliando por alguns instantes o matraquear distante das rajadas de metralhadora.

Nada mudara.

Desde aquele dia, não houvera nem uma manhã em que não acordasse com aquela imagem diante dos olhos e aquele som nos ouvidos. Desde então, cada clique inútil era apenas um novo fotograma do antigo medo. Embora continuasse a enquadrar e a apertar o botão, começou a tremer. Um tremor de raiva, animal, sem gemidos, de puro instinto, como se na verdade fosse a alma que estremecesse dentro dele, com o poder de sacudir e percutir seu corpo.

O clique da objetiva tornou-se neurótico.

cli-clok cli-clok cli-clok cli-clok cli-clok como na histérica fúria homicida de quem disparou sobre sua vítima Robert todos os cartuchos disponíveis, e mesmo assim não consegue parar de puxar

o gatilho, e continua, por inércia dos nervos, ao que obtém em troca apenas a batida vazia e seca do percussor.

Chega, porra! Pontual como uma réplica devida, o som agudo e urgente das sirenes chegou de fora.

Relâmpagos sem cólera.

Relâmpagos de luz acesa, boa, sã, veloz. Polícia, bombeiros, ambulâncias.

A cidade foi atingida, a cidade foi ferida, a cidade pedia ajuda. E todos acorriam, de todos os lados, com a rapidez que a misericórdia e a civilidade colocavam à disposição.

Russell parou de clicar e graças ao clarão que vinha de fora encontrou o controle remoto da televisão. Ligou-a, e ela estava automaticamente sintonizada na NY1. Estavam dando as previsões da meteorologia. A transmissão foi interrompida dois segundos depois que a imagem apareceu. O homem diante dos painéis com o sol e a chuva foi substituído sem aviso prévio por um primeiro plano de Faber Andrews, um dos âncoras do canal.

Uma voz profunda, um rosto sério e concentrado na situação — não por ofício, mas por humanidade.

— Acabamos de saber que uma forte explosão sacudiu um edifício no Lower East Side da cidade de Nova York. As primeiras informações são de que há um número bastante elevado de vítimas, mas ninguém sabe precisar quantas. Ainda não há outras informações. As causas e os motivos desse acontecimento funesto ainda não são conhecidos. Esperamos em breve poder redimensionar a gravidade dos fatos, e esperamos que não se trate de um crime. A lembrança de acontecimentos trágicos de nosso passado recente ainda está na memória de todos. Neste momento, toda a cidade, toda a América, talvez todo o mundo, está esperando notícias com a respiração suspensa. Nossos correspondentes já estão se encaminhando para o local do incidente e logo poderemos divulgar novas informações. Por ora, isso é tudo.

Russell mudou para a CNN. As notícias que davam, embora com rostos e palavras diferentes, tinham o mesmo sentido que as anunciadas pela NY1. Tirou o som, deixando às imagens a tarefa de

reportar. Ficou sentado no sofá diante da televisão, tendo a luminosidade brumosa da tela como única companhia. As luzes da cidade além das vidraças pareciam vir do frio e da distância do espaço sideral. E embaixo, à esquerda, tinha aquela luz de um sol assassino devorando todas as outras estrelas. Quando seus pais lhe deram aquele apartamento, ficou contente, porque ficava no vigésimo nono andar e tinha uma vista estupenda para todo o Downtown, com o Brooklyn e a Manhattan Bridge à esquerda e o Flatiron à direita, além do New York Life Insurance Building bem à frente.

Agora aquela vista era apenas mais um motivo de angústia.

Tudo aconteceu tão depressa. Tudo correu tão rapidamente desde que foi libertado após a noite na cadeia. No entanto, quando pensava de novo naquilo, as imagens em sua cabeça se moviam em câmara lenta. Cada instante, cada cor, cada sensação era clara. Como uma condenação a reviver infinitamente aqueles instantes.

Como se fosse de novo e para sempre Pristina.



A viagem do distrito policial à sua casa começou em silêncio. E tinha a intenção de que continuasse assim até o fim. O advogado Corneill Thornton, velho amigo da família, entendeu e até certo momento aceitou o fato.

Depois a trégua chegou ao fim. E ele partiu para o ataque.

— Sua mãe está muito preocupada com você.

Sem olhar para ele, Russell respondeu dando de ombros.

— Minha mãe está sempre preocupada com alguma coisa.

A figura irrepreensível e o rosto cuidado de Margareth Taylor Wade lhe vieram à mente.

Pertencia à alta burguesia de Boston, que, na escala de valores daquela cidade, podia ser considerada uma verdadeira aristocracia. Boston era a cidade mais europeia de toda a East Coast. Talvez de toda a América. E a mais exclusiva, portanto. E ela era uma de suas representantes de mais destaque. Margareth se movia no mundo com graça e elegância, com o rosto doce de mulher que não merecia o que a vida lhe reservara: um filho morto

durante uma reportagem de guerra na ex- Iugoslávia, e o outro, protagonista de uma vida que, se fosse possível, era uma dor pior ainda.

Talvez nunca tivesse se recuperado, nem de uma coisa nem de outra. Mas continuava a levar a vida de distinção e memória, porque essas eram coisas imprescindíveis para ela. Com o pai, Russell não falava desde o dia seguinte daquela maldita história do Pulitzer.

Por causa da atitude dos pais em relação a ele desde os primeiros tempos, Russell sempre alimentou uma suspeita: talvez os dois pensassem que foi o filho errado que morrerá.

O advogado continuou sua abordagem, que Russell sabia muito bem onde ia chegar.

— Eu disse que você se feriu e ela acha que seria oportuno que fosse procurar um médico.

Russell teve vontade de rir.

Oportuno... — Minha mãe é realmente impecável. Além da palavra certa no momento certo, sempre consegue escolher a mais elegante.

Thornton apoiou o corpo no encosto de couro. Suas costas relaxaram, como acontece diante de situações sem esperança.

— Russell, conheço você desde que era um menino. Não acha que... — Doutor, o senhor não está aqui para condenar ou absolver. Para isso existem os juízes. Não está aqui para fazer sermões. Para isso existem os padres. Está aqui apenas para me tirar das encrencas, quando for convocado.

Russell virou-se para encará-lo com um meio sorriso no rosto.

— Creio que é pago para fazer isso. Generosamente, com um valor por hora que corresponde ao salário mensal de um operário.

— Tirar você de encrencas? Pois é o que tenho feito. E tenho a impressão de que ultimamente isso tem acontecido com mais frequência do que seria legítimo esperar.

O advogado fez uma pausa. Como se estivesse se decidindo entre falar e não falar. Finalmente, escolheu a primeira solução.

— Russell, todos têm o direito, garantido pela Constituição e pelo próprio cérebro, de autodestruir-se como melhor lhe parecer. E

— você tem uma imaginação extremamente criativa nesse aspecto.

— Fitou-o nos olhos e, de advogado defensor, transformou-se em algoz satisfeito.

— De hoje em diante, tenho a grata satisfação de renunciar a esse pagamento por hora. Direi à sua mãe que, quando se fizer necessário, procure outra pessoa. E vou ficar comodamente sentado, com um charuto e um bom uísque na mão, assistindo ao espetáculo de sua demolição.

E nada mais foi dito, pois não havia mais nada que dizer. A limusine deixou-o diante de casa, na Rua 29, entre a Park e a Madison. Desceu sem se despedir e sem esperar um cumprimento.

Tudo isso à luz de um velado desprezo humano e de uma indiferença profissional. Subiu ao apartamento depois de pegar no ar as chaves que o porteiro jogara para ele. Assim que abriu a porta, o telefone começou a tocar. Russell tinha certeza de quem era. Ergueu o fone e disse: — Alô? esperando ouvir uma voz. E a voz chegou.

— Olá, fotógrafo. As coisas andaram mal ontem, hem? No jogo e com os tiras.

Russell visualizou uma imagem. Um homem negro, gordo, com indefectíveis óculos escuros e um queixo duplo que o cavanhaque tentava inutilmente disfarçar, a mão cheia de anéis segurando um celular, mergulhado no banco traseiro de sua Mercedes.

— LaMarr, não estou com cabeça para ficar ouvindo suas piadinhas. O que quer? — Sabe o que quero. Dinheiro.

— Pois nesse momento não tenho nenhum.

— Certo. Creio que faria muito bem se conseguisse algum o mais rápido possível.

— E o que pretende fazer? Atirar em mim? Do outro lado chegou uma risada cheia de vigor e de escárnio. Era uma ameaça ainda mais humilhante.

— A tentação é forte. Mas não sou doido de colocar você num caixão junto com os cinquenta mil dólares que me deve. Não, só pedirei a dois de meus rapazes que apareçam para lhe explicar certas coisas da vida. Depois, esperarei que se recupere. E

mandarei os dois de novo, até o dia em que resolver recebê-los com meu dinheiro na mão, que nesse meio-tempo já serão sessenta mil ou até mais.

— Você é um escroto, LaMarr.

— Pois é. E não vejo a hora de demonstrar até que ponto.

Tchau, fotógrafo de merda.

Experimente com a Roda da Fortuna, talvez tenha mais sorte.

Russell desligou, com os maxilares contraídos e afogando nos fios o eco da voz de LaMarr Monroe, um dos maiores filhos da puta entre os muitos que povoam a noite de Nova York.

Infelizmente, Russell sabia que ele não falava à toa. Era um cara que mantinha suas promessas, sobretudo quando corria o risco de se desmoralizar.

Foi para o quarto e tirou a roupa, jogando-a no chão. A jaqueta rasgada foi parar no lixo. Foi para o banheiro a fim de tomar um banho e fazer a barba, com a tentação de colocar a espuma no espelho, e não na cara. Para não ver o próprio rosto. Para não ver sua expressão. Depois, estava sozinho em casa. E, para ele, aquela definição significava estar em casa sem nada para beber, sem nem uma fileira de cocaína e nem um tostão no bolso.

O apartamento em que vivia era officiosamente seu, mas na realidade estava no nome de uma das empresas da família. Até os móveis foram escolhidos com bom gosto por um decorador pago por sua mãe entre a vasta escolha a preços populares da Ikea e de outras lojas do gênero. O motivo era simples. Todos sabiam que Russell venderia qualquer coisa que estivesse a seu alcance e que investiria o dinheiro numa mesa de jogo.

Coisa que aconteceu regularmente no passado.

Carros, relógios, quadros, tapetes.

Tudo.

Com fúria destrutiva e precisão maníaca.

Russell se sentou num sofá. Poderia telefonar para Miriam ou para alguma das outras modelos com quem estava saindo naquele momento, mas tê-las por ali significava ser capaz de dispor de algumas carreiras de pó branco no tampo da mesa. E ter dinheiro para sair com elas. Naquele momento em que não tinha nada por

dentro, sentia o desejo de ter pelo menos alguma coisa a seu redor. E cada uma daquelas coisas custava dinheiro. Uma ideia atravessou sua mente.

Ou melhor, um nome.

Ziggy.

Conheceu aquele homenzinho apagado vários anos antes. Era um informante de seu irmão, alguém que às vezes lhe dava algumas dicas sobre os movimentos interessantes daquela vida da cidade que ele definia como "além da linha de fronteira", aqueles que era preciso conhecer porque cada fato podia se transformar em notícia. Depois da morte de Robert, mantiveram contato por motivos bastante diferentes. Um deles era que, em memória de seu irmão, ele lhe arranjava aquilo de que ele precisava e lhe dava crédito. E alguns pequenos empréstimos quando, como agora, estava com água pelo pescoço. Russell ignorava o motivo daquele apego e daquela confiança, mas era um direito adquirido, e, quando necessário, tirava proveito dele.

Infelizmente, Ziggy não usava celular e o procedimento para chegar até ele era longo demais.

Depois de alguns passeios nervosos entre a sala e o quarto, tomou uma decisão. Desceu até a garagem e tirou o carro, que dirigia raramente e sem vontade. Talvez porque fosse um Nissan de poucos milhares de dólares ou porque não fosse seu nome que constava nos documentos. Verificou se o tanque tinha gasolina suficiente para ida e volta. Sabia onde Ziggy morava e partiu, seguindo os solavancos do trânsito, para o Brooklyn. A viagem foi feita numa espécie de automatismo. Olhava sem ver a cidade que deslizava, para se vingar do fato de que a cidade também não o via.

Seu lábio doía e seus olhos queimavam, apesar dos óculos escuros.

Passou a ponte ignorando os perfis de Manhattan e do Brooklyn Heights e penetrou nos bairros onde uma gente qualquer vivia uma vida qualquer. Lugares sem ilusões e sem resultados, desenhados em traços ásperos com as cores desbotadas da realidade, lugares que frequentava bastante, pois lá nasciam os

cassinos clandestinos e qualquer um podia encontrar o que procurava.

Bastava ter pouco escrúpulo e muito dinheiro.

Chegou à casa de Ziggy quase sem perceber. Estacionou um pouco além do edifício e, depois de alguns passos, já estava empurrando a porta de entrada e descendo os degraus que levavam ao subsolo. Nesse lugar não havia porteiros e o interfone era uma formalidade superada muito tempo antes. No final da escada, dobrou à esquerda. As paredes eram feitas de tijolos industriais apressadamente pintados de uma cor que um dia deve ter sido bege. Estavam todas manchadas e havia no ar um cheiro de repolho cozido e de umidade. Assim que dobrou a esquina, ficou de frente para uma sequência de portas de um marrom desmaiado. Uma pessoa estava saindo daquela para a qual se dirigia: no fundo do corredor, à direita. Um homem com uma jaqueta militar verde e um capuz azul levantado para cobrir a cabeça, que andou com passo decidido para o outro lado do corredor, desaparecendo na esquina oposta, na escada que levava à entrada do pátio.

Russell não deu muita importância. Pensou que fosse apenas um dos mil contatos de todo dia daquele trambiqueiro do Ziggy. Quando chegou em frente à porta, encontrou o batente encostado.

Empurrou a maçaneta e seu olhar enquadrou a sala e depois tudo aconteceu à velocidade de um raio e de acordo com a divisão em fotogramas de uma moviola.

Ziggy, de joelhos no chão com a camisa toda manchada de sangue, tentava ficar de pé agarrando-se a uma cadeira ele que se aproximava e a mão descarnada do homem enganchada no seu braço Ziggy apoiado na beira da mesa com a mão estendida para a impressora ele que não entendia Ziggy com o dedo apertando um botão, deixando um rastro vermelho ele que ouvia sem escutar o chiado da folha impressa que saía na bandeja Ziggy com uma foto na mão ele aterrorizado e enfim, Ziggy que, com uma contração, expeliu o último suspiro e o último jato de sangue da boca aberta. Caiu no chão com um baque surdo, e Russell se viu de pé, no meio da sala, segurando uma foto em preto e branco e uma folha impressa, ambas manchadas de vermelho.

E nos olhos a imagem de seu irmão ensanguentado estendido na poeira.

Movendo-se como um robô, sem consciência alguma de seus gestos, enfiou a folha e a foto num bolso. Depois, seguindo a lógica e o instinto dos animais, fugiu dali deixando a razão para trás, naquele lugar que cheirava a repolho cozido e umidade e presente e passado. Chegou ao carro sem encontrar ninguém. Saiu, obrigando-se a não correr para não chamar a atenção. Dirigiu como se estivesse em transe até a respiração voltar ao normal e a batida do coração ser uma anomalia resolvida. Só então parou o carro e começou a refletir. Pensou consigo mesmo que, ao fugir, tinha feito, sem dúvida, uma escolha instintiva, mas ao mesmo tempo tinha certeza de que fora a escolha errada. Devia ter chamado a polícia. Mas isso significava ter de explicar o motivo de sua presença ali e de seu relacionamento com Ziggy. E sabe-se lá em que encrenca aquele trambiqueiro andava metido. Além do mais, era bem possível que o sujeito com a jaqueta verde fosse o sujeito que esfaqueara o coitado. A ideia de que pudesse, por um motivo qualquer, voltar atrás não era uma bela perspectiva. Não queria se transformar num segundo cadáver estendido ao lado do Ziggy.

Não. Melhor fingir que nada tinha acontecido. Ninguém o viu, não deixou rastros atrás de si e aquela era uma área de gente que só tratava da própria vida. Além disso, todo morador daquele bairro tinha por natureza certa relutância em conversar com os tiras.

Enquanto pensava e resolvia que linha seguir, percebeu que a manga direita de seu paletó estava manchada de sangue. Esvaziou os bolsos jogando tudo no banco do passageiro. Conferiu se não havia ninguém por ali e desceu para jogar a roupa numa lata de lixo. Com um toque de autoironia que o surpreendeu, dadas as circunstâncias, imaginou que se mantivesse o ritmo de dois casacos perdidos por dia, logo teria problemas com seu guarda-roupa.

Voltou ao carro e foi para casa. Saiu da garagem e subiu de elevador diretamente para seu andar. Assim o porteiro não teria o trabalho de lembrar que ele saíra de paletó e voltara de mangas de camisa.

Acabara de colocar suas coisas na mesa quando a explosão aconteceu.



Levantou-se do sofá e foi acender a luz, com os olhos voltados para o clarão ao leste e o pensamento que não conseguia se afastar do que tinha acontecido naquela tarde. Uma pergunta lhe ocorreu, agora que podia raciocinar com a mente fria. Por que Ziggy usara suas últimas forças e seus últimos momentos de vida para imprimir aquela folha que ficara incompleta e para colocar uma foto em suas mãos? O que havia nelas de tão importante, que pudesse justificar tal comportamento? Aproximou-se da mesa, pegou a foto e examinou-a por alguns segundos, sem saber quem era a pessoa retratada nela e sem entender o que podia significar aquele rosto de rapaz moreno com um gato negro na mão. A folha era, por sua vez, a cópia de uma carta escrita a mão, com uma escrita indubitavelmente masculina. Começou a ler, tentando decifrar a caligrafia rude e imprecisa.

E à medida que percorria as palavras e compreendia seu sentido, continuava a repetir consigo mesmo que não podia ser verdade. Teve de ler de novo três vezes para se convencer. Depois, sem fôlego, recolocou a carta e a foto na mesa. Somente a mancha do sangue de Ziggy confirmava que tudo era mesmo real, que não se tratava de um sonho.

Seu olhar retornou ao incêndio que continuava a arder lá longe, ao fundo.

Sua cabeça estava confusa. Mil pensamentos atravessavam sua mente sem que conseguisse fixá-los. O locutor da NY1 não disse antes o endereço exato do prédio que se desintegrou. Com certeza, dariam a informação no noticiário seguinte.

Precisava de todo jeito saber disso.

Voltou ao sofá e devolveu o som ao aparelho para ouvir as notícias dos telejornais, sem saber muito bem se deveria esperar um desmentido ou uma confirmação.

Ficou ali, perguntando-se se o vazio no qual se sentia mergulhar era a morte. Se seu irmão sentia a mesma coisa toda

vez que se aproximava de uma notícia ou estava para bater uma de suas fotos. Escondeu o rosto entre as mãos e, na penumbra das pálpebras fechadas, dirigiu-se à única pessoa que valia alguma coisa para ele. Como último amparo, tentou imaginar o que Robert Wade faria se estivesse naquela situação.

13

PADRE MICHAEL MCKEAN ESTAVA SENTADO EM UMA poltrona diante de uma velha televisão, em seus aposentos na Joy, a sede da comunidade que fundou em Pelham Bay.

Era um quarto no último andar, um sótão com parte do teto inclinado, paredes brancas e um piso de longas tábuas de abeto. O cheiro do produto com que tinham sido tratadas, uma semana antes, ainda pairava no ar. Os móveis baratos que compunham a decoração espartana foram incorporados à medida que apareciam. Todos os livros colocados na estante, na escrivaninha e na mesinha de cabeceira chegaram àquela casa seguindo o mesmo percurso. Muitos eram presentes dos paroquianos, alguns oferecidos expressamente ao padre McKean. Mas ele sempre escolheu para si o que havia de mais gasto e danificado. Um pouco por seu caráter, mas sobretudo porque se houvesse possibilidade de melhorar a vida cotidiana preferia que os benefícios fossem para os jovens. As paredes eram nuas: as únicas exceções eram um crucifixo colocado acima da cama e a mancha de um único pôster, que reproduzia a pintura em que Van Gogh retratara, com suas cores inventadas e sua perspectiva de visionário, a pobreza de seu quarto na Casa Amarela de Arles. Embora fossem dois ambientes completamente diferentes, ao entrar tinha-se a impressão de que aqueles dois quartos se compreendiam, que se comunicavam de alguma forma e que aquele quadro na parede branca era na realidade uma abertura através da qual se podia ter acesso a um lugar distante e a uma época diferente.

Além dos vidros da janela sem cortinas, entrevia-se o mar refletindo o azul ventoso do céu de final de abril. Quando era menino, em dias serenos como aquele, a mãe de Michael dizia que o sol dava ao ar uma cor igual à dos olhos dos anjos, e que o vento não permitia que chorassem.

Uma prega amarga deu nova forma a seus lábios e uma expressão diferente a seu rosto.

Aquelas palavras cheias de fantasia e cor foram transmitidas a uma mente ainda tão pura, que era capaz de recebê-las e guardá-las na memória para sempre. Mas o noticiário da CNN naquele instante trazia outras palavras e outras imagens para o presente, que iriam compor, para a memória futura, cenas que somente a guerra detinha desde sempre o triste privilégio de representar.

E, como todas as epidemias, cedo ou tarde a guerra tomava conta de tudo.

No primeiro plano via-se o rosto de Mark Lassiter, enviado ao local, cuja expressão consciente parecia, todavia, incrédula diante do que estava vendo e dizendo, e que carregava nos olhos, nos cabelos, na gola da camisa os sinais de uma noite em claro. Atrás dele, as ruínas de um edifício com as vísceras à mostra, que ainda lançavam zombeteiras espirais de fumaça acinzentada, filhas moribundas das chamas que iluminaram longamente a escuridão e a desorientação dos homens. Os bombeiros lutaram a noite inteira para vencê-las e ainda agora, de um lado, os longos jatos d'água dos hidrantes indicavam que sua obra não chegara ao fim.

— O que estão vendo às minhas costas é o edifício que na noite de ontem foi parcialmente destruído por uma poderosa explosão. Os técnicos, depois de um primeira inspeção sumária, ainda estão trabalhando para descobrir as causas. Até o momento ninguém reivindicou a autoria, de modo que até agora não há como saber se foi um atentado terrorista ou um simples, embora trágico, acidente. A única coisa certa é que o balanço das vítimas e dos desaparecidos é bastante elevado. As equipes de socorro estão trabalhando sem cessar e com todos os meios disponíveis para retirar dos escombros os corpos das vítimas fatais, mantendo sempre viva a esperança de encontrar eventuais sobreviventes. Eis as impressionantes imagens feitas do nosso helicóptero, que mostram, sem necessidade de comentários, toda a dimensão dessa tragédia que está abalando a cidade e todo o país e que traz de volta à memória outras imagens e outras vítimas que os homens e a história nunca deixarão de recordar.

O enquadramento mudou e a voz de Lassiter passou a servir de fundo para as tomadas aéreas. Vista do alto, a cena era ainda mais atroz. O edifício, uma construção de tijolos vermelhos de vinte e dois andares, tinha sido demolido pela metade, em sentido longitudinal, pela explosão. A parte da direita caiu, mas, em vez de carregar consigo todo o prédio, deslizou de lado, deixando um espigão ereto, como um dedo que apontasse para o céu. A linha de fratura era tão nítida, que dava para ver os quartos sem a parede externa e os restos dos móveis e dos objetos que representam para os seres humanos a vida de todos os dias.

No último andar, um lençol branco ficou preso numa viga e agora tremulava desolado soprado pelo vento e pelo ar deslocado pelas pás do helicóptero, como uma bandeira de rendição e luto. Felizmente, a parte que desmoronou tinha deslizado para uma área arborizada, um pequeno parque com brinquedos para crianças, uma quadra de basquete e duas de tênis, que receberam o entulho, evitando assim que outros edifícios fossem atingidos e que o número de vítimas fosse ainda maior. A explosão, expandindo-se em direção ao East River, ignorou os edifícios do lado oposto, mas todos os vidros num raio bastante grande foram pulverizados pelo deslocamento de ar. Em torno do edifício atingido e entre os escombros havia um delírio colorido de veículos de socorro e homens que se agitavam cheios de vigor e de esperança naquela luta contra o tempo.

O comentarista voltou ao primeiro plano, seu rosto substituindo aquelas imagens de desolação e morte.

— O prefeito Wilson Gollemborg decretou estado de emergência e seguiu imediatamente para a área do desastre. Ele participou ativamente das operações de socorro durante toda a noite. Veremos agora sua primeira declaração, gravada ontem, logo que chegou ao local.

Outra mudança de enquadramento, com a perda de qualidade que uma gravação feita naquelas condições acarretava. O prefeito, um homem alto e de rosto franco, dava a impressão de estar vibrando de ansiedade e, ao mesmo tempo, transmitia confiança e firmeza, iluminado pelas luzes brancas e imóveis das

câmaras, combatendo a contraluz das chamas desgovernadas às suas costas. Naquele momento de confusão e emergência, usou de poucas palavras para comentar o que acabara de ocorrer.

— Por ora, não é possível fazer balanços ou tirar conclusões. Só posso prometer uma coisa, como prefeito, a todos os meus concidadãos, e como norte-americano, a todos os norte-americanos: se existe um responsável, ou vários, por esse ato hediondo, quero que saibam desde agora que não conseguirá escapar. Sua covardia, sua selvageria terão a punição que merecem.

E mais uma vez o repórter falava ao vivo de um lugar que para muita gente nunca mais seria o mesmo.

— Por enquanto, essas são as notícias do Lower East Side de Nova York. Uma entrevista coletiva está sendo organizada para breve. Voltaremos a qualquer momento com novas informações. Eu sou Mark Lassiter, e retornaremos agora aos nossos estúdios.

A imagem e a resposta dos âncoras sentados em sua mesa no estúdio chegaram juntamente com o toque do celular que estava numa mesinha ao lado da poltrona. O sacerdote abaixou completamente o som da televisão e respondeu à ligação. Do aparelho saiu a voz ligeiramente abalada pela emoção de Paul Smith, pároco de Saint Benedict.

— Michael, viu na televisão?

— Vi.

— É terrível.

— É, sim.

— Toda aquela gente. Todos aqueles mortos. Todo aquele desespero. Não consigo me convencer. O que pode ter em mente uma pessoa que faz uma coisa dessas? Padre McKean sentiu um cansaço estranho e desolador tomar conta de si, aquele que atinge a humanidade de um homem quando ela é obrigada a encarar a completa falta de humanidade de outros homens.

— Receio que tenhamos de considerar outra coisa, Paul. O ódio não é mais um sentimento. Está se transformando num vírus. E quando consegue infectar a alma, a mente se perde. E as defesas das pessoas estão cada vez mais fracas.

No outro lado da linha houve um instante de silêncio, como se o velho sacerdote estivesse refletindo sobre as palavras que acabara de ouvir. Em seguida, ele expressou sua dúvida, que talvez fosse o verdadeiro motivo de seu telefonema.

— Com tudo isso que aconteceu, ainda acha que é o caso de celebrar a missa solene? Não acha que uma coisa em tom mais discreto seria melhor, diante das circunstâncias? Na paróquia de Saint Benedict a missa das dez e quarenta e cinco da manhã era a celebração mais importante do domingo. Por isso, nos horários afixados num quadro, era definida como missa solene. Sobre a tribuna acima da entrada da igreja, onde estava o órgão, instalava-se o coro. Durante a função, outros vocalistas cantavam os salmos diretamente do altar. O início da celebração compreendia uma pequena procissão da qual participavam, além do oficiante e de quatro coroinhas de túnica branca, também alguns fiéis, sempre diferentes, escolhidos entre os paroquianos.

McKean pensou um instante e sacudiu a cabeça, como se o pároco pudesse vê-lo do outro lado.

— Acho que não, Paul. Creio que, justamente no dia de hoje, a missa solene será ao mesmo tempo um posicionamento nosso e uma resposta precisa a essa barbárie. Venha de onde vier. Não deixaremos de rezar a Deus da maneira que consideramos mais digna. E da mesma maneira solene prestaremos nossa homenagem às vítimas inocentes dessa tragédia.

Fez um breve pausa antes de prosseguir.

— Acho que a única coisa que poderíamos fazer é mudar a leitura. Na liturgia de hoje está previsto um trecho do Evangelho segundo são João. Eu o substituiria pelo Sermão da Montanha. As bem-aventuranças, digo, que fazem parte da vivência de todos, até dos que não creem. Penso que é muito significativo numa jornada como essa, na qual a misericórdia não pode ser superada pela ânsia instintiva da desforra. A vingança é a justiça imperfeita deste mundo. Falamos para as pessoas sobre uma justiça que não é terrena e, portanto, não é contaminada pelo erro.

Do outro lado, ouviu-se um segundo de silêncio.

— Lucas ou Mateus? — Lucas. A passagem de Mateus tem um sentido de retaliação que não combina com nossos sentimentos. E as cantatas poderiam ser *The whole world is waiting for love* e *Let the valley be raised*. Mas para isso acho que seria mais correto consultar o maestro Bennett, diretor do coro.

Mais uma pausa e depois o alívio da dúvida dissipada pela resposta do pároco.

— É, acho que tem razão. Mas tem uma coisa que gostaria de lhe pedir. E tenho certeza de que represento a opinião de todos.

— Diga.

— Queria que você se encarregasse do sermão dessa missa.

Padre McKean sentiu um impulso de ternura. O reverendo Smith era uma pessoa sensível e frágil, que se emocionava facilmente. Muitas vezes, sua voz se alquebrava quando precisava enfrentar assuntos que envolvessem mais profundamente sua sensibilidade.

— Está bem, Paul.

— Até breve, então.

— Sairei daqui em alguns minutos.

Colocou o celular na mesinha, levantou e foi até a janela. Ficou com as mãos nos bolsos olhando sem ver o panorama cotidiano de sua janela. As formas e as cores de sempre, familiares, mar, vento, árvores, que naquele dia pareciam estranhos espectadores de um mundo à parte, imagens sem compreensão e que eram difíceis de compreender. A reportagem que acabara de ver na TV continuava sobrepondo-se ao que tinha diante dos olhos. Voltaram à sua memória os tempos ferozes do 11 de setembro, o dia que transformou o tempo e o mundo em antes e depois.

Pensou em quantos crimes tinham sido cometidos em nome de Deus, quando Deus nada tinha com aquilo. Não importa de que Deus se tratasse. Instintivamente, uma questão se impôs a Michael McKean — o homem, não o sacerdote. Algum tempo atrás, João Paulo II se desculpou, perante o mundo inteiro, do comportamento da Igreja católica na época da Inquisição, então cerca de quatrocentos anos antes. Daqui a quatrocentos anos, dentre as coisas que se fazem agora, de qual delas o papa irá pedir

desculpas? De que pediriam desculpas todos os homens que professavam uma fé neste mundo? A fé era uma dádiva, como o amor, a amizade e a confiança. Não podia nascer da razão. A razão só podia, em determinados casos, ajudar a mantê-la viva. Era o outro trilho, o que corria paralelamente, numa direção que não se podia conhecer. Mas se a fé levava à perda da razão, perdiam-se com ela o amor, a amizade, a confiança, a bondade.

E, portanto, a esperança.

Desde o nascimento da Joy, ele convivia com jovens para os quais aquele era um sentimento desconhecido desde sempre ou perdido no curso de sua breve e infeliz viagem. O que obtiveram em troca da esperança foi a terrível certeza. De que a vida era feita de becos sem saída, de artifícios, de penumbra, de desejos nunca realizados, de pancada, de afeto negado, de coisas boas reservadas apenas para os outros. De que indo contra a vida e contra si mesmos nada teriam a perder, pois viviam no nada.

E assim, naquele nada, muitos se perdiam.

Bateram à porta. O sacerdote deixou a janela e foi abri-la. Viu-se diante da figura de John Kortighan, o responsável leigo da Joy, posicionado um pouco atrás do batente da porta. A positividade em forma de gente. E Deus sabia quanta positividade era necessária a cada dia num lugar como aquele.

John cuidava de todos os aspectos práticos de uma estrutura que, de um ponto de vista técnico, era bastante simples de administrar, mas, ao mesmo tempo, e por diversos motivos, muito complexa. Era organizador, administrador, procurador e, para coroar, além de um monte de outras coisas que acabam em "or", era um verdadeiro cavalheiro.

Quando aceitou assumir a Joy em troca de um salário não muito elevado e nem sempre pontual, de início, o reverendo McKean mostrou-se incrédulo e, em seguida, eufórico, como quem ganha um belo presente inesperado. Não se enganou em sua avaliação e nunca teve motivos para se arrepender de sua escolha.

— O pessoal já está pronto, Michael.

— Ótimo. Vamos.

Pegou o paletó do cabide, saiu do quarto e fechou a porta. Não se preocupou em fechá-la à chave. Na Joy não existiam trancas ou fechaduras. O que sempre tentou transmitir a seus jovens era que não estavam numa prisão, mas num lugar em que o livre-arbítrio governava as ações e os movimentos de todos. Cada um deles era autônomo e podia deixar a comunidade a qualquer momento, se achasse oportuno. Muitos deles tinham procurado a Joy justamente porque no lugar em que viviam antes se sentiam prisioneiros.

Padre McKean tinha consciência disso e sabia que a batalha contra a droga era longa e difícil. Sabia que cada um daqueles jovens lutava contra uma necessidade física que podia se transformar num autêntico padecimento. Ao mesmo tempo, teriam de enfrentar tudo aquilo que, dentro e fora de si, fez com que mergulhassem na pior escuridão: aquela que persiste mesmo quando não está escuro. E com a certeza de que o suplício físico podia cessar, e todo o resto podia ser escondido e esquecido, com o simples gesto de tomar um comprimido, cheirar um pó, enfiar uma agulha na veia.

Infelizmente, às vezes alguém não conseguia. Certas manhãs despertavam com uma cama vazia e uma derrota difícil de absorver e de metabolizar. Quando isso acontecia, os próprios jovens tratavam de cercá-lo, de estar ao seu redor, e aquela demonstração de afeto e confiança dava um sentido a tudo e forças para continuar, embora com muita amargura e um pouco de experiência a mais.

Enquanto desciam as escadas, John não conseguiu evitar um comentário sobre o que tinha acontecido na manhã anterior em Manhattan. Provavelmente o mundo inteiro não falava de outra coisa.

— Viu os noticiários? — Não todos, mas muitos.

— Estive ocupado hoje de manhã. Alguma novidade? — Não, ou pelo menos nenhuma que tenha chegado ao conhecimento da imprensa.

— Quem você acha que foi? Terroristas islâmicos? — Não sei. Não consegui formar uma opinião precisa. É possível que ninguém

tenha conseguido. Da outra vez, a reivindicação foi imediata.

Não era o caso de especificar. Ambos sabiam qual era a única coisa que podia ser definida como “a outra vez”.

— Tenho um primo na polícia, justamente num distrito do Lower East Side. Falei com ele hoje de manhã. Estava no local. Não podia falar muito, mas disse que a história é muito feia.

John parou um instante no último patamar, como se tivesse de explicar melhor o que acabara de dizer.

— Quer dizer, muito mais feia do que parece.

Recomeçaram a descida e chegaram ao fim da escada em silêncio. Ambos se perguntando que tipo de coisa neste mundo teria o poder de transformar um episódio sangrento como aquele em algo ainda pior. Atravessaram a cozinha que fora aparelhada para atender às necessidades de uma comunidade com cerca de trinta pessoas, onde a sra.

Carraro, a cozinheira, e três dos jovens, que trabalhavam em turnos, preparavam a refeição de domingo.

Era um local bastante amplo que dava para os fundos da casa, iluminado por grandes janelas, com os fogões no centro, sob os exaustores, e bancadas e geladeiras dos lados.

Padre McKean aproximou-se de um dos fornos, parando ao lado da mulher, que, de costas, não notara sua presença. Ergueu a tampa e deixou escapar o vapor perfumado do molho, que se perdeu no exaustor.

— Bom dia, sra. Carraro, com o que pretende nos envenenar hoje? Janet Carraro, uma mulher de meia-idade, de formas abundantes e, segundo a própria definição, a dois quilos de ser gorda, deu um pulo. Limpou as mãos no avental, tirou a tampa das mãos do sacerdote e a recolocou na panela.

— Padre McKean, pela norma e pela regra, este é um molho que pode ser considerado um pecado de gula.

— Então, além de temer por nossos corpos, devemos temer também por nossas almas? Os jovens que estavam do outro lado, limpando e cortando legumes numa tábua de madeira, sorriram. Esse tipo de duelo era habitual entre os dois, uma pequena representação, fruto do afeto recíproco, para uso e consumo do

divertimento de todos. A cozinheira pegou uma colher de pau, mergulhou-a no molho e a estendeu para o sacerdote, com ar desafiante.

— Experimente, e poderá constatar, homem de pouca fé. É sempre bom lembrar são Tomé.

McKean aproximou a colher da boca, soprando para esfriar, e provou. O ar duvidoso do primeiro momento foi substituído por uma expressão de êxtase. Reconheceu imediatamente o sabor vibrante do molho all'amatriciana da sra. Carraro.

— Peço desculpas, sra. Carraro. Este é o melhor ragu que já comi na vida.

— Não é ragu, é molho all'amatriciana.

— Então é o caso de corrigir o tempero; do contrário, vai continuar com gosto de ragu.

A cozinheira fingiu se indignar.

— Se o senhor não fosse quem é, só pelo que acabou de dizer, poria uma dose gigantesca de pimenta em seu prato na hora que servisse sua comida. E ainda não desisti completamente da ideia.

Mas o tom de sua voz e o rosto sorridente desmentiam as palavras. Fez um gesto com a colher de pau que indicava a porta.

— E agora, suma daqui e deixe as pessoas trabalharem, se quiser comer quando voltar.

Seja ragu, seja molho all'amatriciana... O sacerdote encontrou John Kortighan de pé ao lado da porta que dava para o pátio, com um sorriso nos lábios, graças ao espetáculo que acabara de assistir. Enquanto segurava a porta aberta para ele, expressou seu parecer crítico.

— Muito divertido. Você e a sra. Carraro podiam fazer isso profissionalmente.

— Shakespeare já fez. Ragu or not ragu, this is the question, não lembra? A sonora risada de seu colaborador o seguiu até lá fora e se perdeu sem ecos no ar fresco. Estavam no pátio e dirigiram-se para o lado direito da construção, onde um micro-ônibus todo descascado esperava por eles com os jovens a bordo.

Padre McKean parou e levantou os olhos para o céu sereno por um instante. Apesar do breve duelo de piadas, sentiu de repente uma inesperada sensação de mal-estar, à qual não conseguiu dar um nome.

No entanto, quando subiu no veículo e cumprimentou os jovens, a ternura e a alegria de estar com eles afastou um pouco a sensação que, um segundo antes, tinha tomado conta dele como uma notícia ruim. Mas enquanto o velho ônibus percorria a estradinha de terra até o portão da propriedade, deixando para trás a casa mergulhada numa nuvem de poeira, a mesma sensação de ameaça iminente voltou a tomar posse de seus pensamentos. Reviu todas as imagens passadas na televisão e teve a impressão de que o vento, aquele que impedia os anjos e os homens de chorar, tinha de repente parado de soprar.

14

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.

Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim.

Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos Céus.



O REVERENDO MCKEAN ESTAVA EM PÉ diante do púlpito à esquerda do altar, dois degraus acima do nível da audiência. Quando sua voz profunda chegou ao fim da leitura, ficou em silêncio um segundo, com os olhos fixos na página, para dar às palavras o tempo de percorrê-la. Não era uma viagem longa, mas com certeza, naquele momento, também não era uma viagem fácil. Enfim, levantou a cabeça e deslizou os olhos pela igreja cheia de gente.

Em seguida, começou a falar.

— As frases que acabaram de ouvir pertencem a um dos mais famosos sermões de Jesus. E ficou famoso não somente pela beleza das palavras, por sua força evocativa, mas também por sua

importância nos séculos seguintes. Essas poucas passagens compreendem a essência da doutrina que pregou nos três últimos anos de sua vida — aquele que, fazendo-se homem, trouxe à Terra um novo pacto entre os homens e o Pai; aquele cuja mensagem nos indicou a esperança, mas não nos convidou à desforra. Isso não significa que devemos aceitar passivamente o que pode acontecer de injusto, de doloroso, de funesto num mundo feito por Deus, mas governado pelos homens. Todavia, ele nos lembra que nossa força e nosso sustento na luta de todo dia estão na Fé. E é isso o que nos pede. Não impõe: simplesmente, como um amigo, pede.

Fez uma pausa e novamente baixou os olhos para o atril diante de si. Quando levantou a cabeça de novo, deixou sem acanhamento que cada pessoa presente visse as lágrimas que escorriam por seu rosto.

— Todos sabem o que aconteceu em nossa cidade ontem à noite. As imagens terríveis que cada um de nós tem diante dos olhos não são novas, como não são novas a desorientação, a dor, a piedade que sentimos diante de provações como essa que fomos chamados a superar.

Deixou aos presentes um instante para que compreendessem, recordassem.

— Que todos nós, até o último homem, somos chamados a superar, porque a dor que atinge um de nós atinge todo o gênero humano. Sendo feitos de carne, com nossas fraquezas e fragilidades, quando acontece um fato sinistro e inesperado, um fato incompreensível que envolve nossa existência e supera nossa tolerância, nosso primeiro instinto é perguntar por que Deus nos abandonou. Perguntar por que razão, se somos Seus filhos, Ele permite que tais fatos aconteçam. O próprio Jesus fez isso, quando, na cruz, sentiu sua parte humana cobrar o tributo de dor que seu Pai lhe pedira. E, vejam bem, naquele momento Jesus não tinha Fé... Fez uma pausa. Havia na igreja, naquele domingo, um silêncio novo.

— Naquele momento, Jesus era a Fé.

O sacerdote sublinhou especialmente aquela frase, antes de prosseguir.

— Se aconteceu com o homem que veio ao mundo com a vontade de nos trazer a redenção, é compreensível que possa acontecer conosco também, que somos os beneficiários daquela vontade e daquele sacrifício. E rendemos graças a essa vontade cada vez que nos aproximamos de um altar.

Uma nova pausa, e para todos sua voz voltou a ser a de um confidente, não a de um pregador.

— Vejam, um amigo é aceito pelo que é. Às vezes, é preciso fazer isso mesmo quando não entendemos, pois em certos casos a confiança deve ir além da compreensão. Se agimos assim com um amigo, que é e continuará sendo um ser humano, mais ainda devemos fazê-lo para com Deus, que é nosso pai e, ao mesmo tempo, nosso melhor amigo. Quando não entendemos, devemos oferecer em troca aquela Fé que nos foi pedida, mesmo sendo pobres, aflitos, mesmo se temos fome e sede, se somos perseguidos, insultados, acusados injustamente. Porque Jesus nos ensinou que a Fé vem de nossa bondade, da pureza de nossos corações, de nossa misericórdia, de nosso desejo de paz. E, ao recordarmos Jesus na montanha, teremos essa Fé. Pois ele nos prometeu que, se o mundo em que vivemos é imperfeito, se o tempo em que envelhecemos é imperfeito, o lugar que um dia teremos será, em troca, um espaço maravilhoso, todo nosso. E não haverá mais tempo, pois será para sempre.

Com um sincronismo admirável, o som evocativo do órgão difundiu-se pela igreja no final de seu sermão, apoiando o coro que entoava um canto que falava do mundo e de sua necessidade de amor. Cada vez que padre McKean ouvia as vozes afinadas dos cantores naquela fusão de harmonia perfeita, não podia evitar que um arrepio percorresse seus braços. Pensou que a música era um dos maiores dons destinados ao homem, um dos poucos que conseguiam envolver o espírito a ponto de repercutir no corpo. Afastou-se do atril e retornou a seu posto junto aos coroinhas, do outro lado do altar. Ficou de pé, seguindo o ritual da missa e, ao mesmo tempo, observando os fiéis que enchiam a igreja.

Seus rapazes e moças, à exceção dos que estavam de serviço na Joy, estavam sentados nos primeiros bancos. Como com relação

a tudo o mais, a comunidade deixava a prece e a presença nas funções religiosas à escolha de cada um, pois era um local de conversão humana, mais que de conversão religiosa. O fato de ser dirigida por um padre católico não devia ter, por decisão de McKean, nenhuma influência nas escolhas dos jovens. Mas tinha consciência de que quase todos vinham à igreja porque ele estava lá e porque entendiam que tinha prazer em saber que participavam daquele momento de agregação.

E isso lhe bastava, ao menos por enquanto.

A igreja de Saint Benedict ficava no centro de um bairro residencial do Bronx chamado Country Club, habitado por gente em sua maioria de origem italiana e espanhola, cujas características físicas eram facilmente reconhecíveis na maior parte dos presentes. Na entrada da igreja, presas na parede que cercava a imagem da Santa Virgem, viam-se pequenas placas de metal em memória dos mortos da paróquia. Os sobrenomes eram predominantemente italianos ou espanhóis. De fato, no decorrer do dia, algumas missas eram celebradas nas duas línguas, de modo especial para as duas etnias.

No momento da comunhão, padre McKean se aproximou do altar e recebeu a hóstia diretamente das mãos do pároco, que não perdeu a oportunidade de lhe dirigir um olhar de felicitação pelo sermão. Entre a magia da música, que sublinhava a partilha de um símbolo de paz, e o cheiro do incenso que se espalhava no ar, a voz do reverendo Paul Smith conduziu, em oração, a parte final da missa.

Pouco depois, como de hábito, os sacerdotes se reuniram na saída da igreja para cumprimentar os fiéis e trocar impressões, para ouvir suas histórias e discutir as iniciativas da paróquia. Nos meses de inverno, esses encontros aconteciam no átrio, mas naquele lindo dia de final de abril os portões estavam abertos e todos se encontraram na escadaria da igreja.

Padre McKean recebeu os cumprimentos por seu comentário ao Evangelho, e, com os olhos ainda úmidos, Ellen Carraro, irmã mais velha da cozinheira da Joy, não faltou ao encontro, expressando sua comoção e reclamando da artrite. Roger Brodie,

um marceneiro aposentado que às vezes trabalhava gratuitamente para a paróquia, prometeu que se apresentaria na comunidade no dia seguinte para consertar o telhado. Pouco a pouco, os grupos se dissolveram e todos voltaram para seus carros e para suas casas.

Muitos tinham ido a pé, pois moravam nas vizinhanças.

O pároco e o padre McKean se viram sozinhos.

— Hoje foi emocionante. Você é um grande homem, Michael. Pelo que diz e pelo modo como diz; pelo que faz e pelo modo como faz.

— Obrigado, Paul.

O reverendo Paul Smith virou a cabeça e olhou de relance para John Kortighan e para os jovens que estavam na calçada no final da escadaria, esperando a hora de voltar para a Joy. Quando virou a cabeça de volta para ele, McKean leu o embaraço em seus olhos.

— Tenho de pedir-lhe um sacrifício, se não for pesado demais para você.

— Diga.

— Angelo não está bem. Sei que o domingo é um dia importante para você e para os jovens, mas não poderia substituí-lo na missa de meio-dia e meia? — Não tem problema.

Os jovens sentiriam sua falta, mas naquele dia tão particular sabia que não estava com o humor certo para partilhar a companhia à mesa. Aquela sensação de opressão não tinha desaparecido completamente, e preferia não estar presente a ser apenas um corpo com um ânimo estranho.

Desceu os degraus e foi até o pessoal que o esperava.

— Sinto muito, mas não vou poder almoçar com vocês. Tenho um compromisso aqui na paróquia. Chegarei mais tarde. Digam à sra. Carraro que deixe alguma coisa no forno para mim, se é que vocês não vão devorar tudo.

Leu a decepção no rosto de alguns deles. Jerry Romero, o mais velho do grupo, que era o hóspede mais antigo da Joy e, para muitos de seus companheiros, um ponto de referência, foi o porta-voz do descontentamento geral.

— Acho que, para ser perdoado, terá de nos oferecer uma sessão de Fastflyx.

Fastflyx era um serviço de aluguel postal de filmes em DVD que a Joy obteve gratuitamente devido às artes diplomáticas de John. Naquele local de esforço e renúncias que era a comunidade, até mesmo um filme para ser visto em conjunto era um pequeno luxo.

McKean apontou o dedo contra o rapaz.

— Isso não passa de uma chantagem, Jerry. E digo isso tanto para você quanto para seus cúmplices. No entanto, sou obrigado a ceder, ao peso da vontade de todos. Além do mais, acho que temos uma surpresa que chegou justamente ontem. Uma dupla surpresa, aliás.

Fez um gesto com as mãos, querendo evitar mais perguntas dos jovens.

— Conversamos mais tarde. Agora vão, que os outros estão esperando.

Conversando entre si, os jovens foram até o Bat-móvel, apelido que deram ao micro-ônibus. McKean ficou olhando para eles enquanto se afastavam. Eram uma massa colorida de roupas e um amontoado de problemas grandes demais para a pouca idade que tinham. Não era fácil se relacionar com alguns deles. Mas eram sua família, e, por um período de suas vidas, a Joy seria a deles.

John ficou mais um pouco antes de ir ter com eles.

— Quer que volte para pegá-lo? — Não se preocupe, peço carona a alguém.

— Certo. Até mais tarde, então.

Ficou na rua até o veículo sair e desaparecer na esquina. Depois, subiu os degraus e entrou de volta na igreja, que estava deserta àquela hora. Apenas duas mulheres tinham permanecido num banco próximo ao altar, para uma sequência particular daquele contato coletivo com Deus que era a missa.

Do lado direito, logo depois da entrada, ficava o confessionário. Era de madeira clara e brilhante, com duas entradas cobertas por cortinas de veludo bordô. Uma luz vermelha acesa ou apagada indicava a presença ou a ausência de um padre, e outra

menor, ao lado, informava se ele estava livre ou não. A parte reservada ao confessor era um espaço estreito, com o único conforto de uma cadeira de vime, sob uma luminária velada que, do alto, espalhava uma luz tênue na tapeçaria azul. A parte do penitente era ainda mais espartana, com o genuflexório e a grade que permitia a discricção necessária para muitos naquele momento tão íntimo.

Padre McKean costumava se refugiar ali, sem acender a luz nem assinalar sua presença lá dentro. Ficava por algum tempo, pensando nas necessidades econômicas de sua obra, recolhendo as ideias quando se transformavam em pássaros migratórios, concentrando-se no caso de um jovem particularmente difícil. Para chegar sempre à conclusão de que todos eram difíceis e mereciam a mesma atenção e de que faziam verdadeiros milagres com o dinheiro disponível e continuariam a fazê-los. E de que as ideias, mesmo as mais difíceis de seguir, cedo ou tarde revelam o local onde fizeram ninho.

Naquele dia, como em tantos outros, afastou a cortina, entrou e sentou-se, sem acender a pequena luz sobre a cabeça. A cadeira era velha, mas confortável e a penumbra, um aliado. O sacerdote esticou as pernas e apoiou a cabeça na parede. As imagens que saíram da TV para abalar os olhos e as consciências tinham um preço para qualquer um, mesmo para quem não foi diretamente atingido pela tragédia. Só pelo fato de existirem. Havia dias como aquele em que sua vida subia numa balança e o mais difícil era conseguir entender. Apesar do que disse durante a missa, não só entender os homens, mas também a vontade do Deus a que ele servia. De tanto em tanto, ficava se perguntando como seria a sua existência se não tivesse seguido o chamado daquilo que o mundo eclesiástico chama de vocação. Ter uma esposa, filhos, um trabalho, uma vida normal. Tinha 38 anos e no momento da escolha, muitos anos atrás, fizeram uma lista daquilo a que renunciava. No entanto, era apenas uma advertência, não uma experiência. Agora, às vezes sentia um vazio que não conseguia identificar, mas ao mesmo tempo tinha certeza de que um vazio como aquele fazia parte da vivência de todo e qualquer homem que

caminhasse sobre a terra. Tinha a sua desforra diária sobre o nada no contato cotidiano com seus jovens, ajudando-os a nunca mais fazer parte desse nada. Concluiu pensando consigo mesmo que a coisa mais difícil não era entender, mas, depois de ter entendido, continuar a percorrer a estrada, apesar da fadiga. Naquele momento, era a coisa mais próxima da Fé que podia oferecer a si mesmo e aos outros.

E a Deus.

— Aqui estou, padre McKean.

A voz entrou de repente e sem aviso prévio. Chegou da penumbra e de um mundo sem paz que, por alguns instantes, tinha sido esquecido. Apoiou-se no braço da cadeira e inclinou-se na direção da grade. No outro lado, na luz incerta, uma figura apenas entrevista e um ombro coberto por um tecido verde.

— Bom dia. O que posso fazer por você? — Nada. Pensei que estivesse esperando por mim.

Aquelas palavras o incomodaram. A voz era soturna, mas tranquila, como se pertencesse a alguém que não tem medo algum do abismo sobre o qual se debruçou.

— Já nos conhecemos? — Muito bem. Ou de modo algum, se preferir.

O mal-estar se transformou num leve sentimento de angústia. O sacerdote buscou refúgio nas únicas palavras que podiam lhe dar conforto.

— Você está num confessionário. Devo concluir que quer se confessar? — Sim.

O monossílabo chegou num tom decidido, mas indiferente.

— Então me diga quais são seus pecados.

— Não os tenho. Não estou em busca de absolvição, porque não preciso dela. E, de qualquer forma, sei que não me daria.

Padre McKean ficou paralisado diante daquela declaração de inutilidade. Pelo tom da voz, percebeu que não vinha de uma simples presunção, mas de algo bem mais amplo e devastador. Num outro momento, o reverendo Michael McKean talvez tivesse reagido diversamente. Mas agora tinha os olhos e os ouvidos cheios

de imagens e sons de morte e a sensação de derrota que impera depois de uma noite quase insone.

— Se é o que pensa, então o que posso fazer por você? — Nada. Só queria lhe deixar uma mensagem.

— Que mensagem? Um instante de silêncio. Mas não era hesitação. Era apenas o tempo para permitir que o outro afastasse da mente qualquer pensamento que não fosse aquele.

— Fui eu.

— Foi você o quê? — Fui eu que explodi o edifício no Lower East Side.

Padre McKean ficou sem fôlego.

As imagens se sobrepunham. Poeira, ambulâncias, os gritos dos feridos, a cor do sangue, os cadáveres transportados em panos, o pranto dos sobreviventes, o desespero dos que perderam tudo. As declarações na TV. E uma cidade inteira, um país inteiro sacudidos de novo pelo medo que era, como disse alguém, o único verdadeiro cavaleiro do apocalipse. E a sombra indistinta que estava do outro lado daquela barreira sutil garantia que era responsável por tudo aquilo.

A razão obrigou-o a dar um tempo para refletir com lucidez. Existiam no mundo pessoas doentes que insistiam em assumir a culpa de homicídios e desastres pelos quais não tinham a menor possibilidade de ser responsáveis.

— Sei o que está pensando.

— O quê? — Que sou um mitômano, que não há provas de que eu esteja dizendo verdade.

Michael McKean, homem de razão e sacerdote por credo, era naquele momento apenas um animal com todos os sentidos em alerta. E cada fragmento de seu instinto ancestral gritava que o homem do outro lado do confessionário dizia verdade.

Sentiu necessidade de respirar alguns instantes, antes de prosseguir. O outro percebeu e respeitou seu silêncio. Quando reencontrou a própria voz, o sacerdote apelou para uma piedade que sabia que não encontraria.

— Que sentido podem ter todas aquelas mortes, toda aquela dor? — Justiça. E um ato de justiça não deveria causar dor. Tanta

justiça já foi distribuída no passado, transformando-se em objeto de culto. Por que dessa vez teria de ser diferente? — O que entende por justiça? — O Mar Vermelho que se abre e se fecha. Sodoma. Gomorra. Tenho muitos outros exemplos, se quiser.

A voz silenciou por um instante. Do seu lado do confessionário, que naquele momento lhe parecia o lugar mais frio do mundo, padre McKean gostaria de gritar que aquilo eram apenas fábulas da Bíblia, que não era justo tomá-las ao pé da letra, que... Reprimiu-se e perdeu o tempo de contra-atacar. Seu interlocutor entendeu isso como um convite a prosseguir.

— Os homens tiveram dois evangelhos, um para a alma e um para a vida. Um religioso e um laico. Mas ambos ensinaram aos homens mais ou menos as mesmas coisas. A fraternidade, a justiça, a igualdade. E houve quem as espalhasse no mundo e no tempo.

A voz parecia chegar de um lugar muito mais longínquo do que a distância mínima que os separava.

Transformou-se agora num sopro e estava impregnada de desilusão. Daquelas que geram ódio e não lágrimas.

— Mas quase ninguém teve a força de viver segundo os ensinamentos que pregava.

— Todos os homens são imperfeitos. Faz parte da natureza. Como pode não sentir compaixão? Não se arrepende do que fez? — Não, mesmo porque vou fazer de novo. E o senhor será o primeiro a saber.

Padre McKean escondeu o rosto nas mãos. O que estava acontecendo com ele era demais para um homem. Se as palavras daquele indivíduo correspondessem à verdade, era uma provação muito superior às suas forças. Às forças de qualquer um que envergasse o hábito sacerdotal. A voz continuou a acossá-lo. Não era feroz, mas persuasiva. Cheia de compreensão.

— Em suas palavras, durante a missa, havia dor. Havia participação. Mas não havia uma Fé verdadeira.

Tentou uma rebelião inútil — não contra aquelas palavras, mas contra seu medo.

— Como pode dizer uma coisa dessas? O homem continuou como se não tivesse ouvido a pergunta.

— Vou ajudá-lo a reencontrá-la, Michael McKean. Eu posso.
Houve uma nova pausa. Depois as três palavras que davam
início à eternidade.
— Eu sou Deus.

15

DE CERTO MODO, A JOY ERA o reino do quase.

Tudo estava quase funcionando, quase brilhando, quase moderno. O teto estava quase pronto e a tinta da parte externa quase não precisava de retoques. Os poucos empregados fixos recebiam seu salário quase regularmente, os colaboradores de fora quase sempre renunciavam a ele. Tudo era de segunda mão e qualquer coisa nova naquela feira de usados se destacava como a luz de um farol a distância. Mas era também o local em que, dia após dia, mais um tijolo era diligentemente incorporado à construção.

Enquanto conduzia o Bat-Móvel para casa ao longo da estrada de terra, John Kortighan refletia que, para os jovens que estavam com ele no ônibus, a vida foi uma péssima conselheira. Pouco a pouco, devorou a confiança deles e eles se viram sozinhos durante tanto tempo que acabaram confundindo solidão com hábito. Cada um, com aquela originalidade típica do destino adverso, havia encontrado um modo pessoal e destrutivo de se perder, com a indiferença do mundo se encarregando de cobrir seus rastros.

Agora podiam, todos juntos, tentar se encontrar naquele lugar e compreender, pela lógica e não por acaso, que tinham direito a uma alternativa. E ele se sentia afortunado e gratificado por ter sido escolhido para fazer parte daquele empreendimento.

Por mais duro e desesperado que fosse.

John ultrapassou o portão e logo em seguida o ônibus atravessou o pátio e foi procurar abrigo sob o telheiro do estacionamento. Os jovens desceram e foram para a cozinha pela entrada dos fundos, conversando e brincando entre eles. Domingo era um dia especial para todos, um dia sem fantasmas.

Jerry Romero expressou a opinião de todos.

— Cara, que fome! Hendymion Lee, um rapaz de ascendência oriental evidente, fez eco dando de ombros.

— Grande novidade! Você está sempre com fome. Tenho certeza de que se fosse papa a comunhão seria com fatias de salame, em vez de hóstias.

Jerry se aproximou de Hendymion e apertou sua cabeça com o braço, num golpe de luta livre.

— E se dependesse de você, japa, a gente ia ter que pegar a hóstia com pauzinhos.

E os dois caíram na gargalhada.

Shalimar Bennett, uma menina negra de cabelos arrepiados hilários e um corpo de gazela, se intrometeu na conversa.

— Jerry papa? Não poderia nem ser padre. Não aguenta bebida. Ficaria bêbado com o vinho da primeira missa e adeus emprego.

John sorriu, demorando-se no pátio até vê-los desaparecer no interior da casa. Aquela atmosfera relaxada não o enganava. Sabia o quanto aquele equilíbrio era frágil, como a lembrança e a tentação formavam, para cada um deles, uma coisa só, à espera de se transformar numa lembrança apenas e nada mais. No entanto, era muito bom ver o esforço cotidiano de renascimento e de construção de um futuro possível. Tendo a certeza de um milhão de dólares de que também tinha algum mérito naquilo e a pretensão de alguns centavos de que continuaria a contribuir enquanto pudesse.

Sozinho, de pé no meio do pátio, sua sombra escondida do sol a pique nos contornos do próprio corpo, John Kortighan ergueu os olhos para o céu azul, examinando a casa.

A sede da Joy ficava nos limites da área de Pelham Bay Park que fazia fronteira com o Bronx, numa propriedade de cerca de seis acres, debruçada sobre um trecho de praia que lembrava um dedo que, apontando para o norte, tocava a terra. A construção principal era um edifício de dois andares com a forma de um C quadrado, construído segundo os princípios que caracterizam a arquitetura de New England, com o uso preponderante de madeira e tijolos escuros. O lado livre dava para a costa verde que, além do canal,

descia no sentido oposto, como uma mão que empurrasse o mar para o sul.

Lá ficava a entrada, debruçada sobre o jardim, através do qual se chegava à varanda da casa, em forma de meio octógono, iluminada por grandes portas de vidro. No térreo ficavam a cozinha e a despensa, a sala de refeições, uma pequena enfermaria, uma biblioteca e uma sala de jogos e de televisão. Num dos lados curtos da construção havia dois quartos com um banheiro comum para as pessoas que, como ele, residiam permanentemente na Joy. No segundo andar, ficavam os quartos dos jovens e, no sobrado, os aposentos do padre McKean.

O lado longo dava para o pátio, onde foi construído um anexo, sede de um ateliê no qual quem optava pelos trabalhos manuais, em vez do estudo formal, encontrava espaço.

Atrás do ateliê ficava a horta, que ia até o limite oeste da propriedade, arrematada por um pomar. Inicialmente, foi criada para fazer uma experiência, a ideia era fornecer uma distração que aproximasse os hóspedes da Joy de alguma atividade física que exigisse paciência, mas ao mesmo tempo fosse gratificante. Pouco a pouco, para surpresa de todos, a produção de frutas e verduras aumentou a ponto de tornar a comunidade quase autossuficiente. Quando a colheita era particularmente abundante, uma representação dos jovens ia ao Mercado de Union Square para vender os produtos excedentes.

A sra. Carraro surgiu na porta da cozinha, enxugando as mãos no avental.

— Que história é essa de que vamos comer sem dom Michael? — Ficou retido. Vai ter de rezar a missa de meio-dia e meia.

— Bem, ninguém vai morrer se esperarmos um pouco. Ninguém come nesse lugar aos domingos sem a presença dele.

— Sim, coronel.

John apontou para o interior da cozinha, de onde vinham os ecos acalorados da conversa dos jovens.

— Mas é a senhora quem vai dar a notícia aos crocodilos.

— Não vão reclamar. Aliás, era só o que me faltava.

— Disso eu tenho certeza.

John a viu desaparecer além da soleira com sua melhor expressão de combate. Embora os rapazes fossem em maior número e a sra. Carraro em evidente inferioridade, não tinha dúvidas sobre o vencedor da batalha. Deixou os jovens resolverem a questão sozinhos com sua cozinheira. Era uma mulher de aparência doce e submissa, mas já tinha demonstrado em várias ocasiões um caráter muito voluntarioso. Ele sabia que, quando tomava uma decisão, era difícil fazê-la mudar de ideia, sobretudo se essa decisão favorecesse o padre McKean.

Foi para a esquerda e deu a volta na casa, caminhando devagar, respirando o ar que exalava levemente a maresia.

Pensando.

O sol já estava quente e a vegetação começava a explodir naquele esplendor verde e silencioso que sempre surpreendia o coração e os olhos, derrotando os muros cinzentos e frios do inverno. Chegou à parte da frente e penetrou nas trilhas do jardim, ouvindo o cascalho ranger sob a sola dos sapatos, até ter diante dos olhos apenas a mesa brilhante do mar e o verde do parque, do outro lado do canal. Parou com as mãos nos bolsos e o rosto na leve brisa, com o cheiro da água e aquela sensação aparentemente estática, trazida pela primavera, de que tudo é possível.

Virou-se de novo e olhou para a casa.

Tijolos e vigas.

Vidro e cimento.

Técnica e trabalho manual.

Todas coisas humanas.

O que havia no interior daquelas paredes, de tijolos ou de madeira, ia além disso.

Significava algo. E ele, pela primeira vez na vida, se sentia parte daquilo, independentemente do ponto de partida e de chegada e dos inevitáveis acidentes de percurso.

John Kortighan não era crente. Nunca conseguiu nutrir nenhuma confiança, nem em Deus, nem nos homens. E conseqüentemente nem em si mesmo. Mas, de alguma forma, Michael McKean conseguiu abrir uma brecha naquele muro: um

muro que as pessoas tinham, supostamente, construído contra ele, e que ele, por sua vez, reforçou, como retaliação. Deus continuava a ser um conceito nebuloso e distante, escondido atrás da nítida humanidade de seu representante. Mas, de qualquer forma, embora nunca tenha lhe dito nada, o sacerdote estava salvando, além da vida de seus jovens, também a de John.

No andar de cima, atrás das vidraças que refletiam o céu, entreviu algumas silhuetas em movimento. Certamente eram os jovens indo para seus quartos. Cada um deles carregava sua experiência, seu pedaço de vida. Reunidos pelo acaso, como os vidros de um caleidoscópio, formavam uma imagem vívida e frágil que, como todas as coisas instáveis, não era fácil de decifrar, mas era surpreendente em suas cores.

Começou a caminhar, refazendo seus passos. Entrou na casa pela entrada principal e pegou a escada que levava ao andar de cima. Enquanto subia, passo por passo, um degrau após o outro, surpreendeu seus pensamentos voando em liberdade.

A história da Joy era ao mesmo tempo muito simples e muito complexa. E como acontece muitas vezes nesses casos, sua criação tinha, nos primórdios, um acontecimento trágico. Como se determinadas propostas precisassem nascer da dor para encontrar a força de se realizarem.

John ainda nem tinha chegado ao bairro, mas já ouvira falar de Michael, cuja biografia resumida foi ampliada por algumas conversas mais aprofundadas com o pároco de Saint Benedict.

Era...



... uma sexta-feira e estavam oficiando um funeral.

Um rapaz de 17 anos, Robin Wheaters, foi encontrado morto por overdose num canto do parque, do outro lado da ponte, no cruzamento da Shore com a City Island Road. Um casal que fazia jogging entreviu um corpo estendido no chão por entre as folhagens, um pouco encoberto por uma moita. Aproximaram-se e encontraram o rapaz ofegante e inconsciente. A ambulância e a corrida para o hospital revelaram-se inúteis. Robin faleceu pouco

depois nos braços da mãe, levada ao local por um carro da polícia, que ela mesma chamou quando a ausência imotivada do filho se estendeu pela noite inteira. Ninguém na família tinha a menor suspeita de seu envolvimento com drogas. A causa da morte trouxe mais uma nota funesta ao fim já terrível do menino. A necropsia e a ausência de traços de droga no corpo revelavam que era muito provável que tenha sido sua primeira vez. Seu destino trazia escrito que não haveria uma segunda.

A mãe era a irmã viúva de Barry Lovito, um advogado de origem italiana com escritório em Manhattan, mas que continuava a viver no Bronx, em Country Club. Era um homem rico, atribulado e solteiro que lutou muito na vida para ocupar um dos postos na parte mais alta da pirâmide. E seu sucesso foi tão grande que hoje em dia a pirâmide era quase toda sua.

Quando as circunstâncias exigiram, recebeu o sobrinho com a mãe em sua casa, com aquele sentimento de família tão próprio dos italianos. A irmã tinha uma saúde instável e uma tendência a somatizar os problemas. A morte do marido não foi certamente um bom remédio para seus problemas físicos e psíquicos. Robin, por sua vez, era um menino sensível, melancólico e sugestível. Quando se sentiu entregue a si mesmo, as péssimas companhias voaram como corvos para cima dele. Acontece muito, quando a solidão não é desejada.

Os dois, tio e mãe, estavam na igreja. O advogado Lovito usava um terno escuro de corte impecável que o identificava em meio a todos como um pessoa abastada. Tinha os maxilares contraídos e mantinha os olhos fixos diante de si, com sofrimento e, talvez, uma ponta de culpa.

Aquele menino era para ele o filho que nunca teve, cuja falta, depois de uma vida inteira em busca do sucesso profissional, já começava a sentir. Depois da morte do cunhado, alimentou a ilusão de poder ocupar o lugar dele, sem saber que o primeiro dever de um pai é estar presente, sem adiamentos, sem delegar responsabilidades.

A mulher tinha o rosto descarnado e abatido pelo sofrimento. Os olhos vermelhos e encovados revelavam que não tinha mais

lágrimas e sua expressão mostrava que, junto com o filho, estava sepultando qualquer desejo de continuar a viver. Saiu atrás do féretro apoiando-se no irmão, o corpo magro envolvido num tailleur preto que, de repente, parecia dois números maior.

Padre McKean estava no fundo da igreja, cercado por um grupo de adolescentes, muitos dos quais eram amigos de Robin. Assistiu à missa com aquela sensação de inadequação que sempre tomava conta dele diante da perda injustificável de uma vida jovem. Sempre carregou dentro de si um conceito de luz que pertencia antes ao ser humano que ao sacerdote. Aquela vida abortada era uma derrota de todos — sua também, pois nem sempre se podia substituir o que faltava por algo que tivesse a mesma validade.

O mundo em torno deles estava cheio de ramos e de serpentes.

Ao sair da igreja, Barry Lovito virou a cabeça para ele e o viu em meio aos jovens. Seu olhar se demorou um instante mais que o previsto sobre a figura do reverendo Michael McKean. Depois, virou a cabeça e, sempre amparando a irmã, seguiu seu triste desfile até o carro e até o cemitério.

Tinham se passado três dias quando o sacerdote o viu surgir à sua frente, acompanhado do pároco. Depois das apresentações de praxe, Paul deixou os dois sozinhos. Era evidente que o advogado tinha vindo para falar com ele, embora não conseguisse adivinhar o motivo. McKean estava em Saint Benedict há pouco menos de um ano e até o momento só trocara alguns acenos formais com ele. Como se estivesse lendo seus pensamentos, o advogado percebeu a curiosidade e apressou-se a satisfazê-la.

— Sei que está se perguntando o que vim fazer aqui. E sobretudo o que tenho a dizer. Vou roubar apenas um instante de seu tempo.

Encaminhou-se para o vicariato em passos lentos.

— Acabei de descobrir uma propriedade perto do parque. É uma casa grande, com uma bela extensão de terreno: mais ou menos seis acres. O tipo de moradia que pode receber até trinta pessoas.

Com vista para o mar e a costa.

Padre McKean deve ter feito uma cara de assombro, pois um meio sorriso apareceu no rosto do seu interlocutor, que fez um gesto tranquilizador com a mão.

— Não se preocupe. Não estou tentando vendê-la ao senhor.

Lovito pensou um instante se seria necessário ampliar as preliminares e concluiu que não.

— Gostaria de fazer dessa casa a sede de uma comunidade na qual jovens com os mesmos problemas de meu sobrinho encontrassem ajuda e conforto. Não é fácil, mas queria pelo menos tentar. Sei que isso não vai trazer Robin de volta, mas talvez me dê algumas horas de sono sem pesadelos.

Lovito virou a cabeça e olhou para o outro lado. Ambos sabiam que as duas coisas eram impossíveis.

— Em todo caso, isso é problema meu.

O advogado fez uma pausa da qual saiu tirando os óculos escuros. Colocou-se diante dele com o jeito decidido do homem que não tem medo nem de dizer o que quer, nem de fazer.

E nem de admitir as próprias culpas.

— Padre McKean, sou um homem prático e, qualquer que seja a minha motivação, o resultado é o que vale e o que, com o tempo, ficará em evidência. É meu desejo que esta comunidade deixe de ser um projeto e se transforme em realidade. E desejo também que o senhor a dirija.

— Eu? Por quê? — Recolhi informações sobre o senhor. E elas confirmaram o que eu já tinha intuído assim que o vi entre aqueles jovens. Além de todas as suas qualificações, sei que tem grande ascendência sobre os jovens e excelente capacidade de comunicação com eles.

O sacerdote olhou para ele como se já estivesse vendo mais além. O advogado, homem que aprendeu a conhecer os homens, percebeu. Seguindo a lógica de seu trabalho, quis prevenir qualquer possível objeção.

— Da maior parte do dinheiro, cuido eu. E também posso conseguir alguma contribuição estatal a fundo perdido.

Ele lhe deu um instante de pausa.

— Se isso lhe interessa, já falei com várias pessoas da arquidiocese. O senhor não enfrentaria nenhum tipo de objeção. Pode ligar para o arcebispo, se não acreditar.

Depois de uma conversa com o cardeal Logan, aceitou e a aventura teve início. A casa foi reestruturada e foi criado um fundo para garantir à Joy uma quantia mensal que fizesse frente à maior parte das despesas. Graças à influência do advogado Lovito, a notícia se espalhou e os primeiros jovens se apresentaram. E padre Michael McKean estava lá, esperando por eles.



Ele chegou um pouco depois, encontrando tudo perfeito em seu fluxo cotidiano e permanente. Embora a perfeição não seja desse mundo e a Joy não fosse uma ilha suficientemente distante para ser uma exceção a esta regra.

A mãe de Robin apagou-se como um fogo abandonado na praia, poucos meses depois da inauguração, devorada por sua própria dor. O advogado se foi no ano seguinte, derrubado por um enfarte, trabalhando catorze horas por dia para se apropriar da pirâmide inteira. Como acontece tantas vezes, deixou atrás de si muito dinheiro e muita cobiça. Alguns parentes distantes emergiram das névoas da indiferença e impugnaram o testamento que deixava todo o seu patrimônio para a Joy. As motivações da demanda judicial eram muitas e distintas entre si, mas tinham o mesmo objetivo: permitir que os proponentes da ação pusessem a mão no dinheiro. E à espera do veredicto, todo e qualquer pagamento posterior para a comunidade foi congelado. No momento, a sobrevivência da Joy era uma coisa difícil de prever. Mas, apesar da amargura, era um motivo válido para continuar a luta.

Era o que faziam, juntos, ele e Michael.

Para sempre.

Encontrou-se, quase sem perceber, diante do quarto do sacerdote, no último andar.

Verificou se ninguém estava subindo a escada. Com uma leve ansiedade, filha natural do proibido, John empurrou a porta e entrou. Já tinha feito isso outras vezes, experimentando apenas

uma estranha excitação sem culpa por aquela violação da intimidade de uma pessoa. Fechou a porta às suas costas e deu alguns passos incertos no interior do quarto. Seus olhos eram uma filmadora que registrava pela enésima vez cada detalhe, cada pormenor. Cada cor. Passou os dedos sobre uma Bíblia em cima da escrivaninha, pegou um pulôver jogado numa cadeira e, enfim, foi abrir o armário. Todo o escasso guarda-roupa de Michael estava diante de seus olhos, pendurado nos cabides.

Ficou parado olhando as roupas e respirando o cheiro do homem que o fascinou e atraiu desde o primeiro momento. A ponto de ter que se afastar de vez em quando, com medo de que pudessem ler em seu rosto o que sentia. Fechou o armário e se aproximou da cama. Deslizou os dedos pela coberta e depois se deitou de barriga para baixo, colando o rosto naquele ponto do travesseiro em que Michael McKean pousava a cabeça. Quando estava sozinho e pensava em Michael, muitas vezes tinha vontade de estar com ele.

Outras, como agora, desejava ser ele. E estava convencido de que, ficando ali, cedo ou tarde conseguiria... O celular começou a tocar em um de seus bolsos. Saiu da cama apressadamente, com o coração batendo na garganta, como se aquele som fosse um sinal de que o mundo tinha descoberto tudo. Pegou o aparelho com a mão trêmula e atendeu à chamada.

— John, sou eu, Michael. Estou chegando. Paul vai celebrar a missa em meu lugar.

Ficou perturbado, como se o homem do outro lado da linha pudesse vê-lo e saber onde se encontrava. Mas, embora chegasse filtrada pelo seu constrangimento, a voz ao telefone não era aquela que John estava habituado a associar ao rosto de Michael. Parecia alquebrada ou angustiada ou as duas coisas juntas.

— Mike, o que houve? Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — Não se preocupe. Logo estarei aí. Não houve nada.

— Está certo. Até mais tarde, então.

John desligou o telefone e ficou olhando para ele como se pudesse ajudá-lo a decifrar as palavras que ouviu. Conhecia Michael McKean o suficiente para saber quando alguma coisa conseguia

atingi-lo a tal ponto que ele deixava de ser a pessoa que todos estavam habituados a conhecer.

E aquela era uma dessas vezes.

Quando perguntou se tinha acontecido alguma coisa, ele respondeu que não. Mas, apesar de seus protestos, falou com a voz de uma pessoa que já viu de tudo nesse mundo.

Deixou o quarto que, de repente, voltou a ser um lugar qualquer e fechou a porta.

Durante todo o tempo que levou para descer, não conseguiu parar de se sentir um homem inútil e só.

16

O GARFO SE ESTICOU PARA PEGAR dois fios de espaguete na panela fervente.

Tomando cuidado para não se queimar, Vivien levou-os à boca e experimentou.

Escorreu a massa, colocou-a no molho que estava em outra panela e rapidamente salteou tudo por alguns minutos em fogo alto até que o excesso de água evaporasse e conseguisse o ponto certo de consistência, como sua avó lhe ensinara quando Vivien era pequena.

Aquela que, ao contrário do restante de sua família, nunca se conformara com o fato de, no decorrer do tempo, seu sobrenome ter evoluído de Luce para Light. Colocou a panela num descanso e, com o pegador de macarrão, dividiu o conteúdo entre os dois pratos colocados do outro lado da bancada.

Não achou necessário que se sentassem à mesa, por isso arrumou dois lugares na própria bancada, do outro lado do fogão, com o jogo americano de bambu.

Levantou a voz para se fazer ouvir pela sobrinha, que estava no fundo do corredor, no quarto.

— Está na mesa! Pouco depois, Sundance surgiu na sala do pequeno apartamento de Vivien. Tinha acabado de sair do banho e seus longos cabelos ainda estavam molhados. A luz que vinha da janela a envolveu. Usava camiseta e jeans e mesmo assim parecia uma rainha. Apesar de uns poucos traços paternos, era o retrato da mãe.

Bela, esbelta, frágil.

Difícil de entender e fácil de ferir.

Vivien sentiu um aperto no coração. Havia momentos em que a dor, que ela carregava condensada como um coágulo de sangue, de repente se dissolvia e a invadia completamente. Era pena por tudo o que aconteceu, era remorso por tudo o que poderia ter sido

e que a sorte não quis que fosse. Era uma risada de escárnio por aqueles poucos instantes em que se pegou pensando que a vida era bela, como qualquer ser humano.

Pelos sonhos de todos que tinham se transformado numa terra de ninguém.

Apesar disso, sorriu para a sobrinha.

Não podia permitir que a sensação das coisas perdidas penetrasse como uma longa onda e estragasse o que ainda podia ser recuperado — ou comprometesse as coisas novas, e duradouras, que poderiam ser construídas no futuro que ainda lhe cabia. O tempo nem sempre cicatriza todas as feridas. Mas, para Vivien, bastava que não causasse outras.

Quanto ao resto, no que lhe dizia respeito, ela resolveria. Não para calar o sentimento de culpa que carregava consigo. Só para impedir que Sundance desse muito espaço para o seu.

A menina se sentou no banco e inclinou a cabeça sobre o prato, para aspirar o perfume que se desprendia dele. Os cabelos caíram na mesa como o pranto de um salgueiro.

— O que é? — Uma coisa simples: espaguete com tomate e manjericão.

— Humm. Bom... — É uma opinião baseada na confiança? Sundance ergueu para ela os olhos azuis límpidos como se não tivesse acontecido nada, como se aquela profundidade lhe pertencesse por direito de nascimento, e não como reflexo do interior.

— Seus espaguetes sempre foram ótimos.

Vivien sorriu e fez um gesto de exagerada satisfação.

— Promoção no campo de trabalho. Que maravilha! Acho que vou incluir essa afirmação nos meus anúncios no Corações Solitários.

Sentou-se ao lado de Sundance. Começaram a comer em silêncio, conscientes da presença uma da outra.

Depois do acontecido, Vivien nunca falou diretamente com a sobrinha sobre os fatos de que foi protagonista. Para isso, havia um psicólogo, num percurso difícil, tortuoso e blindado que ainda não estava completamente concluído. Às vezes, Vivien se perguntava se

algum dia estaria. Mas ela era o único ponto de referência da sobrinha, depois que a irmã, Greta, caiu vítima de um Alzheimer precoce que a estava arrastando para o nada, dia após dia. Nathan, o pai de Sundance, que já tinha nascido no nada e a única coisa que sabia fazer era tentar disfarçar isso, teve a bela ideia de se mudar, tentando esquecer algo que nunca o abandonaria. Pelo menos deixou dinheiro suficiente para sustentar esposa e filha. Vivien pensou muitas vezes, conhecendo bem a peça, que isso era o máximo que se podia esperar dele. E que, de mais a mais, qualquer outra coisa que viesse dele seria antes um estorvo que uma ajuda.

Acabaram quase juntas a refeição.

— Ainda está com fome? Se quiser, faço um hambúrguer.

— Não precisa, estou satisfeita. Obrigada, Vunny.

Sundance se levantou e foi até a televisão, que Vivien desligou de propósito durante a refeição. Viu quando a sobrinha pegou o controle no braço do sofá e apontou para o aparelho. As imagens e as vozes do Eyewitness Channel entraram na sala.

E um espetáculo de desolação e morte apareceu na tela.

Vivien tirou os pratos da bancada e colocou-os na pia. As imagens transmitidas pela TV eram um corolário daquilo que elas viveram de perto e em primeira pessoa.

Na noite anterior, quando a explosão suspendeu a respiração do mundo e o trânsito da cidade, Vivien ligou imediatamente o rádio, certa de que em poucos instantes saberia o que tinha acontecido. E, de fato, depois de uma pequena eternidade, o programa musical que estava no ar foi interrompido para dar a notícia da explosão, com os poucos detalhes que o tempo real permitia. As duas ficaram em silêncio, ouvindo os comentários do locutor e vendo, ao mesmo tempo, o clarão das chamas diante delas, tão vivas e violentas que, mais do que as coisas, pareciam queimar as almas. As chamas continuaram a arder ao lado do carro enquanto ultrapassavam Alphabet City na altura da Rua 10, costeando o rio e a paralela Avenida D. Vivien tinha certeza de que dentro em breve o trânsito seria bloqueado naquela área, de modo que resolveu dar uma longa volta por Battery Park para voltar para

casa. Pegou a Williamsburg Bridge e percorreu toda a Brooklyn-Queens Expressway para chegar a Downtown pelo túnel. Durante o trajeto não disseram nem uma palavra, pulando de estação em estação, procurando por notícias.

Uma vez em casa, correram para ligar a TV. E as imagens de pesadelo metropolitano que apareceram confirmavam o que tinham testemunhado. Assistiram à transmissão até tarde, comentando o que viam. Ouviram as palavras do prefeito e um breve comentário ao vivo da Casa Branca, até que o cansaço venceu o desconforto.

Adormeceram uma ao lado da outra na cama de Vivien, guardando nos ouvidos o estrondo da explosão, sentindo aquela vibração da terra, que viera em seguida, como se, na memória, aquilo nunca fosse acabar.

Vivien abriu a torneira e deixou que a água escorresse sobre os pratos sujos de molho.

Acrescentou algumas gotas de detergente. A espuma nasceu de repente, como uma brincadeira inocente, enquanto ouvia as vozes dos cronistas às suas costas, que nada acrescentavam ao que elas já sabiam, exceto a atualização do número de vítimas, que não parava de crescer.

O toque do telefone foi um sinal de vida entre todas aquelas histórias de morte. Vivien enxugou as mãos e pegou o telefone sem fio. A voz do capitão Alan Bellew chegou forte e incisiva a seus ouvidos como sempre, mas com uma leve nota de cansaço ao fundo.

— Oi, Vivien. É Bellew.

Nunca tinha ligado para sua casa e menos ainda em seus dias de folga. Adivinhou imediatamente qual seria a sequência da conversa.

— Fale.

Nem precisaram esclarecer o tema. Ambos sabiam muito bem qual era.

— É o caos. Acabei de sair de uma longa reunião em One Police Plaza com o chefe de polícia e os responsáveis por cada distrito. Estou reunindo todos os meus homens.

Gostaria de vê-los hoje à noite para colocá-los a par da situação.

— É tão grave assim? — É. O que a imprensa sabe não é nada. Embora tenha de admitir que nem nós sabemos muito mais. Existe uma possibilidade não muito remota de que a cidade esteja sendo atacada. Em todo caso, explicarei tudo pessoalmente. Às nove, no distrito.

— Certo, a gente se vê lá.

A voz do capitão mudou de tom e, depois de ser a voz de um superior num momento de emergência, transformou-se na de um amigo.

— Sinto muito, Vivien. Sei que tem trabalhado duro ultimamente e conheço os problemas que está enfrentando. Soube que ficou de levar sua sobrinha ao concerto do U2, mas, de qualquer jeito, todas as manifestações que supõem grandes aglomerações foram suspensas até segunda ordem, por motivos de segurança pública.

— Estou sabendo. Acabaram de informar na televisão.

O capitão fez uma pausa. De participação, não de constrangimento.

— E Sundance, como vai? Bellew tinha duas filhas um pouco mais velhas que sua sobrinha. Vivien pensou que provavelmente ele via seus rostos enquanto fazia aquela pergunta.

— Bem.

Disse isso baixinho, como quem se agarra a uma ilusão, não a uma certeza. O homem do outro lado da linha entendeu e não foi além.

— Então, até a noite.

— Tchau, Alan. Obrigada.

Vivien encerrou a comunicação e colocou o telefone ao lado da pia. Ficou olhando para os dois pratos por alguns instantes como se estivessem mergulhados nas profundezas do oceano, e não em alguns centímetros de água.

Quando se virou, Sundance estava de pé diante dela, do outro lado da bancada.

Naquele momento, era uma adulta, tinha olhos antigos no corpo de uma mocinha. Tudo o que via a seu redor comprovava que todas as coisas que uma pessoa possui podem ser despedaçadas de um momento para outro. Vivien sentiu mais forte do que nunca a vontade de ensinar e demonstrar à sobrinha que coisas muito boas podem acontecer da mesma forma.

Como, ainda não sabia. Mas aprenderia. E poderia salvar as duas.

Sundance sorriu, como se tivesse lido aquele pensamento em seu rosto.

— Vou ter de voltar para a Joy, não é? Vivien concordou com a cabeça.

— Sinto muito.

— Vou preparar minha bolsa.

A menina se afastou e desapareceu no corredor, na direção do quarto. Vivien foi até o pequeno cofre escondido sem muita imaginação, atrás de um quadro. Depois de digitar uma combinação no painel eletrônico, pegou a pistola e o distintivo.

A sobrinha estava no fundo do corredor esperando por ela com a bolsa na mão. Não havia o menor traço de decepção em seu rosto. Vivien preferia que houvesse, no lugar daquela prematura resignação a uma vida que segue de certa maneira que nem sempre pode ser mudada.

Tinham combinado de correr juntas à tarde, na pista ao longo do Hudson, para depois desfrutar de uma noitada de espetáculo e união, perdidas entre a multidão do show, mas conscientes de que estavam juntas, num momento de euforia boa que só a boa música pode oferecer.

Porém... Saíram e se aproximaram do carro. Era um dia lindo, mas naquele exato momento o sol, a brisa leve e o azul intenso pareciam até zombeteiros, uma vaidade complacente da natureza em vez de um presente para os seres humanos.

Vivien apertou o controle e abriu as portas. Sundance jogou a bolsa no banco de trás e sentou-se no banco a seu lado. Quando estava ligando o motor, a voz sutil da menina pegou-a de surpresa.

— Tem ido ver mamãe ultimamente? Vivien ficou sem reação, paralisada. Não tocavam nesse assunto há meses. Virou-se para a sobrinha. Estava olhando pela janela, como se tivesse vergonha da pergunta ou medo da resposta.

— Tenho. Estive lá ontem.

— E como ela está? Onde ela está?, seria a pergunta correta.

Vivien não expressou aquele pensamento instintivo. Tentou manter a voz o mais normal possível enquanto fazia o que tinha decidido fazer: dizer a verdade.

— Não muito bem.

— Acha que posso ir visitá-la? Vivien sentiu uma repentina falta de ar, como se, bruscamente, o ambiente dentro do carro tivesse ficado rarefeito.

— Não sei se é uma boa ideia. Acho que não reconheceria você.

Sundance olhou para ela com o rosto riscado de lágrimas.

— Mas eu posso reconhecê-la. E isso me basta.

Vivien sentiu uma ternura devastadora invadi-la. Desde que a sobrinha se viu envolvida naquela história horrível, era a primeira vez que a via chorar. Não sabia se Sundance se deixava levar pelo conforto ilusório das lágrimas quando estava só. Com ela e com todas as pessoas com quem estava em contato, sempre demonstrou muito autocontrole, como se houvesse um muro entre ela e sua própria humanidade, para impedir que a dor penetrasse.

De repente, reviu a menina de tempos atrás e todos os bons momentos que passaram juntas. Inclinou-se no banco e abraçou-a para tentar apagar os momentos maus que ambas precisavam esquecer. Sundance se refugiou naquele abraço e ficaram um longo tempo imóveis, deixando todo o espaço que tinham dentro de si aberto para aquela corrente de emoções, cada uma delas apertando na mão a passagem de volta de uma longa viagem.

Vivien sentiu a voz soluçante da sobrinha chegar de um ponto impreciso entre seus cabelos.

— Oh, Vunny, sinto muito pelo que fiz. Sinto muito mesmo. Não era eu, não era eu, não era eu... Continuou a repetir aquelas palavras, até que Vivien apertou-a ainda mais forte e apoiou uma

mão em sua cabeça. Sabia que era um momento importante de suas vidas e pediu que quem quer que fosse responsável pelas existências dos homens a ajudasse a encontrar as palavras certas.

— Pssiiiiu! Já passou. Isso tudo é passado.

Disse aquela frase duas vezes, para convencê-la e para convencer a si mesma.

Vivien continuou a abraçá-la, até que os soluços de Sundance se acalmaram. Quando se separaram, Vivien abriu o porta-luvas e tirou uma caixinha de lenços de papel.

Estendeu para a moça.

— Tome. Se a gente não parar, esse carro vai virar um aquário.

Disse a frase brincalhona para aliviar a tensão e selar aquele novo pacto entre elas.

Sundance esboçou um sorriso. Pegou um lenço e enxugou os olhos.

Vivien fez a mesma coisa.

A voz decidida da sobrinha surpreendeu-a enquanto enxugava os olhos.

— Tinha um homem.

Vivien ficou à espera. Em silêncio. A pior coisa a fazer seria demonstrar impaciência e apressar suas confidências. Sundance prosseguiu sem necessidade de encorajamentos.

Agora que o muro tinha caído, parecia que todas as coisas obscuras escondidas do outro lado tivessem urgência de reencontrar a luz do sol.

— Um sujeito que conheci e que me passava as coisas. Que organizava... A voz da menina vacilou. Vivien compreendeu que ainda era difícil para ela pronunciar certas palavras e usar certas expressões.

— Lembra do nome dele? — Não sei o nome verdadeiro, mas todo o mundo o chamava de Ziggy Stardust. Acho que era um apelido.

— Sabe onde ele está? Tem o número de telefone? — Não. Só o vi uma vez. Depois, era ele quem ligava sempre.

Vivien respirou profundamente para acalmar as batidas de seu coração. Já sabia contra o que teria que lutar nos próximos dias. Contra a própria raiva e os próprios instintos.

Contra o desejo de localizar aquele escroto, entrar no antro onde vivia e descarregar a pistola em cima dele até a última bala.

Olhou para a sobrinha. Pela primeira vez, o olhar que recebeu em troca não tinha sombras. Agora sabia que podia falar com ela de um jeito novo e ela entenderia.

— Está acontecendo alguma coisa nessa cidade. Alguma coisa ruim que talvez custe muitas vidas humanas. Por isso, toda a polícia de Nova York está em alerta. É por isso também que tenho uma reunião hoje à noite no distrito. Para tentar evitar que o que acabou de ocorrer ocorra novamente.

Deu um tempo para que assimilasse o que disse e para prepará-la para o que diria em seguida.

— Mas posso lhe prometer uma coisa. Não vou sossegar enquanto não deixar esse homem sem chances de fazer mal a alguém. Nunca mais.

Sundance fez apenas um gesto afirmativo com a cabeça. Naquele momento, elas não tinham necessidade de mais nada. Vivien ligou o motor e dirigiu o carro para a Joy, que ainda seria a casa de sua sobrinha por algum tempo. Estava ansiosa para falar com o reverendo McKean sobre os progressos que ela tinha feito, mas enquanto deslizava no trânsito não conseguiu afastar outra ideia fixa do pensamento. Quem quer que fosse aquele fantasmagórico Ziggy Stardust, teria a vida transformada num inferno.

17

VIVIEN CRUZOU A PORTA DE VIDRO e entrou no distrito.

Deixou do lado de fora uma esplêndida manhã de céu azul e sol que ela não tinha a menor vontade de seguir. Viu-se no grande ambiente incolor com a parede de ladrilhos que um dia foram brancos. Em geral, era um lugar familiar, um local de fronteira bem no meio da civilização, onde ela ainda conseguia encontrar um sentido de casa, que em algum momento se perdera.

Mas hoje era diferente. Hoje havia alguma coisa estranha no ar e, dentro dela, uma sensação de inquietude e uma expectativa elétrica que não conseguia definir. Leu em algum lugar que, em tempos de paz, o guerreiro deve lutar contra si mesmo. Perguntou-se que tipo de guerra teriam de lutar nos tempos que viriam. E quanto espaço sobraria para os pequenos e os grandes conflitos interiores de cada um.

Em um distrito policial, a paz não era uma expectativa, era um sonho.

Cumprimentou com um gesto da mão os agentes de serviço atrás do balcão e cruzou a porta que levava para o andar de cima. Começou a subir a escada, deixando atrás de si a sala de reuniões onde, na noite anterior, o capitão Alan Bellew fez um relato da situação diante de todos os homens que não estavam de serviço no momento da explosão.

Apoiado em sua escrivaninha, colocou-os a par do cenário que teriam de enfrentar.



— Como todos já entenderam, é uma história terrível. Está confirmado que a explosão do prédio da Rua 10 foi resultado de um atentado. Os especialistas encontraram traços de explosivos. Da pior espécie, ou seja, TNT misturado com napalm. É o único detalhe que ainda não chegou ao conhecimento da imprensa, mas, como sempre acontece, vai chegar logo. Quem fez isso queria o máximo

de destruição, unindo o efeito incendiário ao poder dilacerante. O edifício foi minado com uma precisão cirúrgica. Como os terroristas fizeram para conseguir distribuir as cargas tão cuidadosamente sem dar na vista ainda é um mistério. É desnecessário dizer que todos estão trabalhando juntos: FBI, NSA e todo o resto. E nós, claro. Bellew fez uma pausa.

— Hoje de manhã, na primeira reunião no gabinete do chefe, estavam também o prefeito e dois figurões vindos de Washington na qualidade de representantes do presidente. O nível do indicativo de Condições de Prontidão de Defesa, o Defcon, subiu para estado de alarme em escala nacional. Isso significa que todas as bases e aeroportos militares estão em pé de guerra. A CIA está trabalhando para tentar descobrir o que está acontecendo. Só estou dizendo isso para explicar como está batendo o coração da América nesses dias.

Vincent Narrow, um detetive alto e robusto sentado na primeira fila, levantou a mão. O capitão lhe concedeu a palavra com um gesto.

— Alguém reivindicou alguma coisa? Todos estavam se perguntando a mesma coisa. Apesar do tempo transcorrido, os fantasmas de 11 de setembro estavam bem longe de desaparecer.

Bellew sacudiu a cabeça.

— Absolutamente nada. Por enquanto, tudo o que sabemos é exatamente o que a TV disse.

Al-Qaeda se eximiu num comunicado na internet. Dizem que não foram eles. Os especialistas em informática estão verificando a confiabilidade da mensagem. Existe sempre a possibilidade de outros grupos de fanáticos de vários tipos, mas em geral costumam ser muito rápidos ao reivindicar o mérito de seus feitos.

Outra pergunta chegou do fundo da sala.

— Alguma pista? — Nem sombra. Com exceção da combinação pouco usual de dois explosivos.

Por fim, Vivien fez a pergunta cuja resposta todos tinham medo de saber.

— Quantas vítimas? O capitão suspirou antes de responder.

— Mais de noventa até o momento. Por sorte, o número de vítimas foi limitado pelo fato de ter acontecido no sábado à noite.

Muita gente viajou no fim de semana ou saiu para jantar. Mas tudo indica que esse número ainda vai aumentar. Alguns sofreram queimaduras horríveis. Muitos dos feridos não vão conseguir sobreviver.

O capitão deu alguns instantes aos presentes para que assimilassem aquelas cifras. E para que a memória pudesse juntá-las às imagens que as televisões do mundo inteiro estavam transmitindo naquele momento.

— Não é o massacre de 11 de setembro, mas é possível que seja só o começo, tendo em vista a habilidade e a experiência que os terroristas demonstraram. A exortação que posso fazer a todos é que fiquem de olhos bem abertos e de orelhas em pé. Prossigam com as investigações que estão sob suas responsabilidades, mas enquanto isso não negligenciem nada, nem o detalhe mais insignificante.

Divulguem isso entre seus informantes. Se necessário, estamos autorizados a prometer recompensas de todo tipo, do dinheiro ao perdão de alguns crimes, para quem fornecer informações úteis.

Pegou algumas fotos no tampo da escrivaninha e exibiu para os homens.

— Foram feitas nos arredores do local do atentado. Ficarão expostas no painel lá de cima. Em geral, os maníacos gostam de ver as consequências de suas barbaridades. Talvez não sirvam para nada, talvez sirvam. Em todo caso, deem uma olhada. Nunca se sabe de onde pode vir um indício.

Por enquanto, isso é tudo.

A reunião foi encerrada e os presentes saíram comentando os fatos. Alguns voltaram para suas casas, outros se espalharam pela cidade para viver aquele resto de domingo. Todos com mais uma ruga no rosto, que não estava lá quando chegaram.

Vivien, que desceu do Bronx diretamente para o distrito, pegou seu carro no estacionamento e, de má vontade, seguiu o tráfego indolente até em casa. No dia seguinte, a cidade acordaria e recomeçaria sua furiosa corrida para não se sabe onde, guiada pelo costumeiro e desconhecido por quê.

Mas, por enquanto, ela estava calma e tinha tempo para pensar. E era exatamente disso que precisava. Assim que chegou, tomou um banho e se enfiou diretamente na cama, tentando ler um livro. Durante o resto da noite, dormiu pouco e mal. Era a angústia causada pelas palavras do capitão e pelo que testemunhara junto com Sundance. Além disso, o comportamento de padre McKean quando se encontraram na Joy a deixou perplexa. Falou com ele sobre os progressos na relação com a sobrinha, sobre o modo como ela estava se abrindo e sobre os novos rumos de seu relacionamento. A resposta que obteve não foi a que esperava. O sacerdote recebeu as notícias com um sorriso morno e palavras que pareciam antes de formalidade do que de felicidade por um resultado que perseguiram fazia tempo. Não parecia mais a pessoa que aprendera a conhecer e a admirar desde o primeiro minuto. Várias vezes, desviou a conversa para os atentados, pedindo informações sobre as circunstâncias, o número de vítimas, as investigações. Vivien experimentou uma estranha sensação de mal-estar, ambígua, alguma coisa que padre McKean carregava consigo e que passou para ela.



Vivien chegou finalmente à sala onde ficavam as escrivaninhas dos detetives. Só dois colegas estavam em seus lugares. O Plaza estava vazio.

Cumprimentou com um aceno que incluía todos e nenhum. Naquele momento, a camaradagem que em geral enchia aquela sala tinha sumido. Todos estavam silenciosos e cada um parecia seguir algum pensamento particular.

Sentou-se em sua cadeira, ligou o computador e clicou o mouse. Quando o monitor lhe deu acesso, entrou no link da base de dados da polícia, digitou seu nome de usuário e sua senha e, assim que entrou no programa, o nome de Ziggy Stardust. Alguns segundos depois, apareceu a foto de um homem com sua ficha policial. Ficou surpresa ao ver-se diante de um rosto anônimo, de aparência inócua, uma daquelas pessoas que são encontradas e logo esquecidas. Um perfeito produto do nada.

— Aí está você, seu filho da puta.

Leu com bastante rapidez todos os feitos de que Zbigniew Malone, aliás, Ziggy Stardust, foi protagonista. Vivien conhecia aquele tipo de gente: um delinquente de meia- tigela, um daqueles que passam a vida inteira flutuando nas bordas da legalidade sem nunca ter a capacidade ou a coragem de enfrentar o mar aberto. Um ser que nem entre as pessoas de sua espécie conseguia gozar de um centavo de estima. Foi preso várias vezes, por diversos crimes. Pequenos roubos, tráfico, exploração da prostituição e outras gracinhas. Cumpriu alguns anos de prisão, bem menos do que Vivien esperava, considerando seu currículo.

Leu o endereço do indivíduo e viu que morava no Brooklyn. Conhecia um detetive do 67º Distrito, um sujeito esperto e disponível com quem já colaborara numa investigação.

Pegou o telefone e se colocou em contato com o distrito do Brooklyn. Apresentou-se ao telefonista e pediu para falar com o detetive Star. Pouco depois, a voz do colega chegou a seus ouvidos, ligeiramente gutural, exatamente como recordava.

— Star.

— Oi, Robert. É Vivien, do 13º.

— Oi, delícia do gênero humano. A que devo a honra? — Lisonjeada com a definição, embora o gênero humano não pense assim. Talvez você não faça parte dele.

O som da risada de Star chegou a seus ouvidos.

— Vejo que não mudou. E então, o que manda? — Preciso de uma informação.

— Diga.

— O que me diz de um sujeito conhecido como Ziggy Stardust? — Poderia dizer um monte de coisas, mas a primeira que me vem à cabeça é que está morto.

— Morto? — Exatamente. Assassinado. Esfaqueado, para ser mais preciso. Foi encontrado ontem em seu apartamento, estendido no chão, num rio de sangue. A necropsia revelou que a morte ocorreu no sábado. Era peixe pequeno, mas alguém decidiu que não merecia viver.

A gente costumava usá-lo como informante de vez em quando.

Vivien acrescentou a qualificação de dedo-duro às outras que Ziggy Stardust já possuía. Isso explicava a complacência da polícia em relação a ele. Em geral, em troca de informações de certa relevância, fechava-se o olho para determinadas atividades ilícitas de pouca monta.

— Pegaram o assassino? Ela queria acrescentar que, no caso, iria pessoalmente à prisão para lhe dar uma medalha, mas se conteve.

— Com os contatos que o canalha tinha, não vai ser fácil. E, para ser honesto, não deixa ninguém que chore por ele. Estamos tratando disso, mas, com tudo o que está acontecendo, a caça a quem o tirou do mundo certamente não é prioridade absoluta.

— Acredito. Mantenha-me informada. Se for necessário, posso explicar meus motivos.

— Está bem. Tchau.

Vivien desligou e ficou um segundo remoendo as notícias que acabara de receber. Em seguida, resolveu imprimir a ficha que estava na tela. Levantou e chegou diante da impressora ligada em rede no exato momento em que a folha impressa saía. Pegou-a, voltou a seu lugar e colocou-a na escrivaninha. Tinha intenção de mostrá-la a Sundance, para que confirmasse se era mesmo o homem que mencionou. Não conseguia sentir vergonha do pequeno e mesquinho sentimento de euforia que carregava no peito. O triste fim de Ziggy Stardust era a prova de que a vingança e a justiça às vezes coincidem. Aquilo que havia prometido à sobrinha verificou-se bem antes do previsto. O único lamento de Vivien era de não ter nenhum mérito naquilo.

Brett Tyler, seu colega, surgiu naquele instante vindo do banheiro que ficava ao lado do Plaza. Era um tipo obscuro e sólido, de caráter mais obstinado que brilhante. E de maneiras bastante rudes com quem não merecia outro tipo de tratamento. Vivien já o vira em ação e era obrigada a reconhecer que, quando queria, sabia ser extremamente eficiente.

Tyler se aproximou de sua escrivaninha.

— Oi, Vivien. Tudo bem? — Mais ou menos. E você? O detetive abriu os braços num gesto resignado.

— Esperando ansiosamente que Russell Wade preste testemunho sobre o circuito de cassinos clandestinos. Um verdadeiro thriller matinal... Vivien reviu a figura amarrotada de Wade saindo do distrito na companhia do advogado. Pensou no comentário do capitão quando os dois passaram diante deles. Em sua vida desregrada, definida por Bellew como uma autêntica tentativa de autodestruição.

— Foi você quem fez aquele estrago na boca do Wade? — Fui. E se posso lhe fazer uma confidência, senti um pouco de prazer. Não gosto nem um pouco daquele sujeito.

Vivien não teve tempo de replicar, pois naquele exato momento o sujeito em questão apareceu na porta, acompanhado de um agente uniformizado. Vivien reparou que ele tinha se recuperado em relação à última vez, embora o lábio ainda exibisse a marca do tratamento especial de Brett Tyler.

— Falando no diabo... — disse baixinho o colega a seu lado.

Wade veio na direção deles, enquanto o agente desaparecia por onde tinha vindo.

Chegou mais perto e ficou de pé na frente de Tyler, que nada fez para se mostrar cordial, à parte um cumprimento tão formal que era vagamente sarcástico.

— Bom dia, sr. Wade.

— O senhor tem algum motivo para que o seja? — Na verdade, não. Para nenhum dos dois.

O homem se virou para Vivien, que estava sentada ao lado deles. Não disse nada, só ficou um instante olhando para ela. Depois seu olhar se afastou e caiu sobre a foto que estava na escrivaninha. Logo em seguida, seus olhos voltaram a procurar os de Tyler.

— E então, vamos tentar resolver essa história rapidamente? O tom da pergunta era vagamente provocativo. Tyler aceitou o desafio.

— Não trouxe o advogado? — Por que, tem intenção de me dar outro soco? Vivien podia jurar que viu uma luz divertida no olhar

de Russell Wade. Talvez Tyler também tenha visto, pois fechou a cara. Ficou de lado e indicou um ponto à direita.

— Por aqui, por favor.

Enquanto caminhavam para a escrivaninha de Tyler, um meio sorriso ficou pairando na boca de Vivien por alguns instantes devido ao duelo verbal entre os dois. Depois voltou a atenção para a pasta relativa ao caso do cadáver encontrado murado na Rua 23, que estava em sua mesa. Abriu e encontrou o relatório da necropsia e uma cópia das fotos que tinham encontrado no porta-documentos que estava no chão, ao lado do corpo.

Apesar do desejo do capitão de tratar de todos os crimes ocorridos em seu território de competência, estava razoavelmente certa de que o caso seria transferido para o Cold Case.

Por isso, leu o documento redigido pelo legista rapidamente e sem muito interesse.

Confirmava, em termos técnicos, as causas da morte que o médico-legista antecipara in loco com palavras mais acessíveis. A data da morte remontava a cerca de quinze anos antes, com possibilidades de certa imprecisão, em virtude das condições do local em que o corpo fora conservado. A análise dos restos das roupas ainda não tinha chegado e o exame da arcada dentária estava em curso. O cadáver não apresentava sinais particulares, à exceção da marca de uma fratura consolidada no úmero e na tíbia direitos e uma tatuagem no ombro, ainda visível apesar do tempo transcorrido. Havia uma reprodução fotográfica do desenho anexada à pasta. Era uma Jolly Roger, a bandeira dos piratas, com a caveira e as tíbias cruzadas. Um desenho bastante comum, em seu gênero. Abaixo dele havia uma inscrição: THE ONLY FLAG traçada com caracteres que combinavam com a imagem. Vivien pensou no significado daquela inscrição e na ironia da vida. Paramentar-se com aquela que, segundo ele, era a única bandeira possível, não salvou aquele homem de um triste fim. No entanto, aquela tatuagem podia ser sua única e fugaz indicação para chegar à identificação do cadáver, se por acaso pertencesse a algum grupo ou associação particular.

A documentação acabava por ali, junto com qualquer pista posterior que pudessem obter.

O trabalho de investigação seria bastante tedioso. Uma pesquisa no DOB, o Department of Buildings, sobre os dois prédios demolidos.

Os depoimentos dos proprietários e dos inquilinos.

As denúncias de pessoas desaparecidas em datas próximas àquela.

Largou o relatório e pegou as duas fotos. Examinou longamente o rapaz de uniforme, apumado diante de um tanque, protagonista de uma guerra antes de vergonha que de glória. Depois passou para a foto em que ele estendia para a objetiva aquele estranho gato de três patas. Perguntou-se o porquê daquela anomalia ou mutilação e respondeu que provavelmente nunca saberia. Colocou tudo dentro da pasta, fina demais para ser chamada de dossiê, e apoiou-se no encosto da cadeira. Tinha de escrever um relatório, mas estava sem vontade.

Levantou, atravessou a sala e foi até o espaço onde ficava a máquina de café. Apertou os botões certos e ordenou a seu barman mecânico um café com leite sem açúcar. No mesmo instante em que o líquido quente acabava de encher o copo de papel, Russell Wade apareceu a seu lado. Não estava com ar de quem queria um café.

Vivien pegou o copo e virou-se para ele.

— Já acabou com seu carcereiro? — Com ele, sim. Agora preciso falar com a senhora.

— Comigo? A respeito de quê? — Da foto daquele homem, que estava em cima da sua escrivaninha.

Um pequeno sinal de alerta se acendeu no cérebro de Vivien. Eram sua experiência e sobretudo seu talento que costumavam acioná-lo. E raramente se enganavam.

— E então? — Eu o conheci.

Vivien notou que o verbo tinha sido conjugado no passado.

— Já soube que foi morto? — Sim, soube.

— Se tem informações relacionadas com aquele homem, posso colocá-lo em contato com os detetives encarregados da

investigação.

Wade hesitou.

— Vi a foto em sua escrivaninha e pensei que estivesse tratando do caso.

— Não. São os meus colegas do Brooklyn. A foto estava em minha escrivaninha por motivos totalmente casuais.

O homem achou que era o momento de precisar as coisas.

— Em todo caso, o centro da questão não é a morte de Ziggy. Não totalmente, pelo menos. Há um outro motivo muito mais importante. Mas gostaria de falar em particular com você e com o responsável pelo distrito.

— O capitão Bellew está muito ocupado no momento. E peço que acredite que não falo só por falar.

Ele fez uma pausa, fitando-a nos olhos. Vivien lembrou-se do momento em que passou diante dela de carro, no dia em que foi solto. Da sensação de tristeza e solidão que lhe transmitiu. Não tinha nenhum motivo para gostar daquele homem, porém, mais uma vez, não conseguiu ficar insensível diante da profundidade daquele olhar.

A voz de Russell Wade chegou tranquila a seus ouvidos.

— Se lhe dissesse que tenho uma pista importante para chegar à pessoa que explodiu aquele prédio do Lower East Side, acha que o capitão Bellew poderia encontrar um minuto para mim?

18

ESTAVA SENTADO NUMA CADEIRA DE PLÁSTICO de uma saleta de espera no segundo andar do 13º Distrito Policial. Uma sala anônima, de paredes desbotadas — testemunhas de histórias que, da mesma forma, se desbotaram com o tempo. Mas seu tempo era hoje e sua história pertencia ao presente. Que muitas vezes era um momento difícil de ser vivido.

Levantou-se e foi até a janela que dava para a rua.

Homens e mulheres e automóveis percorriam aquela primavera quente e cheirando a vento e a folhas novas. Como sempre, quando o inverno parecia sem fim, o frio, sem alternativa e o cinza, a única cor possível, aquele renascimento chegava como uma surpresa para impedir que a confiança se transformasse numa ilusão definitiva.

Colocou as mãos nos bolsos e, para o bem e para o mal, sentiu-se parte do mundo.

Depois da descoberta feita na casa de Ziggy, depois de ter lido a folha que ele lhe entregara antes de morrer e de ter compreendido com espanto do que se tratava, passou o sábado e o domingo numa longa e atormentada reflexão. Interrompida pelos noticiários televisivos, pela leitura dos jornais e pelas imagens do homem ensanguentado que morreu praticamente em seus braços.

Por fim, tomou uma decisão.

Não sabia se era a decisão certa, mas finalmente era uma decisão sua.

Naquela situação difícil e incerta, uma única coisa estava clara agora: naquele momento de sua vida, alguma coisa tinha chegado ao fim e alguma coisa estava por começar. E faria tudo o que estivesse em seu poder para que fosse alguma coisa justa e importante. Por uma estranha ironia do destino, no momento em que se viu sozinho diante de uma enorme responsabilidade, o nó que carregava dentro de si havia anos se desfez, como se o barco

precisasse de uma verdadeira tempestade para ser capaz de navegar.

Num primeiro momento, tomado pela dúvida e pelo desconforto, ficou se perguntando o que Robert Wade teria feito em seu lugar. Depois, entendeu que estava se fazendo a pergunta errada. O importante era descobrir e decidir o que ele deveria fazer. E finalmente deu as costas para o espelho no qual, por mais que buscasse o próprio rosto durante anos a fio, só enxergava a imagem de seu irmão.

Passou toda a noite de domingo para segunda deitado na cama, olhando o teto, que era uma tela clara na penumbra. As luzes e as vozes da cidade além da vidraça lhe recordavam que todos estavam sozinhos, mas que, na realidade, ninguém estava só de verdade.

Bastava procurar. A coisa mais difícil de descobrir não era quem, não era como. Era o lugar. E quase sempre era mais perto do que se pensava. Quando a manhã apagou os letreiros e os lampiões e acendeu a luz do sol, levantou-se. Tomou um banho que apagou completamente qualquer traço de cansaço pela noite insone.

Estava no banheiro, nu diante do espelho. Agora, na superfície polida via seu corpo e seu rosto. Agora sabia quem era e sabia também que, se precisava provar alguma coisa, era para si mesmo e para mais ninguém.

E o mais importante: agora não tinha mais medo.

A porta se abriu às suas costas. Na soleira apareceu a moça que se apresentou como a detetive Vivien Light. Quando foi solto e saiu do distrito com o advogado Thornton, poucos dias atrás, poucos? estava passando de carro e a viu na frente da porta de vidro, imóvel como se estivesse indecisa entre descer os degraus ou não. O carro passou diante dela e seus olhos se cruzaram. Um momento, um breve olhar em que não havia julgamento e não havia condenação. Só uma sensação de estranha compreensão que Russell não esqueceu.

Naquele momento, não sabia que era uma agente da polícia, mas quando a encontrou sentada atrás de uma escrivaninha no

distrito com a foto de Ziggy ao lado, entendeu que talvez fosse a pessoa certa com quem falar.

Logo descobriria se aquele talvez se transformaria numa certeza.

A moça ficou de lado e indicou o corredor.

— Vamos.

Russell a seguiu até uma porta de vidro esmerilado na qual havia a inscrição Capitão Alan Bellew pintada com mão firme em letras cursivas. Para Russell, lembrava certas imagens de filmes policiais em preto e branco dos anos 1940. A detetive empurrou a porta sem bater e encontraram-se num gabinete de móveis nada austeros.

Fichários nas paredes à esquerda, um armário à direita, uma mesinha de madeira com uma máquina de café em cima e duas poltroninhas. Paredes pintadas com uma tinta de cor indefinível. Um par de quadros bastante discutível e algumas plantas cercadas pelas correntes de um porta-vasos de ferro batido.

Atrás da escrivaninha, posicionada bem na frente da porta, havia um homem. Russell não conseguia enquadrá-lo bem por causa da contraluz da janela, um pouco suavizada pelas venezianas.

O homem indicou uma cadeira diante da escrivaninha.

— Sou o capitão Bellew. Sente-se, sr. Wade.

Russell sentou-se na cadeira e a moça se deslocou para o lado, um pouco afastada, em pé. Ela o observava com curiosidade, coisa que o capitão não deixava transparecer.

Russell decidiu que aquele era um homem que sabia o que fazia. Não um político, mas um policial, alguém que ganhou patentes e postos com resultados no campo de trabalho e não com relações públicas.

Bellew recostou-se na cadeira.

— A detetive Light me disse que o senhor presume que tem informações importantes para nós.

— Não presumo. Eu tenho.

— Veremos. Por ora, vamos começar do início. Fale de sua relação com esse Ziggy Stardust.

— Queria falar primeiro da minha relação com o senhor.

— Como? — Sei que em casos como este o senhor tem um amplo poder discricionário sobre as concessões a serem feitas a quem fornece elementos úteis às investigações. Tem à disposição dinheiro e toda uma série de outros privilégios. Até mesmo imunidade, se necessário.

O rosto do capitão se tornou sombrio.

— Está querendo dinheiro? Russell Wade sacudiu a cabeça. Um meio sorriso surgiu em seus lábios.

— Até dois dias atrás uma oferta dessas teria me seduzido, talvez até me convencido... Inclinou a cabeça e fez uma pausa, deixando a frase no ar como se tivesse uma lembrança ou um pensamento repentinos a seguir. Depois ergueu a cabeça.

— Mas hoje é diferente. Só quero uma coisa.

— Seria lícito perguntar o quê? — Quero exclusividade. Quero seguir as investigações de perto em troca do que vou lhe dar.

O capitão ficou um instante pensando. Quando falou, escandiu bem as palavras, como se estivesse expressando um conceito que precisava ser sublinhado de maneira muito precisa.

— Sr. Wade, diria que o senhor não se apresenta aqui munido das melhores referências.

Russell fez um gesto vago com a mão. E adequou-se ao tom de seu interlocutor.

— Capitão Bellew, minha história é de domínio público. Todos sabem que, no passado, recebi um Prêmio Pulitzer que não merecia e que me foi justamente retirado.

Não nego tais circunstâncias, apenas as conheço um pouco melhor que todos. Minhas responsabilidades pelo que fiz no passado não admitem desculpas, no máximo explicações. Mas não me parece o momento certo para isso. Peço-lhe que acredite que o que tenho a dizer é muito importante, mesmo que, como falei, eu não apresente as melhores credenciais.

— E por que deseja isso? Russell se deu conta que era uma pergunta cuja resposta seria determinante. Para o resto da conversa e para o resto de sua vida. Ele a daria para o homem que

estava na sua frente, mas, ao mesmo tempo, também e definitivamente para si mesmo.

— Poderia listar uma longa série de motivos. Mas na realidade o que desejo mesmo é deixar de ser covarde.

O silêncio caiu sobre a sala.

O capitão fitou-o longamente nos olhos. Russell sustentou seu olhar sem nenhum esforço.

— Poderia detê-lo como suspeito pelo assassinato de Ziggy Stardust.

— Com certeza tem poder para tanto, mas acho que não o fará.

Considerou que seria oportuno dar um esclarecimento, de modo que sua afirmação não parecesse fruto de pura presunção.

— Capitão, não sou um chacal. Se quisesse dar um furo, iria procurar o The New York Times, mesmo com as dificuldades que se pode imaginar. Mas, acredite, isso deixaria a cidade inteira em pânico. No mais absoluto pânico. E não tenho a mínima intenção de jogar com a vida de milhares de pessoas. Porque isso envolve... Fez uma breve pausa, encarando, primeiro uma, depois a outra, as duas pessoas que estavam na sala.

— ... a vida de milhares de pessoas.

Repetiu a última frase para que a ideia ficasse tão clara na mente deles quanto estava na sua. Em seguida, reforçou-a com uma informação que não sabia se era mais difícil de transmitir ou de aceitar.

— A explosão de sábado, se eu estiver certo, será apenas a primeira de uma longa série.

Levantou-se e deu alguns passos pela sala.

— Por uma série de motivos, um dos quais é o acaso, resolvi falar sobre isso com a detetive Light e com o senhor. Mas não é minha intenção reter comigo informações que poderiam salvar a vida de tantas pessoas. Poderia ir ao FBI, mas acho que é melhor que tudo parta daqui, desta sala.

Parou novamente diante da escrivania. Apoiou as mãos no tampo da mesa e inclinou levemente o corpo na direção do homem que estava do outro lado.

Agora era ele quem buscava o olhar do capitão.

— Para mim, basta a sua palavra de honra de que vai permitir que eu siga as investigações de perto.

Russell sabia que sempre existia alguma rivalidade entre os vários organismos de investigação. E sabia que isso atingia o ápice quando se tratava da polícia de Nova York e do FBI. O capitão Bellew tinha todo o jeito de ser um bom investigador e uma boa pessoa. Mas não deixava de ser humano. A ideia de que seu distrito pudesse resolver aquela história e gozar dos méritos daí decorrentes podia ser um elemento de peso.

O capitão indicou a cadeira.

— Sente-se.

Russell voltou à cadeira. O capitão Bellew esperou que se acomodasse antes de começar a falar.

— Certo. Tem a minha palavra de honra de que, se o que tem a dizer for mesmo interessante, providenciarei para que possa acompanhar as investigações. Mas se estiver apenas desperdiçando nosso tempo, vou jogá-lo escada abaixo pessoalmente com um belo chute no traseiro.

Uma pausa e um olhar para ratificar o pacto e suas possíveis consequências.

— Agora fale.

O capitão fez um gesto para Vivien, que até então se manteve em silêncio em sua posição ao lado da escrivanhinha, parada, prestando atenção na conversa. Russell compreendeu que, daquele momento em diante, seria ela quem conduziria as operações.

E foi o que fez.

— O que Ziggy Stardust tem a ver com você? — Estive em sua casa por motivos pessoais no sábado à tarde.

— Que motivos? Russell Wade deu de ombros.

— Vocês me conhecem. E creio que também conhecem Ziggy e o que fazia. Posso dizer que o motivo não tem importância no momento? — Prossiga.

— Ziggy morava num subsolo. Quando cheguei na casa dele e virei a esquina no final da escada, vi uma pessoa com uma

jaqueta militar subindo outra escada, do outro lado do corredor, com certa pressa. Pensei que fosse um dos muitos clientes de Ziggy que não via a hora de sumir dali.

— Poderia reconhecê-lo? Russell percebeu a transformação da moça e ficou impressionado de maneira bastante favorável. De simples espectadora transformou-se na pessoa que conduzia as perguntas com uma atitude de quem sabia o que estava fazendo.

— Acho que não. Não vi seu rosto. O físico era bastante comum. Poderia pertencer a qualquer pessoa.

— E o que fez em seguida? — A porta de Ziggy estava aberta. Entrei e ele ainda estava vivo, coberto de sangue por todo o lado. Nas calças e na parte da frente da camisa. Também pingava sangue pela boca. Estava tentando se levantar e chegar à impressora.

O capitão interveio para esclarecer esse detalhe.

— A impressora? Russell balançou a cabeça afirmativamente.

— Foi o que fez. Também me perguntei o porquê daquilo. Agarrou-se a mim e apertou um botão da impressora, na qual piscava um led cor de laranja, como acontece quando acaba o papel e a máquina entra em stand-by.

— E então? — Com suas últimas forças, Ziggy pegou uma folha recém-impressa e colocou na minha mão. Depois escorregou para o chão e morreu.

Russell deu um tempo antes de continuar. Nenhum dos dois policiais disse ou fez nada para apressá-lo.

— Diante disso, comecei a entrar em pânico. Enfiei a folha no bolso do paletó e fugi.

Sei que deveria ter chamado a polícia, mas o medo das consequências ou de que o assassino retornasse ao local levou a melhor. Quando cheguei a casa, vi a explosão no Lower East Side pela janela de meu apartamento e esqueci o assunto. Quando consegui me acalmar e voltei ao controle de mim mesmo, fui ver a tal folha. Era a cópia de parte de uma carta mais longa, pois começa e termina com uma frase pelo meio, escrita à mão. Foi um pouco difícil de ler por causa das manchas de sangue que tinha.

Russell parou de novo. Seu tom mudou e sua voz se transformou na voz de um homem que não conseguia, apesar de tudo, render-se às evidências.

— Tive que ler duas vezes antes de captar o sentido daquelas palavras. E quando consegui entender, confesso que foi como se o mundo caísse em cima de mim.

— E o que tinha de tão relevante? Russell Wade enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou uma folha dobrada em quatro. Estendeu-a para a moça.

— Aqui está. É uma cópia do original. Leia você mesma.

Vivien pegou a folha, abriu e começou a ler. Quando chegou ao fim, seu rosto estava pálido e seus lábios apertados. Sem uma palavra, passou a folha para o capitão, que começou por sua vez a percorrer as linhas.



E por isso fui embora. Portanto, agora você sabe quem sou e de onde venho, da mesma forma como fica sabendo quem você é. Minha história, como pode ver, não é muito longa, pois depois de certo ponto não há muito o que dizer. Mas foi difícil de contar, porque foi difícil de viver. Não pude, em vida, deixar nada para ninguém. Preferi guardar meu rancor e meu ódio para mim. Agora que o câncer fez seu trabalho e já estou do outro lado, posso lhe deixar alguma coisa, como todo pai deveria fazer com seu filho e como eu deveria ter feito há muito tempo, mas não pude. Não tenho muito dinheiro. Tudo o que tinha, descontadas as despesas de meu funeral, está aqui neste envelope, em notas de mil dólares. Tenho certeza de que vai saber usá-las. Por toda a minha vida, antes e depois da guerra, trabalhei na construção civil. Aprendi bem jovem, quando era empregado de um homem que foi como um pai para mim, a usar explosivos para demolições. O exército me ensinou o resto.

Durante todo o tempo em que trabalhei em Nova York, escondi algumas bombas em muitos dos locais em que trabalhei. TNT e napalm que, para minha desgraça, acabei conhecendo muito bem.

Gostaria de explodi-los pessoalmente, mas se você está lendo estas palavras, significa que minha falta de coragem e a vida não quiseram assim. Anexados a esta carta encontrará os endereços dos prédios minados e o modo de detonar as bombas em meu lugar. Se o fizer, terá me vingado. Do contrário, continuarei a ser uma das tantas vítimas da guerra que não tiveram o conforto da justiça. Meu conselho é que decore os endereços e os dados técnicos e que, em seguida, destrua essa carta. O primeiro edifício fica no Lower East Side, na Rua 10, esquina com a Avenida D. O segundo * * * O texto terminava assim. Quando acabou de ler, o capitão também estava pálido. Pôs a folha em cima da escrivaninha. Apoiou os cotovelos no tampo da mesa e escondeu o rosto nas mãos. Sua voz estava alquebrada quando fez a última e humana tentativa de se convencer de que aquilo que acabara de ler não era verdade.

— Sr. Wade, isso poderia ter sido escrito pelo senhor. Quem garante que não se trata de mais um de seus lapsos? — O TNT e o napalm. Já verifiquei. Ninguém mencionou isso — nem a TV, nem os jornais. Posso deduzir que esse detalhe ainda não chegou ao conhecimento da mídia. Se confirmar que os explosivos são esses, acho que tenho prova suficiente.

Russell havia falado com a detetive, que estava pálida e parecia não ter condições de se recuperar. Todos na sala pensavam a mesma coisa. Se o que estava escrito naquela carta fosse verdade, isso significava que havia uma guerra em curso. E o homem que a começou tinha sozinho o poder de um pequeno exército.

— E tem uma outra coisa, que não sei se poderá ser útil.

Russell Wade enfiou a mão no bolso interno do paletó novamente. Dessa vez, sacou uma foto manchada de sangue e estendeu-a para a detetive.

— Junto com a folha, Ziggy me entregou isso.

A moça pegou a foto e ficou um instante observando a imagem. Depois, pareceu ter sido atingida por um choque elétrico.

— Esperem um segundo. Volto já.

Atravessou a sala quase correndo, saiu pela porta e desapareceu no corredor. Quase não deixou tempo a Russell e ao capitão Bellew para questionar o motivo de tal comportamento: um segundo depois, estava de volta com uma pastinha amarela na mão.

Só havia um lance de escada entre sua escrivaninha e o gabinete do capitão. Fechou a porta e aproximou-se da escrivaninha antes de começar a falar.

— Há dois dias, durante uma demolição num canteiro de obras na Rua 23, encontraram um cadáver murado num espaço entre paredes. A necropsia diz que está ali há quinze anos, mais ou menos. Não encontramos nenhuma pista significativa, exceto uma coisa.

Russell achou que o capitão já estava a par de alguns detalhes. Percebeu que a forma como a detetive Vivien Light expunha os fatos era para seu uso e consumo particulares.

Isso significava que estava respeitando o pacto que tinham acabado de firmar.

A moça continuou.

— No chão, ao lado do cadáver, encontramos um portadocumentos com duas fotos.

Aqui estão elas.

Entregou as ampliações em preto e branco que estavam na pasta. Bellew examinou-as por alguns instantes. Quando Vivien teve certeza de que já estavam bem-assimiladas, passou a foto que Russell tinha acabado de lhe entregar.

— E esta é a foto que Ziggy entregou ao sr. Wade.

Assim que colocou os olhos nela, o capitão não conseguiu reter uma exclamação.

— Santo Deus! Continuou a passear os olhos de uma para a outra por um tempo que pareceu interminável. Depois colocou-as em cima da escrivaninha, estendendo-as na direção de Russell. Na primeira, havia um rapaz de uniforme diante de um tanque, numa imagem que poderia ser associada à guerra do Vietnã. Na outra, o mesmo rapaz, à paisana, estendia para a objetiva um grande gato preto que parecia desprovido de uma pata.

Russell entendeu o motivo do comportamento da detetive Light e da surpresa de seu superior. O rapaz e o gato na foto encontrada ao lado do cadáver sepultado há quinze anos eram os mesmos que apareciam na foto que Ziggy Stardust colocara em sua mão antes de morrer.

19

EU SOU DEUS... Desde que o reverendo Michael McKean abrisse os olhos, aquelas três palavras ressoavam continuamente em sua cabeça, como se gravadas numa fita em infinita repetição. Até a noite anterior ainda havia em algum lugar dentro dele uma pequena esperança de que aquilo não passasse de delírio de um louco, de uma inócua autoagressão de uma mente vacilante. Mas a razão e o instinto, que geralmente estavam em conflito, diziam que era tudo verdade.

E à luz do Sol, todas as coisas pareciam mais nítidas e definitivas.

* * * Recordava o final daquela conversa absurda no confessionário, quando o homem, depois de sua terrível afirmação, mudou de tom e tornou-se persuasivo, confidencial. Palavras de ameaça num timbre melado de culpa e inocência.

— Agora vou levantar e partir. E o senhor não vai me seguir, nem tentar me deter. Se o fizer, as consequências serão muito desagradáveis. Para o senhor e para as pessoas que lhe são caras. Pode acreditar em mim, assim como pode acreditar em tudo o que eu disse antes.

— Espere. Não vá. Explique ao menos por que... A voz o interrompeu, mais uma vez firme e precisa.

— Pensei que tivesse sido claro. Não tenho nada a explicar. Apenas coisas a anunciar. E o senhor irá conhecê-las antes de qualquer outro.

O homem continuou em seu delírio como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Dessa vez, juntei a escuridão à luz. Da próxima, juntarei a terra à água.

— O que significa isso? — Vai entender com o tempo. A voz estava carregada de uma ameaça tranquila e inexorável. Com pavor de vê-lo desaparecer de uma hora para

outra, padre McKean lhe fez uma última e desesperada pergunta.

— Por que veio falar comigo? Por que eu? — Porque, mais que qualquer outro, o senhor precisa de mim. Eu sei disso.

Um lapso de silêncio que pareceu infinito por parte daquele homem que se dizia senhor da eternidade. Depois, as palavras definitivas. Seu adeus ao mundo, sem salvação.

— Ego sum Alpha et Omega.

O homem se levantou e partiu quase sem fazer barulho: um sussurro verde das folhagens além da grade, um rosto entrevisto na penumbra. Sozinho, padre McKean, sem fôlego e sem medo, pois o que sentia era tão grande e sem-nome, que não deixava espaço para nenhum outro sentimento.

Saiu do confessionário com o rosto pálido, e quando Paul, o pároco, veio procurá-lo, ficou estarecido diante de seu aspecto sofredor.

— O que houve, Michael. Não está se sentindo bem? Achou inútil mentir. Além do mais, depois daquela experiência, não teria realmente forças para rezar a missa diante dos fiéis do meio-dia. O ritual era um momento de alegria e de conagração e parecia um pecado contaminá-lo com os pensamentos que carregava dentro de si.

— Não, na verdade não estou me sentindo nada bem.

— Certo. Vá para casa, deixe que eu celebre a missa.

— Obrigado, Paul.

O pároco recebeu a visita de algumas pessoas de fora e conseguiu uma carona para o reverendo até a Joy. Uma pessoa que não conhecia, que se apresentou como Willy Del Carmine, lhe indicou para um carro enorme, de cuja cor não conseguia se lembrar direito. Ficou em silêncio durante todo o breve trajeto, olhando pela janela, saindo de seus pensamentos apenas para indicar o caminho ao motorista. Teve dificuldade até para reconhecer a estrada que já percorrera mil vezes.

Quando se viu no pátio ouvindo o barulho do carro que se afastava, percebeu que não tinha agradecido nem cumprimentado a pessoa que fora tão gentil com ele.

John estava no jardim, e quando viu o carro chegar, aproximou-se. Era um homem de uma sensibilidade incomum e uma capacidade ainda mais aguçada de ler o interior das pessoas.

Padre McKean sabia que ele notaria que havia algo errado. Já devia ter percebido pelo tom de sua voz, quando ele ligou de Saint Benedict para avisá-lo de que estava a caminho. Confirmando a opinião que tinha dele, John se aproximou como se tivesse medo de ser importuno.

— Tudo bem? —Tudo, John. Obrigado.

Seu colaborador não insistiu, confirmando outra de suas qualidades: a discrição. Já se conheciam bem demais. Sabia que John tinha confiança em que, quando chegasse a hora e o local, seu amigo Michael McKean se abriria com ele. Não podia saber que dessa vez tudo era completamente diferente.

O problema era intransponível.

E causava uma angústia que ele sentia pela primeira vez na vida. No passado, tinha conversado com outros sacerdotes que passaram pela experiência de ouvir, sob segredo de confissão, a revelação de um crime cometido. Agora entendia a aflição deles, o fato de se sentirem humanamente em conflito com o papel de ministros da Fé e da Igreja que escolheram servir.

O segredo sacramental era inviolável. Portanto, todo confessor estava proibido de trair qualquer pessoa que se revelasse no interior de um confessorário.

Em nenhum caso e de modo algum poderia fazê-lo.

A violação não era permitida nem mesmo em caso de ameaça de morte do próprio confessor ou de terceiros. O sacerdote que descumprisse o princípio do segredo confessional incorria automaticamente na excomunhão definida *latae sententiae*, que só pode ser anulada pelo papa. E, no curso dos tempos, dificilmente o pontífice fez isso.

Se o pecado consistisse num ato criminoso, o confessor poderia sugerir ou impor ao penitente, como condição indispensável para a absolvição, que ele se entregasse às autoridades civis. Mas não podia fazer nada além disso, e, acima de tudo, não podia, ele

mesmo, nem que fosse de maneira indireta, informar os órgãos competentes.

Havia casos em que parte da confissão poderia ser revelada, mas sempre com a permissão da pessoa interessada e sem mencionar-lhe a identidade. Isso valia para alguns pecados, os quais não podiam ser perdoados sem autorização do bispo ou do papa. Tudo isso, no entanto, previa um fato determinante: o pedido de absolvição era precedido pelo arrependimento, pelo desejo de liberar a alma de um peso insustentável. Naquele caso, padre McKean não estava diante nem de um nem de outro.

Um homem havia declarado guerra à sociedade.

Destruindo e ceifando vidas, espalhando lágrimas, dor e desespero. Com a determinação do deus que, em seu desatino, ele sustentava ser, o deus que destruía cidades e aniquilava exércitos quando a lei, mais uma vez, era olho por olho, dente por dente.

Depois daquele início de conversa no pátio com John, tomou o caminho da cozinha para não ter de enfrentar explicações que seriam difíceis de dar. Na medida do possível, envergonhou sua melhor máscara e entrou na casa para almoçar com os jovens, que ficaram felizes de tê-lo à mesa para aquela pequena festa dominical.

Mas alguns deles não se deixaram enganar. Em primeiro lugar, a sra. Carraro. E, no caos de risadas, comentários e brincadeiras ao redor da mesa, alguns jovens também perceberam. Katy Grande, uma mocinha de 17 anos, que tinha um narizinho engraçado, cheio de sardas, e Hugo Sael, outro dos hóspedes da Joy que estava sempre particularmente atento ao mundo que o circundava, olhavam de vez em quando para ele com um ar interrogativo, como se perguntassem onde estava escondido o padre McKean que conheciam.

À tarde, quando quase todos estavam no jardim usufruindo o magnífico dia de sol, Vivien e Sundance juntaram-se a eles. Se a menina estava aborrecida porque o rumo dos acontecimentos obrigara as autoridades a adiar o concerto, não deu a entender. Estava serena e parecia feliz por ter voltado à Joy.

Sundance e a jovem tia pareciam bem mais unidas que no dia anterior, quando Vivien esteve lá para pegá-la. A distância entre

elas parecia vencida, e tudo indicava que aquela difícil relação tinha iniciado uma viagem para local. Mas, sobretudo, de forma diferente.

Essa impressão foi confirmada quando Vivien, usando palavras que beiravam a euforia, falou- lhe do que tinha acontecido com a sobrinha, daquela nova confiança descoberta e da união que todos eles buscaram ansiosamente e conseguiram com esforço no decorrer do tempo.

Agora, à luz do Sol de um novo amanhecer, se deu conta de que seu comportamento no dia anterior tinha sido de muito pouca gratificação àquele entusiasmo. Não conseguiu evitar pedir informações à detetive sobre a tragédia da Rua 10, suas consequências e implicações, tentando entender de forma quase obsessiva se a polícia tinha algum indício nas mãos, uma conexão, uma ideia sobre quem poderia ter realizado aquele massacre — com a tentação, reprimida a custo, de chamá-la de lado e contar tudo o que tinha acontecido e todas as informações que estavam em seu poder.



Só agora percebia que já tinha todas as respostas que poderia ter, à luz da evidência de que tudo ainda estava em aberto e de que qualquer informação que Vivien tivesse, como detetive de polícia, seria sigilosa, em função das investigações em andamento.

Ambos tinham seus segredos confessionais. E cada um devia suportar o peso da responsabilidade assumida ao pronunciar os votos. Fossem eles leigos, fossem religiosos.

Ego sum Alpha et Omega... Padre McKean olhou pela janela a paisagem verde e azul da primavera, que em geral o enchia de paz, mas que agora achava quase hostil, como se o inverno tivesse retornado — não pelo que havia lá fora, mas pelos olhos com os quais a olhava agora. Depois que se levantou da cama como um sonâmbulo, entrou no chuveiro, vestiu-se e fez suas orações com um fervor novo. Em seguida, rodou pelo quarto, com dificuldade de reconhecer os objetos ao redor. Coisas simples, familiares, objetos do dia a dia que, embora representassem as dificuldades cotidianas

de sua vida, de repente pareciam pertencer a um tempo feliz para sempre perdido.

Bateram na porta.

— Sim.

— Michael, sou eu, John.

— Pode entrar.

Padre McKean esperava por ele. Em geral, faziam uma reunião toda segunda-feira pela manhã para discutir sobre as atividades e os objetivos da semana. Era um momento difícil, mas também gratificante, de empenho e de luta contra as adversidades à luz do objetivo comum: a pequena comunidade da Joy. No entanto, naquele dia seu faz-tudo entrou com ar de quem gostaria de estar em outro lugar e em outro tempo.

— Desculpe-me se venho incomodar, mas tem algo que precisamos discutir com urgência.

— Incômodo nenhum. O que houve? O homem considerou oportuno um breve preâmbulo, em virtude da confiança e da estima que havia entre eles.

— Mike, não sei o que está acontecendo com você, mas tenho certeza de que irá me contar, no momento certo. E sinto muito ter que vir amolá-lo tão cedo.

Pela enésima vez, o reverendo McKean reconheceu o tato de John Kortighan e a sorte que tinha por ter uma pessoa de seu calibre no quadro de pessoal da Joy.

— Não tem problema, John. Nada de importante. Vai passar, pode acreditar. Mas diga lá: o que houve? — Estamos com problemas.

A Joy sempre tinha problemas de diversas naturezas: com os jovens, com dinheiro, com certos colaboradores, com as tentações do mundo exterior. Mas aqueles que estavam estampados no rosto de John pareciam novos e particularmente importantes.

— Falei com Rosaria hoje de manhã.

Rosaria Carnevale era uma paroquiana de Saint Benedict, de origem italiana, que morava em Country Club, mas era gerente de uma filial do M&T Bank, em Manhattan.

Justamente aquele que cuidava dos interesses econômicos da comunidade e da gestão do patrimônio deixado pelo advogado Barry Lovito.

— E o que ela disse? John relatou fatos sobre os quais jamais gostaria de ter de falar.

— Disse que, desde que a demanda judicial teve início, enfrentou enormes dificuldades para que a gente continuasse a receber o depósito mensal previsto pelo estatuto. Mas agora, por solicitação dos supostos herdeiros do advogado, recebeu novas ordens do tribunal. Os pagamentos estão suspensos até o pronunciamento da sentença e a solução da pendência em curso.

Isso significava que, enquanto o juiz não se pronunciasse, à exceção da contribuição do estado de Nova York, a principal fonte de renda da comunidade seria cortada. De agora em diante, para sustentar suas consideráveis necessidades, a Joy teria de confiar apenas nas próprias forças e nas ofertas espontâneas das pessoas de bom coração.

Padre McKean olhou de novo pela janela, pensativo, em silêncio. Quando falou, John Kortighan sentiu pela primeira vez um desconforto em sua voz.

— Quanto temos em caixa? — Pouco ou nada. Se fôssemos uma empresa, diria que estamos falidos.

O sacerdote se virou e um pequeno sorriso sem cor floriu em seus lábios.

— Fique tranquilo, John. Vamos dar um jeito. Como sempre fizemos. Mais uma vez, vamos dar um jeito.

Contudo, não havia no tom com que proferira aquelas palavras nenhum sinal da segurança e da confiança que seu conteúdo exibia, como se as tivesse dito mais para iludir-se que para convencer o amigo.

Pouco a pouco John sentiu o frio da realidade tomar conta do ar dentro do quarto.

— Está bem. Podemos deixar as outras coisas para depois. São bobagens, perto do que acabei de contar.

— Isso, John. Pode ir. Vou encontrá-lo logo em seguida.

— Certo, então. Espero lá embaixo.

Padre McKean viu seu homem de confiança sair e fechar a porta delicadamente.

Desagradava-lhe ver John mal por causa daquela situação, mas o que o feria de verdade era a suspeita de tê-lo decepcionado.

Eu sou Deus... Ele não era. Nem queria ser. Era somente um homem consciente de seus limites terrenos. Até aquele momento, tentar servi-Lo da melhor maneira, aceitando tudo o que lhe fosse oferecido e tudo o que lhe fosse exigido, tinha sido suficiente para ele.

Mas agora... Pegou o celular na escrivaninha e, depois de uma breve busca na agenda, digitou o número da arquidiocese de Nova York. Após alguns toques — muitos, levando-se em conta sua impaciência — uma voz respondeu do outro lado, e ele se apresentou ao telefonista.

— Sou o reverendo Michael McKean da paróquia de Saint Benedict, no Bronx. Sou também o diretor da Joy, uma comunidade de recuperação para jovens que já tiveram problemas com drogas. Gostaria de falar com alguém do gabinete do arcebispo.

Em geral, costumava resumir a apresentação, mas daquela vez preferiu pôr na balança todo o peso de seus cargos, para que a ligação fosse transmitida rapidamente.

— Um momento, padre McKean.

O telefonista o colocou em espera. Poucos segundos depois, ouviu uma voz. Uma voz jovem e cortês.

— Bom dia. Sou Samuel Bellamy, um dos colaboradores do cardeal Logan. Em que lhe posso ser útil? — Preciso falar quanto antes com Sua Eminência. Pessoalmente. Acredite: trata-se de questão de vida ou morte.

Deve ter transmitido a própria angústia de maneira muito eficaz, pois no tom da resposta do interlocutor havia um lamento sincero, além de um toque de preocupação.

— Infelizmente o cardeal partiu hoje de manhã para uma breve estada em Roma. Está na Santa Sé para um encontro com o pontífice. Não estará de volta antes de domingo.

De repente, Michael McKean se sentiu perdido. Uma semana. Esperava poder partilhar o peso de seu sofrimento com o arcebispo,

pedir um conselho, uma orientação. O milagre de uma dispensa não podia ser mencionado nem como hipótese, mas o conforto da opinião de um superior era indispensável para ele naquele momento.

— Há algo que eu possa fazer, reverendo? — Não, infelizmente. A única coisa que lhe peço é que marque uma hora para mim com Sua Eminência o mais rapidamente possível.

— No que me diz respeito, garanto que farei de tudo. Tratarei de avisá-lo pessoalmente através de sua paróquia.

— Agradeço muito.

Padre McKean cortou a comunicação e sentou-se na beira da cama, sentindo o colchão ceder sob o peso de seu corpo. Pela primeira vez desde quando decidira fazer os votos, sentiu-se realmente sozinho. E como alguém que ensinou ao mundo o amor e o perdão, pela primeira vez teve vontade de perguntar a Deus, o único e verdadeiro, por que Ele o abandonara.

20

VIVIEN SAIU DO DISTRITO E FOI em direção ao carro. A temperatura tinha esfriado. O sol, que de manhã parecia intocável, agora lutava contra um vento que chegou do oeste sem avisar. Nuvens e sombras disputavam o céu e a terra. Parecia o destino anunciado daquela cidade: correr e perseguir sem conseguir agarrar nada, nunca.

Encontrou Russell Wade no lugar exato em que tinha marcado.

Vivien ainda não conseguira formar uma ideia definitiva sobre aquele homem. Todas as vezes que tentava, acontecia um imprevisto, algo de inesperado e improvável, que falseava o quadro em construção em sua mente.

E isso a incomodava.

Enquanto se aproximava dele, tornou a percorrer mentalmente toda aquela história disparatada.



No final do encontro com o capitão, quando todos perceberam que não havia mais nada a dizer, mas muito o que fazer, Vivien dirigiu-se a Wade.

— Pode esperar por mim lá fora um instante, por favor? O malfadado vencedor de um imerecido Prêmio Pulitzer se levantou e foi em direção à porta.

— Não tem problema. Até logo, capitão. E muito obrigado.

Havia na resposta de Bellew uma cortesia formal não sustentada pelo tom com que as palavras foram pronunciadas.

— Não há de quê. Se isso tiver as consequências que todos esperamos, muita gente terá de agradecer ao senhor.

Inclusive o diretor de algum jornal.

pensou Vivien.

O sujeito saiu fechando a porta com delicadeza e Vivien ficou sozinha com seu superior. Seu primeiro instinto foi perguntar se

tinha ficado louco, para prometer o que prometera a um sujeito como Russell Wade. No entanto, seu relacionamento com o capitão sempre se pautou pelo respeito mútuo para com as razões do outro, e dessa vez não podia ser diferente. Além do mais, tratava-se de seu chefe, e não queria colocá-lo na situação de ter de lhe lembrar isso.

— O que acha, Alan? Quer dizer, dessa história das bombas.

— Acho que parece loucura. Que não me parece possível. Mas depois de 11 de setembro, descobri que os limites entre a loucura e o possível se ampliaram muito.

Vivien sinalizou sua concordância com aquelas considerações abordando outro assunto. Aquele que mais a preocupava. O elo fraco da corrente.

— E o que acha de Wade? O capitão fez um gesto com os ombros que queria dizer tudo e nada.

— Por enquanto, ele nos deu a única pista que temos. E temos sorte de encontrar uma, venha de onde vier. Em condições normais, teria expulsado aquele almofadinha com um chute no traseiro.

Mas nossas condições não são normais. Quase cem pessoas morreram. E lá fora tem mais gente que não sabe de nada e que, nesse exato momento, corre o risco de ter o mesmo fim. Como eu disse durante o briefing, temos o dever de não negligenciar nenhuma possibilidade. Além do mais, essa história das fotos é muito curiosa. Transforma um caso de rotina numa hipótese de importância vital. Só a realidade consegue ser tão fantasiosa na criação de certas coincidências.

Vivien já tinha pensado algumas vezes sobre esse conceito. E sua experiência de trabalho parecia confirmá-lo cada dia mais.

— Vamos manter essas informações entre nós? Bellew coçou a orelha, como costumava fazer quando pensava.

— Por enquanto, sim. Não quero correr o risco de espalhar o pânico ou virar motivo de chacota para todas as autoridades do estado e todas as polícias do país. E existe sempre, embora eu não acredite, a possibilidade remota de que tudo desapareça no ar como uma bolha de sabão.

— E você confia em Wade a esse ponto? É claro como o Sol que está procurando uma grande história.

— E já tem, na verdade. É justamente por isso que não vai falar. Porque não lhe convém.

Nem a nós, por isso não vamos dizer nada.

Vivien pediu uma confirmação do que já sabia.

— Portanto, pelo menos por enquanto, vou ter que carregá-lo comigo? O capitão abriu os braços como quem aceita o inevitável.

— Eu lhe dei minha palavra de honra. E em geral costumo mantê-la.

Dessa vez, foi o capitão quem mudou de assunto, selando sem possibilidade de correção uma carta escrita à sua maneira.

— Vou telefonar imediatamente para o 67º para que lhe enviem o arquivo da investigação sobre esse tal de Ziggy. Se achar necessário, poderá fazer uma inspeção no apartamento. E quanto ao homem da parede que de repente virou protagonista, tem alguma ideia? — Sim, tenho uma pista. Não é grande coisa, mas em todo caso, é um ponto de partida.

— Ótimo. Ao trabalho! E se precisar de alguma coisa, basta mandar me avisar. Posso conseguir tudo o que precisar sem ter de me esforçar demais, pelo menos por enquanto.

Não era difícil acreditar no que ele dizia. Vivien sabia que o capitão Alan Bellew gozava de uma velha amizade com o chefe de polícia que, ao contrário daquela de Elisabeth Brokens, esposa de Charles Brokens etc., etc., não era só da boca para fora.

— OK. Já vou.

Vivien virou-se para deixar o gabinete. Quando chegou à porta, quase saindo, Bellew a chamou de volta.

— Mais uma coisa, Vivien.

Fitou-a nos olhos e deu um sorrisinho irônico.

— Quanto a Russell Wade, em caso de necessidade, lembre-se desse detalhe. Eu lhe dei minha palavra de honra.

Uma pausa antes de sublinhar o conceito final.

— Você, não.

Vivien saiu com o mesmo sorriso nos lábios. E encontrou Russell Wade lá fora, de pé com as mãos nos bolsos, na mesma

sala onde esteve esperando por ela um pouco antes.

— Aqui estou.

— A seu dispor, detetive.

— Já que vamos passar um pouco de tempo juntos, pode me chamar de Vivien.

— Certo, Vivien. O que vai acontecer agora? — Dê-me aqui seu celular.

Russell tirou seu telefone do bolso. Vivien ficou espantada porque não era um iPhone. Em Nova York, todos os VIPs tinham um. Talvez Wade não se considerasse VIP ou talvez tivesse perdido o aparelho em alguma mesa de jogo.

A detetive pegou o celular e digitou seu próprio número. Quando ouviu seu telefone tocar lá embaixo, em sua escrivaninha, desligou e devolveu o aparelho a seu proprietário.

— Pronto. Meu número já está na memória. Lá fora, logo que sair do prédio, à esquerda, tem um Volvo metálico. É o meu carro. Vá para lá e me espere.

E recheou a frase seguinte com sarcasmo.

— Tenho muita coisa a fazer e não sei quanto tempo vou levar. Vai ter de ter um pouco de paciência.

Russell olhou para ela. Em seus olhos, passou aquele véu de tristeza que Vivien descobrira com surpresa alguns dias antes.

— Já esperei mais de dez anos. Posso esperar um pouco mais.

Virou as costas e saiu. De pé na beira da escada, Vivien ficou alguns segundos perplexa, vendo-o descer e desaparecer no andar de baixo. Depois ela também desceu os degraus e voltou para sua escrivaninha. Junto à excitação pela importância da missão que o acaso colocou em suas mãos, ficou a angústia transmitida pelas palavras lidas naquela carta. Palavras delirantes transportadas pelo vento como sementes venenosas que encontraram não se sabe onde o terreno adequado para germinar.

Vivien perguntou-se que tipo de sofrimento poderia ter experimentado o homem que deixou uma mensagem daquelas e que mal poderia afligir o homem que a recebeu e que aceitou receber sua herança e realizar sua louca vingança póstuma.

As fronteiras da loucura se ampliaram.

Talvez naquele caso fosse mais correto dizer que essas fronteiras foram completamente apagadas.

Sentou-se à escrivaninha e conectou o banco de dados da polícia. No quadrinho de busca digitou as palavras The only flag e esperou pelo resultado. Na tela apareceu quase imediatamente a foto de um ombro sobre o qual se via uma tatuagem igual à encontrada no cadáver. Era o elemento distintivo de um grupo de motociclistas com sede em Coney Island, que se denominavam Skullbusters. Anexadas ao dossiê, havia algumas fotos com a ficha criminal dos elementos do grupo que tiveram problemas com a lei. Ao lado do nome de cada um deles, uma lista com os pequenos e grandes malfeitos do cavalheiro em questão. As fotos pareciam bastante antigas e Vivien conjecturou se um deles não seria a mesma pessoa que repousou durante anos numa sepultura feita nos alicerces de um edifício na Rua 23. Seria o cúmulo da ironia, mas não ficaria muito espantada. Como sublinhou o capitão alguns minutos antes, seu trabalho era todo feito de coincidências. As fotos do mesmo rapaz e do mesmo gato encontradas em dois locais tão distantes no tempo e no espaço eram prova tangível disso.

Enquanto anotava o endereço da sede dos motociclistas, o dossiê sobre a morte de Ziggy Stardust chegou do 67º Distrito, no Brooklyn, via internet; Bellew não perdia tempo. Agora Vivien tinha todo aquele material em seu computador : o relatório sumário do médico-legista, o relatório do detetive encarregado do caso e as fotos tirados na cena do crime. Ampliou ao máximo uma das fotos tirada na perspectiva que a interessava. Via-se claramente, num dos botões da impressora colocada sobre a mesa, uma marca vermelha, como se alguém tivesse apertado o botão com o dedo sujo de sangue.

Mais um elemento que depunha a favor da história contada por Russell Wade.

As outras fotos mostravam o cadáver de um homem de compleição delgada caído no chão, coberto de sangue. Vivien examinou-as longamente e não conseguiu sentir nem um pingote de piedade, pensando que aquele desgraçado teve o que merecia. Pelo

que fez com sua sobrinha e com não se sabe quantos outros jovens. Logo depois de formular tais pensamentos, foi obrigada pela enésima vez a constatar como o envolvimento pessoal muda a perspectiva das coisas.



Vivien pegou o controle remoto no bolso e acionou a abertura automática das portas do carro. Russell Wade se aproximou e subiu para se acomodar no banco do passageiro.

Vivien entrou no carro e o encontrou sentado a seu lado, ocupado em apertar o cinto de segurança. Enquanto o observava, surpreendeu-se pensando que era um belo homem.

Chamou-se imediatamente de idiota e acrescentou mais essa decepção às outras.

O homem olhou para ela com ar indagador.

— Para onde vamos? — Coney Island.

— Fazer o quê? — Encontrar umas pessoas.

— Que pessoas? — Espere e verá.

Enquanto o carro mergulhava no trânsito, Russell apoiou-se no encosto e fitou a rua à sua frente.

— Está num estado de graça particular hoje ou é sempre tão comunicativa? — Só com os convidados importantes.

Russell Wade virou para ela.

— Não gosta de mim, não é mesmo? Aquelas palavras pareciam mais a enunciação de um fato que uma pergunta propriamente dita. Vivien gostou daquela abordagem direta. Para uso e consumo de suas relações presentes e futuras, expôs sem papas na língua a própria opinião.

— Em condições normais, você me seria totalmente indiferente. Cada um pode fazer o que bem entender da própria vida. Até jogar fora, se não fizer mal a ninguém. Tem um monte de gente por aí que precisa de ajuda por causa de problemas que caíram em cima deles sem que tivessem nenhuma culpa. Quem é adulto, consciente e vive procurando encrenca, que faça bom proveito, é assim que penso. Isso não é não se importar com o outro, é apenas bom-senso.

Russell Wade fez um gesto eloquente com a cabeça.

— Certo. Pelo menos temos sua tomada de posição oficial a meu respeito.

Vivien fez um desvio e encostou o carro na calçada, provocando a reação dos motoristas que a seguiam. Largou a direção e virou-se para o homem que estava sentado a seu lado.

— Vamos deixar as coisas bem claras. Você pode ter encantado o capitão com essa sua história de redenção, mas eu sou mais difícil de ser enrolada.

Russell ficou olhando para ela em silêncio. Aquele olhar sombrio e aparentemente indefeso fez com que se sentisse sacaneada e deu às suas palavras uma dureza que não era comum nela.

— As pessoas não mudam, Russell Wade. Cada um é o que é e pertence a um lugar preciso. Por mais voltas que dê, acaba retornando, cedo ou tarde. E não acho que você seja a exceção dessa regra.

— E o que a faz pensar assim? — Chegou aqui com uma cópia da folha que Ziggy lhe entregou. Isso significa que o original, o que está manchado de sangue, ainda está em seu poder. E poderia servir como prova para o FBI, o NSA ou que diabo seja, caso não acreditássemos em você e lhe déssemos um redondo “não” como resposta.

Vivien se exaltou e aumentou a dose.

— Se, por um motivo qualquer, tivéssemos pedido para esvaziar os bolsos só encontraríamos a cópia de um texto que você poderia muito bem dizer que era fruto de sua imaginação ou anotação para uma história futura. Pois quando a questão é impingir uma coisa por outra, parece-me que você tem certa predisposição.

Suas palavras não pareciam ter abalado a impassibilidade do convidado. Isso era um sinal de grande autocontrole ou de hábito. Apesar da fúria, Vivien estava mais propensa a acreditar na segunda hipótese.

Empunhou o volante, afastou-se da calçada e retomou o trajeto para Coney Island. A pergunta seguinte de Russell a pegou

de surpresa. Talvez ele também estivesse tentando formar uma opinião sobre sua companheira de viagem.

— Os detetives em geral têm um parceiro. Por que você não tem? — Agora tenho você. E sua presença só faz confirmar os motivos pelos quais prefiro trabalhar sozinha.

Depois daquela resposta seca, o silêncio caiu sobre o carro. Durante a conversa, Vivien tinha se encaminhado para Downtown e agora estavam atravessando a ponte do Brooklyn.

Quando Manhattan ficou para trás, Vivien ligou o rádio e sintonizou a Rádio Kiss 98.7, estação que transmitia música negra. Guiou o Volvo pela Brooklyn-Queens Expressway até a saída de Gowanus.

A seu lado, Russell olhava pela janela. Num trecho especialmente ritmado da música, começou, talvez sem perceber, a bater o tempo com o pé. Vivien constatou, então, que a responsabilidade por aquele caso tinha caído em cima dela num momento delicado. A lembrança de Sundance e do comportamento estranho de padre McKean abalaram a serenidade de seu juízo. No mínimo, fizeram com que expressasse com dureza uma opinião que ninguém pediu.

Enquanto estacionava o carro na Surf Avenue, em Coney Island, sentiu-se ligeiramente culpada.

— Russell, peço-lhe desculpas pelo que acabei de dizer. Quaisquer que sejam seus motivos, você está nos dando uma grande ajuda e somos muito gratos por isso. Quanto ao resto, não me cabe julgar. Sei que não justifica, mas estou enfrentando alguns problemas pessoais que influenciam meu comportamento.

Russell pareceu comovido por aquela abertura inesperada. Sorriu.

— Não foi nada. Ninguém entende melhor do que eu o quanto os problemas pessoais podem influenciar nossas escolhas de vida.

Desceram do carro e foram a pé para o endereço que Vivien pegou no arquivo sobre os Skullbusters. O número que tinha correspondia a uma grande revendedora da Harley Davidson, com oficina para consertos e personalização das motos. O local tinha um

ar empresarial, de eficiência e limpeza. Estava a centenas de quilômetros de distância das experiências anteriores de Vivien nos covis de motoqueiros, como os do Bronx ou do Queens.

Entraram. À esquerda, uma longa fila de motos, de todos os tipos, mas todas rigorosamente Harley. À direita, uma exposição de peças de roupa e acessórios, de capacetes a macacões e escapamentos. Na frente, um longo balcão, de onde saiu um sujeito alto e forte, de jeans e camiseta preta sem mangas, que veio na direção de ambos.

Usava uma bandana preta, costeletas e longos bigodes que trouxeram à memória de Vivien o namorado de Julia Roberts em Erin Brockovich. Ao se aproximar, percebeu que os bigodes eram tingidos, que a bandana tinha também a missão de encobrir uma calvície e que o sujeito, por baixo do bronzeado, já devia ter passado dos 60 havia bastante tempo.

No ombro direito, tinha uma Jolly Roger tatuada com a mesma inscrição encontrada no corpo murado, quinze anos atrás.

— Bom dia. Meu nome é Vivien Light.

O homem sorriu, divertido.

— A do cinema? — Não, a da polícia.

Enquanto dava aquela resposta atravessada, Vivien mostrava o distintivo. A semelhança de seu nome com o da Vivien Leigh protagonista de E o vento levou... a perseguiu a vida inteira.

O comportamento sereno do sujeito não mudou.

Casca grossa ou consciência tranquila, pensou Vivien.

— Sou Justin Chowsky, o dono. Aconteceu alguma coisa errada? — Pelo que sei, aqui era a sede de um grupo de motociclistas chamado Skullbusters.

— E ainda é.

Chowsky sorriu com o ar surpreso de Vivien.

— As coisas mudaram um pouco desde a fundação.

Antigamente, havia aqui um grupo de rapazes destrambelhados, alguns com problemas com a lei. Até eu, para dizer a verdade. Coisa pouca, pode verificar. Alguns baseados, algumas brigas, algumas bebedeiras a mais.

O homem com seus obstinados bigodes pendentes olhou por um instante para uma vitrine como se visse projetadas ali as cenas de sua juventude.

— Tínhamos a cabeça quente, mas nenhum de nós era bandido. Os mais pesados acabaram se afastando por livre e espontânea vontade.

Fez um gesto circular com a mão, que incluía tanto o ambiente a seu redor quanto um visível sentimento de orgulho.

— Depois resolvi abrir essa loja que estão vendo. Pouco a pouco, nos transformamos em um dos mais importantes centros de venda e personalização de motos do estado. E os Skullbusters se transformaram num tranquilo grupo de velhinhos que teimam em andar por aí de moto como se ainda fossem meninos.

Vivien olhou para Russell que até então tinha ficado a dois passos de distância, sem se aproximar e sem se apresentar. Esse comportamento a agradou. Ele sabia ficar em seu lugar.

Voltou a centrar sua atenção no sujeito à sua frente.

— Sr. Chowsky, preciso de uma informação.

Tomou o silêncio do homem como um assentimento.

— Sabe se algum membro do grupo desapareceu de repente, sem deixar vestígios, cerca de quinze anos atrás, mais ou menos? A resposta chegou sem hesitação e Vivien sentiu no coração um calor de esperança.

— Mitch Sparrow.

— Mitch Sparrow? Vivien repetiu o nome como se tivesse medo que desaparecesse de suas memórias.

— Ele mesmo. Para ser mais exato, aconteceu em... Chowsky tirou a bandana, desmentindo as suposições de Vivien e revelando uma basta cabeleira, apesar da idade. Passou uma mão nos cabelos, rigorosamente tingidos, como se aquele gesto o ajudasse a lembrar.

— Aconteceu há exatamente dezoito anos.

Vivien notou que a data era compatível com a margem de erro que o médico-legista apontou no relatório da necropsia.

— Tem certeza? — Absoluta. Meu último filho nasceu alguns dias depois.

Vivien tirou do bolso interno da jaqueta uma das fotos que trouxe, a do primeiro plano. Estendeu-a para Chowsky.

— Mitch Sparrow é este aqui? O homem não precisou nem pegá-la para olhar melhor.

— Não. Mitch era louro e esse aí tem cabelos escuros. E depois, era alérgico a gatos.

— Nunca viu essa pessoa? — Nunca em toda a minha vida.

Vivien pensou um instante nas implicações daquela afirmação. Depois voltou àquela parte de seu trabalho que a obrigava a fazer perguntas.

— E como era esse Mitch? Chowsky sorriu.

— No começo, quando entrou no grupo, era um motoqueiro fanático. Cuidava mais da moto que da própria mãe. Era bonitão, mas tratava as mulheres como lenços descartáveis.

O homem parecia uma daquelas pessoas que tinham o prazer de ouvir o som da própria voz. Vivien o estimulou.

— E depois? Chowsky fez um gesto com os ombros para indicar as coisas óbvias da vida.

— Um dia encontrou uma moça diferente das outras e caiu na armadilha, ele também.

Usava cada vez menos a moto e cada vez mais a cama. Até que a moça ficou grávida.

Então ele encontrou um trabalho e se casou com ela. Todo o mundo foi ao casamento. E passamos dois dias de porre.

Vivien não tinha tempo para as lembranças das esbórnias de um velho motoqueiro.

Tentou passar ao que interessava.

— Fale do seu desaparecimento. O que aconteceu? — Não tenho muito a dizer. Um belo dia, sumiu. Sem mais nem menos. A mulher avisou a polícia. Estiveram aqui fazendo perguntas. Eram do 70º Distrito, acho eu. Mas não descobriram nada. Os franceses dizem *cherchez la femme*.

O homem parecia muito contente com aquela citação em língua estrangeira.

— Ainda mantém contato com a mulher dele? — Não. Por certo tempo, enquanto continuou a morar por essas partes, ela e

minha mulher se viam de vez em quando. Mas uns dois anos depois do desaparecimento de Mitch, ela encontrou outro cara e se mudou.

Chowsky previu a pergunta seguinte.

— Não sei para onde.

— Você se lembra do nome dela? — Carmen. Montaldo ou Montero, não lembro bem. Era hispânica, uma belíssima mulher. Se Mitch fugiu com outra, fez uma das maiores besteiras de sua vida.

Vivien não podia dizer a Chowsky que muito provavelmente Mitch não fizera aquela besteira. Talvez tivesse feito outra maior ainda, se, como suspeitava, tivesse mesmo acabado dentro de uma parede de cimento. Mas aquela, não.

Considerou que por enquanto não conseguiria obter mais nada daquele homem. Tinha um nome, uma época, uma denúncia feita por uma mulher chamada Carmen, Montaldo ou Montero. Agora precisava encontrar a queixa-crime e procurar a mulher.

— Muito obrigada, sr. Chowsky, foi de grande ajuda.

— Não tem de quê, srta. Light.

Deixaram o homem entregue às suas motos e às suas lembranças e caminharam para a saída. Quando estavam cruzando a soleira da porta, Russell parou. Ficou um instante olhando para ela, indeciso. Depois se virou de novo para Chowsky, que já tinha voltado para trás do balcão.

— Uma última coisa, se for possível.

— Pode dizer.

— Qual era o trabalho de Mitch? — Trabalhava na construção civil. E era muito bom. Ia acabar sendo mestre de obras se não tivesse desaparecido daquele jeito.

21

ASSIM QUE SE AFASTARAM ALGUNS PASSOS do local, Vivien pegou seu BlackBerry e digitou o número do gabinete do capitão. Dois toques depois, o seu superior respondeu.

— Bellew.

— Alan, sou eu, Vivien. Tenho novidades.

— Ótimo.

— Preciso de uma pesquisa na velocidade da luz.

O capitão percebeu a excitação da caça na voz de Vivien e se deixou levar por ela.

— Mais rápido ainda, se puder. Diga lá.

Ambos eram policiais experientes. Ambos sabiam que um caso como aquele era antes uma luta contra o tempo do que uma luta contra um homem. E o homem que estavam procurando tinha o tempo do seu lado.

— Anote esses dados.

Vivien deu alguns segundos para que o capitão pegasse lápis e papel.

— Pronto.

— É muito provável que o sujeito da parede se chame Mitch Sparrow. Uma testemunha confirmou que pertencia a um grupo de motociclistas que se denominavam Skullbusters, com sede em Coney Island, na Surf Avenue. Deve haver uma denúncia de seu desaparecimento apresentada no 70º Distrito, há dezoito anos, por uma mulher chamada Carmen Montaldo ou Montero. Ela se mudou uns dois anos depois para um endereço desconhecido. Depois de encontrar outro companheiro. Preciso saber onde ela está.

— Perfeitamente, em meia hora descubro alguma coisa.

— Uma última coisa. Esse Mitch Sparrow era operário da construção civil.

A notícia teve um impacto compreensível sobre o capitão.

— Santo Deus! — Pois é. É o caso de examinar também os registros das Unions. Você pode encarregar alguém disso? Unions são os sindicatos que fornecem às empresas os trabalhadores de que precisam, escolhendo-os entre os próprios integrantes. Por uma série de motivos, técnicos e relacionais, quase todas as empresas se dirigem a eles quando precisam de pessoal.

— Pode contar como se os agentes já estivessem na rua.

Vivien desligou. Russell ouvia tudo caminhando em silêncio a seu lado, enquanto retornavam ao carro.

— Desculpe? — De quê? — Pelo que aconteceu há pouco. Desculpe a intromissão. Foi instintivo.

De fato, Vivien foi pega de surpresa pela pergunta que Wade fez a Chowsky. E lamentou não ter pensado naquilo antes. Mas a honestidade de seu caráter sempre lhe impôs o reconhecimento dos méritos alheios.

— Foi uma coisa sensata. Mais que sensata.

Russell continuou a expor seus motivos. Ele também parecia surpreso com aquela intuição repentina.

— O que me ocorreu é que, se esse tal de Sparrow acabou num bloco de cimento, deve ser porque soube de alguma coisa que não devia saber ou viu alguma coisa que não devia ver.

Fez uma pausa para refletir.

— E relembrei as palavras que lemos na carta que entreguei a vocês.

Uma sombra passou pelo rosto de Russell, e Vivien teve certeza de que ele estava revivendo as circunstâncias em que tinha recebido a carta. As linhas escritas com uma rude caligrafia masculina deslizaram com uma nitidez impressionante também em sua mente.

Por toda a minha vida, antes e depois da guerra, trabalhei na construção civil.

Ela completou o pensamento de Russell que, de simples suposição, passou agora a ser uma certeza comum.

— E concluiu que existe uma forte possibilidade de que o homem que matou Sparrow e o que escreveu a carta sejam a mesma pessoa.

— Exatamente.

Nesse ínterim, tinham chegado ao estacionamento. Na extremidade oposta do grande parque, além da linha das poucas árvores, despontavam as silhuetas esqueléticas da montanha-russa e da Parachute Tower e se entreviam os tendões do Luna Park de Coney Island. Não havia muitos carros estacionados, e Vivien pensou que certamente as segundas-feiras não representavam as maiores afluências a um parque de diversões, mesmo num dia bonito e estranho como aquele.

Olhou o relógio.

— Toda essa história me fez esquecer de que estou com fome, só agora me dei conta disso. Temos de esperar um telefonema do capitão. O que acha de um hambúrguer? Russell deu um sorriso dúbio e vago.

— Não quero comer. Mas posso lhe fazer companhia, se quiser.

— Está de dieta? O sorriso do homem se transformou numa expressão desencorajada de rendição incondicional.

— Na verdade, não tenho um tostão no bolso. E meus cartões de crédito já se transformaram há muito tempo em simples pedaços de plástico. Na cidade, tem alguns lugares que me fazem fiado, mas aqui estou em território comanche. Nenhuma possibilidade de sobrevivência.

Apesar de tudo o que sabia sobre a vida desregrada de Russell Wade, Vivien teve um movimento instintivo de simpatia e ternura. Escondeu-o bem para que não pudesse atrapalhá-la.

— Está mesmo na pior, não? — É um momento de grave crise para todos. Você que é da polícia deve saber do falsário que prenderam em Nova Jersey.

— Que falsário? — Imprimia notas de vinte e cinco dólares porque nos tempos que correm as de vinte não davam nem para a saída.

Vivien caiu na risada, mesmo a contragosto. Dois rapazes negros, vestidos no mais puro estilo hip-hop e que estavam atravessando o estacionamento, viraram para olhar para eles.

Fitou Russell Wade nos olhos como se o visse pela primeira vez. Por trás do olhar divertido, encontrou o hábito da marginalização. E se perguntou se, a partir de certo momento, ela não tinha sido fruto de uma decisão pessoal mais que de uma imposição do mundo a seu redor.

— Posso convidá-lo? Russell fez um gesto desolado com a cabeça.

— Não estou em condições de recusar. Confesso que estou com tanta fome, que, apenas com o incentivo de um vidrinho de maionese, poderia comer os pneus do carro.

— Então venha. Ainda vamos precisar dos pneus do carro. Além disso, patrocinar um almoço custa bem mais barato.

Atravessaram o estacionamento e chegaram à beira-mar. A praia estava quase deserta, a não ser por algumas pessoas que passeavam com o cachorro e um ou outro corredor institucional e irreduzível. O reflexo do sol e das nuvens na água era um jogo mágico de ar, luz e sombra. Vivien parou para admirá-lo, o rosto no vento que movia as ondas, tingindo-as de espuma. Às vezes havia momentos como aquele em sua vida. Momentos em que, diante do esplendor indiferente do mundo, tinha vontade de se sentar, fechar os olhos e se esquecer de tudo.

E desejar que todos se esquecessem dela.

Mas não era possível. Pelas pessoas que amava e das quais aceitou cuidar como mulher.

Pelas pessoas que não conhecia e das quais aceitou cuidar como policial. Muitas delas moviam-se naquele exato momento, naquela cidade, sem saber que estavam na lista de vítimas de um assassino, cuja loucura apagou qualquer sinal de piedade.

Prosseguiram pela Boardwalk até encontrarem um quiosque colorido que vendia cachorro-quente, souvlaki e hambúrguer. O aroma da carne grelhada, trazido pelo vento, os anunciou e guiou Vivien. Ao lado do quiosque havia um alpendre com mesas e cadeiras de madeira que permitia que, no verão, os clientes comessem à sombra, diante do mar.

— O que vai querer? — Cheeseburger, acho.

— Um ou dois? Russell fez uma cara contrita.

— Dois seriam perfeitos.

Mais uma vez, Vivien se pegou sorrindo. Não havia nenhum motivo para tanto, mas aquele homem às vezes tinha o poder de trazer à tona uma parte dela que era leve, capaz de flutuar sobre qualquer tipo de humor.

— Certo, orfãozinho. Sente-se e me espere.

Aproximou-se do sujeito atrás do balcão e fez os pedidos enquanto Russell escolhia um lugar à sombra, no alpendre. Pouco depois, Vivien chegou, segurando uma bandeja com os pacotinhos da comida e duas garrafas de água mineral. Empurrou os cheeseburgers para Russell e colocou a água diante dele ostensivamente.

— Peguei isso para beber. Imagino que teria preferido uma cerveja. Mas como está comigo, podemos considerar que estamos de serviço e, portanto, nada de álcool.

Russell sorriu.

— Um período de abstinência não me fará mal. Acho que andei exagerando um pouco ultimamente... Deixou a frase em suspenso, com todos os seus significados. De repente, mudou de expressão e de tom de voz.

— Sinto muito por tudo isso.

— Isso o quê? — Obrigiar você a pagar.

Vivien respondeu com um gesto desinteressado e palavras de otimismo.

— Encontrará uma forma de me pagar com um jantar suntuoso em algum lugar. À minha escolha. Se esse caso acabar como todos esperamos que acabe, você terá uma grande história para contar. E geralmente as grandes histórias trazem fama e dinheiro.

— Não estou fazendo isso por dinheiro.

Pronunciou essa frase em voz baixa, quase com indiferença. Vivien teve certeza de que não foi dita apenas para ela, mas que em sua mente era dirigida a outro alguém. Ou quem sabe a muitos outros.

Comeram em silêncio por algum tempo, cada um perdido nos próprios pensamentos.

— Quer saber a verdade sobre A segunda Paixão? As palavras de Russell chegaram cruas e sem preâmbulos. Vivien levantou a cabeça para fitá-lo e descobriu seu rosto virado para o mar, os cabelos escuros balançando ao vento. Pelo tom de voz, entendeu que aquele era um momento importante para ele. Era o final de uma longa viagem, era voltar para casa e finalmente encontrar no espelho um rosto com o qual gostava de se parecer.

Russell não esperou sua resposta. Continuou a falar, seguindo o fio de uma história que era ao mesmo tempo o fio de uma memória. Uma história daquelas em que o coração e a mente têm dificuldade para seguir juntos.

— Meu irmão Robert era dez anos mais velho que eu. Era uma pessoa especial, daquelas que têm o dom, gentil mas firme, de transformar em propriedade privada tudo aquilo com que entra em contato.

Vivien resolveu que a melhor coisa a fazer num momento como aquele era ouvir.

— Era meu ídolo. E o ídolo da escola, das meninas e da família. Não exatamente por vontade dele, mas por predisposição. Creio que poucas vezes na vida ouvi na voz de um homem o orgulho que meu pai demonstrava quando falava de Robert.

Fez uma pausa na qual se misturavam o destino do mundo e o sentido de sua vida.

— Mesmo na minha presença.

Como um eco, palavras e imagens chegaram do tempo para a mente de Vivien.

Enquanto Russell continuava sua narrativa, vozes e vultos de sua vida começaram a ladear os do homem sentado à sua frente.

... e naturalmente Greta foi colocada à frente das cheerleaders. Não é porque seja minha filha, mas não vejo quem, além dela, poderia... — Eu tentava imitá-lo em tudo, mas ele era inalcançável. E louco de pedra. Amava o risco, colocar-se à prova, competir sem parar. Quando penso nisso hoje, acho que sei o motivo. O adversário mais irredutível que sempre encontrava diante de si era ele mesmo.

... Nathan Green? Greta, está dizendo que aquele Nathan Green vem pegá-la hoje à noite? Não acredito. É o rapaz mais... — Robert era irrefreável. Parecia sempre à caça de alguma coisa. E acabou por encontrá-la quando começou a se dedicar à fotografia. No começo, todos pensaram que era mais uma de suas mil iniciativas, mas pouco a pouco um verdadeiro talento veio à tona. Tinha a capacidade inata de chegar com a objetiva à alma das coisas e das pessoas.

Suas fotos davam a impressão de que levavam o olhar para além da aparência, que guiavam os olhos para um lugar que não conseguiriam alcançar sozinhos.

— Você está linda, Greta. Acho que nunca se viu noiva mais linda por aqui. Em todo o mundo, acho. Estou orgulhosa de você, filhinha... — O resto é conhecido. Seu senso do extremo fez com que se tornasse um dos mais famosos correspondentes de guerra. Onde havia um conflito, lá estava ele. Quem, no começo, duvidou que um herdeiro de uma das famílias mais ricas de Boston arriscasse a vida girando pelo mundo com uma Nikon na mão foi desmentido pelos fatos. Suas fotos eram publicadas em todos os jornais da América. Do mundo, para dizer a verdade.

— Você disse Academia de Polícia? Tem certeza? Além de ser um trabalho perigoso, não sei se... Vivien fez um esforço e apagou tudo, antes que o belo rosto de Greta chegasse do passado para recordar o sofrimento do presente.

— E você? Interrompeu a história de Russell com aquela simples pergunta, sem poder explicar que era dirigida a ela também.

— E eu? Russell repetiu aquelas palavras como se só então recordasse que ele também tinha um lugar naquela história. Um lugar seu, procurado desde sempre, sem resultado. Em seu rosto surgiu um sorriso tímido e Vivien entendeu que se dirigia à própria ingenuidade de uma época.

— Por emulação, também comecei a mexer com máquinas fotográficas. Quando contei a meu pai que tinha comprado uma, vi estampada no rosto dele a expressão de quem vê seu dinheiro sendo jogado pela janela. Robert, ao contrário, ficou entusiasmado.

Ele me ajudou e me encorajou de todas as formas. Foi ele quem me ensinou tudo o que sei.

Vivien percebeu que, apesar da fome declarada, seu convidado não tinha acabado nem o primeiro dos dois sanduíches. Sabia muito bem, por experiência pessoal, como as lembranças têm o poder de destruir qualquer apetite.

Russell continuou e Vivien teve a impressão de que era a primeira vez que falava daquilo com alguém. E ficou se perguntando por que a tinha escolhido.

— Queria ser como ele. Queria provar a meu pai, a minha mãe e a todos os amigos deles que eu também valia alguma coisa. Então, quando foi para Kosovo, pedi que me levasse com ele.

Depois de ficar olhando para o outro lado durante todo o tempo, Russell virou-se para ela com uma confiança diversa.

— Lembra da história da Guerra dos Balcãs? Vivien não sabia muita coisa a respeito. Por um instante, ficou envergonhada da própria ignorância.

— Mais ou menos.

— No final dos anos 1990, Kosovo era uma província confederada da ex-Iugoslávia, de maioria albanesa e de religião muçulmana, governada com mão de ferro por uma minoria sérvia que afastava qualquer aspiração separatista e de anexação à Albânia.

Estava fascinada pela voz de Russell, por sua capacidade de narrar as coisas, de partilhá-las com quem estava com ele até fazer com que se sentisse parte da história.

Pensou que talvez aquele fosse o seu verdadeiro talento. Tinha certeza de que, quando tudo aquilo chegasse ao fim, encontraria uma forma de contar ao mundo uma grande história.

A sua grande história.

— Tudo havia começado muito tempo antes. Séculos antes. Ao norte de Pristina, a capital, havia um lugar que se chamava Kosovo Polje. O nome significa "a planície dos melros". No final do século XIV, um exército cristão composto de uma coalizão servo-bósnia guiada por um certo Lazar Hrebeljanovic foi destruído pelo exército do Império Otomano durante uma longa batalha. As perdas

foram enormes, sobretudo entre os sérvios. Depois da derrota, foi erguido no local um monumento único no mundo, na minha opinião. Trata-se de uma estela que representa uma maldição perene contra os inimigos do povo sérvio, desejando que percam de maneira cruel e sanguinária todos os bens possíveis, neste e no outro mundo. Estive lá. E, diante daquele monumento, entendi uma coisa.

Fez uma pausa, como se buscasse as palavras capazes de sintetizar seu pensamento.

— As guerras acabam. O ódio dura para sempre.

Vivien ficou pensando se ele também tinha em mente as palavras da carta e a ideia que expressavam.

Por toda a minha vida, antes e depois da guerra, trabalhei na construção civil... — Robert me explicou que, em 1987, Milosevic jurou que nunca mais ninguém levantaria a mão contra um sérvio. Essa declaração de intenções o transformou de uma hora para outra no homem forte da situação e ele acabou se elegendo presidente. Em 1989, exatamente seiscentos anos depois da batalha de Kosovo Polje e exatamente ao lado daquele monumento, ele fez um discurso beligerante diante de mais de quinhentos mil sérvios. Naquele dia, todos os albaneses ficaram trancados em suas casas.

Russell fez um movimento com as mãos, como se englobasse o tempo naquele gesto.

— Chegamos lá no começo de 1999, quando a repressão e os combates com os rebeldes do ELK, o Exército de Libertação de Kosovo, estavam convencendo a comunidade internacional a intervir na região. Vi certas coisas que nunca vou esquecer.

Coisas as quais, por hábito e atitude, Robert atravessava como se fosse impermeável.

Vivien se perguntou se algum dia Russell conseguiria se libertar do fantasma de Robert Wade.

— Uma noite, um pouco antes do início dos bombardeios da Otan, todos os jornalistas e fotógrafos foram expulsos. Os motivos da expulsão não foram divulgados, mas a suspeita geral era de que as autoridades pretendiam realizar uma pesada ação de limpeza étnica. O prefeito de Pristina declarou — de maneira sucinta, porém muito clara — que quem fosse embora receberia os votos de boa

viagem, mas quem ficasse não gozaria de nenhum tipo de garantia. Alguns não foram embora. E nós estávamos entre estes.

Vivien arriscou uma pergunta.

— Tem certeza de que Robert era mesmo um homem de coragem? — Era o que eu pensava na época. Agora, não tenho mais tanta certeza.

Russell voltou à história com uma voz que misturava alívio e cansaço.

— Robert tinha um amigo, Tahir Bajraktari, se me lembro bem, um professor que morava na periferia de Pristina com sua mulher, Lindita. Robert lhe deu dinheiro e ele, antes de sair da cidade, nos escondeu em sua casa, num quarto no porão a que tínhamos acesso por um alçapão escondido sob o tapete, nos fundos do prédio. O eco dos combates chegava até nós. O pessoal do ELK atacava, atingia o alvo e desaparecia sem deixar vestígios.

Vivien teve a impressão de que, se procurasse no fundo dos olhos dele, veria as imagens que Russell estava revivendo naquele momento.

— Eu estava apavorado. Robert fazia de tudo para me tranquilizar. Ficou um pouco comigo, mas o apelo do que estava acontecendo lá fora foi mais forte que ele. Dois dias depois, saiu do esconderijo com os bolsos cheios de rolos, e as rajadas de metralhadora explodindo nas ruas. Nunca mais o vi com vida.

Russell pegou a garrafa e bebeu um longo gole d'água.

— Como não voltou, saí para procurá-lo, até hoje não sei com que coragem. Andei pelas ruas desertas. Pristina era uma cidade-fantasma. As pessoas tinham fugido, em muitos casos deixando a porta aberta e a luz acesa. Desci na direção do centro e finalmente o encontrei. Robert estava estendido no chão, na calçada, numa pracinha com árvores onde havia outros cadáveres. Tinha o peito destruído por uma rajada de metralhadora e ainda apertava a máquina fotográfica na mão. Peguei a máquina e voltei correndo para me esconder. Chorei por Robert e chorei por mim, até não ter mais forças nem para isso. Em seguida, os bombardeios da Otan começaram. Fiquei escondido lá embaixo não sei quanto tempo, ouvindo as bombas caírem, sem tomar banho, racionando a

comida disponível, até que um dia percebi que as vozes que chegavam de fora falavam inglês. Então compreendi que estava salvo e saí.

Voltou a beber com sofreguidão, como se a lembrança das lágrimas de então secasse qualquer traço de líquido em seu corpo.

— Quando consegui ampliar as fotos da máquina de Robert e pude vê-las, fiquei eletrizado por uma delas em particular. Percebi imediatamente que era uma foto extraordinária, uma daquelas que qualquer fotógrafo passa a vida perseguindo.

Vivien tinha aquela imagem bem clara na memória. Todo o mundo a conhecia. Era uma das fotos mais famosas do planeta.

Mostrava um homem no momento em que era atingido no coração por um projétil.

Usava calções escuros e estava com o torso nu e os pés descalços. O impacto da bala, lançando um jato de sangue, levantava o corpo do chão. Por uma daquelas casualidades que fazem a fortuna de um correspondente de guerra, a objetiva captou-o com os braços abertos, os pés sobrepostos e o corpo suspenso numa posição que lembrava a figura de Jesus Cristo na cruz. Até o rosto do homem, encovado, com os cabelos longos e uma sombra de barba coincidia com a iconografia tradicional do Cristo. O título da foto, *A segunda Paixão*, veio quase como consequência.

— Alguma coisa que não sei explicar tomou conta de mim. Inveja, raiva daquela capacidade de captar o instante, ambição. Cobiça, talvez. Apresentei a foto ao *New York Times* dizendo que era minha. O resto você já sabe. Ganhei o Prêmio Pulitzer com ela.

Infelizmente, o irmão do homem morto viu quando Robert bateu a foto e revelou a verdade aos jornais. Assim, todos ficaram sabendo que a foto não era minha.

Fez uma pausa antes de chegar a uma conclusão que lhe custou anos de vida.

— E se devo ser honesto, não estou completamente convencido de que isso me desagradou.

Instintivamente, Vivien colocou a mão sobre o braço de Russell. Quando percebeu, tirou rapidamente esperando que o

outro não tivesse percebido.

— E o que fez depois? — Sobrevivi, aceitando qualquer trabalho que pintasse. Serviços de moda, fotos técnicas, até casamentos. Mas sobretudo recorri além da conta ao dinheiro de minha família.

Vivien estava buscando as palavras certas para aliviar o peso daquela confissão, mas o toque do telefone chegou primeiro. Pegou o aparelho na mesa. A memória transferiu um nome para a tela: Bellew.

Atendeu.

— Pode falar, Alan.

— Um verdadeiro golpe de sorte. Liguei para o responsável pelo 70º Distrito e o intimei a fazer a pesquisa. Quando pedi que acionasse todos os homens disponíveis, ele achou que eu estava maluco.

— Posso acreditar. Encontrou alguma coisa? — A mulher se chama Carmen Montesa. Quando se mudou, teve a gentileza de ir à polícia para comunicar a mudança de endereço. Mandei verificar e ainda há uma linha telefônica ativa em seu nome nesse mesmo endereço, no Queens. Estou enviando agora mesmo via celular.

— Alan, você é o máximo.

— A primeira mulher que me disse isso, minha cara, foi a obstetra que me trouxe ao mundo. Vai ter que entrar na fila. Bom trabalho e me mantenha informado.

Vivien levantou e Russell fez o mesmo. Entendeu que a pausa tinha chegado ao fim e que era tempo de recomeçar.

— Novidades? — Espero que sim. Por enquanto, encontramos a tal mulher. Depois, veremos.

A detetive limpou a boca, jogou o guardanapo de papel na mesa e dirigiu-se para o carro. Russell deu uma olhadela melancólica para a comida que mal tocara. Depois, seguiu os passos de Vivien, deixando para trás uma história que, por mais que tentasse, estava começando a desconfiar que não acabaria nunca.

22

CARMEN MONTESA ADORAVA OS NÚMEROS.

Sempre gostou deles, desde menina. Na escola elementar era a melhor da turma.

Trabalhar com números lhe dava uma sensação de ordem, de paz. Gostava de inseri-los nos quadradinhos da folha, cada um com seu signo gráfico e seu significado quantitativo, dispostos um ao lado do outro ou em colunas, todos grafados com sua caligrafia infantil, mas precisa. E ao contrário de muitos colegas de escola, achava aquilo muito criativo. Em sua mente de criança tinha até dado uma cor a cada número. O quatro era amarelo e o cinco, azul. O três era verde e o nove era marrom. O zero era de um branco imaculado, cândido.

Mesmo agora, sentada em sua velha poltrona de couro, tinha uma revista de Su Doku no colo. Infelizmente, porém, pouco restava daquelas fantasias de menina. Os números se transformaram em signos negros sobre o papel branco de um jornal — nada mais. Com o tempo, as cores desapareceram e ela descobriu que o zero, aplicado à vida das pessoas, não tinha uma cor muito bonita.

Gostaria de ter tido uma trajetória diferente, ter podido estudar, ir para o colégio, escolher uma faculdade ligada aos números, que lhe permitisse transformá-los em profissão. Mas as circunstâncias não decidiram assim.

Um dos protagonistas de um filme que viu dizia que, em Nova York, a vida é muito difícil se você é mexicano e pobre. Quando ouviu aquela frase, não pôde fazer outra coisa senão confirmar no fundo do seu coração. Ela tinha, em relação ao restante das meninas na mesma situação, a vantagem de ser bonita. E isso a ajudou muito. Nunca aceitou compromissos sérios, embora tenha aprendido no decorrer do tempo a suportar alguns amassos e mãos bobas a mais. Só uma vez, para ter certeza de que

seria admitida na escola de enfermagem, fez um boquete no diretor. Quando deparou com suas colegas de curso e viu o alto percentual de meninas bonitas, percebeu que aquele tipo de exame de admissão devia ser uma coisa que tinha em comum com muitas delas.

Depois apareceu Mitch... Afastou a revista quando percebeu que uma lágrima caiu manchando a tinta da caneta hidrocor nos quadradinhos do Su Doku. O número que tinha acabado de escrever, um cinco, alargou a barriga e apareceu cercado por um halo azulado, redondo e parecido demais com um zero.

Não é possível, depois de todos esses anos, ainda choro... Colocou a revista na mesinha a seu lado, considerando-se uma boba. Mas deixou que as lágrimas escorressem, e, com elas, as lembranças. Era tudo o que restava de um período feliz, talvez o único trecho de terra verde, viva, em toda a sua existência. Desde o momento em que o conheceu, Mitch mudou sua vida em todos os sentidos.

Antes e depois.

Com ele, descobriu a paixão e tudo o que o amor podia ser e fazer. Ele lhe deu o maior presente do mundo, fazendo com que se sentisse amada e desejada e mulher e mãe.

Pegou tudo de volta quando desapareceu de repente, de um dia para o outro, deixando-a sozinha com um filho para criar. A mãe de Carmen sempre detestou Mitch. Quando ficou claro que seu marido não voltaria, mesmo sem dizer nada abertamente, apresentou-se com aquela conversa de "eu lhe disse" estampada no rosto. Suportou suas alusões porque precisava da mãe para cuidar do menino quando estava trabalhando, mas nunca aceitou voltar para a casa dos pais. À noite, ficava no apartamento dos dois, com Nick, que era o retrato escrito do pai, lendo histórias, vendo desenho animado e folheando revistas de moto.

Depois, um dia, conheceu Elias. Era um chicano igual a ela, um bom rapaz que trabalhava como cozinheiro num restaurante do East Village. Saíram juntos durante um tempo, como amigos. Elias sabia de sua situação, era um homem meigo e respeitoso e dava

para ver a quilômetros de distância que estava apaixonado por ela. Nunca lhe pediu nada, nunca tentou encostar um dedo nela.

Gostava de estar com ele, conversavam muito, e Nick gostava dele. Não o amava, mas quando ele propôs que fossem morar juntos, aceitou depois de muitas hesitações.

Conseguiram um empréstimo e compraram uma casinha popular no Queens, que Elias insistiu em colocar no nome dela.

Carmem sorriu entre as lágrimas à lembrança daquele homem terno e desprotegido.

Pobre Elias. Fizeram amor pela primeira vez na casa deles. Ele era tímido, delicado e inexperiente, e ela teve de levá-lo pela mão como um menino e guiá-lo através de suas emoções. Um mês depois descobriu que estava grávida e, exatamente nove meses depois de sua primeira noite, Allison nasceu.

Teve então uma família. Um filho, uma filha e um companheiro que a amava, sentados todos juntos à mesma mesa. Diante dela, não estava o homem que, lá no fundo, desejava que estivesse, não era a felicidade fulgurante dos dias com Mitch. Era a serenidade que, quando alcançada e considerada como um bom resultado em si, representava o início da velhice.

Mas infelizmente parece que o destino de sua vida não era ter um homem a seu lado.

Elias também se foi, levado por uma forma aguda de leucemia que o consumiu em muito pouco tempo. Ainda recordava a expressão desolada da dra. Myra Collins, interna do hospital onde ela trabalhava agora, quando a chamou de lado e explicou o sentido dos resultados dos primeiros exames. Com palavras claras e gentis, que aos ouvidos de Carmen já soaram como palavras de condolências.

E ficou sozinha novamente. Decidiu que, dali em diante, era assim que sua vida continuaria. Sozinha com os filhos, os três e basta. Nick era um rapazinho meigo e adorável e Allison uma menina de personalidade muito forte. Certo dia, Nick lhe confessou que era homossexual. Carmen já desconfiava, mas esperou que ele mesmo tocasse no assunto. Para ela, nada mudava. Nick era e sempre seria seu filho. Ela se via como uma mulher suficientemente

inteligente e uma mãe suficientemente amorosa para permitir que a diversidade sexual comprometesse o carinho que sentia por ele como pessoa. Conversaram uma tarde inteira sobre as humilhações que ele sofrera e os problemas que enfrentara antes de se assumir numa comunidade de meninos que faziam do machismo a sua regra de vida. Um dia, ele anunciou que ia se mudar para o West Village com o companheiro.

Carmen levantou e foi à cozinha pegar um pedaço de papel do rolo que estava na bancada. Enxugou os olhos. Pensando bem, a frase completa do tal filme dizia que não é fácil viver em Nova York quando se é mexicano, pobre e gay.

Abriu a geladeira e encheu seu copo de suco de maçã.

Chega de chorar, disse consigo mesma.

Já derramara lágrimas suficientes em sua vida. Se a vida de Nick também não fora fácil no início, agora estava empregado numa boutique no Soho, estava apaixonado e feliz. Ela também tinha um bom trabalho, não tinha muito problema de dinheiro e mantinha há anos uma discreta e descompromissada relação com seu chefe, o dr. Bronson. Podia ser considerada uma vida aceitável. Claro, da menina cheia de vida que foi, Allison se transformara numa adolescente difícil. De vez em quando passava toda a noite fora sem avisar. Carmen sabia que ela ficava com o namorado quando a casa dele estava livre. No entanto, gostaria de ser avisada quando acontecesse. Mas tinha certeza de que, com o tempo, depois de atravessar todos os inevitáveis conflitos de geração, a relação das duas melhoraria. Com os anos, aprendeu a conhecer e compreender as pessoas, mas, como todo mundo, nunca completamente a si mesma e aqueles com quem tinha um envolvimento afetivo. Às vezes suspeitava de que todas as suas certezas a respeito de Allison eram apenas fumaça que jogava nos próprios olhos e nada mais.

Estava voltando para sua poltrona e para os números de seu jogo matemático quando ouviu a campainha tocar. Perguntou-se quem poderia ser. As poucas amigas que tinha raramente apareciam para uma visita sem avisar antes. Além do mais, naquela

hora do dia, todas estavam trabalhando. Deixou a cozinha e percorreu o corredor até a entrada.

Pela porta de vidro, confusas do outro lado da cortina, viam-se as silhuetas de duas pessoas.

Quando abriu a porta, se viu diante de uma moça com um ar enérgico, voluntarioso, uma daquelas que estão sempre ocupadas demais para lembrar que também são bonitas.

O outro era um homem de cerca de 35 anos, alto, com cabelos escuros e olhos negros e intensos. Tinha uma barba de dois dias que lhe dava uma aparência descuidada e cativante. Carmen pensou que se fosse jovem de novo, a moça seria atraente o suficiente para ser considerada uma rival e ele, excitante o suficiente para ser uma presa. Mas aquilo era apenas os fogos-fátuos da memória, um jogo de identificação sem nenhuma consequência, que fazia consigo mesma cada vez que conhecia pessoas novas, jovens ou velhas. Na sua idade, não tinha nenhuma vontade de se aventurar, pois a vida lhe mostrou como isso acabava na maioria das vezes. Em suma, mais uma vez, tudo não passava de uma série de números.

— Sra. Carmen Montesa? — Eu mesma.

A moça exibiu um distintivo brilhante de plástico e metal.

— Meu nome é Vivien Light e sou detetive do 13º Distrito, em Manhattan.

Deu-lhe tempo para verificar a foto na carteira e depois indicou o homem a seu lado.

— Russell Wade, meu parceiro.

Carmen sentiu uma pontada de ansiedade atravessar seu coração. Teve um par de extrassístoles, como sempre acontecia quando se emocionava.

— O que houve? Alguma coisa com Allison? Aconteceu alguma coisa com a minha filha? — Não, senhora, pode ficar tranquila. Só preciso lhe perguntar algumas coisas, trocar algumas palavras.

O alívio chegou como um bálsamo para acalmá-la. Era muito impressionável. Mas não podia fazer nada contra a própria natureza. No trabalho, demonstrava uma frieza e uma eficiência

admiráveis, mas quando retornava a seu papel de mulher e mãe voltava a ser vulnerável.

Relaxou.

— Fale então.

A moça apontou para o interior da casa com um sorriso.

— Temo que não seja uma coisa tão rápida. Podemos entrar um momentinho? Carmem ficou de lado com uma expressão aborrecida no rosto.

— Desculpem. O alívio me fez esquecer as boas maneiras. Claro que podem entrar.

Afastou-se da soleira e segurou a porta para que entrassem. Quando o homem passou a seu lado, Carmen imaginou que usava um bom perfume. Logo em seguida corrigiu-se.

Ele tinha um cheiro bom. A moça, ao contrário, cheirava a baunilha e couro. Enquanto fechava a porta, imaginou o que pensariam dela se pudessem ler o que se passava em sua mente.

Passou à frente e guiou os dois até a sala. Ouviu a voz cortês da moça atrás de si.

— Espero não estar incomodando.

Carmen se espantou ao ver alguém da polícia se desculpar. Em geral, eram muito mais rudes. Sobretudo quando eram gringos como aqueles dois e falavam com um hispânico.

Naquele momento teve a certeza de que não entrou em sua casa para trazer boas notícias.

Saíram do corredor e foram para a sala de estar. Carmen virou e encarou a moça, para que ela visse que não se tratava de simples formalidade.

— Incômodo nenhum. Hoje é meu dia de folga. Estava gozando de uma tarde de lazer.

— Em que trabalha? Estava para responder, quando viu um meio sorriso se desenhar no rosto do homem ao ouvir a moça formular aquela pergunta.

— Sou enfermeira. Antes estava no Bellevue, em Manhattan. Trabalhei ali um tempão.

Agora sou assistente de um cirurgião plástico, o dr. Bronson. Indicou o sofá que estava atrás dos dois.

— Sentem-se, por favor. Desejam alguma coisa? Um café? Só se sentou na poltrona depois que os dois se acomodaram no sofá.

— Não, obrigada, senhora. Estamos bem assim.

A moça sorriu. Carmen teve a impressão de que estava diante de uma pessoa que, quando queria, sabia deixar os outros à vontade. Talvez porque ela também se sentia assim. Ele parecia um pouco mais deslocado. Não parecia um policial. Não tinha aquele ar decidido que os representantes da lei costumavam ostentar como emblema de seu poder.

Notou que Vivien olhava ao redor. Deslizou os olhos atentos pelas paredes, pela tapeçaria, pela bancada da cozinha que se entrelaçava por uma porta à direita, pela salinha de jantar do outro lado do corredor. Um passar de olhos rápido, mas agudo. Carmen teve certeza de que gravou cada detalhe na memória.

— Sua casa é muito bonita.

Carmen sorriu.

— A senhorita é muito gentil e diplomática. É a casa de uma mulher que vive de seu salário. As muito bonitas são bem diferentes. Mas estou bem aqui.

Não acrescentou mais nada. Fixou os olhos nos da moça e esperou. Ela entendeu que as formalidades tinham chegado ao fim e que era hora de abordar o motivo de sua visita.

— Há dezoito anos, a senhora denunciou o desaparecimento de seu marido, Mitch Sparrow.

Não era uma pergunta, mas uma afirmação.

Carmen se sentiu constrangida. Primeiro, pela coincidência de ter pensado em Mitch poucos minutos antes. Segundo, porque não imaginava que, depois de tanto tempo, aquela história ainda interessasse alguém, a não ser ela mesma.

— É isso mesmo.

— Pode nos contar um pouco o que aconteceu? — Não há muito coisa para contar. Um dia ele saiu de casa e não voltou nunca mais.

Esperei até tarde e depois, no meio da noite, avisei a polícia.

— E qual foi o resultado das investigações? — Ele compareceu ao trabalho normalmente. Deixou a obra onde

trabalhava na mesma hora de sempre, mas não voltou para casa. Meu marido era operário da construção civil.

Carmen forneceu a última informação, mas tinha certeza de que eles já estavam a par desse detalhe da vida de Mitch.

— E como era o seu marido? — Uma pessoa especial. Quando o conheci, só pensava em sua moto. E nas mulheres.

Mas quando nos encontramos, foi amor à primeira vista.

— Nenhum desentendimento, nenhum dissabor, algo que o deixasse pensar em... Carmen interrompeu-a.

— Quer dizer outra mulher? Tinha entendido aonde a pergunta da jovem pretendia chegar. Observando-a, teve a impressão de que a moça perguntou aquilo sem que fosse realmente necessário, só porque fazia parte de uma prática de seu trabalho. Era como se já soubesse a resposta.

Mas achou importante explicar como era a verdadeira situação entre ela e seu marido.

À luz do que esteve pensando um pouco antes de os dois chegarem para trazer aquela história de volta oficialmente.

— Não, pode acreditar. Eu e Mitch estávamos apaixonados e ele adorava o filho. Sou mulher e percebo quando outros pensamentos estão distraindo um homem. O desejo é a primeira coisa que desaparece. Mitch só pensava em mim, de dia e sobretudo de noite. E eu nele. Acho que me fiz entender.

Tinha diante de si outra mulher. Carmen sabia que entenderia o que estava dizendo.

De fato, a detetive pareceu satisfeita com suas palavras, e mudou de assunto.

— Pode confirmar que seu marido tinha uma tatuagem no ombro direito? — Sim, era uma bandeira pirata. Sabe, aquela com a caveira e duas tíbias cruzadas.

Havia uma inscrição embaixo, mas não consigo lembrar o que era.

— The only flag, talvez? — Isso mesmo! Era o símbolo daqueles amigos malucos dele, todos fanáticos por motos. Morávamos em Coney Island e Mitch... — Sim, sabemos dos Skullbusters.

A moça tratou de interrompê-la, com voz gentil, mas firme. Carmen lembrava de ter feito uma denúncia no 70º Distrito. Ficou se perguntando o que teria acontecido para mobilizar a polícia de um distrito de Manhattan.

A detetive prosseguiu com seu tom profissional, ao mesmo tempo incisivo e tranquilizador.

— Sabe se seu marido sofreu alguma fratura? — Sim. Tombo de moto. Úmero e tibia, acho. Foi nessa época que nos conhecemos.

Ele foi medicado no hospital em que eu trabalhava. Quando teve alta, me obrigou a escrever meu telefone no gesso e nos falamos várias vezes. Quando voltou para tirar a armadura, como dizia ele, me convidou para sair.

— Uma última coisa, senhora. Onde era que seu marido trabalhava quando desapareceu? Carmen teve de se esforçar para trazer à memória lembranças que tinham se refugiado em algum local escondido.

— A empresa estava reformando um prédio em Manhattan, lá pelos lados da Terceira Avenida, acho.

A moça ficou um instante em silêncio, como alguém em dificuldade para encontrar as palavras certas a dizer. Carmen pensou que certos discursos são como uma operação aritmética. Por mais que se mude a ordem das palavras, o resultado permanece inalterado.

De fato, o que Vivien disse logo em seguida confirmou aquele pensamento.

— Sra. Sparrow, creio que tenho de lhe dar uma notícia ruim. Encontramos um corpo escondido entre duas paredes de um edifício, justamente na Rua 23, esquina com a Terceira Avenida. Temos razões para crer, à luz do que acabou de nos dizer, que se trata de seu marido.

Carmen sentiu alguma coisa chegar e ir embora ao mesmo tempo, como uma onda longa e ruim que só faz balançar o barco para depois desaguar em mar aberto. Apesar de suas resoluções anteriores, depois de tanto tempo de dúvidas, as lágrimas da

certeza começaram a escorrer em suas faces. Abaixou a cabeça e escondeu o rosto entre as mãos.

Quando a levantou de novo e pousou os olhos em Vivien, Carmen teve a sensação de que seriam as últimas.

— Desculpem.

Levantou-se e foi para a cozinha. Quando voltou, estava com o pacote de lenços de papel na mão. Enquanto se sentava, fez a pergunta que lhe veio à mente de imediato.

— Têm ideia de quem... A detetive sacudiu a cabeça.

— Não senhora. Estamos aqui por isso, para tentar entender alguma coisa. Até a identificação, depois desse tempo todo, é muito difícil. A única prova definitiva seria o DNA.

— Tenho seu rabo de cavalo.

— Como? Carmen levantou da poltrona.

— Um segundinho, por favor.

Atravessou a sala e saiu da vista de seus dois visitantes.

Alguns passos depois, se viu diante de uma porta no vão da escada. Sabia onde estava guardado aquilo que procurava.

Lembrava-se de tudo o que tinha ligação com seu único marido.

E seu único homem.

De fato, quando abriu a porta, o baú estava lá, cheio de coisas de baixo preço e muito valor. Soltou o fecho e levantou a tampa. O que procurava estava por cima do resto, enrolado num pano. Desenrolou o tecido, tirou a proteção e ficou olhando um instante, com o gosto amargo da ternura que aquele estranho tesouro suscitava. Pegou também uma velha foto, mais ou menos da época em que Mitch tinha desaparecido.

Em seguida, voltou para a sala e mostrou o que tinha nas mãos aos dois que continuavam no sofá. Era uma moldura de madeira escura dentro da qual, estendida num pano verde e protegida por um vidro, via-se uma trança de cabelo louro.

Carmen sorriu às lembranças.

Explicou com palavras claras enquanto revivia o episódio com a mesma clareza.

— Quando Mitch começou a trabalhar, cortou os cabelos. Ele usava rabo de cavalo.

Mas antes, fiz uma trança com eles e resolvemos emoldurar como recordação. Podem levar. Dá para tirar o DNA a partir dos cabelos.

Depois estendeu a foto para a moça.

— É de meu marido. Uma das últimas.

Carmen viu uma pequena satisfação aparecer no rosto da jovem. Notou que o rapaz ficou em silêncio o tempo todo, olhando-a com aqueles olhos escuros e intensos que pareciam penetrar nas pessoas. Pensou que, entre os dois, era ela quem segurava as rédeas da relação, não só entre eles, mas com relação ao mundo também.

Vivien pegou o quadro e colocou de pé no sofá, a seu lado.

— Mais duas coisinhas, se não se importa.

A moça tirou um objeto do bolso interno da jaqueta e lhe estendeu. Carmen viu que era um porta-documentos.

— Isso pertencia a seu marido? Pegou e examinou com atenção.

— Não, tenho certeza que não. Não era seu estilo. Só tinha coisas com a marca da Harley.

— Já viu essa pessoa alguma vez? Carmen tinha diante dos olhos uma fotografia onde um rapaz de cabelos escuros e um grande gato preto posavam para o fotógrafo.

— Não, nunca.

Enquanto a detetive recolocava os objetos no bolso, Carmen teve a impressão de que ela ficou decepcionada com a última declaração, mas não surpresa.

— A senhora sabe se aconteceu alguma coisa estranha, insólita, durante a carreira de seu marido? Alguma coisa que ele possa ter lhe contado, mesmo sem dar muita importância? Deu um tempo para que pensasse e depois fez questão de sublinhar uma questão.

— Senhora, por motivos fáceis de compreender, não posso lhe dizer mais nada, mas gostaria que soubesse que isso é muito importante.

O tom parecia aflito e conseguia transmitir a ansiedade que a moça certamente sentia.

Carmen pensou um pouco, mas foi obrigada a fazer um gesto resignado com as mãos.

— Não. Apesar do passado movimentado de Mitch, levávamos uma vida tranquila. De vez em quando ele revia os velhos amigos, os Skullbusters, mas à parte algumas noites em que voltava para casa com algumas cervejas a mais no juízo, era um trabalhador e andava na linha. Não falava muito de trabalho em casa. Brincava o tempo todo com Nick.

A detetive ia dizer algo, quando foram interrompidos pelo barulho de uma chave na fechadura e da porta de entrada se abrindo. A conversa foi substituída por um rumor de saltos batendo no chão que a todos pareceu mais eloquente que as palavras. Carmen viu a filha sair do corredor e surgir na sala de estar.

Tinha cabelos curtos cheios de gel, os olhos pesadamente maquiados, batom roxo e meias-luvas pretas nas mãos. Os jeans pareciam dois números acima do da dona, cuja camiseta curta deixava o umbigo de fora, atravessado por um piercing.

Não pareceu surpresa ao ver a mãe na companhia de duas pessoas. Olhou para todos com impertinência — primeiro, eles; depois, a mãe.

— Podia me poupar de chamar os tiras. Sabe muito bem que acabo voltando.

— Eles não... A menina a interrompeu ao mesmo tempo que desviava os olhos para guardar a chave na bolsa. Parecia aborrecida, mais que impressionada.

— Está escrito na cara deles que são policiais. Está pensando que nasci ontem? Voltou a encarar a mãe.

— De todo modo, a menina má voltou e seus cães de caça podem voltar para o buraco de onde vieram. E pode dizer a eles que sem um mandado de busca não vão tirar nem um guardanapo do lugar nessa casa.

Carmen viu uma sombra descer escurecendo os olhos de Vivien, como se ela já soubesse, como se tivesse vivido aquela mesma situação em outro lugar.

Ouviu a detetive falar com Allison com voz de paciência forçada.

— Não estamos aqui por sua causa. Trouxemos uma notícia para sua mãe.

Mas Allison já tinha dado as costas, como se o assunto não lhe interessasse.

Desapareceu atrás de um ângulo, deixando somente o som sarcástico de sua voz.

— E quem se interessa por essa merda: posso acrescentar isso a essa bela conversinha? Disse isso enquanto subia a escada para chegar a seu quarto. Do alto, o som de uma porta batendo explodiu sobre o constrangimento e o silêncio dos três.

Carmen não sabia o que dizer. Mas quem falou primeiro foi Vivien. A cena a que acabaram de assistir lhes deu um pouco mais de intimidade e ela resolveu tratá-la com certa familiaridade.

— Carmen, posso dizer duas palavrinhas à sua filha? Carmen ficou um instante perplexa ante o pedido.

— Sim, acho que sim.

A detetive achou melhor esclarecer.

— Quero que saiba que serão, digamos, palavras um pouco rudes.

— Entendi. Acho que não lhe farão mal.

A detetive se levantou. Carmen esboçou um pequeno sorriso, leve e cúmplice.

— Primeiro quarto à direita, no topo da escada.

Vivien desapareceu no mesmo ângulo, no rastro de uma conversa que achava justo ter com aquela garota, naquele momento. Aquele que se apresentou como Russell assumiu uma expressão de irônica formalidade. Até então, tinha mantido silêncio, mas quando falou, a voz era exatamente como Carmen esperava.

— Vivien é uma moça muito decidida.

— Estou vendo.

— E muito precisa também, quando quer.

Carmen confirmou aquela opinião, com um tom satisfeito.

— Tenho certeza disso.

Ficaram em silêncio até a volta de Vivien, um pouco depois. Com ar tranquilo, ela atravessou a sala e sentou-se de novo no sofá.

— Dito e feito. Ela vai ficar com as bochechas um pouco vermelhas nas próximas horas, mas deve ter entendido como é que a banda toca.

Pegou a carteira, tirou um cartão de visita e colocou na mesinha, em cima da revista de Su Doku. Carmen viu quando pegou o hidrocor que estava ao lado e escreveu alguma coisa no verso. Depois, esticou-se em sua direção e estendeu o cartão.

— Este é o meu número. Atrás tem o do celular. Se lembrar de alguma coisa a respeito de seu marido ou tiver mais problemas com sua filha, pode me chamar.

Vivien pegou o quadro e se levantou, imitada em seguida por Russell — sinal de que a visita tinha chegado ao fim. Carmen acompanhou os dois até a porta. Quando estavam saindo, colocou a mão no braço da moça.

— Vivien.

— Sim? — Obrigada. É uma coisa que eu já devia ter feito há muito tempo, mas obrigada do mesmo jeito.

A detetive sorriu para ela. Seus olhos cintilaram por um instante, enquanto fazia um gesto de ombros que minimizava a coisa.

— Não há de quê. Tchau, Carmen.

Esperou que chegassem ao fim da escada e fechou a porta. Voltou para a sala, pensando em toda aquela história.

Droga, Mitch, espero pelo menos ter feito você entender, enquanto durou, quanto eu o amava... Sabia que a parte mais difícil seria quando a noite chegasse, depois de apagar a luz e ver-se sozinha com todos os seus fantasmas. Enquanto isso, resolveu ligar a TV e chamar o mundo para lhe fazer companhia.

Sentou-se na poltrona e apontou o controle remoto para o aparelho. Quando a tela se iluminou, o noticiário exibia uma matéria sobre a explosão de sábado na Rua 10, em Manhattan. Ao ver aquelas imagens de destruição, uma lembrança atravessou sua mente.

Levantou-se num salto, correu até a porta e a abriu. Russell e Vivien ainda estavam ali, na calçada oposta, ao lado de um carro, como se tivessem parado para comentar os resultados daquele encontro.

Fez um gesto com o braço para chamar sua atenção.

— Vivien.

A detetive e seu parceiro viraram a cabeça em sua direção. Quando a viram no alto dos três degraus, sob o alpendre da entrada, foram até lá.

— O que houve, Carmen? — Eu me lembrei de uma coisa. Tanto tempo se passou e minhas lembranças são... Vivien parecia excitada. Interrompeu sua fala com um toque de impaciência na voz.

— Diga.

Carmen estava constrangida. Pela primeira vez na vida era personagem de uma investigação policial e tinha medo de fazer papel de boba ou de dizer alguma coisa que parecesse idiota.

— Bem, não sei se é uma coisa importante, mas lembrei que há muito tempo a empresa em que Mitch trabalhava, a Newborn Brothers, reformou uma casa em North Shore, Long Island. Era de um ex-militar, acho eu. Major, coronel ou alguma coisa do gênero.

Vivien pressionou.

— E então? Carmen ainda fez uma pequena pausa hesitante e depois disse o que tinha a dizer de uma só vez.

— Mais ou menos um ano depois do fim dos trabalhos a casa explodiu.

Na luz incerta do crepúsculo, Carmen viu com muita clareza o rosto da detetive empalidecer.

23

DA JANELA DO CARRO, RUSSELL E Vivien viram Carmen Montesa fechando lentamente a porta de casa, uma figura triste e solitária tentando inutilmente manter longe de sua porta algo que acabaria entrando pela janela. Um segundo depois, Vivien já estava com o telefone do carro na mão e digitava apressadamente o número do capitão. Sabia que o encontraria no gabinete, à espera. Sentado a seu lado, Russell contou três toques antes que a resposta chegasse.

— Bellew.

Vivien não perdeu tempo com rodeios.

— Alan, tenho novidades.

A pergunta seguinte se insinuou como uma trava na surpresa de Vivien.

— Wade está aí com você? Instintivamente, Vivien virou para olhar para Russell.

— Sim.

— Tem como me colocar no viva-voz? — Claro.

— Muito bem. O que tenho a dizer é para vocês dois.

Vivien ficou pasma. Achava aquele procedimento completamente insólito. Por outro lado, toda aquela história era insólita. Inclusive mirabolante. Depois pensou que talvez, recordando a promessa feita, ele tivesse realmente aceitado incluir Russell em suas considerações. Ou talvez tivesse que dizer alguma coisa que o interessava de perto. Vivien apertou um botão e o timbre da comunicação se transformou, espalhando-se pelo carro.

— Feito.

A voz do capitão saiu das caixas num tom alto e forte.

— Antes de mais nada, conte-me as novidades.

Vivien começou a colocar o capitão a par de seus avanços.

— Tenho quase certeza de que o emparedado é esse tal de Mitch Sparrow de quem falei. Tenho comigo os elementos

necessários para a identificação definitiva com um exame de DNA. Temos de pedir urgência.

— Mande me entregar o que tem e considere feito. Mais alguma coisa? Russell ficava fascinado com a comunicação clara e telegráfica entre os dois policiais.

Falavam a mesma língua, aprendida na própria pele.

Vivien prosseguiu, excitada.

— Há muitos anos, Sparrow trabalhou numa pequena empresa de construção chamada Newborn Brothers, segundo me disse a mulher dele. Fizeram uma reforma numa casa em North Shore, Long Island. Ouça isso: parece que a tal casa pertencia a um ex-militar e que, um ano depois do final da obra, ela explodiu. E os exames dos especialistas indicaram um atentado, não um acidente. O que acha? — Acho que é uma ótima pista a ser seguida.

Vivien continuou, certa de que seu superior estava anotando tudo do outro lado.

— Precisamos chegar à Newborn Brothers e à empresa que construiu o edifício do Lower East Side para verificar o registro dos empregados, se ainda têm algum. Ver se existe alguém que faça parte da lista de operários das duas construções e descobrir os nomes dos diretores das duas empresas.

— Vou designar os homens necessários imediatamente.

O capitão mudou de tom. O que Vivien disse já estava arquivado e em vias de execução. Agora quem tinha que colocar as novidades na mesa era ele.

— Nesse meio-tempo, eu também me mexi. Tive de falar com Willard, o chefe de polícia. Mas fiz isso em particular. Muito em particular, se é que me entende.

— Perfeitamente.

— Mostrei a carta e expliquei os pontos principais da história. Ele deu um pulo da cadeira. Mas, como era de se prever, foi cauteloso e, conseqüentemente, pediu um tempo.

Disse que como pista parece frágil e pouco fundamentada, embora a gente não esteja em condições de dispensar nada. Vai pedir a um criminologista ou a um psicólogo para analisar a carta, mas está procurando alguém que esteja fora dos ambientes usuais

da polícia e do FBI. Uma pessoa sem memória e sem língua, entendeu? Já está avaliando uma série de nomes. Concordamos que devemos proceder com cautela por enquanto, mantendo a coisa apenas entre nós, como já tínhamos decidido. Trata-se de uma situação muito delicada e instável para todos. Muitas pessoas morreram. Outras talvez estejam correndo risco de morrer. No que nos concerne, um monte de cabeças podem rolar ou acabar recebendo uma coroa. E as nossas estão entre elas, Vivien... Russell teve a impressão de que a moça estava esperando por aquelas palavras. Não fez nenhum comentário, nem com a voz, nem com o rosto.

— Entendido.

— Wade, está me ouvindo? Russell aproximou a cabeça instintivamente do local onde pensava que estivesse o microfone.

— Estou, capitão.

— Não disse nada ao chefe sobre o nosso acordo. Se vazar alguma coisa antes que essa história chegue ao fim, sua vida vai ficar muito pior que o pior dos seus pesadelos. Fui claro? — Muito claro, capitão.

Isso significava que de agora em diante suas vidas estariam entrelaçadas sem escapatória, independentemente do resultado, fossem as cabeças sentindo o fio da lâmina, fosse o peso da coroa. Vivien falou com o superior com voz tranquila e distante. Russell admirou seu autocontrole, coisa que estava bem longe de possuir.

— Muito bem. Resolvido isso, tem mais alguma notícia? O tom do capitão voltou a ser tão profissional quanto o de qualquer policial que examina os elementos de uma investigação. O parêntese emocional se fechara. Estavam de volta ao trabalho.

— De bom, temos o fato de ter toda a polícia de Nova York à nossa disposição. E o poder de tirar qualquer um da cama a qualquer hora da noite, a começar pelo chefe.

Ouviu-se um rumor de papel sendo folheado.

— Tenho aqui os resultados dos primeiros exames. Os especialistas em bombas acham que já descobriram o tipo de detonador. Trata-se de uma coisa muito simples e ao mesmo tempo muito engenhosa. Uma série sucessiva de impulsos de rádio em

diversas frequências, emitidos numa sequência precisa. Numa cidade atravessada por ondas de rádio, o mecanismo impede que as minas explodam por causa de um sinal fortuito.

Russell tinha uma dúvida que o perseguia desde que aquele caso alucinante começou.

Entrou novamente na conversa.

— O prédio que explodiu foi construído há muitos anos. Como é que as bombas continuam a funcionar depois de tanto tempo? O capitão também deve ter cogitado aquela pergunta, pois suspirou antes de responder. Apesar da experiência, era um pequeno sinal de renovada incredulidade diante da genialidade da loucura.

— Não há baterias. O filho da puta ligou o detonador à corrente do edifício. Pode acontecer que um ou outro tenha se deteriorado com o passar do tempo e não funcione mais, mas sabe-se lá em quantos lugares esse louco depositou sua merda.

Houve um barulho estranho e, por um instante, Russell achou que a ligação tinha caído. Depois a voz de Bellew voltou a girar dentro do carro.

— Estão fazendo um ótimo trabalho, meninos. Queria lhes dizer isso. Um ótimo trabalho.

Vivien retomou o fio da conversa e tratou de cortá-lo. Tudo o que tinham a dizer já tinha sido dito.

— Então vou ficar esperando que entre em contato de novo. Ligue assim que tiver aquelas informações.

— O mais rápido que puder.

Vivien desligou e, por alguns instantes, somente o rumor do tráfego competiu com seus pensamentos no silêncio do carro.

Russell olhava a rua e as luzes que iluminavam a noite. Naquela jornada sem memória, o tempo chegou antes deles e os acolheu quase de surpresa na escuridão.

Foi Russell quem falou primeiro. E fez isso com palavras que retribuía a confiança que Bellew depositara nele ao permitir que participasse como testemunha da investigação.

— Quer o original? Distraída em seus pensamentos, Vivien não captou imediatamente o sentido daquela proposta.

— Que original? — Você tinha razão quando me acusou de apresentar apenas a cópia da folha que Ziggy me deu. Coloquei o original num envelope e enviei para o meu próprio endereço. É um sistema que aprendi com ele. Nesse momento, deve estar na minha caixa de correio.

— Onde você mora? Russell ficou contente por Vivien não ter feito outros comentários.

— Rua 29, entre a Park e a Madison.

Sem dizer mais nada, Vivien percorreu em silêncio o Queens Boulevard e levou o carro na direção da Queensboro Bridge. Atravessaram, chegaram a Manhattan na altura da Rua 60 e dobraram à esquerda na Park Avenue. Desceram para o sul, entregues aos caprichos do trânsito.

— Chegamos.

A voz de Vivien chegou a seus ouvidos como uma lembrança e Russell percebeu que, depois de apoiar a cabeça no encosto, tinha adormecido. O carro estava estacionado na Rua 29, esquina com a Park. Só precisava atravessar e em poucos passos estaria em casa.

Vivien olhou para ele enquanto esfregava os olhos.

— Está cansado? — Acho que sim.

— Terá tempo de dormir quando essa história tiver terminado.

Sem dizer que suas esperanças eram absolutamente diversas, Russell aproveitou o sinal verde e foi para a calçada oposta. Quando chegou na entrada de seu edifício, empurrou a porta de vidro e entrou no hall. O prédio, como todos os que possuem certo prestígio em Nova York, tinha um serviço de porteiros vinte e quatro horas. Aproximou-se do porteiro que estava atrás do balcão. Espantou-se ao ver Zef, o building manager, por ali àquela hora. Era um amigo, um homem de origem albanesa que arregaçou as mangas e trabalhou duro até chegar à posição que ocupava agora. E Russell sempre teve uma relação muito cordial com ele. Estava convencido de que Zef, além de espectador de seus discutíveis empreendimentos, também fosse, em segredo, seu único admirador.

— Boa tarde, sr. Wade.

Russell tinha certa tendência à distração, além da propensão para a vida desregrada.

Por isso, depois de tê-las perdido várias vezes, sempre deixava as chaves na portaria. Em geral, o porteiro do turno as entregava sem perguntar nada assim que o via chegar. A ausência daquele gesto habitual denunciava algo de anormal. Com uma pulga atrás da orelha, Russell dirigiu-se ao amigo.

— Oi, Zef. Não me diga que agora foi você quem perdeu as chaves... — Devo lhe informar que temos um problema, sr. Wade.

As palavras do homem e mais ainda a sua expressão trouxeram muitas outras pulgas para as orelhas de Russell. Apesar da ideia que tinha na cabeça não ser exatamente uma suposição, mas quase uma certeza, formulou a pergunta.

— Que problema? O constrangimento ficou evidente em seu rosto. Mas, apesar disso, teve a lealdade de olhá-lo de frente.

— Um representante da Philmore Inc. veio até aqui hoje, acompanhado de um advogado, trazendo uma carta do administrador endereçada a mim. E outra para o senhor.

— E o que dizia? — Por motivos óbvios, não abri a sua. Poderá retirá-la junto com o resto da correspondência.

— E a outra? — A carta da administração endereçada à minha pessoa diz que o apartamento de propriedade da empresa neste edifício não está mais à sua disposição. Com efeito imediato. Portanto, não posso lhe dar as chaves.

— Mas e as minhas coisas? Zef deu de ombros num gesto que queria dizer: não atire, sou apenas o pianista.

Russell teve vontade de rir. Parecia uma cena de comédia hollywoodiana, mas era a pura verdade.

— A pessoa em questão subiu até o apartamento e colocou todos os seus objetos pessoais em duas malas. Elas estão ali, no depósito.

Parecia realmente pesaroso o que estava acontecendo e, à luz da relação que tinham, Russell não via motivos para duvidar de sua sinceridade. Nesse ínterim, o porteiro foi buscar a correspondência, que pôs no tampo de mármore do balcão. Russell

reconheceu o envelope amarelo sem selo, com a caligrafia e o logotipo da Philmore Inc. Pegou e abriu.

Quando desdobrou a folha diante dos olhos, reconheceu imediatamente a letra do pai.

Russell, qualquer corda, por mais resistente que seja, acaba arrebentando quando é puxada até o insuportável. A minha arrebentou faz tempo. Mas o bom coração de sua mãe segurou as pontas, mantendo-as unidas por meio do dinheiro que lhe dava sem o meu conhecimento e do apartamento em que você viveu até hoje. Depois de sua última proeza, receio que até ela tenha perdido as forças.

Viu-se diante de uma escolha: manter sua relação com o homem com quem se casou há algumas décadas e que, no curso de todos esses anos, lhe deu mil provas de amor ou com um filho irrecuperável que nada fez além de ser, em seus melhores momentos, um pesado estorvo para esta família.

A escolha, embora dolorosa, veio espontaneamente.

Para usar uma linguagem que você possa entender, de agora em diante o problema é todo seu.

Vire-se, meu filho.

Jenson Wade P.S.: Se quisesse fazer a fineza de mudar o sobrenome que usa, seu gesto seria muito apreciado por nós.

Russell adaptou-se ao vocabulário, para ratificar o conceito.

— E assim, o escroto do meu pai me expulsou de casa.

Zef fez uma cara compungida, que incluía também um meio sorriso constrangido.

— Bem, eu escolheria outras palavras, mas a ideia é essa.

Russell ficou pensativo por um instante. Apesar de tudo, não se sentia em condições de censurar aquela decisão. Estava, aliás, surpreso que só tivesse acontecido depois de um tempo que nem ele daria a si mesmo.

— Está certo, Zef, não tem importância.

Pegou os envelopes no balcão e enfiou no bolso interno do paletó.

— Posso deixar as malas aqui, por enquanto? — Quanto quiser, sr. Wade.

— Ótimo. Virei pegá-las e passarei de vez em quando para ver se tem correspondência.

— Sabe muito bem que sempre terei prazer em vê-lo.

— Certo, então. Até breve, amigo.

Russell virou-se e caminhou em direção à saída. A voz de Zef o deteve.

— Uma última coisa, sr. Wade.

Russell virou-se e viu quando Zef saiu do balcão e atravessou o hall. Aproximou-se e ficou entre ele e o porteiro que estava às suas costas. Falou baixo, em tom confidencial.

— Imagino que sua situação neste momento seja, como dizer, um pouco precária.

Russell sempre se divertiu com a propriedade de linguagem daquele personagem peculiar. E mais uma vez ele não desmentia a fama.

— Bem, a palavra não é totalmente adequada, mas dá uma ideia da situação.

— Muito bem, sr. Wade, se me permite... Zef estendeu a mão para ele como se fosse cumprimentá-lo melhor, mas quando Russell a apertou, sentiu na palma da mão a consistência de algumas notas.

— Zef, olhe que não... O homem o interrompeu. Fez um sinal de entendimento e cumplicidade.

— São apenas quinhentos dólares, sr. Wade. Vão servir para o senhor seguir em frente.

Pode me devolver quando se ajeitar de novo.

Russell retirou a mão e enfiou o dinheiro no bolso do paletó. Aceitava aquele dinheiro pelo que significava. Para ele e para a pessoa que o ofereceu com o coração e com extrema discrição. Num momento importante de sua vida, a única ajuda tangível que recebia vinha de um estranho.

Colocou a mão no ombro de Zef.

— Você é um grande sujeito, amigo. Prometo que vou devolver. Com juro.

— Tenho certeza disso, sr. Wade.

Russell fitou Zef bem nos olhos e descobriu uma sinceridade e uma confiança que ele, em primeiro lugar, estava bem longe de possuir. Virou as costas àquele homem e à emoção dos dois e saiu. Parou um instante na calçada para refletir sobre o que acontecera.

Enfiou a mão no bolso para certificar-se de que era verdade, de que ainda existiam pessoas assim.

Ao mesmo tempo, viu com o rabo do olho um movimento às suas costas e uma mão saiu decididamente da penumbra para agarrar seu braço. Virou a cabeça para a direita e encontrou a seu lado um homem negro, alto e corpulento, vestido de preto. Um enorme carro escuro acendeu os faróis e se afastou do outro lado da calçada, parando diante deles.

A porta traseira se abriu como se estivesse sincronizada com a parada do automóvel.

Instintivamente, Russell olhou ao redor para tentar entender o que estava acontecendo.

Seu anjo da guarda tomou o gesto como uma busca de alternativas e achou oportuno sublinhar a realidade da situação.

— Entre no carro. Sem muita história. É melhor para você, pode acreditar.

Pela porta aberta, Russell viu as pernas de um homem sentado no banco traseiro.

Entrou no carro com um suspiro e sentou, enquanto o armário que o convidara a entrar com tanta cortesia tomava lugar no banco da frente.

Russell cumprimentou o homem que estava a seu lado com o tom de voz de um egípcio que saúda uma praga.

— Oi, LaMarr.

O sorriso zombeteiro de sempre aflorou nos lábios do sujeito gordo que o recebeu. O terno elegante não disfarçava a figura disforme e os óculos escuros não forneciam nenhum tipo de proteção à estrutura vulgar de suas feições.

— Olá, fotógrafo. Vejo que está um pouco fora de forma. Alguma preocupação? Enquanto o carro partia, Russell virou para olhar pela janela traseira. Se Vivien vira a cena, não teve tempo suficiente para intervir. Talvez tivesse resolvido segui-los. No

entanto, não viu nenhum carro se afastando da calçada pelo outro lado da Park Avenue.

Voltou a virar para LaMarr.

— O problema é que você continua usando o desodorante errado. Ficar sentado a seu lado deixaria qualquer um tonto.

— Ótima piada. Merece um aplauso.

LaMarr não parou de sorrir. Fez um sinal para o homem sentado na frente, que se virou e deu um bofetão na cara de Russell. Durante alguns instantes, o barulho de carne contra carne foi o único som que se ouviu no interior do carro.

Russell sentiu mil pequenas agulhas ardentes picando seu rosto e uma mancha amarelada dançando diante do olho esquerdo. LaMarr colocou uma mão em seu ombro, descuidadamente.

— Como pode ver, meus rapazes têm uma maneira muito especial de apreciar o humor. Tem mais alguma dessas piadinhas? Resignado, Russell relaxou no encosto do banco. Nesse meio-tempo, o carro fez a curva na Madison e estava se encaminhando para Uptown. O motorista era um sujeito de cabeça raspada e Russell avaliou que teria a mesma compleição física do outro, de cuja discutível atenção ele acabava de ser objeto.

— O que quer, LaMarr? — Já disse. Meu dinheiro. Em geral, não participo das cobranças, mas vou fazer uma exceção em seu caso. Não é todo dia que podemos estar com uma celebridade como você.

Além do mais, você torra meu saco de uma maneira incrível.

Indicou com um sinal de cabeça o homem que acabou de bater nele.

— Será um prazer sentar na primeira fila para ver você negociar com Jimbo.

— É inútil. Nesse momento, não tenho os seus cinquenta mil dólares.

LaMarr sacudiu a cabeçorra. O queixo duplo balançou levemente, brilhante de suor no reflexo da luz que vinha de fora.

— Errou. A matemática não deve ser o seu forte. Como o pôquer, aliás. São sessenta mil, lembra? Russell pensou em replicar, mas se conteve. Preferia evitar novos confrontos com a palma da

mão de Jimbo. O que já tinha experimentado não deixou saudade alguma.

— Aonde estamos indo? — Já vai ver. Um local tranquilo, onde poderemos trocar duas palavrinhas entre cavalheiros.

O silêncio caiu dentro do carro. LaMarr não parecia ter intenção de dar novas explicações e, de todo modo, explicações de nada serviriam para Russell. Sabia muito bem o que aconteceria assim que chegassem a seu destino, qualquer que fosse o lugar.

Pouco a pouco, serpenteando em meio ao fluxo de luzes coloridas e automóveis, o carro chegou a uma área do Harlem que Russell conhecia bem. Lá ficavam alguns locais que gostava de frequentar quando tinha vontade de ouvir um bom jazz e outros tantos, muito menos conhecidos, que frequentava quando tinha grana e vontade de arriscar nos dados.

O carro parou numa rua pouco iluminada, diante de uma porta de enrolar metálica.

Jimbo desceu, abriu o cadeado e puxou a porta para cima. Diante dos faróis do carro, a parede metálica deu lugar a um espaço vazio, um grande armazém em forma de L, com uma fileira de pilastras de cimento no centro.

Com um murmúrio, o carro atravessou a entrada e a porta se fechou atrás deles.

Dobram à esquerda, passaram a esquina e o carro parou enviesado. Alguns instantes depois, um par de luzes anêmicas que pendiam do teto se acendeu, espalhando o clarão incerto dos lâmpões sujos e enferrujados.

Jimbo abriu a porta do lado de Russell.

— Saia.

Agarrou-o pelo braço com sua mão de ferro e o fez rodear o automóvel. Russell pôde apreciar o espetáculo de LaMarr sofrendo para sair do carro. Reprimiu rapidamente um comentário que certamente valeria mais um aplauso de Jimbo.

À esquerda, havia uma escrivaninha com uma cadeira. Diante dela, outra cadeira, de madeira, daquelas com o assento de palha. Apesar da precariedade da situação, Russell achou aquela

decoreção muito clássica. Evidentemente, LaMarr era um nostálgico.

Jimbo empurrou-o para a escrivaninha e apontou para o tampo.

— Esvazie os bolsos. Todos eles. Não me obrigue a procurar por você.

Com um suspiro, Russell pôs na mesa tudo o que tinha nos bolsos. Uma carteira com os documentos, as cartas e os quinhentos dólares que Zef tinha acabado de lhe dar. E um pacotinho de chicletes sabor canela.

O gordo andou até a cadeira atrás da escrivaninha, alisando a lapela do paletó. Tirou o chapéu e sentou-se, apoiando os antebraços roliços na mesa. No movimento os anéis que enfeitavam seus dedos cintilaram. Russell o achou parecido com o Jabba, o Hutt, só que de outra cor.

— Muito bem, sr. Russell Wade. Vejamos o que tem aqui.

Puxou as coisas de Russell para si. Abriu a carteira, que abandonou ao ver que estava vazia. Ignorou os envelopes e, finalmente, pegou o dinheiro e começou a contar.

— Belo golpe. Quinhentos dólares.

Encostou na cadeira como se procurasse na memória uma coisa da qual se lembrava muito bem.

— E você me deve sessenta e cinco mil.

Russell não considerou oportuno sublinhar que alguns minutos antes LaMarr tinha cobrado apenas sessenta mil. Enquanto isso, seu anjo da guarda o acompanhou até a cadeira em frente da escrivaninha e, depois que ele sentou, colocou-se a seu lado. Visto de baixo, parecia ainda maior e mais ameaçador. Assim que chegaram, o motorista desceu do carro e desapareceu atrás de uma porta com todo o jeito de ser um banheiro.

LaMarr deslizou as mãos de dedos grossos entre os cabelos curtos e crespos.

— Como faremos para você me pagar o resto? Fingiu que pensava.

Russell viu que estava brincando de gato e rato e que aquela representação servia, a seus próprios olhos, como uma confirmação

de seu poder.

— Quero ser generoso. Visto que acabei de receber, pretendo abonar outros quinhentos dólares.

Fez um sinal com a cabeça para Jimbo. O soco no estômago chegou com uma velocidade impressionante e uma força que retirou o ar dos pulmões de Russell e talvez de toda a atmosfera. Sentiu uma ânsia ácida na garganta quando se curvou para a frente, como se fosse vomitar. Um fio de saliva caiu de sua boca e se perdeu na poeira do chão.

LaMarr olhou para ele satisfeito, como se olha para uma criança que fez seus deveres direitinho.

— Muito bem, agora só faltam sessenta e quatro mil.

— Por enquanto, creio que já é suficiente.

Aquelas palavras, na voz de Vivien, chegaram de algum lugar atrás de Russell, firmes e seguras.

Três cabeças giraram ao mesmo tempo para aquele lado, só para ver a moça surgir das sombras e entrar no feixe de luz das lâmpadas. O fôlego de Russell retornou como por encanto.

O gordo olhou para Jimbo, incrédulo.

— Quem é essa piranha de merda? Vivien levantou a mão e apontou a pistola que apertava com punho firme para a cabeça de LaMarr.

— A piranha está armada e se os dois não encostarem a cara na parede e afastarem bem as pernas, ela pode mostrar o quanto ficou ofendida com essa insinuação vulgar.

O resto aconteceu antes que Russell tivesse tempo de avisar. O homem que estava no banheiro saiu de lá correndo e imobilizou-a com um violento abraço pelas costas. A reação de Vivien foi instantânea e Russell entendeu por que o capitão Bellew tinha o respeito estampado no rosto quando olhava para ela.

Em vez de tentar se soltar, Vivien apoiou o corpo contra o do homem, levantou as pernas e enfiou os saltos de suas botas pesadas na ponta dos sapatos de seu agressor.

Russell ouviu claramente o rumor dos dedos do pé sendo esmagados. Um grito desesperado e os braços que seguravam Vivien se afastaram como num passe de mágica.

O homem se agachou no chão, de lado, com as pernas encolhidas e blasfemando.

Vivien apontou a arma para ele e desafiou os outros dois com o olhar.

— Muito bem. Alguém mais quer tentar? Fez um gesto para Jimbo.

— Está armado? — Estou.

— Muito bem. Pegue a pistola com dois dedos, coloque no chão e empurre para mim.

Lentamente. Vou logo avisando que estou muito nervosa.

Sempre de olho em Jimbo, Vivien inclinou-se sobre o sujeito deitado no chão, revistou suas roupas com a mão esquerda e retirou um grande revólver de seu paletó. Levantou e, logo em seguida, a automática do outro deslizou pelo chão para perto de seu pé, com um chiado metálico. Enfiou na cintura a arma que acabara de confiscar e inclinou-se para recolher o novo troféu do chão. Depois, ficou de lado e Russell a viu apontar com o cano da pistola o homem estendido no chão para Jimbo.

— Perfeito. Agora, venha até aqui lentamente e deite no chão ao lado dele.

Quando viu que os dois estavam sob controle, aproximou-se da cadeira onde estava Russell e falou com LaMarr.

— Está armado? — Não.

— É melhor para você que eu não descubra que está mentindo.

— Nada de armas.

LaMarr disse isso olhando para o cano de uma pistola apontada para ele. Dava para acreditar no que dizia.

Vivien falou com Russell.

— Consegue se levantar? Era como se suas pernas agissem por vontade própria. Com um esforço, ficou de pé, o estômago contraído de cãibra. Aproximou-se de Vivien, que colocou uma grande pistola escura em sua mão. Com um gesto de cabeça, ela lhe indicou os dois homens deitados no chão.

— Fique de olho. Se eles se mexerem, atire.

— Com prazer.

Russell nunca usara uma arma de fogo na vida, mas só o bofetão de Jimbo já seria um belo incentivo para começar. E daquela distância era impossível para qualquer um errar o alvo.

Vivien relaxou e dirigiu-se a LaMarr, que seguia a cena com certa apreensão, sentado atrás da escrivaninha.

— Posso saber seu nome? O homem hesitou um instante e passou a língua sobre os lábios secos antes de responder.

— LaMarr.

— OK. A piranha de merda aqui presente se chama Vivien Light e é detetive do 13º Distrito. E acabou de ser testemunha ocular de um sequestro que, como você deve saber, é um crime federal. Quanto você acha que vale uma decisão de não chamar o FBI contra a sua pessoa? LaMarr entendeu onde a jovem pretendia chegar.

— Não sei. Pode ser sessenta e quatro mil dólares? Vivien inclinou-se e retirou de sua mão gorda e suada os dólares que tinha acabado de pegar.

— Sessenta e quatro mil e quinhentos e fechamos o negócio. De maneira definitiva, entendeu bem? Esticou-se de novo e enfiou o dinheiro no bolso da calça.

— Vou entender o seu silêncio como um sim. Vamos, Russell. Não temos mais nada a fazer por aqui.

Russell pegou os envelopes e a carteira do tampo da escrivaninha e enfiou no bolso.

Pegou o pacotinho de chiclete, examinou um instante e depois depositou-o com graça exagerada diante de LaMarr.

— Vou deixar para você. Caso precise adoçar a boca.

Deu um sorriso angelical.

— Use com moderação. Valem sessenta e quatro mil e quinhentos dólares.

Nos olhos do gordo lia-se raiva e morte. Russell não se preocupou em saber de quem.

Alcançou Vivien e os dois recuaram em silêncio, ombro a ombro, de olho no grupinho.

Chegaram à porta de enrolar e Russell viu que, quando entraram, Jimbo não a tinha abaixado até o fim. Eis como Vivien fez

para entrar sem ser notada. Dessa vez a moça se abaixou e ergueu a porta. O rumor de ferro do rolo abriu espaço para que saíssem sem ter de fazer malabarismos no chão.

Pouco depois, estavam sentados no carro dela. Russell percebeu que as mãos dela tremiam pela queda da adrenalina. Ele também não estava nada bem. Consolou-se vendo que nem mesmo uma pessoa treinada para aquele tipo de coisa ficava totalmente habituada.

Tentou relaxar e recuperar a voz.

— Obrigado.

Em troca, recebeu uma resposta seca.

— Obrigado é o cacete.

Virou-se de repente e viu que Vivien sorria. Ela estava brincando. Enfiou a mão no bolso e lhe deu os quinhentos dólares.

— Uma parte desse dinheiro vai servir para pagar a lavanderia. E espero, para o bem das suas finanças, não ter estragado a minha jaqueta quando rolei pelo chão.

Russell aceitou aquele convite enfático para aliviar a tensão.

— Assim que puder, vou lhe dar uma boutique inteira.

— Junto com aquele jantar, não é? Vivien deu partida no carro e saíram daquela rua e daquela péssima experiência.

Russell examinou seu perfil enquanto dirigia. Era jovem, decidida e bonita. Uma mulher perigosa para se ver do outro lado do cano de uma pistola.

— Tenho de lhe dizer uma coisa.

— O quê? Russell colocou o cinto para que o dispositivo de alarme parasse de apitar.

— Quando vi você aparecer por trás daquela parede... — Sim? Russell fechou os olhos e relaxou contra o encosto do banco.

— De agora em diante serei devoto daquela sua aparição como se fosse uma aparição de Nossa Senhora.

Mergulhado na penumbra das pálpebras fechadas, ouviu o som da risada fresca de Vivien. Então Russell sentiu que algo se esvaía e sorriu também.

24

A CHAVE GIROU NA FECHADURA, ABRIU o trinco e desapareceu de novo no bolso de Vivien. A moça entrou e apertou o interruptor. A luz invadiu o corredor espalhando-se até iluminar parte da sala de estar. Mais um passo, outro interruptor e a luz tomou posse de todo o apartamento.

— Entre, sente-se.

Russell entrou carregando uma maleta em cada mão. Deu uma olhada ao redor.

— É bonito aqui.

Vivien olhou para ele com petulância.

— Quer que repita as palavras de Carmen Montesa quando fiz o mesmo comentário sobre a casa dela? — Não, é sincero.

Esperava encontrar uma casa onde o cuidado e a ordem fossem superficiais. O caráter voluntarioso de Vivien não combinava muito, em sua cabeça, com o trabalho paciente e minucioso de uma dona de casa. Mas, ao contrário, o pequeno apartamento era uma joia de bom gosto na decoração e um exemplo raro de atenção aos detalhes. Havia no ar alguma coisa que ele nunca tinha experimentado. Não era o caos frenético de seu próprio apartamento, nem o esplendor asséptico da casa de seus pais. Via-se o amor de quem morava naquela casa pelas coisas que havia a seu redor.

Colocou as bolsas no chão e continuou a avaliar o apartamento com os olhos.

— Tem uma faxineira? Vivien respondeu de costas, abrindo a geladeira para tirar uma garrafa de água mineral.

— A resposta é fácil.

— Ou seja? — É muito difícil encontrar uma faxineira na casa de quem trabalha na polícia. Em Nova York, as empregadas domésticas custam tanto quanto um cirurgião plástico, com um defeito: o trabalho delas logo precisa de retoques.

Russell evitou dizer que, no pouco tempo em que circulou com seu irmão, encontrara funcionários da polícia, na América e no exterior, que poderiam pagar um exército de empregados com as propinas que recebiam. Enquanto servia um copo d'água, Vivien indicou o sofá de dois lugares posicionado na frente da televisão.

— Pode sentar. Quer uma cerveja? — Aceito.

Aproximou-se da bancada e pegou a garrafinha que Vivien abriu e empurrou para ele.

Quando sentiu o líquido gelado chegar ao estômago, percebeu que estava com muita sede e que ainda carregaria os ecos do tabefe de Jimbo por vários dias. Andou até a promessa confortável do sofá. Para isso, passou ao lado de um móvel no qual, num porta-retratos de design incomum, havia a foto de uma mulher junto com uma menina de seus 15 anos.

Dava para ver à primeira vista que eram mãe e filha, pelas características físicas comuns e por uma beleza que tinha a mesma matriz.

— Quem são? — Minha irmã e minha sobrinha.

Vivien respondeu no tom de quem pretende encerrar o assunto em poucas palavras.

Russell entendeu que havia alguma coisa não muito alegre ligada àquelas duas pessoas e que talvez ela preferisse não falar disso. Não perguntou mais nada e sentou-se no sofá.

Passou uma mão no couro claro que o revestia.

— Confortável. E bonito também.

— Namorei um arquiteto que me ajudou a escolher os móveis e deu uma mão na decoração.

— E por onde ele anda? Vivien deu um sorrisinho cheio de ironia.

— Como um bom arquiteto, foi cuidar de outros projetos.

— E você? Vivien abriu os braços.

— Meu anúncio soaria mais ou menos assim: jovem, trabalho interessante, solteira, não está em busca de ninguém.

Mais uma vez, Russell não disse nada. Contudo, não pôde evitar uma pequena satisfação diante da ideia de que Vivien não tivesse um companheiro.

A moça acabou de beber a água e pôs o copo na pia.

— Acho que vou tomar um banho. Fique à vontade, veja televisão, acabe sua cerveja.

Depois, o banheiro é seu, se quiser.

Russell sentia a poeira dos séculos em cima dele. A ideia da água morna escorrendo por seu corpo, lavando todos os vestígios daquele dia, causou um arrepio de prazer.

— Certo, vou esperar aqui.

Vivien desapareceu no quarto e saiu em seguida usando um roupão. Enfiou-se no banheiro, e Russell ouviu a água descer quase em seguida. Não conseguiu evitar o pensamento do corpo ágil e sólido da moça nu sob o chuveiro. De repente, a cerveja não parecia suficientemente gelada para apagar o suave calor que brotou dentro dele.

Levantou-se e foi até a janela, da qual se via um pedacinho do Hudson. A noite era clara, mas não havia estrelas. As luzes ávidas de glória da cidade tinham o poder de apagar até mesmo o céu mais luminoso.



Durante a viagem de volta do Harlem, ele e Vivien trocaram impressões sobre os fatos que haviam protagonizado. Quando o viu desaparecer no interior daquele carro, Vivien se deu conta de que tinha algo errado. E quando o enorme sedã partiu, começou a segui-lo discretamente, mantendo a distância de dois carros, mas sem perdê-lo de vista. Quando o viu dobrar numa ruazinha sem saída, largou seu XC60 no meio-fio, desceu correndo e viu o carro escuro desaparecer pela porta do armazém. Foi até lá e exultou quando viu que a porta de enrolar não estava abaixada até o chão, mas tinha uma abertura suficiente para permitir que entrasse sem ser notada. Deslizou para dentro, deitando no chão e se arrastando pela passagem exígua. Seguindo as vozes que vinham de trás de uma esquina, debruçou-se cautelosamente para ver o que teria que enfrentar. Viu LaMarr sentado na escrivania e o gorila de pé ao lado de Russell. De seu ponto de observação na Park, quando Russell foi sequestrado, de vez em quando perdia a visão da cena

por causa dos carros que passavam à sua frente. Pensou que Jimbo fosse também o motorista e, portanto, não imaginou que haveria um terceiro homem. Por sorte, apesar da agressão repentina e inesperada, conseguiu se safar.

Eles conseguiram se safar.

Mais tarde, Russell explicou o que tinha acontecido no hall quando chegou em casa e permitiu que Vivien risse de sua condição de deserdado. Ele também riu. E depois, explicou a generosidade de Zef e o empréstimo de quinhentos dólares.

— E o que vai fazer agora? — Procurar um hotel.

— Esse dinheiro que recuperei é tudo que possuí? — No momento, temo que sim.

— Se quiser um lugar decente, esse dinheiro só vai dar para duas noites, e estou sendo otimista.

E não pretendo dividir o carro com um sujeito que dorme numa dessas espeluncas que você está podendo pagar.

Russell teve de engolir aquela análise que, de tão clara, chegava a ser desconcertante. E ainda por cima foi obrigado a aceitar a evidência.

— Não posso fazer outra coisa.

Vivien fez um gesto vago.

— Na sala de estar de minha casa tem um sofá-cama. Acho que vamos dormir muito pouco nos próximos dias. Se quer acompanhar essa história, vai ter que ficar comigo. Não quero ser obrigada a cruzar a cidade inteira para ir pegá-lo. Se estiver bom para você, é seu.

Russell não hesitou.

— Acho que vou me sentir como se estivesse no Plaza.

Vivien caiu na risada e Russell não entendeu o motivo de toda aquela graça. A explicação veio em seguida.

— Sabe como chamamos a cela em que ficou depois de ser preso? — Não diga, deixe que eu adivinhe. Seria Plaza? Vivien fez que sim com a cabeça e Russell aceitou a brincadeira.

— Acho que contrair dívidas com você está se transformando na minha especialidade nesses dias. Coisa em que, aliás, sempre me dei bastante bem, em geral.



Russell encontrava conforto na lembrança daquela conversa.

No carro, criaram uma pequena forma de cumplicidade e camaradagem. Uma reação do espírito, um fugidio e momentâneo refúgio diante da ideia de que estavam atrás de um assassino que já matou centenas de pessoas e que se preparava para matar de novo.

Deixou a janela e foi abrir uma das malas que tinha trazido. No interior estavam o laptop e as máquinas fotográficas, as únicas coisas que Russell considerava sagradas e indispensáveis. Antes de ir para a casa de Vivien, passaram no distrito para entregar ao capitão o quadro com os cabelos de Mitch Sparrow e depois na Rua 29, onde Russell arrumou as malas, remexendo em suas coisas abandonadas no depósito de uma casa que não era mais sua.

Pegou o computador portátil, colocou na mesa e ligou. Para sua surpresa, conseguiu localizar uma conexão wireless sem proteção e acessou a internet.

Verificou a correspondência. Pouca coisa. E do mesmo teor de sempre. A Time Warner Cable explicava os motivos do corte dos serviços; uma agência explicava os motivos pelos quais logo receberia uma carta de um advogado, e Ivan Genasi, um amigo, excelente fotógrafo, perguntando onde tinha se enfiado. Era o único a quem não devia dinheiro. O mote de todas as outras mensagens era pagamentos não recebidos ou empréstimos não pagos. Russell se sentiu incomodado. Lendo aqueles e-mails, tinha a impressão de que estava violando a privacidade de uma pessoa que não conhecia, de que estava acessando a intimidade de um desconhecido, tão distante se sentia naquele momento do homem que inspirou todas aquelas cartas.

Fechou o programa de correio eletrônico e abriu um novo documento no Word. Ficou pensativo um instante, mas depois resolveu salvá-lo como "Vivien". Começou anotando algumas ideias que passaram por sua cabeça desde o início daquela história. Guardou-as fazendo um nó no lenço da memória a cada vez que um

pensamento interessante nascia espontaneamente dos acontecimentos. Pouco a pouco, enquanto escrevia, as palavras começaram a fluir sem solução de continuidade, como se houvesse uma conexão direta entre o pensamento, as mãos e o teclado do notebook. Deixou-se arrastar pela história, ou talvez tenha arrastado a história, moldando-a em cifras negras sobre a tela pálida que tinha diante de si. Não sabia e também não lhe interessava muito. Aquela sensação de completa posse que a escrita lhe dava naquele momento era mais que suficiente. A voz de Vivien surpreendeu-o quando já havia escrito quase duas páginas.

— Sua vez, se quiser.

Virou e a viu. Usava um macacão leve e calçava simples sandálias de dedo. Inspirava uma ideia de frescor e inocência. Russell a viu reagir à agressão de um homem três vezes maior que ela, imobilizando-o, a viu controlar outros três sob a mira de um revólver, a viu tratar um estúpido como se fosse um capacho.

Já tinha concluído que era uma mulher perigosa. Mas só naquele instante, no momento exato em que se apresentava diante dele toda indefesa, ele entendeu o quanto era perigosa.

Virou para olhar o porta-retratos no móvel de onde a mulher e a menina lhe sorriam.

Pensou que o lugar de Vivien era ali, compartilhando a beleza com elas.

Depois seus olhos pousaram sobre ela, fitando-a sem falar, a tal ponto que ela o chamou.

— Ei, o que houve? — Um dia, quando essa história tiver chegado ao fim, tem que me deixar tirar umas fotos suas.

— Minhas? Está brincando? Vivien apontou a foto no porta-retratos.

— A modelo da família é minha irmã. Sou aquela no limite para a masculinidade que trabalha na polícia, lembra? Não saberia nem o que fazer diante de uma objetiva.

O que está fazendo agora seria mais que suficiente, pensou Russell.

Percebeu que, apesar das palavras de resposta e de fuga, ficou feliz com o pedido. E viu em seu rosto uma surpresa e uma

timidez inesperadas, que talvez ela escondesse por trás do distintivo em outros momentos.

— Estou falando sério. Promete? — Deixe de besteira. E saia já da minha cozinha. Deixei toalhas limpas para você no banheiro.

Russell salvou o que escrevera no laptop, levantou-se da mesa e foi pegar roupa limpa na bolsa. Enfiou-se no banheiro, onde encontrou uma pilha de toalhas num móvel ao lado da pia. Despiu-se, abriu a água e notou que a temperatura que Vivien tinha regulado era perfeita para ele também.

Um detalhe. Uma bobagem. Mas sentiu-se em casa assim mesmo.

Entrou no chuveiro e deixou que a água e a espuma levassem o cansaço e os pensamentos daquele dia e dos dias anteriores. Depois da história com Ziggy e da explosão, sentiu-se, pela primeira vez na vida, realmente sozinho e incapaz diante de responsabilidades difíceis de suportar. Agora estava ali e fazia parte de alguma coisa, alguma coisa que pertencia só a ele, a seu presente e não a suas lembranças.

Fechou a torneira e saiu do chuveiro, tentando não pingar água fora do tapetinho.

Pegou a toalha e começou a se enxugar. Era macia e perfumada. Nem na casa dos pais, onde havia um exército de empregados e a melhor roupa de banho, encontrou uma tão macia. Pelo menos era o que pensava no momento. Enxugou os cabelos e vestiu uma camisa e uma calça limpas. Resolveu imitar a anfitriã e ficou descalço.

Quando saiu do banho, Vivien estava sentada diante do notebook. Tinha aberto o documento salvo com seu nome e estava lendo o que Russell escrevera.

— O que está fazendo? Vivien continuou a ler sem sequer virar a cabeça, como se aquela invasão do computador alheio fosse absolutamente natural.

— Papel de polícia. Investigando.

Russell protestou sem muita convicção.

— Isto é uma violação flagrante da privacidade e da liberdade de imprensa.

— Se não quer que eu meta o nariz, não deve batizar os arquivos com meu nome.

Quando acabou de ler, levantou e, sem comentários, foi até a bancada da cozinha.

Russell viu que havia uma panela no fogo e uma vasilha com um molho vermelho ao lado.

Vivien aumentou a capacidade do exaustor. Depois indicou a água que começava a ferver.

— Penne all'arrabbiata. Ou espaguete, se preferir.

Russell ficou surpreso. Ela interrompeu sua surpresa com algumas palavras a seu favor.

— Sou de origem italiana. Sei fazer, pode confiar.

— Claro que confio. Só fico me perguntando como fez para improvisar um molho em tão pouco tempo.

Vivien colocou a massa na panela, cobrindo com a tampa para apressar a segunda fervura.

— É a primeira vez que vem à Terra? Em seu planeta não existem congelador nem forno de micro-ondas? — No meu planeta, nunca comemos em casa. Imagine que o palácio do imperador é uma lanchonete.

Russell se aproximou de Vivien, que estava do outro lado da bancada. Sentou-se num banco e olhou dentro da panela.

— Na realidade, a capacidade de uma pessoa manejar panelas sempre me fascinou.

Tentei uma vez e só o que consegui foi queimar uns ovos cozidos.

Vivien continuou a preparar a massa e o molho. A piada de Russell não conseguira ultrapassar a barreira de seus pensamentos naquele momento.

— Sabe, hoje me perguntei várias vezes como você é de verdade.

Russell deu de ombros.

— Uma pessoa qualquer. Nunca tive qualidades particulares. Tenho que me contentar com alguns defeitos particulares.

— Uma qualidade você tem. Li o que escreveu. É muito bom. Convincente. Chega ao leitor.

Dessa vez, foi Russell quem ficou satisfeito com o elogio e tentou disfarçar.

— É mesmo? É a primeira vez que faço isso.

— É. E se quer saber minha opinião, diria mais uma coisa.

— O quê? — Se não tivesse passado a vida tentando ser Robert Wade, talvez tivesse descoberto que o irmão pode ser uma pessoa tão interessante quanto ele.

Russell sentiu que alguma coisa acontecia dentro de si, mas não sabia que nome dar àquilo. Algo que vinha de um lugar que ele não acreditava que existisse e que apareceu em um lugar que ele não acreditava que tivesse.

Só sabia que sentiu muita vontade de fazer uma coisa. E fez.

Deu a volta na bancada, chegou perto de Vivien, pegou seu rosto entre as mãos e beijou-a, apoiando delicadamente os lábios nos dela. Por um instante, ela retribuiu seu beijo, mas logo uma mão decidida tocou seu peito, empurrando-o para trás.

Russell percebeu que a respiração dela estava acelerada.

— Ei, calma! Vamos com calma. Não é isso que pretendia quando convidei você para ficar aqui.

Virou, como se quisesse apagar o que acabara de acontecer. Por alguns segundos, cuidou da massa, deixando Russell entregue à visão de suas costas e ao perfume de seus cabelos. Ouviu que ela murmurava algumas palavras, baixinho.

— Ou talvez seja. Não sei mais de nada. A única coisa que sei é que não quero complicações.

— Nem eu. Mas se for o preço a pagar para ter você, aceito de bom grado.

Um segundo depois, Vivien virou e passou os braços ao redor de seu pescoço.

— Então, dane-se a massa! Levantou a cabeça e desta vez lhe deu um beijo sem mãos que o afastassem. O corpo dela contra o seu era exatamente como imaginava: sólido e macio, amargo e frutado, consolação hoje e desolação ontem. Enquanto deslizava a mão por baixo do tecido e encontrava sua pele, perguntou-se por que agora, por que ela e por que não antes. Vivien continuou a beijá-lo enquanto o conduzia para o quarto, no prazer dos olhos

fechados. A penumbra os recebeu e os convenceu de que aquele era o lugar certo para eles e para aquela excitação que arrancava as roupas de seus corpos, transformando-os num lugar sagrado.

Enquanto se perdia dentro dela, enquanto esquecia nomes e pessoas, Russell não sabia se Vivien era uma luz antes da aurora ou um clarão depois do ocaso.

Só sabia que era como seu nome: luz, e nada mais.

Depois, ficaram abraçadinhos, como se a pele de um fosse a roupa natural do outro.

Russell teve a sensação de deslizar no torpor do sono, mas logo estremeceu, com medo de perdê-la. Percebeu que dormira alguns minutos. Esticou a mão e encontrou a cama vazia.

Vivien se levantara e estava na janela. Ele a viu contra a luz, velada pelas cortinas, aceitando a claridade que vinha de fora em troca da perspectiva que seu corpo lhe oferecia.

Levantou-se e foi até lá. Afastou as cortinas e abraçou-a por trás, sentindo o corpo enxuto dela aderir ao seu. Ela se encostou com naturalidade, como se fosse simplesmente o que tinha de ser. E nada mais.

Russell apoiou os lábios em seu pescoço e respirou o perfume de sua pele de mulher depois do amor.

— Onde você está? — Aqui, lá. Em toda parte.

Com um gesto vago, Vivien indicou o rio além das vidraças e o mundo inteiro.

— E eu estou com você? — Desde sempre, acho.

Não disseram mais nada, pois não havia mais nada que dizer.

Fora dos vidros, o rio corria tranquilo e refletia luzes que a seus olhos eram uma ostentação inútil. Todo o necessário para destruir e construir estava naquele quarto.

Ficaram frente a frente, trocando a consolação da presença e os fragmentos do lamento, até que, de repente, uma luz ofuscante chegou do horizonte e atravessou os vazios entre os edifícios da frente, fotografando-os na moldura da janela.

Alguns instantes depois, chegou a seus ouvidos o estrondo indecente e presunçoso de uma explosão.

25

— ESTAMOS ATOLADOS NA MERDA.

O capitão Bellew jogou o New York Times na escrivaninha para fazer companhia aos outros jornais que já ocupavam confusamente aquele espaço. Todos os diários, um por um, lançaram edições extraordinárias depois da explosão da noite anterior. E estavam cheios de conjecturas, ilações, sugestões. Mas todos se perguntavam igualmente o que estavam fazendo as autoridades responsáveis pela investigação, que defesas tinham criado para a segurança dos cidadãos. As TVs tratavam do evento, e deixavam todas as outras coisas que aconteciam no mundo numa posição de notícia secundária. Todo o planeta estava olhando e o mundo inteiro enviava seus correspondentes, como se a América estivesse em estado de guerra.

A nova explosão ocorreu tarde da noite, às margens do Hudson, em Hell's Kitchen, num pavilhão da Décima Segunda Avenida, na altura da Rua 48, bem ao lado do Sea, Air and Space Museum, onde estava exposto o porta-aviões Intrepid. A construção tinha literalmente se desintegrado, e os destroços atingiram o barco ancorado de lado e danificaram os aviões e os helicópteros expostos na ponte, num trágico e nostálgico déjà vu das guerras das quais participaram. Os vidros dos edifícios próximos foram destruídos pelo deslocamento de ar. Um idoso morreu de enfarte. Parte da rua deslizou para dentro do rio e o fogo iluminou longamente a cena desolada, com destroços em chamas sendo transportados pela corrente e escombros ardendo na fogueira de um lugar que tão somente pela hora tardia não se transformou no palco de uma nova carnificina inesquecível. O número de vítimas fatais girava em torno de vinte, mais um número impreciso de feridos sem gravidade. Alguns notívagos, cujo único erro fora estar naquele lugar, naquele momento, foram literalmente desmembrados, e seus restos estavam espalhados pelo asfalto. Não

restou nada do guarda-noturno do pavilhão. Alguns carros em trânsito foram atingidos pela explosão e lançados longe como um amontoado de ferros retorcidos. Outros não tiveram tempo de frear e acabaram dentro do rio juntamente com os destroços da rua. Os passageiros estavam todos mortos. Os bombeiros lutaram por muito tempo antes de conseguir apagar o fogo e os especialistas da polícia tinham começado os levantamentos in loco, assim que a cena ficou acessível.

Os resultados da perícia eram esperados a qualquer momento.

Depois de uma noite lívida e insone, Russell e Vivien estavam no gabinete do capitão compartilhando a mesma frustração e impotência diante do homem que os desafiava.

Uno e invisível.

Bellew parou finalmente de andar pela sala e sentou-se na cadeira, mas nem assim encontrou paz.

— Recebi telefonemas de todo lado. O presidente, o governador, o prefeito. Cada maldita autoridade desse país pegou o telefone e ligou para outra autoridade. E todos se concentraram no chefe que, naturalmente, me ligou em seguida.

Russell e Vivien esperaram em silêncio o final daquele desabafo.

— Willard está afundando e, ao tentar se salvar, está me arrastando junto com ele.

Sofre de um complexo de culpa por ter cometido o pecado da prudência.

— E que o que você disse a ele? Bellew fez um gesto que incluía o óbvio e seu oposto exato.

— Disse lhe que, por um lado, ainda não temos certeza de estarmos seguindo a pista certa, mas, por outro, insisti que quanto mais gente ficar sabendo dos fatos, maiores serão as possibilidades de vazamento de informações. Se a notícia chegasse aos ouvidos do pessoal da Al-Qaeda seria um verdadeiro desastre. Teríamos um concorrente impiedoso na caça à tal lista. Pense na gula que despertaria uma cidade que já está toda minada, só falta explodir. Se isso caísse no domínio público, em três horas Nova York se

transformaria num deserto. Com toda a confusão que podem imaginar. Autoestradas engarrafadas, saques, gente perdida sabe-se lá onde.

Vivien conseguiu fazer um quadro bastante preciso da situação.

— E o que dizem o FBI e a NSA? O capitão apoiou os cotovelos na mesa.

— Pouco. Sabe que esse pessoal do primeiro escalão não se abre com facilidade.

Parece que estão seguindo uma pista de terrorismo islâmico por conta própria. Mas por ora não temos tanta pressão daquele lado. Pelo menos é uma nota positiva.

Russell parecia absorto nos próprios pensamentos durante toda a conversa entre Vivien e Bellew, como quem segue um fio de raciocínio todo pessoal.

Mas, de repente, interveio para compartilhá-lo com os outros dois.

— O único elo entre nós e a pessoa que colocou as bombas é Mitch Sparrow. Creio que não há mais dúvidas de que o sujeito emparedado é ele. É certo também que o porta- documentos com as fotos não é dele, portanto, é provável que tenha sido perdido por quem emparedou o pobre coitado no cimento e que as duas fotos, a do gato e a do Vietnã, retratem justamente o seu assassino. Para mim, Sparrow descobriu o que ele estava fazendo e por isso foi morto.

Partiu do capitão uma conclusão que era a consequência direta daquilo que Russell acabara de dizer.

— Portanto, eles trabalhavam juntos.

— Não sei se temporária ou permanentemente. Mas uma coisa é certa: eles trabalhavam no mesmo lugar quando Sparrow foi morto.

Russell concentrou-se um instante, como quem reorganiza as ideias. Vivien estava fascinada com aquela capacidade de concentração.

— É evidente que o homem que estamos caçando é filho de quem colocou as minas.

O pai parece ter sido um veterano do Vietnã e deve ter retornado com traumas psicológicos imensos. Muitos soldados voltaram da guerra transtornados. Alguns nunca perderam o hábito e sobretudo o gosto de matar e continuaram a agir, mesmo depois da reinsertão na vida social. Meu irmão testemunhou isso várias vezes.

Vivien sentiu o fantasma de Robert Wade surgir sem ansiedade na voz de Russell.

Olhou para ele e viu o rosto que conhecia, mas com um olhar diferente. Sentiu dentro de si um pequeno arrepio de felicidade. Mas logo as preocupações com a história que estavam enfrentando levaram a melhor.

Russell continuou sua exposição racional dos fatos sem perceber nada.

— Infelizmente, parece claro que, se quem colocou as bombas e escreveu a carta tinha problemas mentais, o filho herdou esses problemas multiplicados por mil. Pelo teor da mensagem, parece que nunca teve a oportunidade de conhecer o pai, que só se revelou depois de morto. Fico me perguntando por quê.

Russell fez uma pausa, deixando em suspenso aquelas perguntas, cujas respostas eram de importância vital.

Como se concedesse uma pausa para reflexão aos presentes, o telefone começou a tocar em cima da escrivaninha. O capitão esticou a mão e levou o fone ao ouvido.

— Bellew.

Ficou ouvindo em silêncio o que a pessoa do outro lado da linha relatava. Vivien e Russell viram seu maxilar se contrair pouco a pouco. Desligou deixando nítido na expressão de seu rosto o desejo de quebrar o telefone.

— Era o chefe do esquadrão antibombas que analisou os escombros no Hudson.

Fez uma pausa. Depois disse o que todos já esperavam.

— Foi ele de novo. Mesmo explosivo, mesmo tipo de detonador.

Russell levantou, como se precisasse se movimentar depois daquela confirmação.

— Uma ideia me veio à cabeça. Não sou especialista, mas para pôr em prática o que o pai tinha apenas planejado, esse cara tem que ser um psicopata antissocial ou algo do gênero, com todas as implicações e características desses casos.

Virou para olhar para Vivien e Bellew.

— Li que essas pessoas costumam ter um mecanismo bem específico de recarga de seus impulsos. E, conseqüentemente, um comportamento repetitivo. A primeira explosão ocorreu na noite de sábado. A segunda, na madrugada entre segunda e terça. Três dias se passaram, mais ou menos. Se esse louco fixou na mente que esse seria o intervalo de tempo entre uma explosão e outra, devemos ter outros três dias de prazo para pegá-lo antes que entre em ação novamente. Não quero nem pensar... Deixou a frase no ar. Depois concluiu, conseguindo expressar a gravidade da situação no tom de voz e nas palavras.

— Não quero nem pensar no que ocorreria se uma nova explosão acontecesse. E talvez num prédio em que milhares de pessoas trabalham... E por fim acrescentou a pior das hipóteses.

— Sem contar que poderia tomar a decisão de explodir todos os edifícios no mesmo dia.

Vivien viu que o capitão olhava para ele como se, apesar de tudo, ainda se perguntasse quem era aquele sujeito e o que estava fazendo em seu gabinete. Um civil que pensava com eles sobre fatos que, segundo as regras, deveriam ser de competência exclusiva da polícia. A situação criada era absurda, mas perfeita em sua lógica de encaixe. Eram três pessoas ligadas a uma investigação por um segredo que não poderia ser divulgado em hipótese alguma e que nenhum dos três tinha interesse em divulgar.

Bellew levantou-se e apoiou os punhos fechados na mesa.

— Precisamos de um nome para associar àquelas fotos com o máximo de urgência.

Não podemos publicá-las com a inscrição: "Quem conhece este homem?" Se o filho as visse, perceberia que estamos em sua pista e poderia entrar em pânico e começar a explodir todos os prédios, um após o outro.

Vivien percebeu que estavam se referindo a duas pessoas desconhecidas tratando-as como pai e filho. Lembranças de sua infância surgiram zombeteiras para sublinhar a trágica ironia da situação.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... Sua própria imagem, ainda menina, numa igreja que cheirava a incenso foi substituída pelos edifícios em chamas e pelos corpos transportados pelas ambulâncias.

Bateram na porta. Bellew convidou a pessoa, cuja silhueta entreviam do outro lado do vidro esmerilado, a entrar. O detetive Tyler apareceu e entrou no gabinete segurando uma pasta. Estava com a barba por fazer e o ar desleixado de quem passou uma noite em claro.

Quando viu Russell, uma careta de desgosto marcou seu rosto por alguns instantes.

Ignorou Vivien e ele completamente e dirigiu-se a seu superior.

— Capitão, aqui estão os resultados das análises que pediu.

O tom de voz era o de quem realizou um trabalho duro e tedioso, mas sabia que não receberia nenhum reconhecimento por isso. O capitão esticou a mão, abriu a pasta e a percorreu rapidamente.

Falou sem afastar os olhos da folha.

— Muito bem, Tyler. Pode ir.

O detetive abandonou a sala, deixando atrás de si um rastro de cigarros fumados pela metade e mau humor. Bellew esperou que se afastasse da porta, antes de informar Vivien e Russell sobre o que tinha acabado de ler.

— Coloquei várias equipes de três homens em ação, explicando o mínimo indispensável. Eis o que conseguiram.

Sua atenção fixou-se de novo nas folhas que tinha nas mãos.

— A casa que explodiu em Long Island pertencia a um militar, um certo major Mistnick. Parece que serviu no Vietnã. Isso não significa nada, mas é de todo modo um fato curioso. A empresa que a construiu era, de fato, uma pequena firma do Brooklyn, a Newborn Brothers. Já a empresa que construiu o edifício no Lower

East Side se chama Pike's Peak Buildings. E aqui temos um verdadeiro golpe de sorte. A direção da firma entregou o arquivamento de seus dados a uma empresa de informática há muito tempo.

Está tudo informatizado e, portanto, a consulta é completa e rápida. Mesmo as coisas mais antigas.

— É realmente uma ótima notícia — disse Vivien.

— Tem mais.

Mas não havia entusiasmo na voz do capitão.

— Estamos identificando a empresa que fez os trabalhos na Décima Segunda Avenida e construiu o pavilhão que explodiu hoje à noite em Hell's Kitchen. Foi uma concorrência municipal, portanto, a empresa tinha forçosamente que usar as Unions, que são obrigadas a conservar os dados durante anos. Faremos a mesma coisa com a empresa que, na época, reformou o prédio da Rua 23 onde foi encontrado o corpo. Se conseguirmos obter os nomes das pessoas que trabalharam nessas quatro obras, poderemos comparar e ver quantos coincidem.

Bellew passou a mão pelos cabelos, pensando talvez que estava velho demais para a prova de competência que estava sendo chamado a fazer naquele momento.

— É uma pista frágil, mas é a única que podemos seguir. Vou pedir reforços ao chefe e colocarei em ação todos os homens que puder. Direi que se trata de um Código RFL.

Russell franziu as sobrancelhas.

— Código RFL? Vivien interveio com a explicação.

— É um código que, na verdade, não existe, mas todo policial de Nova York conhece.

RFL é a sigla para Run for Life. Na gíria, são aqueles casos em que a velocidade é determinante para a investigação.

Olhou de novo para seu chefe. Bellew, depois de um segundo de desânimo, voltou a ser o homem determinado e capaz que Vivien conhecia.

— Procure o pessoal da Newborn Brothers. Sendo uma pequena empresa, ou seja, com poucos empregados, pode ser que o contato direto seja mais produtivo. Talvez alguém se lembre de

alguma coisa. Enquanto desce, vou pedir ao telefonista para descobrir o número e você pega lá embaixo com os agentes de plantão.

Vivien se levantou, satisfeita. As palavras terminaram. Tinha chegado o momento de passar à ação. Enquanto deixavam o gabinete, a voz de Bellew os acompanhou, falando ao telefone para providenciar o que prometera.

Pegaram a escada para o andar de baixo. Russell descia na frente dela, deixando atrás de si um cheiro bom de homem e de água-de-colônia. Vivien reviveu o toque de seus lábios na dobra de seu cotovelo e de sua mão em seus cabelos. E o relâmpago ofuscante e o trovão que os expulsou de repente do momento e do espaço que tinham reservado para si.

Depois do estrondo, vestiram-se correndo, sem dizer nada. O que imaginavam tirava de suas bocas e de suas mentes qualquer palavra possível. Foram para a sala e ligaram a TV. Depois de alguns minutos de espera, a NY1 interrompeu a programação para dar a notícia do atentado. Continuaram pulando de um canal a outro, procurando notícias que eram atualizadas de minuto em minuto. A magia daquele momento tinha desaparecido, tragada pelas chamadas que viam na tela da televisão.

Bellew enviou um SMS dizendo simplesmente: "Amanhã às sete e meia em meu gabinete." Não havia muito mais a dizer. Tanto ela quanto o capitão sabiam que não podiam fazer nada naquele momento, a não ser esperar algumas horas. A noite acabou e a claridade nas janelas surpreendeu Russell e Vivien sentados no sofá, interessados e incrédulos, próximos mas sem se tocar, como se aquilo que viam pudesse sair do vídeo e contaminá-los.

A responsabilidade chegou como uma pontada de ansiedade oprimindo o peito. A vida de inúmeras pessoas dependia dela, daquilo que faria nas próximas horas. Era uma pessoa treinada, mas de repente se sentiu muito jovem, inexperiente e inadequada para sustentar tamanho peso. Sentiu a cabeça girar levemente e alcançou o fim da escadaria como se fosse a terra prometida.

Assim que atravessou a porta, um agente uniformizado veio lhe entregar um papel.

— Aqui está, detetive. É o número do celular, espero que sirva. A pessoa se chama Chuck Newborn e está trabalhando num grande canteiro de obras em Madison Square Park.

Vivien agradeceu em silêncio ao código RFL, que fazia tudo viajar a uma velocidade à qual não estava habituada. E à sorte, que não a obrigava a atravessar a cidade para falar com o tal sujeito.

Saíram do distrito e foram para o carro de Vivien. Entraram em silêncio, ambos perdidos em pensamentos — nos próprios e nos do outro. Vivien deu partida, mas antes de sair deu voz a alguns dos seus.

— Russell, no que diz respeito à noite passada... — Diga.

— Queria dizer que eu... — Sei. Não quer complicações.

Não era aquilo que Vivien pretendia dizer. Mas as palavras de Russell e seu tom distante a detiveram na soleira de um lugar no qual só entraria se fosse convidada.

— Está bem para mim também.

Virou-se para olhar para ele, mas encontrou apenas o volume de seus cabelos. Russell estava distraído, com os olhos pousados além da janela do carona. Quando virou para ela, sua voz tinha voltado ao momento que estavam vivendo.

— Tem muito trânsito.

Vivien arquivou qualquer resposta possível atrás das urgências mais prioritárias.

— Agora vai ver que ser da polícia serve para alguma coisa.

Pegou a luz giratória e colocou no teto. O Volvo afastou-se da calçada e saiu em velocidade, ziguezagueando por uma fila de carros que se abria para facilitar sua passagem, precedida e seguida pelas luzes e pelo som histérico da sirene.

Chegaram ao Madison Square Park subindo a Rua 23 para o oeste, com uma rapidez que deixou Russell boquiaberto.

— Podia me emprestar essa coisa de vez em quando.

Voltou a ser aquele que Vivien conheceu no início. Irônico e distante, companheiro e ao mesmo tempo inalcançável. Concluiu, com um toque de ressentimento contra si mesma, que a noite anterior tinha sido um erro que não se repetiria.

— Quando essa história acabar, mandarei lhe darem um carro da polícia de presente.

Identificaram o local imediatamente. À esquerda, debruçado sobre o parque, havia um edifício em construção, nem tão alto que pudesse ser definido como um verdadeiro arranha-céu, mas com um número de andares suficiente para fazer com que parecesse bastante imponente. Havia uma atmosfera fervilhante de formigueiro naquela agitação de guias e de homens com seus capacetes coloridos sobre os andaimes.

Russell olhou ao redor.

— É um número recorrente. Parece que tudo está destinado a acontecer em torno dessa rua.

— O que quer dizer? Indicou com a mão um ponto vago às suas costas.

— Estamos na Rua 23. O corpo de Sparrow foi encontrado nessa mesma altura, só que mais para o leste.

Vivien quase replicou que, em seu trabalho, sincronismos como aquele aconteciam com muito mais frequência do que nos filmes. Os caprichos do destino e a superficialidade dos homens eram a própria base das investigações.

Estacionou o Volvo diante do canteiro de obras e desceram. Um operário de capacete amarelo virou em sua direção protestando.

— Ei, é proibido estacionar aqui! Vivien se aproximou e mostrou o distintivo.

— Estou procurando o sr. Chuck Newborn.

O operário indicou um módulo metálico, erguido ao lado de um grande terraço que se destacava no terceiro andar do prédio.

— Vai encontrá-lo no escritório.

Vivien guiou Russell até a precária construção pintada de branco. A porta estava aberta. Subiram alguns degraus e se viram numa sala despojada, cuja única mobília era uma escrivaninha e uma cadeira à direita da entrada. Inclinação sobre o tampo da mesa, dois homens estavam estudando um projeto.

Um dos dois percebeu a presença deles e levantou a cabeça.

— Posso fazer alguma coisa por vocês? Vivien se aproximou da escrivaninha.

— O sr. Chuck Newborn? — Sim, sou eu mesmo.

Era um homem alto e corpulento, um pouco além dos 40, cabelos ralos, olhos claros e as mãos de quem está habituado a trabalhar pesado. Usava uma jaqueta fluorescente de operário sobre calças jeans.

A detetive se apresentou, exibindo o distintivo.

— Sou Vivien Light, do 13º Distrito e este é Russell Wade. Podemos conversar um instante? Um segundo de perplexidade com um toque de alarme passou pelo rosto do homem.

— Claro.

Vivien considerou oportuno sublinhar o teor da conversa.

— Em particular.

Chuck Newborn dirigiu-se ao homem que estava à sua direita, um sujeito magro com ar indolente.

— Tom, vá controlar aquele jato de cimento.

Consciente de que estava sobrando, o homem chamado Tom pegou seu capacete e saiu do barracão sem se despedir. Vivien compreendeu que para aquele homem ela e Russell eram apenas um estorvo em sua jornada de trabalho. Newborn dobrou a folha que estava examinando e permaneceu de pé do outro lado da escrivaninha.

Vivien passou imediatamente ao motivo de sua visita ao canteiro.

— Faz muito tempo que trabalha na Newborn Brothers? — Desde muito jovem. Meu pai e meu tio fundaram a empresa e comecei a trabalhar quando tinha 18 anos. Meu primo só chegou depois da faculdade e trata da administração.

Hoje em dia, os velhos já se aposentaram e só nós dois ficamos na empresa.

— Estava presente quando a casa do major Mistnick, em Long Island, foi construída? Um sinal de perigo deve ter disparado na mente de Chuck Newborn. Não teve de fazer muito esforço para encontrar na memória o fato a que a detetive se referia.

— Estava. Que história horrível. Um ano depois... — ... a casa explodiu.

O homem colocou as mãos diante de si.

— Foi aberto um inquérito. Fomos ouvidos pela polícia, mas saímos limpos dessa história.

— Eu sei, sr. Newborn. Não vim aqui acusá-lo de nada. Só queria lhe fazer algumas perguntas sobre aquela época.

Deu a Newborn alguns segundos para se recompor e continuou o interrogatório com voz calma.

— Lembra-se de um tal de Mitch Sparrow, que trabalhava naquela obra? — O nome não me é estranho, mas não consigo lembrar do rosto.

Vivien mostrou a foto que Carmen Montesa tinha lhe dado. A lembrança apareceu no rosto do homem antes de se confirmar na voz.

— Ah, ele. Certo. Era um bom sujeito. Fanático por motocicletas, mas um bom trabalhador.

— Tem certeza disso? O homem deu de ombros.

— Naquela época a Newborn Brothers não era o que é agora. Fazíamos sobretudo reformas e pequenas construções. Os operários não eram muitos. Foi um período heroico e as lembranças de alguns momentos ficam guardadas na memória.

O homem não fez menção ao desaparecimento de seu antigo operário. Vivien pensou que não estivesse a par e, pelo menos por enquanto, preferiu não inserir um novo elemento na conversa.

— Sabe se Sparrow tinha algum amigo, que se desse com alguém em particular naquela época? — Não. Era um sujeito tranquilo. Acabava o trabalho e ia para casa, para a mulher e o filho. Não falava de outra coisa.

— Aconteceu alguma coisa estranha na obra? Não se lembra de episódios particulares ou de pessoas que tenham atraído sua atenção? — Não, acho que não.

O homem deu um sorrisinho.

— A não ser o Fantasma da Obra.

— Como? — Era um sujeito que tinha a cara, a cabeça e as mãos completamente deformadas por cicatrizes. Um verdadeiro

monstro. Todo o mundo achava que eram cicatrizes de queimadura.

Diante daquelas palavras, outras deslizaram na mente de Russell e Vivien como numa tela. Palavras escritas numa carta delirante que marcava encontro com outro delírio.

TNT e napalm que, para minha desgraça, acabei conhecendo muito bem... Newborn abaixou a cabeça e olhou as mãos, talvez envergonhado do que ia dizer.

— Meu primo e eu, com a crueldade dos jovens, o apelidamos de Fantasma da Obra, como no Fantasma da Ópera.

— Lembra-se do nome? — De jeito nenhum.

— Não teria uma cópia dos pagamentos feitos? — Já se passaram quase vinte anos. Não somos obrigados a conservar certos documentos por tanto tempo.

Vivien assumiu o tom mais conciliador que conseguiu encontrar.

— Sr. Newborn, não sou agente da Receita. Estou aqui por um motivo extremamente importante. Qualquer detalhe, mesmo o mais insignificante, pode ser essencial para nós.

Chuck Newborn cedeu e abriu os registros falsificados de sua empresa.

— Naquela época, para diminuir os custos, assumíamos alguns operários por baixo do pano. Hoje não seria possível, pois a empresa tem um giro de negócios que desaconselha ou mesmo impede certos subterfúgios. Mas na época éramos obrigados a fazer isso para sobreviver. Essas pessoas eram pagas diretamente, sem muita papelada.

— Lembra-se de outros detalhes sobre esse sujeito? — Meu pai falou dele uma noite, no jantar. Disse que chegou se oferecendo a um custo que ele e meu tio consideraram muito conveniente. Além do mais, mostrou-se muito competente. Enquanto estavam discutindo na frente do canteiro de obras, o sujeito calculou num segundo, de olho, a quantidade de ferro e cimento necessária para os alicerces.

— E não trabalhou mais para vocês? — Não. Logo depois do fim dos trabalhos na casa de Mistnick, ele foi embora.

Vivien pensou que não podia ser tão premente nas perguntas. Deu um segundo de pausa a seu interlocutor, que parecia cada vez mais preocupado à medida que a conversa avançava.

— E sobre o acidente, o que pode me dizer? — Certa noite, a casa explodiu, matando o major e toda a sua família. Aliás, seria mais correto dizer que implodiu, desmoronando sobre si mesma de uma maneira perfeita, quase sem danificar as casas vizinhas.

Vivien olhou para Russell. Os dois pensaram a mesma coisa. O sujeito demonstrou a mesma diabólica habilidade que exibiu com o ferro e o cimento ao calcular as quantidades de explosivo que precisava colocar e como acioná-lo.

— Falaram sobre isso com a polícia, na época? O sentimento de culpa caiu como uma sombra sobre o rosto de Chuck Newborn.

— Temo que não.

O motivo era evidente. Ele acabou de expor com clareza: falar significava entregar-se nas mãos da Receita, com todas as inevitáveis consequências. Vivien sentiu uma onda de raiva subir como um assopro de vento quente.

— E nunca lhe passou pela cabeça que o comportamento do tal sujeito poderia ser no mínimo suspeito, diante das circunstâncias? Newborn abaixou a cabeça, sem encontrar nenhuma razão plausível para a forma inconsciente de omertà mafiosa de que estava sendo acusado.

Vivien suspirou. Da mesma forma que fizera com Carmen Montesa, tirou da carteira um cartão de visita, anotou seu celular no verso e entregou a Chuck.

— Isso é tudo, por enquanto. Aí estão os meus números de telefone. Se lembrar de alguma coisa, me avise, a qualquer hora.

O homem pegou o cartão e ficou um instante olhando, como se temesse ler um mandado de prisão.

— Claro, pode ficar tranquila.

— Até a próxima, sr. Newborn.

Quando se despediu, quase não deu para ouvi-lo, de tão baixo que ele falou. Vivien e Russell foram até a porta e saíram. Nenhum dos dois tinha certeza, mas, lá no fundo, ambos estavam

convictos de que o homem com o rosto queimado, que foi zombeteiramente apelidado de Fantasma da Obra, era a pessoa que procuravam.

Desceram os degraus e foram para o carro, deixando um dos sócios da Newborn Brothers sozinho, com a sensação de ter se comprometido com uma grave culpa, embora não soubesse exatamente qual. A explicação seria muito simples, caso eles pudessem fornecê-la. Mas talvez não fosse tão simples de aceitar.

Se, naquela época, a Newborn Brothers não estivesse pensando apenas em contenção de gastos, aquele homem teria sido preso e, anos depois, dezenas de vidas humanas teriam sido poupadas.

26

RUSSELL E VIVIEN AINDA ESTAVAM NA RUA.

O céu estava azul novamente e a cidade tinha absorvido a nova afronta da noite anterior, escondendo-a no trânsito e na aparência de um dia comum. Diante de seus olhos, Madison Square Park apresentava a mesma imagem que costumava exibir em qualquer lindo dia daquela estação. Aposentados em busca de sol, pessoas com cães em busca de plantas. Mães com crianças pequenas demais para irem à escola e adolescentes preguiçosos demais para ter vontade de estudar. No centro, um mímico disfarçado de Estátua da Liberdade esperava imóvel que alguém jogasse uma moeda na lata à sua frente, no chão, para ser brindado com alguns movimentos. Enquanto observava aquela cena familiar, Vivien teve a sensação de que, de repente, uma das pessoas que a compunham viraria para ela, exibindo um rosto desfigurado por cicatrizes.

Deteve Russell, que já estava se aproximando do carro.

— Está com fome? — Não muita.

— É bom a gente comer alguma coisa. Temos tempo agora, enquanto esperamos o resultado das pesquisas que Bellew mandou fazer. Depois poderemos não ter mais. Posso garantir por experiência própria que um estômago que ronca não favorece a concentração.

Na esquina do parque, do outro lado da rua, havia um quiosque pintado de cinza que servia cachorros-quentes e hambúrgueres. Em sua simplicidade, tinha certa elegância e se inseria sem ostentação no contexto natural. Vivien indicou uma fila de pessoas que esperavam a vez.

— Dizem os guias que é o melhor quiosque de Nova York. Na hora do almoço, a fila chega até Union Square.

— Certo, vamos ao hambúrguer.

Atravessaram a rua e entraram na fila. Finalmente, Vivien traduziu em palavras o que certamente era uma interrogação comum.

— O que achou do que Newborn disse? Quer dizer, do homem com as cicatrizes? Russell levou um segundo para expor sua conclusão.

— Na minha opinião, é o nosso homem.

— Também acho.

Com isso, eles selaram sua responsabilidade. Daquele momento em diante, aquela era a pista a ser seguida com todos os meios à disposição. Se não fosse o caminho certo, teriam na consciência, com ou sem razão, a responsabilidade pela morte de muita gente. O número exato das vítimas estava em suas mãos e nas de um louco, que recebera como herança a guerra de outro homem que perseguira a mesma loucura por anos a fio.

Em nome do pai... Quase sem perceber, Vivien se viu diante do guichê. Pagou dois cheeseburgers e duas garrafinhas d'água. Em troca, recebeu um pequeno receptor eletrônico que avisaria quando o pedido estivesse pronto.

Afastaram-se do quiosque, caminhando até um banco não muito distante. Russell sentou-se com uma sombra no rosto.

— Prometo que é a última vez.

— A última vez de quê? — A última vez que você paga para mim.

Vivien olhou para ele. Estava sinceramente aborrecido. Sabia que se sentia humilhado por aquela situação e, de certa forma, aquilo era assombroso. Não restava quase nada do homem que Russell Wade tinha sido até poucos dias atrás.

Foi de repente, como um feitiço diante da palavra mágica. Mas, infelizmente, também desapareceu como surgira a pessoa com a qual compartilhara uma noite em que o tempo parecia ter parado. Tempo que uma explosão começara novamente a marcar.

Pensou consigo mesma que era uma idiota lamentando-se por uma coisa que nunca tinha acontecido. Abaixou os olhos para o objeto em suas mãos, com as dimensões de um velho controle remoto de TV.

— Olhe, ele deve usar uma coisa desse tipo.

— Quem, usar para quê? — O sujeito que detona as bombas. Provavelmente é um aparelho semelhante a este que emite os impulsos que detonam as explosões.

Enquanto observavam a inocente engenhoca de plástico e plexiglas capaz, em outras situações, de se transformar numa arma letal, o som da campainha assustou-os tanto, que quase deram um pulo. Era o sinal de que podiam ir pegar seus pedidos.

Russell se levantou e pegou o receptor das mãos dela.

— Eu vou. Deixe-me fazer ao menos isso.

Vivien viu quando se apresentou no balcão, devolveu o receptor e recebeu em troca a bandeja com a comida. Voltou em sua direção e colocou a bandeja de plástico no banco entre os dois.

Desembrulharam os sanduíches e começaram a comer em silêncio. A comida era a mesma, mas a atmosfera era muito diferente do dia em que almoçaram juntos em Coney Island, sozinhos à beira-mar. Quando Russell se confessou e ela teve certeza de tê-lo compreendido.

Agora se dava conta de ter entendido apenas o que desejava entender.

Depende do lobo que você alimentar melhor.

O toque do celular surpreendeu-a em meio a tais pensamentos, trazendo-a de volta para o momento e o lugar em que se encontrava. Leu o número na telinha, mas não conseguiu reconhecer. Ativou a comunicação.

— Detetive Light.

Uma voz conhecida chegou a seus ouvidos.

— Bom dia, srta. Light. Aqui é o dr. Savine, um dos médicos que tratam de sua irmã.

Aquela voz e aquelas palavras evocaram algumas imagens gravadas na memória de Vivien. A clínica Mariposa em Cresskill, Greta com os olhos sem imagens, perdidos no vazio, os jalecos brancos que transmitiam segurança, mas também angústia.

— Fale, doutor.

— Infelizmente não tenho boas notícias para lhe dar.

Vivien esperou a continuação em silêncio, apertando instintivamente os punhos. A segurança tinha desaparecido, deixando apenas a angústia.

— O estado de saúde de sua irmã se agravou repentinamente. Não sabemos indicar com precisão o que esperar e, portanto, não tenho nada de muito concreto para lhe dizer.

Mas esse novo curso da doença não promete nada de bom. Estou sendo sincero, como me pediu desde o início.

Vivien abaixou a cabeça, deixando que as lágrimas escorressem por seu rosto.

— Claro, doutor, eu agradeço. Infelizmente, não posso estar aí nesse momento.

— Entendo. Vou mantê-la informada, srta. Light. Sinto muito.

— Eu sei. Mais uma vez, obrigada.

Desligou e se levantou do banco num salto, dando as costas a Russell e enxugando os olhos com o dorso das mãos. Seu primeiro impulso seria largar tudo e todos, pegar o carro e correr para a irmã, para partilhar com ela os poucos fragmentos de vida em comum que ainda lhes restavam. Mas não podia fazer isso. Pela primeira vez em sua vida, amaldiçoou seu trabalho, o dever que a prendia como uma gaiola, o significado daquele distintivo. Amaldiçoou o homem que, em seu delírio, a mantinha longe do que ela mais amava e fazia tudo o que ela mais amava parecer cada vez mais distante.

— Vamos.

Russell notou que uma má notícia tinha chegado para perturbá-la. Qualquer um teria percebido. Arrastado por sua voz brusca, levantou do banco, jogou a bandeja na lixeira e seguiu-a em silêncio até o carro, sem perguntar nada.

Vivien ficou grata por isso.

Voltaram ao distrito usando os mesmos apetrechos da vinda, a luz giratória e a sirene, que abriam caminho em meio ao trânsito, como uma passagem para uma viagem facilitada que às vezes podia custar muito caro.

Chegaram à metade do caminho sem trocar nem uma palavra. Vivien dirigiu o tempo todo como se o destino da

humanidade dependesse da velocidade com que chegasse à base, e os carros que ultrapassavam e aqueles com os quais cruzavam pareciam às vezes esconder o rosto de sua irmã.

Enquanto soltava o cinto, Vivien se perguntou se ainda estaria viva naquele exato momento. Ergueu o rosto e olhou para Russell. Percebeu que tinha esquecido de sua presença durante a viagem.

— Desculpe-me. Hoje não está sendo um bom dia para mim.

— Não tem problema. Se eu puder ajudar de alguma forma, é só dizer.

Claro que pode ajudar de alguma forma. Podia me abraçar e permitir que eu seja uma moça como outra qualquer, que chora no ombro de alguém e... Apagou aquele pensamento com o som da própria voz.

— Obrigada, já vai passar.

Desceram do carro e entraram no distrito. Subiram quase correndo para o gabinete do capitão. A presença de Russell já era considerada por todos um fato corriqueiro, embora não totalmente aceito. Sem dar muitos detalhes, o capitão explicara aos homens que ele era uma pessoa que conhecia os fatos, estava colaborando com Vivien numa investigação que exigia sua participação permanente. Vivien sabia que os colegas não eram burros e que, cedo ou tarde, alguém farejaria alguma coisa. Mas por enquanto, maus humores à parte, bastava que fingissem que nada estava acontecendo até que tudo estivesse resolvido.

Quando os viu chegar, o capitão levantou o rosto dos documentos que estava assinando.

— E então? — Talvez a gente tenha uma pista.

Bellew fechou a pasta que tinha diante de si. Russell e Vivien sentaram-se diante da escrivaninha. Em poucas palavras, a detetive contou sobre o sr. Newborn e o Fantasma da Obra, um sujeito com o rosto desfigurado que, de forma muito suspeita, manifestou interesse em trabalhar na construção da casa do major Mistnick. Explicou que a explosão da casa foi o resultado de uma ação perfeita e que, para obtê-lo, as cargas precisavam ser colocadas com muita precisão.

O capitão apoiou o corpo no encosto de sua cadeira.

— Relembrando o conteúdo da carta e a precisão das explosões mais recentes, poderia ser o nosso homem.

— É o que pensamos também.

— Agora só resta verificar sua presença em outras obras e descobrir o nome. Como e em quanto tempo, não sei. Uma coisa útil que podemos fazer nesse ínterim é aprofundar as investigações sobre esse major. Vou mandar pesquisarem junto ao exército. No que nos diz respeito, Bowman e Salinas acabaram de me ligar da Pike's Peak. Eles têm o material que estamos procurando. Acho que em breve estarão aqui. Ainda não tenho novidades dos demais homens que enviei.

O telefone da escrivaninha começou a tocar. Vivien viu pela luz que se acendera no quadro do aparelho que a ligação vinha do hall. O capitão esticou a mão e levou o fone ao ouvido.

— O que é? Ficou um segundo escutando. Depois se permitiu um acesso de raiva.

— Santo Deus, disse que viessem para cá assim que chegassem. Ficaram educados de repente e agora pedem licença para aparecer aqui? Mande subir e já.

O telefone voltou para o gancho com um pouco mais de força que o necessário. O led se apagou.

— Babacas! Vivien ficou surpresa com aquele ataque de nervos. Em geral, Bellew era uma pessoa contida, com tendência a se mostrar impassível, sobretudo sob pressão. Todos no distrito já tinham enfrentado pelo menos uma vez sua voz calma e fria, que tornava ainda mais eficientes os esporros que levavam. Um acesso daqueles não era típico dele. Logo em seguida, lembrou a si mesma que naquelas circunstâncias, com todos aqueles mortos nas costas e a perspectiva de novos mortos pela frente, era cada vez mais difícil dizer o quê era típico de quem.

Precedidas pelo rumor de passos na escada, as silhuetas de dois agentes se perfilaram no vidro esmerilado da porta. Antes que alguém tivesse tempo de bater, Bellew disse "Entrem", em voz alta e não desprovida de certo sarcasmo.

Os agentes Bowman e Salinas entraram com ar murcho, segurando cada um uma pesada caixa de papelão. Com certeza, o colega de plantão repetira para eles as palavras do capitão.

Bellew indicou o chão ao lado da escrivaninha.

— Podem colocar aqui.

Assim que as caixas foram deixadas no chão, Vivien examinou o conteúdo e foi tomada pelo desânimo. Estavam cheias de tabelas. Se os fichários das outras empresas também representassem aquele amontoado de documentos, compará-los seria um trabalho sem fim. Levantou a cabeça e olhou para Russell, percebendo que ele estava pensando a mesma coisa.

O capitão, ainda debruçado examinando o conteúdo das caixas, expressou em palavras o pensamento de todos.

— Puta merda, isso parece a Enciclopédia Britânica! O agente Bowman tentou se reabilitar aos olhos do superior, de si mesmo e do colega, colocando um fino quadrado de plástico preto sobre a escrivaninha.

— Junto com a papelada, achamos que os arquivos informatizados poderiam ser úteis.

Mandamos masterizar um CD com todos os dados.

— Ótimo trabalho, rapazes. Podem ir.

Liberados por essa última afirmação do capitão, os dois reencontraram a saída e uma migalha de alívio. Vivien percebeu sua curiosidade em relação a uma investigação que tiveram de fazer sem saber muito bem por quê. De fato, a curiosidade pairava no ar, com aquela série de fatos anômalos que estava deixando a prática investigativa normal de pernas para o ar: a presença de Russell, a inabitual ansiedade do capitão, o silêncio de Vivien, o segredo que cercava toda a investigação. Tinha certeza de que todos sabiam que tudo tinha relação com as duas explosões que ocorreram no prazo de três dias. Também desse lado, mesmo com toda a boa fé do mundo, podia haver um percentual de perigo; portanto, era vital agir depressa.

Russell colocou suas perplexidades na mesa um segundo antes dela.

— Para agir rápido, precisamos de um monte de homens nesse trabalho.

Se o abatimento dominara por um instante o capitão, ele já tinha sido superado. Sua voz era positiva e denotava proatividade, quando deu a única resposta possível.

— Sei disso. E vamos conseguir a qualquer custo. Por ora, não podemos fazer nada, até que cheguem os outros dados. Depois, vamos nos organizar de alguma forma, nem que tenha que colocar todos os policiais de Nova York em ação.

Vivien levantou para pegar uma pasta da caixa. Voltou a sentar-se e apoiou-a no colo.

Nas linhas alternadas brancas e azuis das páginas destacava-se uma longa lista de nomes, elencadas em ordem alfabética. Começou a percorrê-la, para afastar aquela sensação de estagnação que a imprevisibilidade infiltrara na mente de todos.

Uma série sem-fim de letras, com uma sequência quase hipnótica para os olhos que deslizavam sobre a folha: A Achieson, Hank Ameliano, Rodrigo Anderson, William Andretti, Paul e depois todos os outros até a página seguinte: B Barth, Elmore Bassett, James Bellenore, Elvis Bennett, Roger e mais e mais nomes até a página seguinte: C Castro, Nicholas Cheever, Andreas Corbett, Nelson Cortese, Jeremy Crow... Os olhos de Vivien se detiveram bruscamente e aquele último nome agigantou-se em sua imaginação. Em seguida, conseguiu relacioná-lo a um sorriso satisfeito quando tratou a pobre Elisabeth Brokens como um capacho. Levantou num salto, deixando a pasta cair no chão.

Diante da expressão espantada de Russell e Bellew, disse apenas três palavras.

— Me esperem aqui.

Chegou à porta com passos largos e desceu a escada a toda a velocidade, mas era possível sem correr o risco de quebrar o pescoço tropeçando em algum degrau. Dentro dela vibravam a excitação e a leve euforia da adrenalina lançada de repente no sangue.

Depois de tanto “talvez” e de tanto “se”, depois de uma sequência interminável de “não me lembro”, finalmente um

pequeno golpe de sorte. Chegou ao hall rezando para que sua esperança, nascida da mais pura e bendita casualidade, não se transformasse em ilusão quando verificasse os fatos.

Atravessou o hall e saiu pela porta de vidro. Parou nos degraus e olhou um instante ao redor.

Um carro com dois agentes estava dando ré para sair do estacionamento ao lado da entrada do distrito. Vivien fez um sinal para eles e desceu a breve escadaria correndo literalmente. Logo que chegou ao carro, viu o reflexo do céu desaparecer do vidro da janela no momento em que o agente o abaixou.

— Preciso de uma carona até a Terceira Avenida, esquina com a Rua 23.

— Entre.

Abriu a porta de trás e sentou no lugar geralmente reservado aos presos. No entanto, Vivien estava muito frenética para perceber a estranheza desse detalhe.

— Liguem a sirene.

Sem pedir explicações, o agente que dirigia a viatura ligou a luz giratória e partiu decidido, cantando pneus. A viagem de três quarteirões pareceu longuíssima, tamanha era a pressa de chegar. Quando relembrou a barreira de plástico laranja do canteiro de obras, reviveu a descoberta do cadáver de Mitch Sparrow, um caso que poderia ter sido apenas mais uma pasta nos fichários, mas que, ao contrário, dera início a toda aquela história alucinante. E que talvez se revelasse fundamental para a solução de todo o enigma.

Parecia que a loucura, do acaso e dos homens, era o fio vermelho que precisavam seguir para ligar fatos e personagens.

O carro ainda não tinha parado totalmente e Vivien já abria a porta e se preparava para descer.

— Obrigado, rapazes. Fico devendo essa.

Não ouviu a resposta, nem o carro partindo. Já estava ao lado do operário que acabara de sair pela passagem na cerca. Confundi-o com sua pressa evidente e com a concisão de suas palavras.

— Onde posso encontrar o sr. Cortese? O homem indicou um ponto além da cerca.

— Estava vindo atrás de mim.

Um segundo depois, surgiu a figura de Jeremy Cortese. Usava o mesmo colete do dia em que tinham se encontrado. Quando ela foi a seu encontro, reconheceu-a imediatamente. Difícil esquecer alguém que lhe traga à memória a descoberta de um cadáver.

— Bom dia, srta. Light.

— Preciso lhe fazer umas perguntas, sr. Cortese.

Com certo espanto, que compreendia também a falta de opção, o mestre de obras se colocou à disposição.

— Pode falar.

Vivien se afastou alguns passos. O lugar em que estavam servia de passagem e podiam incomodar e ser incomodados pelo trabalho dos operários. Frente a frente com Cortese, escandiu as palavras para ser o mais clara possível, como se ela e aquele homem falassem línguas diferentes.

— Preciso que faça um grande esforço de memória. Sei que muitos anos se passaram, mas a sua resposta é importante. Muito importante.

O homem sinalizou que tinha entendido e esperou em silêncio o que viria a seguir.

Vivien pensou que parecia um concorrente de Quem quer ser um milionário? , muito tenso e concentrado.

— Sei que trabalhou para a empresa que construiu o prédio no Lower East Side, aquele que sofreu um atentado no sábado passado.

Uma sombra de temor e de alarme chegou a cobrir o olhar do mestre de obras. Aquele breve preâmbulo acabava de lhe comunicar que a polícia o estava investigando. Seus ombros se afrouxaram um pouco e o tom de voz foi a via de fuga para seu mal-estar.

— Senhorita, preciso lhe fazer uma pergunta antes de continuar. Devo chamar um advogado? Vivien tentou deixá-lo à vontade e ser o mais tranquilizadora possível.

— Não, sr. Cortese, não precisa de advogado nenhum. Sei muito bem que o senhor não tem nada com isso. Só quero saber

umas coisinhas sobre o assunto.

— Fale, então.

A pergunta teve o efeito de um fixador em sua expressão ainda perdida.

— Entre os homens que trabalharam com o senhor na construção do prédio, lembra se havia alguém com o rosto e a cabeça desfigurados por cicatrizes? A resposta chegou logo, sem hesitações.

— Sim.

O coração de Vivien pulou uma batida.

— Tem certeza? Depois do primeiro e duro golpe contra a sua serenidade, Cortese se tranquilizou com o rumo que o diálogo tomara. Parecia ansioso para responder e poder arquivar aquela conversa entre suas recordações menos agradáveis.

— Não fazia parte da minha equipe, mas lembro que cruzei diversas vezes com um sujeito assim, com a cara toda destruída. Devo dizer que é difícil não notar um rosto como aquele.

O coração se transformou num pêndulo suspenso no peito de Vivien.

— E lembra como se chamava? — Não. Nunca cheguei a falar com ele.

A desilusão chegou e logo desapareceu da mente de Vivien, apagada pela magia de uma ideia.

— Deus o abençoe, sr. Cortese. Deus o abençoe mil vezes. Não imagina quanto sua resposta foi útil. Volte para o trabalho e fique tranquilo.

Foi apenas o tempo de trocar um aperto de mão e Vivien já tinha virado as costas, deixando um homem aliviado e perplexo sozinho no meio da rua. Pegou o celular e digitou o número direto do capitão.

Não lhe deu nem sequer o tempo de dizer seu nome.

— Alan, sou eu, Vivien.

— O que houve? Onde você se meteu? — Pode chamar os homens de volta. A pesquisa sobre os nomes não é mais necessária.

Esperou um instante, para dar tempo à curiosidade de Bellew de sintonizar-se com o que ela ia lhe pedir.

— Tem de mandar todo o pessoal disponível para os hospitais de Nova York.

Precisam ir a todos os departamentos de oncologia para verificar se no último ano e meio há registro de morte de um homem com o rosto desfigurado devido a cicatrizes de queimadura.

Agora que o câncer fez o seu trabalho e já estou do outro lado... Bellew, como todos os outros, aliás, já sabia aquela carta de cor. A excitação de Vivien tornou-se logo sua também.

— Você é demais, moça. Vou mandar os homens à caça. Estamos esperando você aqui.

Vivien desligou o telefone e voltou a guardá-lo no bolso. Enquanto voltava a passos largos para o distrito, pensou que pagaria qualquer quantia para ser uma mulher comum em meio a pessoas comuns. Mas, ao contrário, com cada pessoa que cruzava, ela se perguntava, angustiada, se aquela era uma das pessoas que perderia ou que conseguiria salvar. Também por elas, manteve uma esperança suspensa no ar. Talvez, ao morrer como qualquer ser humano, o homem que deixou atrás de si um rastro de bombas como pedrinhas de uma fábula trágica, também tivesse deixado um nome e um endereço.

27

DE MÁ VONTADE, PADRE MCKEAN ABRIU caminho entre as pessoas que lotavam o Boathouse Café. Em seu rosto, eram evidentes os traços da noite insone passada diante da televisão, sorvendo as imagens da tela com a avidez de um sedento e tentando, ao mesmo tempo, afastá-las de sua mente como um pensamento hediondo.

Eu sou Deus... Aquelas palavras continuavam a soar em sua cabeça como a trilha sonora infame das cenas que a memória continuava a repassar. Os carros destruídos, as casas danificadas, o fogo, as pessoas feridas e cobertas de sangue. Um braço, impiedosamente enquadrado pelas câmaras, arrancado do corpo pela violência da explosão, jazia sobre o asfalto.

Deu um profundo suspiro.

Rezou longamente, pedindo conforto e iluminação lá onde geralmente conseguia encontrá-los. Porque a Fé sempre foi sua consolação, o ponto de onde partia e o ponto a que sempre voltava, qualquer que fosse a natureza do percurso. Sua aventura com a comunidade teve início graças à Fé e foi com base nos resultados obtidos com muitos daqueles jovens que ele se permitiu sonhar. Outras Joys, outras casas semelhantes espalhadas por todo o estado, nas quais os jovens atraídos pela droga pudessem parar de se sentir como mariposas diante de uma vela. Os próprios jovens foram, a partir de certo ponto, sua força.

Mas naquela manhã circulou entre eles tentando esconder seu sofrimento, sorrindo quando lhe pediam que sorrisse e respondendo quando lhe pediam que respondesse. Mas assim que ficava sozinho novamente, tudo voltava a cair em cima dele, como quinquilharias amontoadas num armário.

Pela primeira vez em sua vida sacerdotal, não sabia o que fazer.

Já estivera naquela situação no passado, quando ainda vivia no mundo, antes de entender que o que queria era dedicar sua vida a Deus e a seu próximo. Na ocasião, resolvera suas dúvidas e angústias entrando para a paz do seminário. Mas dessa vez era diferente. Tinha ligado para o cardeal Logan sem muitas esperanças. Se estivesse em Nova York poderia se encontrar com ele, mais para ter um conforto moral que para obter uma autorização que tinha certeza de que nunca chegaria. Não no prazo e nas condições necessárias naquela situação. Conhecia bem as regras férreas que governavam aquela parte da relação com os fiéis. Era um dos pontos indiscutíveis de seu Credo, representava a certeza de que todos poderiam receber o sacramento da Confissão com a alma livre e sem temores. Oferecendo seu arrependimento em troca da purificação de seus pecados. Mas a Igreja, na qualidade de seu ministro, o condenava ao silêncio e, assim, condenava outras centenas de pessoas à morte, se aqueles atentados continuassem.

— Então o senhor é o famoso padre McKean, fundador da Joy? O sacerdote virou-se na direção da voz. Viu-se diante de uma mulher alta, que tinha cerca de 40 anos, com cabelos escuros e irrepreensíveis. Estava maquiada demais, elegante demais e talvez fosse rica demais. Segurava dois copos cheios de um líquido que parecia ser champanhe.

A mulher não esperou a confirmação. Aliás, não era mesmo uma pergunta, expressava apenas um fato.

— Me disseram que o senhor era um homem muito carismático e muito fascinante. E tinham razão.

Estendeu um dos dois cálices. Perturbado por aquelas palavras, padre McKean o pegou instintivamente. Teve a impressão de que, se seus dedos não o segurassem, a mulher o soltaria da mesma forma e ele se espatifaria no chão.

— Meu nome é Sandhal Bones e sou uma das organizadoras da exposição.

A mulher apertou a mão que ele estendeu e segurou-a entre as suas um segundo a mais que o devido. O sacerdote sentiu o constrangimento chegando para se juntar aos outros estados de

espírito que já o perturbavam. Distraiu os olhos observando as bolinhas do fundo da flûte subindo alegremente para a superfície.

— A senhora é, portanto, uma das nossas benfeitoras.

A sra. Bones tentou minimizar a palavra, sem obter muito sucesso.

— Benfeitora parece ser uma palavra pesada demais.

Digamos que gosto de oferecer minha ajuda onde vejo que ela é necessária.

Sem vontade alguma, o reverendo McKean levou o copo aos lábios e bebeu um gole.

— É por mérito de pessoas como a senhora que a Joy continua a sobreviver.

— É por mérito de pessoas como o senhor que ela existe.

Colocou-se ao lado dele e segurou seu braço. Um perfume delicado e sem dúvida muito caro chegou às narinas do padre junto com o ciciar de seu vestido.

— E agora vamos ver as obras de seus protegidos. Falaram-me muito bem deles.

Abrindo caminho entre as pessoas com desenvoltura, a sra. Bones caminhou até o outro lado da varanda, que dava para um lago.

O Boathouse Café era um local elegante no meio do Central Park, ligado ao resto da cidade pela East Drive. Um edifício de um andar só, com a fachada composta de amplas vidraças que permitiam que os clientes jantassem com vista para a água e para o verde.

Com o fim do inverno, também era possível jantar ao ar livre, nas mesinhas arrumadas na varanda que circundava o salão.

Naquela ocasião, um comitê cujo nome padre McKean nunca conseguia recordar, havia organizado uma exposição de pintura, escultura e artesanato produzidos por jovens abrigados em instituições semelhantes à Joy, para permitir que, além de suas obras, eles pudessem se comunicar pessoalmente com o público. Quando acenaram com aquela possibilidade, o sacerdote falou com Jubilee Manson e Shalimar Bennett. Achava que os dois ainda estavam no meio de um percurso difícil, mas John conseguiu

convencê-lo de que, no final das contas, a experiência só podia lhes fazer bem.

Shalimar era uma moça branca proveniente de uma família burguesa comum. Foi arrancada à força das garras da heroína e de uma tendência automutiladora que já tinha crivado seus braços de cicatrizes. Padre McKean não confessaria isso nem à Inquisição, mas era a sua preferida. Tinha um rosto que inspirava ternura e proteção. Seus olhos pareciam irradiar luz quando alguém elogiava seus trabalhos, uma mistura de escultura e joalheria. Braceletes, colares, brincos que juntavam originalidade e cor, todos confeccionados com materiais simples e improváveis.

Jubilee, jovem negro de 17 anos, vinha, por sua vez, de uma família onde as regras foram banidas e a abordagem cotidiana pela sobrevivência se transformou num assalto. A mãe era prostituta e o pai morrera esfaqueado numa briga. Seu irmão Jonas se passava por rapper, com o nome artístico de Iron7. Na realidade, era o chefe de uma gangue cujas áreas de interesse eram o tráfico de drogas e a exploração da prostituição. Quando a mãe encontrou pedras de crack no quarto de Jubilee, viu que o filho mais novo estava começando a seguir as pegadas do irmão. Num momento de lucidez, iluminada por uma feliz intuição, levou o menino para o padre McKean, na Joy. Na mesma tarde, suicidou-se.

Superadas as primeiras dificuldades, Jubilee se integrou bastante bem à vida na comunidade e, pouco depois de sua chegada, mostrou um notável talento para as artes figurativas — o qual foi incentivado e cultivado. Agora, algumas de suas obras mais interessantes, embora bastante ácidas e devendo ser vistas em perspectiva, foram escolhidas para a exposição no Central Park.

O sacerdote e sua acompanhante chegaram à área onde as telas de Jubilee estavam expostas sobre cavaletes. Mostravam uma influência clara da arte pop, mais especificamente de Basquiat, mas o colorido e a originalidade das combinações deixavam entrever uma grande e promissora possibilidade de evolução.

O jovem pintor estava de pé ao lado de suas obras. A sra. Bones parou diante dos quadros, de modo que pudesse avaliá-los com um só golpe de vista.

— Então temos aqui o jovem artista.

Examinou os trabalhos com olhar atento, no qual não estava ausente certa perplexidade.

— Bem, não sou crítica de arte e isso ainda não é Norman Rockwell. Mas devo dizer que são... que são... — Explosivos? Depois de sugerir tal definição, padre McKean piscou o olho para Jubilee, que só não caiu na risada a muito custo. A sra. Bones virou-se para o sacerdote como se aquela palavra fosse uma iluminação.

— Claro. É a definição exata. São explosivos.

— É o que todos pensamos.

Depois do afago no ego do artista e na mania de mecenato da acompanhante, o padre começava a achar a presença dela bastante incômoda. Foi quando viu John Kortighan a poucos passos dali, conversando com um grupo de pessoas. O olhar que lançou para ele era um pedido desesperado de socorro.

Seu braço direito percebeu imediatamente a situação. Livrou-se de seus interlocutores e foi na direção do sacerdote.

Padre McKean estava se preparando para deixar a companhia da mulher.

— Sra. Bones... Ela respondeu batendo os cílios algumas vezes mais que o normal.

— Pode me chamar de Sandhal, se quiser.

Naquele momento, John alcançou-os, tirando-o daquela situação embaraçosa.

— Sra. Bones, este é John Kortighan, que trabalha comigo. É o principal responsável pelo bom funcionamento... Enquanto fazia as apresentações, o sacerdote virou a cabeça para John, que estava de costas para a água, mas seus olhos atraídos para além dele. Atravessaram a varanda cheia de gente e pararam na ciclovia que costeava o lago, à esquerda.

De pé, com as mãos enfiadas nos bolsos dos jeans, havia um homem com uma jaqueta militar verde. Padre McKean sentiu que o ar lhe faltava e uma onda de calor subia para seu rosto. Só conseguiu terminar a frase de apresentação por puro automatismo.

— ... de nossa pequena comunidade.

John, diplomático como sempre, estendeu a mão.

— É um prazer conhecê-la, sra. Bones. Sei que é uma das principais responsáveis por este evento.

A risadinha da mulher chegou até seus ouvidos como se estivesse em transe.

— Como já disse a padre McKean, estou sempre disposta a fazer alguma coisa pelo próximo.

O sacerdote ouvia aquelas frases como se chegassem de longe, abafadas pelo espaço e pela névoa. Não conseguia tirar os olhos daquele homem sozinho, de pé entre as bicicletas que passavam a seu lado, que olhava em sua direção. Disse a si mesmo que jaquetas daquele tipo eram muito comuns e que um evento daquele porte chamaria a atenção de qualquer um. Era normal que alguns parassem para tentar descobrir do que se tratava exatamente.

Apesar dessa tentativa de se tranquilizar, sabia que não era nada daquilo. Intuíva que não se tratava de uma pessoa qualquer, mas do homem que lhe sussurrou no interior do confessionário aquelas poucas palavras sacrílegas acompanhadas de sua intenção de matar.

Eu sou Deus... Os rostos, o burburinho e as pessoas a seu redor desapareceram. Restava apenas aquela figura inquietante atraindo sua atenção, seus pensamentos, seu olhar. Seu desejo de misericórdia. De alguma maneira, tinha certeza de ter sido identificado e de que, entre toda aquela gente, era para ele que o homem estava olhando.

— Desculpem-me um instante.

Nem ouviu o que John e a sra. Bones responderam.

Já tinha se afastado deles e abria caminho entre a multidão, dirigindo-se para o lado oposto da varanda. Perdendo e reencontrando o olhar sombrio daquele desconhecido que penetrou dentro dele como uma promessa de infelicidade. Tinha intenção de alcançá-lo para tentar conversar com ele, tentar fazê-lo raciocinar, embora soubesse que seria uma empresa desesperada. O homem, por sua vez, continuava a seguir sua trajetória com os olhos, à espreita, como se tivesse vindo ao Boathouse Café com a mesma intenção.

Mas de repente padre McKean se viu diante de dois homens negros que barravam seu caminho.

Um era um pouco mais baixo que ele e usava uma jaqueta acolchoada com capuz, de tamanho muito maior que sua estatura e com uma espessura decididamente inadequada para a estação. Usava um boné preto com a viseira de lado, jeans e um par de tênis pesados. Em seu peito cintilava uma corrente de ouro.

O sujeito que estava atrás dele era enorme. Parecia até impossível que um homem daquela compleição conseguisse se mover. Estava todo vestido de preto, e uma espécie de bandana que cobria sua cabeça lembrava uma daquelas antigas redes que os homens usavam à noite para alisar os cabelos.

O mais magro pôs a mão no peito de padre McKean, detendo-o.

— Onde pensa que vai, corvo? Pressionado pela angústia que aquele estorvo lhe causava, o sacerdote virou os olhos instintivamente para a direita. O homem de jaqueta verde ainda estava lá e observava a cena sem nenhuma expressão no rosto. A contragosto, desviou sua atenção de volta para a pessoa à sua frente.

— O que deseja, Jonas? Creio que não foi convidado.

— Iron7 não precisa de convite para andar no meio de babacas como esses. Não é verdade, Dude? O gordo, impassível, fez um simples sinal positivo com a cabeça.

— Bem, agora que já mostrou o quanto é forte, acho que pode ir embora.

Jonas Manson deu um sorriso, mostrando um pequeno diamante incrustado num incisivo.

— Ei, padre, um momentinho... Que pressa é essa? Sou irmão de um de seus artistas.

Não posso admirar as obras dele como todo mundo? Deu uma olhada ao redor e, além dos ombros de padre McKean, reconheceu Jubilee ao lado de seus quadros, comentando-os com algumas pessoas.

— Lá está ele, o meu menino.

O homem que dizia se chamar Iron7 afastou o sacerdote e foi naquela direção, seguido pela massa impressionante de Dude, diante da qual os presentes abriam caminho instintivamente. Padre McKean foi atrás deles para tentar manter a situação sob controle.

O rapper parou diante dos quadros e, sem sequer cumprimentar o irmão, fez uma pose teatral de análise na frente das pinturas. Quando o viu chegar, Jubilee ficou mudo, deu um passo atrás e começou a tremer.

— Bem, a coisa é forte. Realmente forte. O que acha, Dude? Mais uma vez, o gordo confirmou as palavras do chefe sem falar, com um movimento de cabeça. John, que percebeu a precariedade da situação, aproximou-se tentando colocar seu corpo entre Jonas e o irmão.

— Vocês não podem ficar aqui.

— Ah, é? E quem foi que disse? Você, seu merda? O rapper virou para o colosso e sorriu.

— Dude, tire esse babaca da minha cola.

A mão enorme do homem esticou-se e pegou John pelo colarinho da camisa. Atraiu-o para si como se não pesasse nada e depois empurrou-o, jogando-o contra a balaustrada.

Padre McKean interveio para bloquear qualquer tentativa de reação que poderia ter consequências muito piores. Se explodisse uma briga, alguém poderia se ferir.

— Deixe para lá, John. Eu resolvo.

Jonas deixou escapar uma risada vulgar.

— Que beleza! Ele resolve.

Nesse meio-tempo, um círculo se formou ao redor deles. Todas as pessoas que estavam por ali, mesmo sem saber exatamente o que estava acontecendo, viram que era melhor se afastar daqueles dois sujeitos negros, de comportamento agressivo e de caras pouco amigáveis.

— Nós dois precisamos falar de negócios, padre.

— Nós não podemos ter negócios em comum, Jonas.

— Deixe esse orgulho de lado. Sei que estão em dificuldades, lá naquele seu lugar.

Posso dar uma mão. Achei que vinte verdinhas das grandes podiam chegar em boa hora.

Padre McKean não imaginava quem poderia ter informado aquele delinquente sobre as dificuldades econômicas da Joy. Com certeza não tinha sido o irmão, que o evitava como se fosse a peste e morria de medo dele. Claro que, naquele momento, vinte mil dólares caíam como um maná dos céus nos cofres vazios da comunidade. Mas não podiam vir daquele homem, com todo o peso que tinha nas costas.

— Pode ficar com seu dinheiro. Vamos nos virar sozinhos.

Jonas encostou o indicador no peito do padre e começou a bater como se quisesse perfurar seu esterno.

— Está recusando o meu dinheiro? Está querendo dizer que é sujo? Fez uma pausa, como se refletisse sobre o que tinha acabado de ouvir e sobre seu significado. Voltou a levantar os olhos para padre McKean.

— Então o meu dinheiro não serve... Depois apontou para as pessoas ao redor e seu ódio explodiu.

— Mas o dinheiro desses escrotos serve, não? Esses sujeitos de paletó e gravata, com ar de gente de bem, são os que pagam as putas e o bagulho que vendo. E essas mulheres com jeito de santinhas que andam por aí agarrando todos os cacetes negros que conseguem alcançar.

Um burburinho e um lamento às suas costas. Mesmo sem olhar, o sacerdote percebeu que uma das mulheres tinha desmaiado. Mas o rapper continuou a espalhar rancor a seu redor.

— Só queria fazer o bem. Ajudar meu irmão e esse lugar de merda de vocês.

Jonas Manson enfiou a mão no bolso e, quando a retirou, apertava um canivete. Padre McKean ouviu quando se abriu com um estalo seco e viu a lâmina cintilar na luz. O vozerio ao redor aumentou e somou-se ao barulho de pés batendo sobre o pavimento de madeira da varanda. Os gritos histéricos de medo de algumas mulheres ecoaram.

Com o canivete na mão, Jonas virou-se para Jubilee, que olhava para ele aterrorizado.

— Está vendo, irmãozinho? A navalha faz o grande homem. Jubilee deu mais um passo atrás, enquanto Jonas se aproximava dos quadros. Padre McKean foi em sua direção para tentar interceptá-lo mas, com uma agilidade impressionante para alguém daquele peso, Dude saiu de onde estava e conseguiu imobilizá-lo pelo abraço. Quando apertou seu peito, o sacerdote sentiu a dor percorrer seus músculos e o ar abandonar os pulmões sem possibilidade de retorno.

— Fique calminho, padre. Trata-se de um problema de família.

Mais uma vez, o vândalo dirigiu-se a Jubilee, que parecia a ponto de desmaiar.

— E então, não vai dizer nada? Vai deixar que esse escroto de merda insulte seu irmão? Fez um gesto rápido e, num chiado de tela rasgada, um longo corte em diagonal se abriu no quadro que estava à sua frente. Ia fazer a mesma coisa com a pintura seguinte quando de um ponto à direita deles chegou uma voz.

— Muito bem, rapazes, já se divertiram bastante. Agora largue o canivete e se deite no chão.

Padre McKean virou a cabeça e viu um policial uniformizado de pé no gramado, apontando um revólver para Jonas. O rapper olhava para ele com indiferença, como se um revólver apontado para a sua cabeça fosse um fato corriqueiro em sua vida.

O policial fez um gesto impaciente com a arma.

— Não ouviu o que eu disse? Deite no chão com as mãos atrás da cabeça. E você, seu gorila, largue esse homem.

Padre McKean sentiu a pressão afrouxar e recuperou todo o ar que podia. Dude se afastou e se juntou ao chefe. Lentamente, como se fosse uma gentil concessão de sua parte e não uma imposição de fora, os dois se deitaram no chão e colocaram as mãos na cabeça.

Enquanto o agente os mantinha sob controle e chamava reforços pelo rádio, o sacerdote, finalmente livre, virou-se na direção da lagoa. Percorreu com o olhar a margem e a ciclovia com ansiedade, em busca de alguém que não conseguiu encontrar.

Seu pesadelo, o homem da jaqueta verde, tinha desaparecido.

28

VIVIEN ESCUTAVA COM PREOCUPAÇÃO AS VARIAÇÕES do barulho do motor, enquanto o helicóptero perdia altura.

Não gostava de voar. Não gostava de ficar à mercê de um veículo desconhecido, cujo controle não dominava, que a fazia balançar a cada turbulência e a deixava apreensiva a cada variação dos giros do rotor. Debruçou na janela para observar o solo que se aproximava. Suspensos numa massa negra de escuridão que parecia ter invadido toda a terra, podiam-se ver as luzes do mundo a seus pés. As luzes triunfais de uma grande cidade e, mais afastadas, como satélites, aquelas dos pequenos centros que a circundavam.

O helicóptero inclinou-se e girou agilmente para a direita. Embaixo, na direção do bico do aparelho, sinais luminosos delimitavam a pista do pequeno aeroporto.

A voz abafada do piloto chegou aos fones de ouvido de surpresa. Não trocaram nem uma palavra durante todo o trajeto.

— Vamos aterrissar daqui a pouco.

Vivien recebeu a notícia com prazer. Tinha esperança de fazer a viagem de volta com um resultado que lhe permitisse enfrentar aquele parêntese no vazio e no escuro com outro estado de espírito.

Foram pegos pela escuridão na metade do caminho e foi então que Vivien entendeu a necessidade de um aparelho capaz de voar por instrumentos, embora não conseguisse entender como o piloto conseguia se desembaraçar e decifrar alguma coisa naquela agitação de telas coloridas que tinha diante de si.

A seu lado, apoiado no vidro do outro lado, a cabeça levemente inclinada para trás, Russell tinha tirado os fones e dormia, roncando um pouco. Vivien o observou por alguns instantes sob o reflexo das luzes do quadro de comandos. Em resposta, veio a imagem de sua cabeça apoiada no travesseiro, de sua respiração

regular na penumbra, na noite em que ela se levantara da cama para ir à janela.

A noite em que o mundo explodiu, em todos os sentidos.

Como se aquela imagem tivesse sido projetada à força em seu sono, Russell abriu os olhos.

— Devo ter adormecido.

— A menos que você ronque acordado, eu diria que sim.

Virou para olhar pela janela, bocejando.

— Onde estamos? — Estamos descendo. Chegamos.

— Ótimo.

Vivien voltou a estudar o terreno abaixo de si que, depois daquela breve ausência, se preparava para recebê-los de novo, embora a muitos quilômetros de distância do local de onde seus pés deixaram o solo. Sentia a urgência sugá-la para baixo como um turbilhão e a responsabilidade pesar sobre seus ombros muito mais que o ar acima dela.



Depois da conversa com Jeremy Cortese, gastaram quase todo o resto do dia para obter alguma resposta positiva. Bellew entrou em contato com Willard, o chefe de polícia, que pôs à disposição o apoio necessário para aquele tipo de pesquisa e um número impreciso de agentes se espalhou pelos grandes e pequenos hospitais de Manhattan, Bronx, Queens e Brooklyn.

Código RFL.

A investigação estendeu-se também aos de Nova Jersey, com o apoio da polícia local. Eles três ficaram à espera no gabinete do segundo andar, cada um às voltas com seus fantasmas pessoais e com os meios duvidosos que tinham para exorcizá-los.

Vivien dividiu seu tempo entre o desejo de que o telefone do capitão tocasse e o temor de que seu celular estrilasse trazendo más notícias da clínica onde Greta estava internada. Russell sentou-se numa poltrona e apoiou os pés na mesinha à sua frente. Olhava para o vazio, demonstrando um poder de abstração que ela não pensava que tivesse. O capitão continuou a ler seus relatórios durante todo o tempo, mas Vivien poderia apostar que não

assimilava quase nada do que havia naquelas páginas. O silêncio se transformou numa teia de aranha da qual ninguém queria se livrar. As palavras só trariam mais conjecturas e mais esperanças e, naquele momento, tudo de que precisavam era de alguma mensagem concreta.

Quando o telefone sobre a escrivaninha tocou, a luz do outro lado das vidraças marcava a proximidade do fim do dia. O capitão colocou o fone no ouvido com uma rapidez que, apesar das circunstâncias, Vivien definiu consigo mesma como digna de um desenho animado.

— Bellew.

A expressão impassível do capitão não deu satisfações aos rostos ansiosos de Russell e Vivien.

— Espere.

Pegou caneta e papel e Vivien o viu anotar as palavras apressadas que lhe ditavam.

— Maravilha, rapazes. Meus parabéns.

O fone ainda não tinha voltado a seu lugar quando o capitão ergueu a cabeça e estendeu-lhe a anotação que fez. Vivien a pegou como se fosse um objeto recém-saído do fogo.

— Temos um nome. No Samaritan Faith Hospital, no Brooklyn. Duas enfermeiras de serviço lembram muito bem de um sujeito assim. Dizem que era um autêntico monstro, desfigurado da cabeça aos pés. Morreu há um pouco mais de seis meses.

Vivien baixou os olhos sobre a folha que tinha nas mãos. Estava escrito

Wendell Johnson — Hornell NY 7 de junho de 1948. 140 Broadway Brooklyn com a caligrafia inclinada e rápida do capitão.

Vivien achou incrível que uma sombra que eles caçaram sem resultado tivesse se transformado de repente num ser humano com um nome, um endereço e uma data de nascimento. Mas também era incrível o número das vítimas ligadas àquele nome e das tantas outras que poderiam se somar para aumentar tal número.

Enquanto ela lia, Bellew entrava em ação. Sua mente, como a de todos eles, alimentava-se naquele momento de pressa e angústia. Já estava falando com o telefonista.

— Ligue-me com a polícia de Hornell, no estado de Nova York.

Enquanto esperava pela ligação, colocou a chamada no viva-voz de modo que todos pudessem ouvir.

Uma voz profissional saiu do pequeno difusor do aparelho.

— Comando da polícia de Hornell. Em que posso servi-lo? — Aqui é o capitão Alan Bellew, do 13º Distrito de Manhattan. Estou falando com quem? — Agente Drew, senhor.

— Preciso falar com seu chefe, o mais rápido possível.

— Um instante, senhor.

A comunicação foi colocada em espera, com uma música de central telefônica ao fundo. Pouco depois, uma voz profunda, muito mais madura que a anterior, tomou seu lugar.

— Capitão Caldwell.

— Sou o capitão Alan Bellew, da polícia de Nova York.

Houve um instante de silêncio do outro lado. Naqueles dias, nomear a Grande Maçã trazia imediatamente à memória as imagens dos edifícios em chamas e dos cadáveres cobertos por panos.

— Boa noite, capitão. O que posso fazer pelo senhor? — Preciso de informações sobre um certo Wendell Johnson. Meus dados dizem que nasceu em Hornell em 7 de junho de 1948. Há alguma coisa sobre ele em seus arquivos? — Um segundo.

Só se ouvia o rumor dos dedos que digitavam rapidamente alguma coisa num teclado. Pouco depois, a voz do capitão Caldwell se fez ouvir.

— Aqui está. Wendell Bruce Johnson. O único antecedente que tenho em seu nome é uma prisão por dirigir em estado de embriaguez em maio de 1968. Nada mais.

— Só isso? — Mais um segundinho, por favor.

Mais uma vez, o rumor do teclado e, de novo, a voz.

Vivien imaginou um homem corpulento às voltas com uma tecnologia muito complicada para ele, cujo único objetivo era aplicar o maior número de multas possível para justificar seu salário perante o Conselho Municipal.

— Junto com ele, um certo Lester Johnson também foi detido por resistência.

— O pai ou o irmão? — Pela data de nascimento, suponho que seja o irmão. Dois anos de diferença entre os dois.

— Sabe se esse Lester ainda vive em Hornell? — Infelizmente não sou daqui. Acabei de assumir e ainda não conheço muita gente. Se me der mais dois segundinhos, vou verificar.

— Seria de grande utilidade.

Vivien leu no rosto de Bellew a tentação de explicar que, segundo após segundo, se fazem os dias e os meses. E eles tinham dificuldade para encontrar as horas naquele momento. Apesar disso, respondeu de maneira calma e cortês.

— Não tenho nenhum Wendell Johnson na lista telefônica. Mas tenho um Lester Johnson, no número 88 da Fulton Street.

— Ótimo. Vou lhe mandar duas pessoas de helicóptero. Daria para indicar um local onde possam aterrissar? — Tem o Hornell Municipal Airport.

— Perfeito. Chegarão o mais rápido possível. Seria importante que pudessem contar com seu apoio.

— Tudo aquilo de que precisar.

— Se puder ir recebê-los pessoalmente seria de grande ajuda. Além do mais, é de vital importância que essa conversa seja sigilosa. Muito sigilosa, entendeu? — Perfeitamente.

— Até breve, então.

O capitão desligou e olhou para Vivien e Russell.

— Como acabaram de ouvir, precisam fazer uma viagensinha. Nesse meio-tempo, mandarei que uma equipe faça uma inspeção no Brooklyn, no endereço desse Johnson. É pura formalidade.

Não acredito que encontremos alguma coisa, mas num caso desses, não podemos negligenciar nenhum detalhe.

Em quinze minutos, Bellew pediu e obteve o apoio de um helicóptero aparelhado para voos noturnos. Vivien e Russell foram transportados de carro a toda velocidade para um campo de futebol na Rua 15, às margens do East River. O helicóptero chegou logo em seguida, um inseto gigantesco e desengonçado que se movia com agilidade no céu. Foi só o tempo de subir e a terra já deixou de ser

deles, a cidade se transformou numa sequência de casas e antenas lá embaixo, até desaparecer às suas costas. O mergulho na escuridão aconteceu em câmara lenta, com uma lâmina de luz cada vez mais fina no horizonte, recordando a existência do Sol.



O piloto pousou o helicóptero no chão sem abalos, ao lado de um edifício estreito e longo iluminado por uma fileira de lampiões. Num descampado à sua esquerda, estavam estacionados vários pequenos aviões de turismo. Cessnas, Pipers, Socatas e outros modelos que Vivien desconhecia. Quando abriu a portinhola, um carro com as insígnias da polícia que esperava ao lado do prédio veio em sua direção.

Quando o veículo parou, um homem uniformizado saiu lá de dentro. Era alto, tinha aproximadamente 40 anos, bigodes e cabelos grisalhos. Aproximou-se com um andar lento e gingado de jogador de basquete. Enquanto apertava sua mão e o fitava nos olhos, Vivien refez o juízo expresso com excessiva facilidade ao ouvir sua voz ao telefone.

Inspirava confiança e dava a nítida impressão de que não tinha chegado abusivamente ao cargo que ocupava.

— Capitão Caldwell.

Seu aperto de mão era enérgico e preciso.

— Detetive Vivien Light. Este é Russell Wade.

Os dois homens se cumprimentaram com acenos de cabeça. De certa forma, a urgência que os impulsionava também contagiou o chefe da polícia de Hornell.

Apontou imediatamente para o carro.

— Podemos ir? Entraram no carro, que partiu enquanto ainda estavam colocando os cintos. Saíram do aeroporto e pouco depois deixaram para trás as luzes da pista, tomando a Route 36 em direção ao sul.

— Fulton Street não é longe. Fica na parte norte de Hornell. Alguns minutos e chegaremos lá.

Não havia muito trânsito àquela hora, mas assim mesmo o capitão Caldwell acendeu as luzes giratórias. Vivien fez questão de

pedir-lhe: — Gostaria que desligasse a sirene quando estivermos perto. Preferia chegar sem ser anunciada.

— Certo.

Mesmo que estivesse morrendo de curiosidade, o motorista não deixou transparecer.

Seguiu em silêncio, o rosto iluminado pelo débil reflexo do painel. Vivien sentia a presença de Russell no banco de trás, silencioso e aparentemente ausente. Contudo, pelo que recordava da leitura de seu texto no computador, por trás daquele ar absorto, estava a capacidade de captar determinados aspectos e relatar certos estados de espírito de modo muito envolvente. Depois de participar de alguma ação, conseguia transmitir a quem o lia a sensação de ter estado lá com ele. Era um modo completamente diferente de informar, muito diferente das abordagens que estava acostumada a ver em artigos de jornal.

E Deus sabia quanto também tínhamos necessidade de verdade. Os jornais, depois de terem relatado e documentado as consequências dos atentados, depois de se lançarem na pista das possíveis reivindicações, logo começariam uma violenta e desenfreada campanha contra a ação da polícia e das outras instituições de investigação, acusando-os de ser incapazes de garantir a segurança dos cidadãos. Uma ação criminosa como aquela que estava devastando a cidade, logo teria consequências políticas e ofereceria um ótimo pretexto para quem pretendesse atacar Willard ou o prefeito ou quem quer que estivesse com eles. Cada pessoa com um mínimo de autoridade e envolvimento naquela história, inclusive ela, seria atingida por aquela tempestade que despencaria, sem possibilidade de controle, sobre quem estivesse no caminho.

O telefone no bolso começou a tocar. Viu na tela que era o número pessoal de Bellew.

Respondeu com a esperança absurda de ouvi-lo dizer que estava tudo acabado.

— Diga, Alan.

— Onde estão? — Acabamos de aterrissar. Estamos indo para a casa do sujeito.

Naquela altura, nomes e homens estavam perdidos. Tinha desaparecido qualquer traço de identidade, substituído por palavras frias e impessoais, que permitiam ter em mira não um ser humano, mas apenas o “sujeito” ou “uma pessoa suspeita”.

— Perfeitamente. Quanto a nós, descobrimos uma coisa curiosa, não sei como interpretar.

— O que é? — Chegamos à casa de Wendell Johnson. Não encontramos ninguém, naturalmente.

Mas, mesmo sabendo que estava em estado terminal, o sujeito pagou um ano de aluguel um pouco antes de ser internado.

— Estranho.

— Também achei estranho.

O capitão Caldwell desligou a luz no teto do carro. Vivien entendeu que estavam chegando a seu destino.

— Alan, chegamos. Ligo assim que tiver notícias.

— Certo. Até mais.

O carro dobrou à esquerda e depois de ver desfilar uma série de casas absolutamente idênticas, parou no final daquela pequena rua que era a Fulton Street. Ao lado deles, estava o número 88, uma casinha que, pelo que podiam ver, bem que precisava de uma mão de tinta e uma ajeitada no teto. As janelas estavam iluminadas e Vivien agradeceu por não ter de tirar ninguém da cama. Sabia que, nessas circunstâncias, precisava de bastante tempo antes de poder falar com pessoas que realmente estivessem de posse de sua lucidez.

— É aqui. — Desceram do carro em silêncio e percorreram o caminho de entrada em fila indiana. Vivien deixou o policial local ir na frente, para que mantivesse o sentido de sua autoridade.

Caldwell tocou a campainha ao lado da porta. Pouco depois, a luz se filtrou pelas tiras de vidro esmerilado que a contornavam. Um passo leve e rápido de pés descalços se aproximou e pouco depois a porta se abriu. Um menino louro e sardento, de cerca de 5 anos, mostrou a cabeça atrás do batente. Ficou espantado, mas sem medo ao ver um homem uniformizado que se elevava como uma torre diante dele.

Caldwell inclinou-se um pouco e falou com a criança com voz calma e amigável.

— Oi, campeão. Como é o seu nome? O menino aceitou com desconfiança aquela tentativa de comunicação.

— Billy. O que você quer? — Precisamos falar com Lester Johnson. Ele está em casa? O menino correu, deixando a porta se escancarar.

— Vovô, a polícia está atrás de você.

Diante dos olhos deles apareceu um corredor que terminava na escada que levava ao andar de cima. À direita, um pequeno vestíbulo e, à esquerda, uma porta além da qual o menino se afastou correndo. Pouco depois, chegou um homem de seus 60 anos, de ar enérgico, vestindo uma camisa azul e calças jeans desbotadas. Tinha uma cabeleira ainda densa e os olhos espertos que se deslocaram avaliando uma por uma as pessoas que estavam à sua porta. Vivien pensou que, em algumas prisões, aquele era o uniforme dos presidiários.

Deixou ao colega uniformizado a tarefa de conduzir as operações. Era seu território e Vivien devia isso a ele. Esperava que, na hora certa, ele tivesse a perspicácia de se afastar.

— Sr. Lester Johnson? — Sim, sou eu. O que você quer? Aquela frase parecia fazer parte do patrimônio dialógico da família, pois era a mesma que o menino tinha pronunciado.

— Sou o capitão Caldwell. Eu... — Sim, sei quem é o senhor. Quem são eles, melhor dizendo.

Vivien resolveu que tinha chegado a hora de se apresentar.

— Sou a detetive Vivien Light, da polícia de Nova York. Gostaria de falar com o senhor.

Lester Johnson avaliou-a por um instante, num rápido exame feito com prazer e que incluía, sobretudo, a sua aparência física.

— OK. Entrem, por aqui.

Guiou-os para além da porta por onde ele chegou e o menino sumira. Encontraram-se numa ampla sala, com sofás e poltronas. Billy estava sentado num deles assistindo a desenhos animados numa televisão de tela plana. Apesar da aparência externa carente de melhorias, o interior era bem cuidado, sobretudo na escolha dos

tecidos e das tapeçarias em cores naturais. Vivien desconfiou que naquela decoração havia o dedo de uma mulher.

Lester Johnson dirigiu-se ao neto com voz firme.

— Billy, está na hora de ir para a cama.

O menino virou e protestou sem muita convicção.

— Mas vovô... — Já disse, hora de dormir. Vá para seu quarto sem muita história.

A voz do avô não admitia delongas. O menino desligou a TV e passou diante deles, emburrado. Sem cumprimentar ninguém, desapareceu atrás de um ângulo da sala. Pouco depois, o rumor de seus pés descalços na escada perdeu intensidade até desaparecer totalmente.

— Meu filho e minha nora tiveram uma noite livre hoje. E eu solto a rédea do menino um pouco mais que os pais.

Depois da lacônica exposição de uma parcela de sua vida particular, o anfitrião indicou o sofá e as poltronas.

— Sentem-se.

Vivien e Caldwell sentaram-se no sofá; Lester Johnson estava na poltrona em frente.

Russell escolheu a mais distante.

Vivien resolveu ir direto ao cerne da questão.

— Sr. Lester, Wendell Johnson é seu parente? — Era meu irmão.

— Era por quê? Lester Johnson fez um gesto vago com os ombros.

— Porque foi para o Vietnã no início de 1971 e desde então nunca mais tive notícias dele. Nunca foi declarado nem morto nem desaparecido em ação. O que quer dizer que saiu vivo da guerra. Se preferiu nunca mais aparecer ou ligar, problema dele. Em todo caso, deixou de ser meu irmão há muito tempo.

Ao ouvir uma relação fraterna ser liquidada daquela forma, Vivien virou instintivamente para Russell. Seu olhar endurecera por um instante, mas logo em seguida retornou ao lugar que tinha resolvido ocupar, ou seja, ao silêncio e à escuta.

— Wendell trabalhava na construção civil antes de partir? — Não.

Aquele monossílabo soou aos ouvidos de Vivien como uma profecia funesta. Buscou refúgio na ilusão.

— Tem certeza? — Senhorita, já tenho idade suficiente para estar um pouco gagá, mas não a ponto de não lembrar o que meu irmão fazia enquanto morava aqui. Ele tinha aspirações musicais.

Tocava guitarra. Jamais faria um trabalho em que corresse o risco de arruinar as mãos.

O mal-estar de Vivien estava se transformando pouco a pouco em gelo. Tirou do bolso interno da jaqueta as fotos que os levaram a Hornell. Estendeu-as diante do homem sentado à sua frente.

— Este aqui é Wendell? Lester inclinou-se para examinar as fotos sem pegá-las. Sua resposta chegou um segundo depois e pareceu durar para sempre.

— Não. Nunca vi esse sujeito na vida.

O dono da casa recostou-se de novo na poltrona. A voz de Russell, que estava em silêncio até então, surpreendeu todos os presentes na sala.

— Sr. Johnson, se esse não é o seu irmão, poderia ser um de seus companheiros no Exército. Em geral, todos os rapazes que acabavam no Vietnã mandavam para casa fotos em que apareciam uniformizados. Às vezes sozinhos, mas muitas vezes em grupos. Será que ele não fez o mesmo? Lester Johnson respondeu com um olhar agudo, como se aquela pergunta viesse destruir seu sonho de ver aqueles intrusos sumirem de sua casa o mais rápido possível.

— Esperem um momento. Já volto.

Levantou-se da poltrona e Vivien ficou olhando para ele até vê-lo desaparecer na soleira da porta. Ficou fora por um tempo interminável. Quando voltou, trazia uma caixa de papelão. Entregou-a a Vivien e sentou-se novamente.

— Aí estão, todas as fotos que restaram de Wendell, nessa caixa. Deve ter alguma do Vietnã.

Vivien abriu. Estava cheia de fotografias, algumas coloridas, algumas em preto e branco. Folheou-as rapidamente. Retratavam sempre a mesma pessoa. Um rapaz louro de jeito simpático, sozinho ou com amigos. Dirigindo um carro, ainda criança em cima

de um pônei, com o irmão, com os pais, com os cabelos longos presos por uma faixa, abraçado a uma guitarra. Já tinha visto quase todas quando a encontrou. Era uma fotografia em branco e preto e mostrava dois soldados diante de um tanque. Um era o rapaz sorridente visto tantas vezes nas fotos precedentes, o outro era o rapaz que, na foto que estava com eles, estendia um gato de três patas para a objetiva.

Vivien virou a foto e encontrou uma inscrição desbotada no verso, *The King and Little Boss* escrita com uma caligrafia irregular, mas que apresentava pelo menos um característica: era completamente diferente daquela que se via na carta que deu início ao delírio.

Estendeu a foto para Russell, para que pudesse colher o fruto de sua intuição. Quando a recebeu de volta, passou para Lester Johnson.

— O que significa a inscrição no verso? O homem pegou a foto e olhou primeiro a frente, depois o verso.

— *The King* era o apelido que Wendell deu a si mesmo de brincadeira. Suponho que *Little Boss* signifique a mesma coisa para o outro rapaz.

Entregou aquele retângulo que carregava a marca dos anos de volta para Vivien.

— Peço desculpas por ter dito que nunca o tinha visto, mas acho que já se passaram vinte anos desde a última vez que olhei essa foto.

Voltou a se recostar, e Vivien o surpreendeu com os olhos úmidos. Talvez aquele seu comportamento cínico fosse apenas uma defesa, talvez o fato de não ter tido mais notícias do irmão o tenha feito sofrer mais do que gostaria de admitir. E ela chegou para reabrir uma velha ferida.

— Não tem mesmo ideia de quem possa ser a pessoa que está com Wendell? O homem sacudiu a cabeça sem dizer nada. Seu silêncio valia mais que mil palavras.

Queria dizer-lhe que ele perdera o irmão de novo naquela noite. Queria dizer-lhe que eles perderam a única verdadeira pista que tinham nas mãos.

— Podemos ficar com a foto? Prometo que vai tê-la de volta.
— Está bem.

Vivien levantou-se. Os outros também entenderam que a permanência naquela casa já não tinha mais razão de ser. Lester Johnson parecia ter perdido toda a sua energia.

Acompanhou-os até a porta em silêncio, talvez ruminando dentro de si como basta pouco para trazer as lembranças de volta e quanto elas podem fazer mal.

Vivien já estava saindo quando ele a deteve.

— Posso lhe fazer uma pergunta, senhorita? — Claro.

— Por que o estão procurando? — Não posso lhe dizer. Mas tem uma coisa que posso afirmar com toda a certeza.

Fez uma pausa para destacar o que ia dizer.

— Seu irmão não sumiu porque queria. Ele morreu no Vietnã, junto com outros rapazes como ele.

Viu um suspiro profundo inchar o peito do homem.

— Obrigado. Boa noite.

— Eu é que agradeço, sr. Johnson. Meus cumprimentos a Billy. É um grande garoto.

Quando a porta se fechou às suas costas, ficou contente por ter resolvido suas dúvidas e por deixá-lo sozinho para derramar algumas lágrimas em memória do irmão. Enquanto se aproximava do carro, pensava que para eles, ao contrário, a certeza ainda era uma meta distante. Chegou a Hornell convencida de que aquela busca encontraria um ponto final, e, agora, ao contrário, tinha diante de si apenas um novo e incerto ponto de partida.

As guerras acabam. O ódio dura para sempre.

Aquela frase de Russell voltou à sua mente quando abriu a porta do carro. Acalentado por anos a fio, o ódio levou um homem a semear uma cidade inteira de bombas. O ódio levou um outro a explodi-las. A ilusão de que voltaria a Nova York num estado de espírito diferente desmoronou diante da realidade. Sabia que durante toda a viagem pensaria nas consequências daquele jogo insano que era a guerra e no poder que ela tinha, apesar do decorrer de décadas, de continuar a ceifar vidas.

29

QUANDO O DESPERTADOR TOCOU, VIVIEN NÃO abriu os olhos de imediato.

Ficou deitada na cama desfrutando do contato de seu corpo com os lençóis, com a preguiça que derivava de uma noite de sono incerto e sem repouso. Quando se mexeu, percebeu que estava deitada na diagonal, sinal de que a agitação que a fez mudar de posição mil vezes antes de conciliar o sono continuou depois que adormecera. Esticou a mão para desligar o despertador. Marcava nove horas. Espreguiçou e deu um profundo suspiro. O travesseiro a seu lado ainda tinha o cheiro de Russell.

Ou era imaginação sua, o que seria ainda pior.

Na penumbra, permitiu-se uma passada de olhos pela paisagem familiar de seu quarto.

A continuação das investigações não dependia dela no momento, e Bellew aconselhou uma manhã de trégua. Sorriu diante de suas palavras. Falava como se uma trégua fosse possível: o celular na mesinha de cabeceira poderia tocar a qualquer momento, trazendo notícias que lhe dariam vontade de esconder a cabeça embaixo do travesseiro e despertar a mil anos e mil quilômetros de distância dali.

Levantou-se, vestiu um roupão de toalha bastante macia, pegou o telefone e foi de pés descalços para a cozinha. Começou a preparar o café. Naquela manhã, contrariando seus hábitos, estava sem vontade de tomar café da manhã. Bastava pensar na comida e seu estômago se fechava. E dizer que a última vez em que comeu alguma coisa foi no quiosque do Madison Square Park, com Russell.

Russell... Enquanto enfiava o filtro na máquina de café teve um movimento de irritação contra tudo aquilo que estava acontecendo: com um louco lá fora ameaçando explodir metade da cidade e com Greta estendida num leito de hospital em condições

desesperadoras, não lhe parecia nem possível nem justo que seu cérebro encontrasse espaço para pensar naquele homem.

Na noite anterior, na volta de Hornell, ele veio para casa com ela, pegou suas coisas e foi embora. Não pediu para ficar e ela sabia que, se oferecesse, corria o risco de ouvir uma recusa.

Parado na soleira, antes de sair, ele virou-se e olhou para ela. Com aqueles olhos escuros nos quais a tristeza tinha se juntado à firmeza.

— Ligo amanhã de manhã.

— Certo.

Ficou alguns segundos imóvel diante da porta fechada, apenas mais uma das muitas que encontrava em sua frente naquele momento.

Serviu uma xícara de café que, por mais açúcar que pusesse, continuaria amargo.

Pensou que tinha acontecido o que acontecera tantas vezes em sua vida. Muitas vezes, talvez. Foi uma noite plena do único tipo de amor que o tempo não pintava de cinza: aquele que se acendia à noite para se apagar com o sol na manhã seguinte. Fora isso para ele e teria de ser para ela também.

Mas se for o preço a pagar para ter você, aceito de bom grado... — Vá à merda, Russell Wade.

Pronunciou seu exorcismo de beira de estrada em voz alta e ficou de pé, apoiada na bancada da cozinha tomando aquele café sem vontade nenhuma. Obrigou-se a pensar em outra coisa.

No Hornell Municipal Airport, um pouco antes de o helicóptero levantar voo para levá-los de volta a Nova York, ligou para o capitão para lhe dar a má notícia. Depois que expôs os fatos, um breve silêncio do outro lado da linha lhe dizia que Bellew estava tentando sufocar um palavrão.

— Começar do zero, então.

Vivien não se deu por vencida.

— Ainda temos um caminho possível.

— Qual? Percebeu uma leve nota de desconfiança na voz do capitão.

— Precisamos remontar ao período da guerra do Vietnã. Precisamos saber a qualquer custo o que aconteceu com o verdadeiro Wendell Johnson e com o outro rapaz chamado de Little Boss. É a única pista que nos resta.

— Vou ligar para o chefe. Acho que não vai ser possível fazer nada a essa hora, mas ele vai tomar providências amanhã de manhã, você vai ver.

— Certo, mantenha-me informada.

A resposta foi cortada pela hélice que começava a dividir o ar em duas partes: a de cima e a de baixo. Ela e Russell subiram no helicóptero e durante toda a viagem nenhum barulho foi forte o suficiente para quebrar o silêncio deles.

O telefone a seu lado tocou. Como se tivesse sido chamado por seu pensamento, o número de Bellew apareceu na telinha do celular.

Vivien respondeu.

— Oi.

— Como vai? — Indo. Novidades? — Sim. Nada boas.

Esperou em silêncio que a ducha fria recém-anunciada chegasse.

— Hoje de manhã cedo, Willard entrou em contato com o exército. O nome de Wendell Johnson é ligado a um sigilo militar. É impossível acessar a ficha dele.

Vivien sentiu o calor da fúria envolver seu estômago.

— Eles estão doidos. Num caso como esse... A voz de Bellew interrompeu-a.

— Sei. Mas você está se esquecendo de duas coisas. Primeiro, não podemos revelar os detalhes daquilo que estamos investigando. Segundo, mesmo que fizéssemos isso, seria uma pista frágil demais para derrubar uma parede como essa. O chefe pediu a intervenção do prefeito em confiança, que, por sua vez, tem possibilidades de consultar o presidente.

Mas, em todo caso, são procedimentos que exigem um mínimo de tempo, mesmo para o homem mais importante da América. E se Russell tiver razão, tempo é justamente o que nos falta.

— É de enlouquecer! Toda aquela gente morta... A frase em suspenso era uma referência mais que exaustiva àqueles que ainda poderiam morrer.

— Pois é, mas agora não podemos fazer mais nada.

— Outras novidades? — Uma coisinha para sua satisfação pessoal. O exame de DNA provou que o homem emparedado é mesmo Mitch Sparrow. Você acertou.

Em outra ocasião, aquilo seria um sinal de sucesso. Uma vítima identificada e seu assassino já punido por uma justiça que ia além de nossa compreensão. Agora era apenas um mísero orgulho sem consolação.

Vivien tentou reagir ao desânimo. Havia uma coisa que podia fazer enquanto esperava.

— Quero dar uma olhada no apartamento desse sujeito.

Estava para dizer o nome de Wendell Johnson, mas percebeu que aquele nome não fazia mais sentido. Ele tinha voltado a ser, para eles também, apenas o Fantasma da Obra.

— Disse aos homens que não podiam tocar em nada. Sabia que iriam querer fazer isso.

Vou mandar um agente esperá-la com as chaves.

— Ótimo. Estou indo agora mesmo.

— Só uma curiosidade. Quase não há impressões digitais em todo o apartamento. E entre as poucas que há, não tem nenhuma que corresponda às de Wendell Johnson enviadas pelo capitão Caldwell.

— Isso significa que ele limpou tudo? — Talvez. Mas talvez signifique que nosso homem não tinha impressões digitais.

Provavelmente apagadas pelas queimaduras.

Um fantasma.

Sem nome, sem rosto, sem impressões digitais.

Um homem que nem depois de morto aceitava uma identidade. Vivien ficou se perguntando que experiência teria vivido aquele infeliz e que sofrimentos tivera de atravessar para se transformar naquilo em que se transformou, no corpo e no espírito.

Perguntou-se por quanto tempo amaldiçoou a sociedade que o cercava, que tomou sua vida sem lhe dar nada em troca. Sobre o

modo como pretendia amaldiçoá-la, não havia mais dúvidas. Dezenas de mortos eram uma prova mais que contundente.

— Está bem. Já vou.

— Mantenha-se em contato.

Vivien desligou e enfiou o telefone no bolso do roupão. Lavou a xícara na pia e colocou para secar no escorredor. Foi para o banheiro e abriu a água do chuveiro. Logo em seguida, desfrutando o choque da água morna sobre o corpo nu, não conseguia evitar de pensar que toda aquela história era tão dramática, que chegava a ser grotesca. Não só pelos resultados fugidios, mas também pelo modo como o acaso oferecia sempre novas rotas, esconderijos surpreendentes que a verdade era capaz de descobrir.

Saiu do chuveiro, enxugou-se e vestiu roupas limpas. Quando enfiou as que usava no dia anterior no cesto de roupa suja, teve a impressão de que sentia o cheiro da desilusão que, em sua imaginação, era como o das flores mortas.

Quando estava pronta, pegou o telefone e ligou para Russell.

Uma voz impessoal lhe disse que o telefone estava desligado ou fora de alcance.

Estranho.

Parecia impossível que sua ânsia de participar, a oportunidade que tinha diante de si e a perspicácia demonstrada durante as investigações permitissem aquela negligência. Talvez ainda estivesse dormindo. Todas as pessoas acostumadas a uma vida desregrada desenvolviam a capacidade de dormir sob comando e exageradamente, assim como conseguiam superar os limites normais da vigília.

Pior para ele... Ia inspecionar o apartamento sozinha. Era a maneira como estava habituada a trabalhar e agora lhe parecia, ainda e sempre, a melhor. Desceu a escada e saiu ao ar livre.

Lá fora encontrou o sol e o céu azul que continuavam a acariciar a terra.

Quando chegou à sua vaga no estacionamento, Russell estava ao lado do carro.

Estava em pé, de costas. Viu que tinha trocado de roupa, embora ela se ressentisse da permanência prolongada dentro de

uma bolsa. Estava observando o rio, onde uma barcaça subia calmamente a corrente, arrastada por um rebocador. Havia naquela imagem uma mensagem de vitória contra a sorte adversa que era difícil de partilhar naquele momento.

Ouvindo os passos atrás de si, Russell se virou.

— Oi.

— Oi. Faz muito tempo que está aqui? — Um pouco.

Vivien indicou sua porta, não muito longe dali.

— Podia ter subido.

— Não queria incomodar.

Vivien pensou que, na verdade, não queria ficar sozinho com ela. Talvez aquela fosse a interpretação certa para suas palavras. De qualquer modo, acertar não mudaria o sentido das coisas.

— Liguei e seu telefone estava desligado. Pensei que tivesse jogado a toalha.

— Não posso me permitir isso. Por toda uma série de motivos.

Vivien não achou oportuno perguntar quais seriam. Destravou as fechaduras do Volvo e abriu a porta. Russell passou para o outro lado e sentou no banco do passageiro.

Enquanto ligava o motor, perguntou sobre o destino deles.

— Para onde estamos indo? — 140 Broadway, no Brooklyn. Para a casa do Fantasma da Obra.

Pegaram a West Street na direção sul. Pouco depois, deixaram para trás a entrada do Brooklyn Battery Tunnel e foram para a F.D. Roosevelt Drive. Enquanto dirigia, Vivien informou Russell sobre o sigilo militar que envolvia a história de Wendell Johnson, e também que não seria fácil superá-lo. Ele ouviu em silêncio, com a expressão absorta de sempre, como quem segue uma ideia que não acha oportuno revelar. Nesse ínterim, tinham pegado a Williamsburg Bridge e a água do East River brilhava embaixo deles, levemente encrespada pela brisa. No final da ponte, dobraram à direita na Broadway e pouco depois estavam diante da casa que procuravam.

Era um grande edifício de apartamentos de aparência decadente, como centenas de outras colmeias anônimas que

hospedavam pessoas tão anônimas quanto aquelas. Era em locais como aquele que muitas pessoas viviam durante anos sem deixar rastros de sua presença, e muitas vezes morriam sem que ninguém desse por sua falta por dias a fio.

Diante do portão 140 havia um carro da polícia estacionado. Vivien parou bem na frente dele, numa área reservada ao embarque/desembarque de mercadorias. Salinas saiu do outro carro e veio em sua direção.

Não se dignou nem a olhar para Russell. Aquele parecia ter se tornado o comportamento oficial do 13º Distrito em relação a ele. E até mesmo a simpatia que o agente sempre demonstrara ao tratar com ela parecia um tanto esquecida.

Estendeu um maço de chaves.

— Oi, Vivien. O capitão mandou que lhe entregasse isso.

— Perfeito.

— O apartamento é o 418 B. Quer que eu vá com você? — Não precisa. Podemos dar conta sozinhos.

Salinas não insistiu, satisfeito por poder deixar aquele lugar e aquela companhia.

Enquanto olhavam o carro partir, a voz de Russell a surpreendeu.

— Obrigado.

— Por quê? — O policial perguntou se queria que ele fosse com você, que respondeu usando o verbo no plural, incluindo-me também. Agradeço por isso.

Vivien pensou que tinha agido inconscientemente, pois a presença daquele homem a seu lado se transformara num hábito. No entanto, foi obrigada a considerar a delicadeza daquele agradecimento.

— Bem ou mal, somos um time.

Russell aceitou a definição com um meio sorriso.

— Acho que não está fazendo amigos no distrito, com esse comportamento.

— Nada, vai passar.

Com este comentário lacônico que ficou rolando sobre o pavimento da calçada, cruzaram a porta de entrada. No hall que

cheirava a homens e a gatos, esperaram o elevador, que chegou precedido de uma série de incompreensíveis ruídos na língua dos monta-cargas. Foram até o quarto andar e localizaram rapidamente o apartamento, interditado por um par de tiras de fita amarela que indicava que o acesso era proibido e o local estava sob investigação.

Vivien tirou as fitas e girou a chave na fechadura.

Assim que abriram a porta, chegou até eles aquela sensação de desolação que têm as casas desabitadas há muito tempo. A entrada dava sem preâmbulos para um ambiente que era ao mesmo tempo cozinha e sala de estar. Percebia-se à primeira vista que se tratava, sem dúvida, da casa de um homem sozinho. Sozinho e sem nenhum interesse pelo mundo. À direita, ficavam a cozinha e a geladeira ao lado de uma mesa com uma única cadeira. Na frente do fogão, ao lado da janela, uma poltrona e uma velha televisão em cima de uma mesinha bamba. Sobre tudo aquilo, uma leve camada de poeira que exibia as marcas das inspeções dos agentes no dia anterior.

Entraram no apartamento como num templo do mal, prendendo a respiração, pensando que durante anos um homem vivera entre aquelas paredes, movendo-se, dormindo, comendo na presença de uma gente que só ele via e que resolveu combater da forma mais violenta que encontrara.

Agora que podiam de certa forma intuir a sua história, entendiam a dimensão exata daquilo que tinha, dia após dia, alimentado o rancor que o levou à sua devastadora loucura cultivada dia a dia.

Escolheu matar os seres humanos iludindo-se que com isso matava as suas lembranças.

Deram uma rápida olhada na sala nua, desprovida de qualquer objeto que não fosse indispensável. Nenhum quadro, nenhum enfeite, nenhuma concessão ao gosto pessoal, a menos que se considerasse aquela ausência desconcertante gosto pessoal. Ao lado da geladeira estava o único vestígio de vida e de humanidade naquela sala: uma prateleira cheia de essências

aromáticas, sinal de que a pessoa que morava ali cozinhava as próprias refeições.

Passaram para o outro cômodo, que concluiria a visita ao minúsculo apartamento.

Encostado na parede à direita da porta, havia um armário e diante dele uma cama de solteiro quase colada na parede. À direita da cama, separando-a da parede, uma mesinha de cabeceira com um abajur que dava pena. À esquerda, cavaletes sustentavam duas tábuas paralelas de madeira. Uma na altura de uma mesa normal, a outra a cerca de trinta centímetros do chão. Ali ficava a segunda cadeira de toda a casa, uma velha poltrona de escritório com rodinhas, tão arruinada, que não parecia um objeto comprado, mas um presente de um vendedor de sucata. As paredes também eram nuas, à exceção de um grande mapa da cidade pendurado em cima do balcão.

Na prateleira de baixo havia alguns objetos. Livros, em geral. Algumas revistas. Um baralho que fazia pensar mais num interminável jogo de paciência que no prazer de uma partida entre amigos. E uma grande pasta de papelão cinza que guardava folhas de papel.

Vivien se aproximou.

Se aquele era o local onde ele preparava suas engenhocas, as ferramentas e outros elementos passíveis de análise já teriam sido retirados pelo esquadrão de agentes que fez a inspeção no dia anterior. Contudo, o capitão garantiu que tudo estava como fora encontrado, intacto, e portanto era bem provável que não tivessem encontrado nada.

Inclinou-se para pegar um dos livros. Uma bíblia. Um livro de receitas culinárias. Um thriller de Jeffery Deaver, escritor que ela também apreciava. Um guia turístico de Nova York.

Pegou a pasta, que pousou na prateleira mais alta da estante. Ao abri-la, viu que estava cheia de desenhos que tinham uma característica muito particular. Todos foram executados em folhas duras de plástico transparente e não num papel normal, como se o artista tivesse escolhido aquele caminho para expressar sua originalidade além de seu talento.

Começou a folhear os desenhos um a um.

Talvez o suporte garantisse alguma originalidade, mas era claro, mesmo aos olhos de um leigo, que o autor dos desenhos não tinha talento algum. A composição era aproximada, o traço incerto e o uso das cores não mostrava gosto ou técnica. A pessoa que morava naquela casa parecia obcecada por constelações. Cada desenho representava uma, segundo um mapa estelar que só existia na cabeça dela.

Constelação da Beleza, Constelação de Karen, Constelação do Fim, Constelação da Ira... Uma série de pontos unidos entre si por traços de cores diversas. Às vezes estrelas, traçadas com a mão de uma criança, às vezes círculos, às vezes cruzes, às vezes simples toques ásperos de pincel. Russell, que até então tinha estado alguns passos atrás dela, se aproximou para ver o que Vivien estava examinando.

Emitiu um parecer que ela não podia deixar de partilhar.

— Que horror! Estava para dar uma opinião semelhante quando seu celular começou a tocar. Enfiou a mão no bolso com o desejo de desligá-lo sem ver quem era. Tirou-o de má vontade e olhou, temendo ver aparecer o número da Mariposa.

Mas a tela do aparelho mostrava o nome do padre McKean.

— Alô? Uma voz conhecida, mas que não conseguia identificar plenamente naquele momento, chegou a seus ouvidos. Uma voz tensa, um pouco assustada, sem nenhum sinal da energia que, em geral, sabia transmitir.

— Vivien, é Michael.

— Oi, o que houve? — Preciso vê-la, Vivien. O mais rápido possível e sozinha.

— Michael, estou no meio de uma tremenda confusão e... O sacerdote falava como se já tivesse repetido aquele discurso consigo mesmo várias vezes.

— Vivien, é questão de vida ou morte. Não a minha, mas a de muita gente.

Um segundo de hesitação. Um segundo que, para o homem do outro lado da linha, deve ter parecido eterno, pelo modo como continuou a conversa.

— É uma coisa ligada às explosões, que Deus me absolva.

— Explosões? O que você tem a ver com as explosões? —

Venha rápido, por favor.

Padre McKean desligou e Vivien ficou de pé no meio da sala, na moldura de sol que a janela desenhava no chão. Percebeu que, enquanto falava ao telefone, tinha se deslocado para a sala de estar, como fazia sempre.

Russell foi atrás dela, mas parou na soleira da porta do outro cômodo.

Olhou para ele, sem saber o que dizer, mas sobretudo sem saber o que dizer a si mesma. Michael pediu para falar com ela sozinho. Levar Russell talvez significasse contrariar o padre ou talvez deixá-lo inibido. Ao mesmo tempo, também significava confessar que sua sobrinha estava numa comunidade para toxicodependentes. Não tinha forças para suportar mais aquela prova.

Resolveu depressa, deixando para ver depois se tinha feito uma boa ou má escolha.

— Preciso ir a um lugar.

— O verbo no singular significa que tem que ir sozinha?

Entendi direito? Durante a conversa, Vivien deixou escapar a palavra “explosões”. Esse assunto chamou imediatamente a atenção de Russell.

— É. Preciso me encontrar com uma pessoa e tenho que ir sozinha.

— Pensei que tivéssemos um acordo.

Virou de costas para ele. Depois se envergonhou de ter feito isso.

— O acordo não vale para isso.

— O capitão me deu sua palavra de honra de que eu poderia acompanhar as investigações.

Sentiu a raiva subir dentro de si. Pelo que ele era, pelo que ela era, pelo que estava vivendo sem nenhuma possibilidade de intervir para mudar as coisas. Podia apenas suportá-las.

Virou-se de repente, a voz seca, a expressão dura.

— Você conseguiu a palavra de honra do capitão, não a minha.

O segundo seguinte durou um século naquela sala.

Não acredito que fui capaz de dizer isso... Russell empalideceu. Depois ficou um instante olhando para ela como se olha para uma pessoa que está indo embora para não mais voltar. Com aquela tristeza no fundo dos olhos que parecia ser a própria essência do lamento.

Por fim, caminhou em direção à porta, em silêncio. Sem que ela tivesse forças para dizer ou fazer alguma coisa, Russell abriu a porta e saiu para o corredor. A última imagem que teve de sua presença ali foi a da porta sendo fechada com delicadeza.

Vivien se sentiu sozinha como nunca. Seu primeiro impulso foi ir até o corredor e chamá-lo de volta, mas pensou consigo mesma que não podia fazer tal coisa. Não naquele momento. Não antes de saber o que o padre McKean tinha a lhe dizer. As vidas de muitas pessoas estavam em jogo. A sua e a de Russell estavam em segundo plano. De agora em diante, precisaria de toda a sua vontade e de toda a sua coragem, e não podia empenhar parte delas para admitir que estava apaixonada por um homem que não a queria.

Esperou alguns instantes para que ele tivesse tempo de sair do edifício e se afastar.

Enquanto esperava, as palavras que disse quando estavam entrando ali lhe vieram à mente.

Disse que eles eram um time.

Ele confiou e ela o traiu.

30

QUANDO VIVIEN ABRIU A PORTA, VIU o corredor deserto e mal iluminado. A penumbra e a ideia de que aquele homem andou por ali durante anos, que apoiou os pés dia após dia naquele carpete de cor indefinida lhe deram a sensação de um local malsão e hostil.

Uma mulher negra, velha e enrugada, com as pernas incrivelmente tortas, despontou por trás da esquina do corredor e caminhou em sua direção, com a ajuda de uma bengala.

O braço livre segurava uma sacola de compras. Quando a viu fechando a porta, não conseguiu reprimir um comentário.

— Ah, até que enfim alugaram para um ser humano.

— Como é? A velha não se preocupou em dar novas explicações. Parou diante da entrada do apartamento que ficava bem em frente daquele que Vivien acabava de sair. Estendeu a sacola de compras em sua direção sem a menor cerimônia. Provavelmente sua idade e sua condição lhe ensinaram a se impor em vez de pedir. Ou talvez pensasse que sua idade e sua condição fossem, em si, garantias de um direito.

— Segure isto. E lembre que não dou gorjeta.

Vivien se viu com a bolsa, que exalava um cheiro de cebola e de pão, nos braços.

Sempre apoiada na bengala, a mulher remexeu o bolso do casaco, tirou de lá uma chave, que enfiou na fechadura. E respondeu a uma pergunta que ninguém fez.

— A polícia esteve aqui ontem. Sabia que aquele sujeito não era um cara direito.

— A polícia? — É. Outra bela porcaria de gente, a polícia. Tocaram a campainha, mas não atendi.

Diante daquela declaração de desconfiança, Vivien achou melhor não se apresentar.

Esperou que a velha abrisse a porta. Assim que o fez, um gato preto apareceu na soleira.

Ao ver que a dona tinha companhia, sumiu correndo. Instintivamente, Vivien verificou se tinha todas as quatro patas.

— Quem morava aqui antes de mim? — Um sujeito com a cara toda queimada. Um verdadeiro monstro. Na aparência e nos modos. Um dia veio uma ambulância e levaram ele embora. Gente do hospício, espero.

Em seu comentário lapidar e impiedoso, a mulher acertou em cheio. Era mesmo o lugar no qual aquele homem, fosse quem fosse, deveria ter passado seus dias. A velha entrou em casa e indicou a mesa com um gesto de cabeça.

— Pode botar ali.

Vivien foi atrás dela e viu que o apartamento era o inverso idêntico daquele que acabara de inspecionar. Na sala, viu mais dois gatos, além do preto. Um deles, branco e ferrugem, estava dormindo numa cadeira sem ligar para eles. O segundo, cinza tigrado, saltou em cima da mesa. Vivien depositou a sacola e o felino veio correndo farejar o conteúdo.

A mulher deu uma palmada em seu traseiro.

— Sai daí. Vai comer mais tarde.

O gato pulou no chão e foi se esconder embaixo da cadeira onde seu semelhante continuava dormindo.

Vivien deu uma olhada ao redor. A sala era o triunfo do desemparelhado. Não havia uma cadeira igual à outra. Os copos na bandeja em cima da pia também eram diferentes entre si. Um pequeno caos de cores e coisas velhas. O cheiro de gato que ocupava a casa era o irmão mais velho do cheiro do hall.

A velha virou-se para Vivien e olhou para ela como se tivesse aparecido em sua frente naquele momento.

— O que eu estava dizendo mesmo? — Estava falando do inquilino do apartamento em frente.

— Ah, sim, aquele sujeito. Ele não voltou mais. Um outro homem veio ver o apartamento umas duas vezes. Acho que não gostou, já que não alugou. Sabe-se lá em que estado ficou.

Vivien sentiu uma pontada no coração.

— Um outro? O proprietário não me disse que havia outra pessoa interessada no apartamento.

A velha tirou o casaco e jogou no encosto de uma cadeira.

— Já faz algum tempo. Um sujeito alto, de jaqueta verde. Tipo militar, sabe? Também era muito estranho. Veio umas duas vezes e não voltou mais. Ainda bem que não alugou.

Vivien gostaria de ficar e continuar a fazer perguntas, tentando não levantar suspeitas, já que, desde o início, a velha não fez mistério sobre o que pensava da polícia. Mas isso exigia tempo e a urgência demonstrada por McKean ao telefone a puxava para fora dali como se fosse uma corda. Prometeu a si mesma que voltaria para aprofundar a conversa depois do encontro com o padre.

A mulher se aproximou do quitinete.

— Quer um café? Vivien olhou para o relógio como quem considera que seria um prazer ao qual seria obrigada a renunciar.

— Sinto muito. Gostaria de aceitar, mas estou atrasada.

Uma leve decepção estampou-se no rosto da velha. Vivien veio em seu socorro.

— Como a senhora se chama? — Judith.

— Bem, Judith, meu nome é Vivien. Vou lhe propor uma coisa. Tenho um compromisso agora, mas quando voltar bato em sua porta e a gente toma esse café, certo? Como duas boas vizinhas.

— Não pode ser entre as três e as quatro. Vou ao médico porque a minha coluna me... Oh, não. A lista de mazelas nesse momento, não.

Vivien interrompeu no nascedouro aquela que podia se transformar numa longa ladainha de artrites e dores de estômago.

— Certo. Tenho mesmo de ir, mas nos vemos mais tarde.

Foi até a porta e antes de sair deu um sorriso para sua nova amiga.

— Mantenha o café quentinho. Temos muito que conversar.

— Está bem. Mas lembre que não dou gorjeta.

Vivien se viu sozinha no corredor, perguntando-se se aquela velha senhora esclerosada era confiável. Mas, por menor que fosse, ela lhe deu a possibilidade de uma pista. Como Bellew vivia

repetindo, na situação em que estavam, não podiam negligenciar nenhuma eventualidade.

Sacudida pelo elevador, desceu no hall e saiu para a rua. Um agente estava de pé diante do carro, aplicando uma multa. Chegou lá na hora em que o policial estava levantando o limpador de para-brisa para colocar a notificação.

— Desculpe, agente.

— Esse carro é seu? — É.

— Sabe que esse espaço é reservado para carga e descarga de mercadorias? Sem falar, Vivien lhe mostrou o distintivo. O guarda bufou, mas tirou a multa do vidro.

— Da próxima vez, é melhor sinalizar. Evitaríamos muita perda de tempo. Seu e meu.

O tempo era justamente o material de que Vivien não dispunha. Nem para responder às justas observações do guarda municipal.

— Desculpe. Não era minha intenção.

O homem uniformizado se afastou resmungando uma saudação. Vivien entrou no carro e ligou o motor. Mais uma vez, pediu ajuda às luzes giratórias. Com a maior velocidade possível, sem arriscar a própria pele e menos ainda a dos outros, começou a subir para o norte. Pegou a Brooklyn-Queens Expressway, depois seguiu a 278 até que se transformasse na Bruckner, logo após a ponte.

Durante o trajeto, depois de refletir longamente, tentou ligar para Russell duas vezes.

O telefone estava sempre desligado. Para combater o próprio mau humor, tentou se convencer de que agira acertadamente. Apesar desse esforço, percebeu que uma parte de si mesma tinha ido embora com Russell. E agora não sabia onde estavam e nem para onde seguiam.

Obrigou-se a resumir mentalmente toda a história, examinando cada detalhe para ver se alguma coisa escapara à sua análise. Ziggy, a carta, Wendell Johnson, Little Boss, aquele absurdo gato de três patas. Todas as bombas que um louco conseguiu espalhar antes de morrer. As vítimas contabilizadas e as que ainda

viriam se não conseguissem deter a pessoa que, depois de revelar seu projeto de vingança, estava conseguindo realizá-lo sem piedade alguma.

E, por fim, aquela criadora de gatos maluca, Judith. Seria digna de crédito ou não? Russell viu um homem de jaqueta verde saindo do apartamento de Ziggy. Um homem com essa mesma jaqueta esteve ali. A pergunta era: seriam a mesma pessoa? Em caso afirmativo, não poderia ser um provável inquilino, pois o capitão disse que o apartamento tinha sido interditado por um ano. O motivo não era muito claro. A menos que, junto com a carta, o pai também tivesse enviado ao filho as chaves daquela casa. Nesse caso, a jaqueta verde que esteve naquele apartamento acompanhava a pessoa que eles estavam procurando desesperadamente.

Deixou a voz preocupada e tensa de padre McKean fora daquela análise de propósito, embora ela continuasse a ressoar em seus ouvidos.

É uma coisa ligada às explosões, que Deus me absolva... Não sabia o que esperar e não via a hora de chegar para ficar sabendo.

O tempo e a velocidade pareciam se desenvolver como duas modalidades opostas. Um era rápido demais, a outra lenta demais. Tentou ligar para Russell de novo. Mais para passar o tempo do que por algum interesse particular, justificou-se.

Nada.

O telefone estava desligado ou fora de área. Cedeu diante da própria humanidade e entregou-se à fantasia de estar longe dali, com ele, em qualquer lugar onde os ecos do mundo e os gritos das vítimas não chegassem. Sentiu o fluxo quente do desejo tocando sua virilha. Pensou que isso não estava certo, mas era o único sinal que tinha, depois de tanto tempo, de que continuava viva.

Quando pegou a estradinha de terra e o telhado da Joy apareceu depois de algumas curvas, uma angústia súbita tomou conta dela. De repente, não tinha mais muita certeza de que queria mesmo saber o que padre McKean tinha a lhe dizer. Diminuiu a velocidade para não chegar ao pátio em meio a uma nuvem de poeira. O sacerdote estava esperando no começo do jardim, uma

mancha negra no verde da vegetação, sob o azul do céu. Viu que usava o hábito talar, aquela veste longa que a Igreja em compasso com os tempos permitia que fosse substituída por roupas mais confortáveis e modernas. Enquanto saía do carro e ia em sua direção, Vivien teve a impressão de que aquela escolha não era casual, que tinha um significado preciso. Como se padre McKean tivesse necessidade de reafirmar sua identidade e fizesse isso com todos os meios que estavam à sua disposição.

Quando chegou perto dele, percebeu que suas suposições não deviam estar muito distantes da realidade. Os olhos do homem diante dela estavam sem vida, fugidios, casuais. Nem sombra da vitalidade e da benevolência que costumavam ser parte integrante de seu ser.

— Ainda bem que chegou.

— Michael, o que há de tão urgente? O que houve com você? Padre McKean olhou ao redor. Dois rapazes estavam consertando uma cerca no fundo do jardim. Um terceiro estava em pé ao lado deles, entregando as ferramentas que pediam de tanto em tanto.

— Aqui não, venha comigo.

Seguiu em frente, caminhando em direção à casa. Atravessaram a entrada e ficaram na frente da porta do local que, ao lado do escritório, fazia as vezes de pequena enfermaria.

O padre abriu a porta e entrou na frente dela.

— Isso, entre. Ninguém vai nos incomodar aqui.

Vivien o seguiu. Era uma sala totalmente branca. Brancas as paredes, branco o teto e, à direita, encostado na parede, um leito de metal coberto por um lençol também branco.

Um pouco adiante, no canto, havia um velho biombo de hospital, restaurado e revestido de tecido mais uma vez branco. Do lado oposto, via-se um armarinho de remédios, da mesma cor. A roupa do sacerdote destacava-se como uma mancha de tinta na neve.

Padre McKean parou diante dela, sem forças para encarar seus olhos por mais de dois segundos.

— Acredita em Deus, Vivien? Vivien estranhou o sentido daquela pergunta. Parecia impossível que ele a tivesse convocado

com tamanha urgência para um questionamento de sua fé. Preferiu pensar que, se o padre estava perguntando aquilo, devia haver algum motivo.

— Apesar do trabalho que faço, sou uma sonhadora, Michael. É o máximo que posso me permitir.

— Esta é a diferença entre nós. Um sonhador tem esperança de que seus sonhos se realizem.

Fez uma pausa durante a qual procurou seu olhar. Por um instante, foi aquele de sempre.

— Um crente tem a certeza.

Depois se virou e se aproximou do armarinho. Apoiou uma mão em cima dele e ficou um segundo olhando para as caixas de remédio na parte interna.

Falou sem olhar para ela.

— E aquilo que estou prestes a lhe dizer vai contra esta certeza. Contra os ensinamentos que segui durante anos. Contra os ensinamentos que transmiti. Mas existem casos em que os dogmas da Igreja se revelam incompreensíveis diante dos sofrimentos humanos. Diante de tantos, demasiados sofrimentos humanos.

Voltou a se virar para ela. Seu rosto estava lívido.

— Vivien, o homem que explodiu as bombas no Lower East Side e no Hudson veio se confessar comigo.

Vivien mergulhou nas águas geladas do Ártico. E ficou muito tempo lá embaixo antes de conseguir subir à tona e recuperar o fôlego.

— Tem certeza? A pergunta foi instintiva e carregava muito subentendidos. Teve em troca uma resposta calma e prudente, a resposta de quem sabe como explicar uma coisa difícil de acreditar.

— Vivien, sou diplomado em psicologia. Sei que o mundo está cheio de loucos mitomaníacos dispostos a confessar todas as culpas desse mundo em troca de um minuto de fama. Sei que uma das dificuldades da polícia em algumas investigações é dividir as forças entre a busca dos culpados e a necessidade de se livrar dos que dizem que o são.

Mas nesse caso é diferente.

— Por que pensa assim? O padre deu de ombros.

— Tudo e nada. Detalhes, nuances, palavras. Mas, depois do segundo atentado, tenho certeza de que é ele.

Depois de um momento inicial de espanto, Vivien dominou-se, revigorada por um fluxo inatural de adrenalina no sangue. Sabia da importância daquilo que o sacerdote acabava de lhe confiar. Ao mesmo tempo, tinha consciência das batalhas que venceu e perdeu contra si mesmo para chegar àquela decisão.

— Poderia começar do início? Padre McKean fez que sim com a cabeça, à espera. Agora que as comportas estavam abertas, tinha certeza de que Vivien, com sua experiência, saberia o que perguntar e o modo correto de fazê-lo.

— Quantas vezes o viu? — Uma.

— Quando foi? — Domingo de manhã, no dia seguinte ao atentado.

— O que ele disse? — Confessou o que fez. E também o que tinha intenção de fazer em seguida.

— Como? Lembra das palavras exatas que usou? — Como se pudesse esquecê-las... Disse que da primeira vez reuniu a luz e a escuridão. E que da próxima juntaria a água à terra.

Deixou-lhe um instante para refletir. Depois concluiu para ela.

— E foi o que aconteceu. A primeira explosão aconteceu ao cair da noite quando a luz e a escuridão se reúnem. A segunda, às margens do rio. Assim a terra e a água voltaram a ser uma coisa só. Sabe o que significa? — Significa que está percorrendo o Gênesis ao contrário, com a intenção de destruir e não de criar.

— Exatamente.

— E disse por que faz isso? Padre McKean sentou num banco, como se as forças o abandonassem no meio daquela confissão.

— Foi a pergunta que lhe fiz com essas mesmas palavras.

— E o que ele respondeu? — Ele respondeu: “Eu sou Deus.” Aquela frase dita a meia voz, repetida pela primeira vez fora do confessionário, dava aos dois todo o sentido lancinante da loucura. Da ida sem volta em direção à loucura homicida, aquela que apaga qualquer sinal de indulgência e só deixa espaço para a caminhada do mal até se transformar no malfeito homem.

O reverendo rememorou seus estudos de psicologia.

— Esse homem, quem quer que ele seja, é muito mais que um serial killer ou um homicida em massa. Reúne dentro de si as duas patologias. E de ambas retira a fúria e a completa e sanguinária ausência de discernimento.

Vivien se pegou pensando que, se prendessem aquele homem, haveria psiquiatras dispostos a pagar qualquer quantia para poder estudá-lo. E também muita gente que pagaria a mesma soma para poder matá-lo com as próprias mãos.

— Pode me dar uma descrição? — Não vi o rosto dele muito bem. O confessionário de Saint Benedict fica sempre na penumbra. Além disso, ele teve o cuidado de se manter sempre de lado.

— Diga o que lembra.

— Cabelos escuros, jovem, alto, acho eu. Voz baixa, mas calma e fria como gelo.

— Mais algum detalhe? — Não sei se pode servir, mas tive a impressão de que usava uma jaqueta verde, daquelas miliares. Mas uma roupa não significa muito... Ao contrário, significa tudo.

Vivien sentiu a euforia chegar em ondas e encher seu peito como se tivesse respirado hélio puro.

Então Judith, a que não dava gorjeta, estava certa. Abençoou-a em seu íntimo, jurando a si mesma que iria tomar aquele café e ouvir todas as suas reclamações sobre cada doença. Abaixou-se diante do sacerdote que, desolado, estava olhando para o chão e apoiou as mãos em seus joelhos. Naquele momento, não parecia um excesso de intimidade, mas apenas uma confirmação de proximidade.

— Michael, é muita coisa para explicar, mas é ele. Você acertou. É ele.

Dessa vez, a pergunta incrédula partiu do sacerdote, que não sabia se devia acreditar no próprio alívio.

— Tem certeza? Vivien se levantou num salto, como se uma mola a empurrasse.

Cem por cento.

Deu alguns passos para a frente e para trás na saleta, refletindo a uma velocidade que não sabia possuir. Depois parou e

prosseguiu naquela corrida por um bom resultado.

— Disse que voltaria? — Não consigo lembrar, mas acho bem capaz.

Mil pensamentos se acumulavam em sua cabeça, mil imagens girando numa rápida sequência interior sem que a mente pudesse controlá-los.

Finalmente, teve clareza do que deveria fazer.

— Michael, quais seriam as consequências se ficassem sabendo que você traiu o segredo confessional? O sacerdote se levantou com a expressão de quem sente a alma mergulhar nas profundezas.

— A excomunhão. A interdição perene de meu ministério.

— Não vai acontecer, porque ninguém vai saber disso.

Vivien continuou a expor o modo como pretendia agir. E fez isso pensando no homem que estava com ela na brancura daquela sala, no bem da Joy e daquilo que se fazia naquela casa diariamente por jovens como Sundance.

— Não posso colocar um microfone no confessional. Teria que explicar muitas coisas. Mas tem uma coisa que você poderia fazer.

— O quê? — Se esse homem voltar, ligue para o meu celular. Deixe-o ligado entre vocês dois de modo que eu possa acompanhar toda a conversa. Assim, só quem vai ouvir sou eu, e poderei dirigir as operações de modo que ele seja pego longe da igreja.

Michael McKean, um sacerdote que tinha perdido todas as suas certezas, viu uma esperança brilhar no horizonte.

— Mas esse homem vai dizer tudo quando for preso.

— E quem vai acreditar nele, já que eu e você negaremos tudo? Tenho outra testemunha que viu um sujeito de jaqueta verde em outro lugar e posso passar todo o mérito para ela. E você sairia limpo.

O reverendo ficou em silêncio, examinando a proposta como se Vivien estivesse diante dele estendendo-lhe uma maçã.

— Não sei, Vivien. Não sei mais nada.

Vivien colocou as mãos em seus braços e apertou forte.

— Michael, não posso lhe fazer sermões. Durante toda a minha vida fui à igreja muito mal e porcamente. Mas de uma coisa estou certa. Você está salvando muitas vidas humanas da morte e aquele Cristo que morreu na cruz para salvar todo o mundo não poderá deixar de perdoá-lo.

A resposta chegou depois de um instante longo como a eternidade na qual o sacerdote ensinava a crer.

— Está bem. Farei o que quer.

Vivien sentiu-se invadir pela gratidão e pela libertação e teve que se reprimir para não abraçar padre McKean, que nunca esteve tão próximo dos homens como naquele momento em que pensava que sua alma tinha se afastado de Deus.

— O que acha de irmos até o jardim? Estou morrendo de vontade de ver minha sobrinha.

— O pessoal deve estar indo almoçar. Não quer ficar para comer conosco? Vivien se deu conta de que estava com fome. O otimismo abriu seu apetite.

— Com o maior prazer. A cozinha da sra. Carraro sempre merece ser prestigiada.

Sem dizer mais nada, saíram da saleta e fecharam a porta às suas costas.

Alguns instantes depois, a figura de John Kortighan surgiu por trás do biombo. Ficou alguns instantes olhando a porta, com as sobrancelhas franzidas e os olhos úmidos.

Depois, sentou-se na cama e, como se aquele gesto lhe custasse um esforço imenso, escondeu o rosto entre as mãos.

31

SENTADO NUMA CONFORTÁVEL POLTRONINHA VERMELHA, RUSSELL esperava.

Estava habituado. Esperou anos a fio, sem saber sequer o que aguardava. Talvez sem nem mesmo se dar conta do simples fato de que estava à espera. E durante todo aquele tempo continuou a olhar o mundo como um espectador assustado, escondendo seus medos por trás do sarcasmo, tão aturdido por uma vida vivida sempre às pressas que não percebia que a única maneira de esquecer os próprios problemas era resolvê-los. Entender isso fez com que uma nova segurança se expandisse dentro dele e, conseqüentemente, uma calma que não lhe era costumeira. De fato, mesmo naquele momento em que a impaciência mordida sua respiração, estava sentado tranquilo e observava o ambiente a seu redor com ar indiferente.

Estava na sala de espera de um escritório ultramoderno, projetado e decorado por Philippe Starck, que ocupava todo um andar de um edifício elegante da Rua 50. Vidros, couro, dourações, um toque bem-dosado de kitsch e de loucura proposital. No ar, um vago perfume de menta e cedro. Secretárias de aparência agradável e funcionários de ar adequado. Tudo foi realizado da maneira certa para receber e maravilhar os visitantes.

Era a sede de Nova York da Wade Enterprise, a empresa de seu pai. Uma empresa com sede em Boston e com diversos escritórios de representação nas maiores cidades dos Estados Unidos e em diversas capitais do mundo. Os interesses da firma se ramificavam em várias direções, da construção civil ao fornecimento de tecnologia ao exército, das finanças ao comércio de matérias-primas, com o petróleo em primeiro lugar.

Abaixou a cabeça para olhar o carpete cor de tabaco com o logotipo da empresa que com certeza custou os olhos da cara ou, quem sabe, apenas o preço de custo, se tivesse sido produzido por

uma das empresas do grupo. Tudo a seu redor era um silencioso e discreto ato de homenagem ao deus Dinheiro e a seus adoradores. Russell os conhecia muito bem e sabia o quanto eram fiéis a Ele.

Russell, ao contrário, nunca se importou muito com dinheiro. E agora menos ainda. A única coisa que lhe interessava era que não queria mais sentir-se um fracassado.

Nunca mais.

Aquela tinha sido a sua vida desde sempre. Em toda a parte, esteve sempre à sombra.

De seu pai, de seu irmão, do nome que carregava, do grande edifício-sede da empresa em Boston. Da asa protetora da mãe que, até certa altura, conseguiu superar o desgosto e o mal-estar que alguns de seus comportamentos lhe causavam. Agora tinha chegado a hora de sair daquela sombra e de correr seus próprios riscos. Não se perguntou o que Robert faria naquelas circunstâncias. Sabia o que fazer por conta própria. A única maneira possível de contar ao mundo a história que tinha nas mãos era vivê-la até o fim para depois contá-la desde o início.

Sozinho.

Quando finalmente se deu conta disso, a lembrança de seu irmão mudou. Ele o idealizou de tal maneira que se recusava a encará-lo como uma pessoa, com todas as suas qualidades, mas também com os defeitos que durante anos teimou em não ver. Agora, Robert não era mais um mito, mas um amigo cuja lembrança caminhava a seu lado, um ponto de referência e não um ídolo num pedestal alto demais.

Um homem calvo de óculos, com um irrepreensível terno azul, entrou e foi até a recepção. Viu a mulher que o recebeu sair de seu posto e acompanhá-lo até a saleta.

— Aqui está, sr. Klee. Se fizer a cortesia de esperar um instantinho, o sr. Robert vai recebê-lo.

O homem fez um sinal de agradecimento e passou os olhos pela sala em busca de um lugar em que se sentar. Quando o viu, examinou com desgosto as suas roupas amarfanhadas e foi para a poltrona mais distante. Russell sabia que sua presença naquele escritório era a nota que destoava no reino acolchoado da harmonia

e do bom gosto. Teve vontade de rir. Parecia que, desde sempre, seu maior talento tinha sido ser um contratempo para todos.

As palavras de Vivien na noite em que a beijou na sala de sua casa voltaram à sua mente mesmo a contragosto.

A única coisa que sei é que não quero complicações... E ele declarou a mesma coisa, mas já sabia que estava mentindo. Sentia que Vivien era uma história nova, uma ponte que desejava atravessar para descobrir o que havia do outro lado. Pela primeira vez em sua vida, não fugiu. E sentiu na própria pele o que fez outras mulheres sentirem tantas vezes. Com o gosto amargo da ironia na boca, misturado ao constrangimento, teve que ouvi-la dizer as mesmas palavras que ele também dissera muitas vezes antes de virar as costas e ir embora. Não permitiu que Vivien acabasse o seu discurso. Para não ser ferido, preferiu ferir. Depois, ficou sentado no carro olhando para fora pela janela, sentindo-se sozinho e inútil. Revolvendo dentro de si a única verdade: aquela noite ficou colada em sua pele como uma roupa sob medida e, apesar de tudo, as complicações não demoraram a chegar.

E, ao que tudo indicava, só para ele.

Quando Vivien se transformou bruscamente numa pessoa que desconhecia, bem diante de seus olhos, saiu do apartamento na Broadway ferido pela desilusão e pelo rancor. Entrou num bar de ar duvidoso com o desejo de beber alguma coisa, alguma coisa de sabor forte que descesse para aquecer aquele nó gelado que sentia no estômago. Pediu um café e começou a pensar no que fazer. Não tinha nenhuma intenção de renunciar à sua busca, mas tinha consciência das dificuldades que teria diante de si para chegar a algum resultado contando apenas com suas forças. A contragosto, teve que admitir que o único caminho possível era recorrer à família.

O celular estava descarregado, tanto de bateria, quanto de crédito, mas viu que no fundo do bar havia um telefone público. Pagou o café e pediu o troco em moedas de quarto de dólar. Em seguida, foi até lá para dar um dos telefonemas mais difíceis de sua vida.

As moedas entraram pela fenda com um rumor de esperança e ele digitou o número de sua casa em Boston apertando as teclas como um telegrafista que, de seu navio, lança no éter um desesperado SOS.

Naturalmente, a voz impessoal de um empregado respondeu ao telefone.

— Wade Mansion. Bom dia.

— Bom dia. Aqui é Russell Wade.

— Bom dia, sr. Russell. Sou Henry. O que posso fazer pelo senhor? O rosto cortês do mordomo se sobrepôs aos cartazes publicitários à sua frente. De estatura mediana, preciso, irrepreensível. A pessoa certa para dirigir uma casa complicada como a residência da família Wade.

— Gostaria de falar com minha mãe.

Um compreensível instante de silêncio. A criadagem, como sua mãe teimava em dizer, era dotada de um serviço de informações muito eficiente. Com certeza, todos sabiam das dificuldades de sua relação com os pais.

— Vou ver se a sra. Wade está.

Russell sorriu diante de mais uma demonstração de diplomacia do empregado. Na realidade, a resposta prudente deveria ser traduzida como: “Vou ver se a sra. Wade quer falar com o senhor.” Depois de um tempo que achou interminável e de mais dois quartos de dólar tlink tlink engolidos pelo telefone, a voz gentil, mas suspeitosa de sua mãe se fez ouvir.

— Olá, Russell.

— Olá, mamãe. Fico contente em ouvir sua voz.

— Eu também. O que houve? Silêncio. Um compreensível silêncio.

— Sei que abusei de seu apoio no passado. E retribuí muito mal. Mas dessa vez não quero dinheiro, nem preciso de assistência legal. Não estou metido em nenhuma encrenca.

Uma nota de curiosidade na voz aristocrática de sua mãe.

— Então precisa de quê? — Preciso falar com papai. Quando telefono para o escritório, assim que ouvem meu nome, dizem que ele não está, que está em reunião ou que está na lua.

tlink A curiosidade da mulher se transformou bruscamente em apreensão.

— E o que quer de seu pai? — Preciso da ajuda dele. Para uma coisa séria. A primeira coisa verdadeiramente séria da minha vida.

— Não sei, Russell. Talvez não seja uma boa ideia.

Entendeu a hesitação da mãe e, de certa forma, a desculpou. Estava entre a cruz do marido probo e a espada do filho destrambelhado. Mas não podia se dar por vencido, nem que o preço fosse implorar.

— Sei que não fiz nada para merecer isso, mas preciso que confie em mim.

Depois de alguns instantes, a voz refinada de Margareth Taylor Wade lhe trouxe a sua rendição.

tlink — Seu pai estará no escritório de Nova York por alguns dias. Vou ligar para ele e volto a ligar para você.

Russell sentiu a euforia crescer dentro de si com um efeito mais eficaz que o de qualquer bebida alcoólica. Aquilo era um inesperado golpe de sorte.

— Estou com o celular descarregado. Diga-lhe apenas que irei ao escritório e que ficarei esperando que me receba. Não irei embora enquanto ele não o fizer, nem que tenha de esperar o dia inteiro.

Fez uma pausa. Depois disse uma coisa que não dizia há anos.

— Obrigado, mamãe.

tlink Não teve tempo de ouvir a resposta, pois a última moeda caiu, junto com a ligação.

Saiu para a rua e investiu seus últimos dólares numa corrida de táxi até a Rua 50. E agora, estava lá há duas horas, sob o olhar de gente como o sr. Klee, esperando que seu pai lhe concedesse uma audiência. Sabia que não faria isso logo, que não perderia a ocasião de impor uma espera humilhante ao filho. Mas, na verdade, ele não se sentia humilhado, apenas impaciente.

E esperou.

Uma secretária alta e elegante se materializou à sua frente. O carpete abafara o rumor dos saltos de seus sapatos no corredor. Era bonita, adequada ao ambiente e, se tinha sido escolhida para o emprego, devia ser também competente.

— Pode vir, sr. Russell. O sr. Wade está a sua espera.

Percebeu que enquanto o pai fosse vivo, existiria um só e único “sr. Wade”. Mas ele podia mudar aquele estado de coisas. Era o que desejava com todas as suas forças.

Levantou-se da poltrona e seguiu a assistente pelo longo corredor. Enquanto admirava o traseiro da moça se movendo com graça sob a saia, esboçou um sorriso. Até poucos dias atrás, teria se exibido com algum comentário de gosto duvidoso, que criasse constrangimento para aquela jovem mulher e, conseqüentemente, irritasse o pai. Depois lembrou que até alguns dias atrás sequer sonharia em entrar naquele escritório para se encontrar com Jenson Wade.

A secretária parou diante de uma porta de madeira escura. Bateu levemente e, sem esperar resposta do interior, abriu o batente e fez sinal para que Russell entrasse. Ele deu dois passos e ouviu o ruído da porta que se fechava.

O chefe daquele império econômico estava sentado atrás de uma escrivaninha colocada na diagonal, tendo às costas um janelão de lado a lado com uma vista da cidade de tirar o fôlego. A contraluz era compensada pela iluminação feita com arte na sala enorme que era uma das pontes de comando de seu pai. Não se viam pessoalmente há muito tempo. Tinha envelhecido um pouco, mas de maneira aceitável. Teve tempo para examiná-lo enquanto lia alguns documentos, ignorando-o completamente. Jenson Wade era o retrato de seu filho mais novo. Melhor dizendo, era Russell quem exibia uma semelhança que várias vezes no passado se revelou bastante incômoda para os dois.

O único e verdadeiro sr. Wade levantou a cabeça e fitou-o com um olhar firme, sem concessões.

— O que quer? Seu pai não gostava de rodeios. E Russell não fez uso deles.

— Preciso de ajuda. E você é a única pessoa que conheço que pode me ajudar.

A resposta chegou seca e esperada.

— Não vai conseguir um centavo de mim.

Russell sacudiu a cabeça. Ninguém o convidou, mas escolheu calmamente uma poltrona e sentou.

— Não preciso mesmo de nenhum.

Aquele homem sem afeto o fitava diretamente nos olhos. Certamente, estava se perguntando o que Russell estaria tramando daquela vez. Mas, inesperadamente, se viu diante de uma novidade. Até aquele momento, o filho nunca teve a força de sustentar seu olhar.

— E o que quer, então? — Estou seguindo uma pista para uma reportagem jornalística. Uma coisa grande.

— Você? Havia naquela palavra incrédula anos de fotos em jornais sensacionalistas, honorários de advogados, confiança traída, dinheiro jogado pela janela. Anos em que teve que chorar dois filhos: um porque estava morto, o outro porque estava fazendo de tudo para ser considerado morto.

E finalmente tinha conseguido.

— Eu mesmo. E posso dizer também que milhares de pessoas morrerão se não conseguir sua ajuda.

— Em que encrenca você se meteu dessa vez? — Não me meti em nenhuma encrenca. Mas tem muita gente correndo perigo sem saber.

A curiosidade começava a aflorar nos olhos desconfiados de Jenson Wade. Sua voz se suavizou um pouco. Talvez intuísse que a pessoa que tinha diante de si exibia uma firmeza diversa do Russell com quem estava habituado a lidar. Em todo caso, as contínuas decepções passadas o obrigavam a se mover com muita cautela.

— De que se trata, afinal? — Não posso dizer. E esse é um ponto contra mim neste jogo. Devo dizer que terá de confiar.

Viu o pai apoiar o corpo no espaldar da poltrona e sorrir como se aquilo fosse uma piada.

— Com você, a palavra confiança me parece no mínimo superdimensionada. Por que deveria confiar? — Porque vou lhe

pagar.

O sorriso se transformou numa careta de sarcasmo zombeteiro. Quando se falava de dinheiro, o poderoso sr. Wade entrava em seu território de caça preferido. E Russell sabia que naquele campo pouca gente estava à sua altura.

— Com que dinheiro, faça-me o favor? Retribuiu o sorriso.

— Tenho uma coisa que certamente vai lhe dar mais prazer que dinheiro.

Enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou uma folha de papel de carta dobrada em três. Abriu-a, levantou-se da poltrona e colocou-a delicadamente diante do pai. Jenson Wade pegou os óculos que deixara a seu lado na escrivaninha, colocou-os e leu o que estava escrito: Com a presente, o abaixo-assinado Russell Wade se compromete a prestar serviço, a partir do mês de junho próximo vindouro, aos escritórios da Wade Enterprise durante três anos pela soma de um dólar ao mês.

Em garantia e fé do acima declarado, Russell Wade Russell viu a surpresa e depois a tentação percorrerem o rosto do pai. A ideia de tê-lo sob seu poder para humilhá-lo a seu bel-prazer devia ser uma perspectiva atraente. Com certeza, a visão de Russell vestindo um macacão de serviço e limpando o chão e os banheiros até o rejuvenesceria.

— Vamos supor que eu aceite. O que deveria fazer? — Você tem muitos contatos em Washington. Melhor dizendo, tem um monte de gente no seu caderninho de pagamentos, tanto na política quanto no exército.

Tomou o silêncio do pai como uma satisfeita admissão de seu poder.

— Estou seguindo uma pista e parei diante de um muro que não conseguirei derrubar sozinho. Talvez consiga contorná-lo graças a você.

— Continue.

Russell se aproximou da escrivaninha. Tirou do bolso a foto do rapaz com o gato.

Antes de entregá-la a Vivien, teve o cuidado de escanear o original e imprimir uma cópia reserva. Na época, sentiu-se um

pouco culpado, mas agora estava contente por ter feito isso.

— A coisa tem relação com a guerra do Vietnã, a partir de 1970. Tenho o nome de um soldado, Wendell Johnson, e esta foto de um homem desconhecido que serviu com ele.

Acho que os dois estavam envolvidos em algum acontecimento estranho, algo que até o momento está sob sigilo militar. Preciso saber o que é o mais rápido possível.

O empresário ficou um longo tempo pensando, fingindo que olhava a imagem. Russell ignorava que seu pai não se deixara convencer por suas palavras, mas pelo tom com que ele as pronunciara. Aquele tom apaixonado que só a verdade tem.

Viu o pai indicar a poltrona que ficava bem na sua frente.

— Sente-se.

Quando o viu sentado, Jenson Wade apertou uma tecla em seu telefone.

— Srta. Atwood, ligue para o general Hetch. Imediatamente.

Enquanto esperava, acionou o viva-voz. Russell pensou em duas razões para isso. A menos relevante era permitir que ouvisse a conversa que teria. A segunda, esta sim, fundamental, era que estava para dar ao filho mais uma demonstração daquilo que o nome de seu pai significava.

Pouco depois, uma voz rude e levemente rouca flutuou na sala.

— Olá, Jenson.

— Olá, Geoffry, como vai? — Acabei de jogar uma partida de golfe.

— Golfe? Não sabia que jogava golfe. Precisamos marcar uma partida um dia desses.

— Seria ótimo.

— Combinado então, amigo.

Os preâmbulos convencionais estavam encerrados. Russell sabia que seu pai gastava quantias enormes anualmente para se garantir contra escutas telefônicas, portanto, tinha certeza de que seria uma conversa sem meias palavras.

— Bem, o que posso fazer por você? — Preciso de um grande favor, uma coisa que só você pode fazer.

— Vamos ver se consigo.

— É de vital importância. Tem lápis e papel? — Um segundo.

Ouviram-se a voz do general Hetch pedindo a alguém a seu lado uma folha e algo para escrever. Logo em seguida, ele voltou ao telefone e ao escritório.

— Pode falar.

Anote esse nome. Wendell Johnson. Guerra do Vietnã a partir de 1970.

O silêncio indicava que o general estava anotando.

— Johnson, você disse? — Exato.

Jenson Wade esperou um instante antes de prosseguir.

— Envolvi-me junto com um companheiro de armas em alguma coisa que está sob sigilo militar. Preciso saber o que é.

Russell percebeu que, para explicar ao general do que se tratava, o pai repetiu quase as mesmas palavras que ele usou pouco antes em seu pedido.

Este pequeno detalhe o deixou de bom humor.

Mas, do outro lado, ouviu-se um enérgico protesto — Jenson, não posso andar por aí remexendo... que foi interrompido no nascedouro pela voz dura do dono da Wade Enterprise.

— Claro que pode. Se pensar bem, vai ver que pode.

Aquela frase estava cheia de insinuações e subentendidos, algo que dizia respeito apenas a eles dois. O tom do general mudou bruscamente.

— Está bem. Vou ver o que posso fazer. Preciso de vinte e quatro horas.

— Eu lhe dou uma.

— Mas Jenson... — Ligue assim que souber de alguma coisa. Estou em Nova York.

A ligação foi interrompida antes que o general tivesse tempo de responder alguma coisa. Jenson levantou-se da poltrona e deu uma olhada distraída pela janela.

— Agora só nos resta esperar. Já comeu? Russell se deu conta de que estava faminto.

— Não.

— Vou mandar a secretária pedir alguma coisa para você. Tenho um compromisso na sala de reuniões. Estarei de volta a tempo para a ligação de Hetch.

Sem dizer mais nada, saiu porta afora e deixou Russell sozinho respirando o ar do escritório, que cheirava a charutos caros, madeira e passagens secretas. Aproximou-se da janela e ficou alguns instantes olhando para o sem-fim de telhados no horizonte, com a tira do East River no meio, como uma estrada brilhante de água sob o sol.

Pouco depois, a porta se abriu e a mesma secretária entrou com uma bandeja. Uma cúpula de prata cobria um prato, tendo ao lado uma meia garrafa de vinho, um copo, pão e talheres. Colocou sob a mesa de cristal à frente do sofá.

— Aqui está, sr. Russell. Tomei a liberdade de pedir uma bisteca malpassada. Fiz bem? — Perfeito.

Russell foi na direção da moça, que ficou de pé olhando para ele com expressão curiosa. E de certa forma alusiva. Com um sorriso e a cabeça inclinada de lado, os longos cabelos espalhados sobre o ombro.

— Você é um homem muito famoso, Russell. E muito atraente.

— Acha mesmo? A mulher se aproximou um passo. Tinha na mão um cartão de visitas. Enfiou-o no bolsinho do paletó com um sorriso.

— Meu nome é Lorna. Meu telefone está aí. Ligue, se quiser. Seguiu-a com os olhos até a porta. Antes de sair, ela virou-se uma última vez, com aquele convite ainda brilhando no olhar.

Russell ficou sozinho. Sentou-se e começou a comer a bisteca sem tocar no vinho.

Pegou uma garrafa d'água na geladeira escondida num móvel na frente do sofá. Um momento de sol, de mar, de vento e de intimidade lhe veio à mente.

Com uma outra mulher.

Mas como está comigo, podemos considerar que ambos estamos de serviço e, portanto, nada de álcool... Comeu recordando e mastigando, duas atividades péssimas de fazer ao mesmo tempo,

sobretudo com os pensamentos que lhe atravessavam a cabeça. Obrigou-se a terminar a comida, relembrando o conselho de Vivien. A partir daquele momento, não sabia quando teria outra oportunidade de comer.

Levantou-se e voltou para a janela. Ficou o tempo todo olhando para fora, tentando vencer a impaciência e afastar o rosto de Vivien da memória. Sem resultado em ambos os casos.

A entrada de seu pai na sala o surpreendeu. Russell olhou o relógio e percebeu que quase uma hora e meia se passara desde que ele saía.

— O general ligou. Mandei transferir para cá.

Dirigiu-se a passos largos para a escrivaninha, sentou-se e voltou a acionar o viva-voz.

— Aqui estou, tem novidades? — Sim.

— E então, do que se trata? — Mais uma daquelas histórias de roupa suja do exército.

— Ou seja? Ouviu-se um rumor de papel amassado.

— Aqui está. Wendell Johnson, nascido em Hornell em 7 de junho de 1948. Residia lá quando foi convocado. Fazia parte do 11º Regimento de Cavalaria Mecanizada estacionado em Xuan-Loc. Qualificação 1Y. Pertencia ao MOS, Military Occupational Specialty.

Russell fez um gesto que significava resumir.

— Vamos ao que interessa. O que houve com ele? — Anotei esses dados pessoais. Quanto ao resto, direi o que me lembro. Não tive acesso direto aos arquivos. Cheguei por vias transversas, portanto só posso contar o que me disseram.

— Sim, mas faça isso de uma vez, por Deus! A voz do general adequou-se à urgência de seu interlocutor.

— Em 1971 o pelotão de Johnson participou de uma ação no norte de Cu Chi, desaconselhada pelos serviços de inteligência mas realizada assim mesmo pelos altos escalões militares. Foram todos massacrados, exceto ele e um outro soldado, que foram feitos prisioneiros e num segundo momento usados pelos vietcongues como escudos humanos durante um bombardeio.

Russell gostaria de fazer as perguntas diretamente ao general, mas não podia por motivos óbvios. Pegou um bloco e uma

caneta na escrivadinha e escreveu e então? e colocou a folha na frente de seu pai. Ele fez que sim com a cabeça.

— E então? — A pessoa que ordenou o bombardeio, o major Mistnick, soube pelos pelotões de reconhecimento da presença dos dois no local, mas fez de conta que não sabia. Os aviões chegaram e jogaram napalm em toda a área. Esse oficial já tinha dado sinais de desequilíbrio e depois disso foi transferido e o caso abafado, em meio a um mal-estar coletivo, sob sigilo militar. Era um período em que a guerra estava sendo contestada pela opinião pública do mundo inteiro. De fato, não me espanto que tenha acabado daquela maneira.

Russell escreveu outra frase e os dois? Mais uma vez, Jenson Wade deu voz a seu pensamento.

— E o que aconteceu com os dois? — Johnson sofreu queimaduras e foi socorrido pelas tropas que chegaram ao local logo em seguida. Foi salvo por milagre e ficou um bom tempo internado num hospital militar em reabilitação, não lembro onde.

Mais uma folha.

e o outro? — E que fim levou o outro? — Morreu carbonizado. Com a mão trêmula, Russell escreveu a coisa que mais o interessava.

o nome? — Sabe como se chamava? — Espere, anotei isso também. Aqui está... Um barulho de papel sendo folheado. Em seguida, o bendito som de uma voz dizendo um nome.

— Matt Corey, nascido em Corbett Place em 27 de abril de 1948, residente em Chillicothe, Ohio.

Russell anotou os dados rapidamente e fez um gesto de alegria erguendo os braços para os céus. Logo depois, esticou para o pai o punho fechado com o polegar levantado.

— Muito bem, Geoffry. Agradeço muito, por enquanto. E vamos nos encontrar para aquela partida de golfe... — Quando quiser, meu velho.

Um botão eliminou a presença do general Hetch do escritório, deixando suas últimas palavras no ar. Jenson Wade reclinou-se no encosto da poltrona. Incrédulo, Russell apertava aquele nome que perseguiu durante tanto tempo.

— Preciso ir a Chillicothe.

Seu pai olhou para ele um instante, avaliando aquela nova pessoa que, para sua surpresa, havia surgido diante dele. Depois apontou o teto com o indicador.

— Este é um edifício de escritórios e temos um heliporto no telhado, em vez de piscina. Se subir, posso mandar nosso helicóptero vir pegá-lo em dez minutos.

Russell ficou boquiaberto. Aquela ajuda inesperada lhe transmitiu uma energia e uma lucidez das quais não se sentia mais capaz. Ergueu o braço para olhar o relógio.

— Para chegar a Ohio são mais ou menos setenta quilômetros pelo ar. Dá para chegar antes de escurecer? Um gesto de ombros que valia alguns bilhões de dólares.

— Não tem problema. O helicóptero leva você até La Guardia onde estão os jatos da empresa. Você fará o desembarque no aeroporto mais próximo de Chillicothe. Enquanto estiver voando, pedirei à minha assistente que mande um carro pegá-lo quando chegar.

Russell ficou sem palavras, parado em pé diante da escrivaninha do homem que mais temeu em toda a sua vida. Disse a única coisa que lhe veio à cabeça.

— Não sei como agradecer.

— Tem um modo, sim.

Jenson Wade tirou do bolso interno do paletó a folha com o compromisso assinado por Russell e, esticando-se, colocou-a no centro da escrivaninha. Depois, voltou a se reclinar no espaldar de couro com uma expressão satisfeita no rosto.

— Vai trabalhar para mim pelos próximos três anos, esqueceu?

32

— TEM UM CIGARRO? Russell acordou se perguntando que porra... Um rosto descorado com as faces cobertas por um barba espalhada desordenadamente estava a um palmo de seu rosto. Dois olhos pequenos e remelentos o fitavam. Uma tatuagem saía da gola imunda da camisa e ia até a orelha esquerda. O hálito cheirava a álcool e dentes cariados.

— O quê? — Não tem um cigarro? De repente, Russell se deu conta de onde se encontrava. Sentou-se, sentindo as juntas estalarem. Uma noite passada no catre de uma cela não era o máximo do conforto para o corpo. Quando fora preso, na noite anterior, aquele sujeito magro e mal-ajambrado não estava lá. Deve ter chegado enquanto ele dormia. Estava tão cansado que não ouviu absolutamente nada.

O homem confirmou seu vício tabagista insistindo em sua caça ao fumo com voz rouca.

— E então, tem ou não tem um cigarro? Russell se levantou. Instintivamente, o homem deu um passo atrás.

— É proibido fumar aqui.

— Meu jovem, já estou na cadeia. O que mais podem fazer: me prender de novo? Seu companheiro de cela sublinhou a piadinha com uma risada catarrenta. Russell não tinha cigarros, nem humor para continuar a discutir.

— Deixe-me em paz.

Vendo que não ia conseguir nada, resmungando uma execração pessoal e incompreensível, o homem foi se deitar no catre encostado na parede em frente. Virou as costas e ficou deitado com um casaco enrolado sob a cabeça, fazendo-o de travesseiro.

Um segundo depois, roncava.

Russell se aproximou das grades. Diante delas ficava a parede de um corredor que desaparecia à esquerda. À direita,

adivinhava-se outra cela, da qual não vinha nenhum rumor. Talvez a honesta gente de Chillicothe não desse às autoridades motivos para visitá-la com frequência. Voltou a se deitar na cama, olhando para um teto que parecia recém-pintado, pensando em como tinha ido parar, pela enésima vez, numa cela de uma prisão.



Seu pai manteve a palavra.

Cinco minutos depois de chegar ao topo do edifício, um helicóptero veio do alto e pousou com graça na pista desenhada no teto. O piloto deve ter sido avisado da urgência, pois não desligou os motores.

Um homem desceu do banco do passageiro e veio em sua direção, caminhando inclinado para combater o deslocamento de ar das pás. Pegou seu braço e, fazendo sinal para que o imitasse, acompanhou-o até a máquina.

Só tiveram tempo de fechar a porta e colocar o cinto e já estavam no ar. A cidade passou a toda velocidade embaixo deles e logo se transformou na pista para aviões particulares do aeroporto Fiorello la Guardia. O piloto pousou o helicóptero ao lado de um pequeno e esguio Cessna CJ1+ com o logotipo da Wade Enterprise.

Os motores já estavam ligados e uma aeromoça o esperava ao pé da escada. Era uma moça loura de uniforme cor de tabaco e camisa clara, lembrando as cores da empresa. Russell se aproximou, ouvindo às suas costas o rotor do helicóptero que decolava se afastando.

— Boa noite, sr. Wade. Sou Sheila Lavender. Serei sua comissária de bordo durante o nosso voo.

Apontou para o interior do avião.

— Por favor.

Russell subiu e encontrou uma pequena sala onde havia quatro confortáveis poltronas à disposição dos passageiros. Dois pilotos estavam sentados em seus lugares na cabine. Diante deles, uma miríade de instrumentos que falavam uma linguagem incompreensível para qualquer leigo.

Sheila indicou as poltronas.

— Acomode-se, sr. Wade. Posso lhe servir alguma coisa para beber? Russell escolheu um lugar, sentindo o abraço macio do couro envolver suas costas. Resolveu não beber, mas talvez merecesse um drinque. Com um toque de ironia, pensou que suas regras de serviço eram menos limitativas que as de Vivien.

— O avião tem alguma garrafa de uísque da reserva de meu pai? A comissária sorriu.

— Sim, temos.

— Ótimo. Vou tomar um gole dele. Com um pouco de gelo, se possível.

— Não demoro.

A comissária de bordo se afastou e começou a preparar a bebida diante de um bar. Pelo interfone, chegou a voz do piloto.

— Sr. Wade, sou o comandante Marcus Hattie. Boa noite e bem-vindo a bordo.

Russell fez um gesto em direção à cabine para retribuir o cumprimento.

— Escolhemos este avião por suas dimensões que permitem a aterrissagem e a decolagem na pista do Ross County Airport. Infelizmente, temos nesse momento um problema de tráfego aéreo.

Estamos na lista de espera e receio que terá de aguardar alguns minutos antes de tirarmos as rodas do chão.

Russell ficou contrariado com a notícia. Se a pressa correspondesse à velocidade, poderia chegar a seu destino a pé muito antes que aquele avião. O retorno de Sheila com um copo acalmou-o um pouco. Olhando para fora pela janela, deu um gole no uísque com toda a calma que conseguiu encontrar. Depois de quinze minutos intermináveis, o avião se moveu e foi para a pista. Um impulso potente dos motores, uma sensação de vazio e estavam no céu, empenhados na manobra que colocaria o bico do avião na direção de Chillicothe, Ohio.

Russell olhou primeiro o relógio, depois o Sol no horizonte, tentando arriscar uma previsão do tempo de voo. Como resposta, a voz do piloto se fez ouvir de novo.

— Decolamos finalmente e nossa previsão é de que chegaremos a nosso destino em cerca de duas horas.

Durante a viagem, tentou ligar duas vezes para Vivien pelo telefone do avião, mas o celular dela estava sempre ocupado. Russell imaginou que, naquele momento, devia estar fazendo e recebendo uma quantidade de ligações. E com tudo o que aconteceu, não tinha muita certeza de que aceitasse falar com ele.

Conseguiu a palavra do capitão, não a minha... Ao lembrar aquelas palavras, o sabor da bebida ficou amargo de repente. Para melhorá-lo, acrescentou o sabor da revanche, quando revelasse que encontrara sozinho o que juntos tentaram conseguir, inutilmente.

Depois de um par de séculos e outro de drinques, a voz do piloto informou que tinham começado a descida no aeroporto de destino. Mais uma vez, como na viagem de alguns dias antes, a escuridão surpreendeu-os no voo. Mas, agora, as luzes lá embaixo pareciam uma promessa mais fácil de manter. Sem deixá-lo esquecer que até os loucos assassinos mantinham suas promessas.

A aterrissagem foi perfeita e o aparelho foi conduzido com perícia até o terminal. Quando finalmente a porta se abriu e pôs os pés no chão, viu-se diante de um panorama praticamente igual ao do pequeno aeroporto de Hornell.

Ao lado do edifício baixo e longo que estava à sua frente, havia uma pessoa à espera junto a um carro, uma Mercedes sedan preta, limpa e brilhante sob as luzes. Pensou que seu pai não tinha se preocupado com os gastos. Logo em seguida, veio-lhe à mente a ideia de que pagaria todos aqueles luxos com o suor de seu rosto. Parou de se sentir culpado e acertou consigo mesmo que ele bem os merecia.

Aproximou-se do carro onde um sujeito magro e alto o recebeu com ar de quem está mais habituado a lidar com caixões fúnebres do que com automóveis.

— Sr. Russell Wade? — Eu mesmo.

— Sou Richard Balling, da Ross Rental Service.

Nenhum dos dois estendeu a mão para um gesto amigável. Russell suspeitou que o sr. Balling alimentava certo desprezo por

gente que descia de um jatinho particular e encontrava uma Mercedes à sua espera.

Mesmo que fosse ele quem a fornecesse.

— Esse é o carro que reservaram para o senhor. Precisa de um motorista? — O carro tem GPS? O homem olhou para ele escandalizado.

— Claro que sim! — Então eu dirijo.

— Como queira.

Esperou que o homem comparasse os documentos com seus dados, assinou e entrou no carro.

— Pode me dar o endereço do gabinete do xerife, por favor?
— 28 North Paint Street. Em Chillicothe, naturalmente. Pode me dar uma carona até a cidade? Russell deu um sorrisinho cúmplice enquanto ligava o motor.

— Claro que não! E partiu fazendo as rodas deslizarem no cascalho, sem dar atenção às legítimas preocupações do sr. Balling com a sua criatura. Programou o navegador enquanto dirigia. A rua apareceu na tela, com o ponto de chegada a uma distância de treze quilômetros dali e um tempo de percurso de cerca de vinte e um minutos. Permitiu que a voz persuasiva de uma senhorita eletrônica o guiasse até aconselhá-lo a dobrar à direita na Route 104. Enquanto se aproximava da cidade, começou a planejar seus próximos movimentos. Não elaborou um plano de investigação preciso. Tinha um nome. Tinha fotos. Em primeiro lugar, pediria informações ao xerife e depois faria seus planos de acordo com os resultados obtidos. Chegou lá seguindo seu instinto e improvisando. Portanto, manteria aquela linha de ação. A longa reta o levou a apertar o acelerador sem perceber, até que um lampejo multicolorido e um som agudo às suas costas chegaram para apresentar a conta.

Encostou à direita e esperou a inevitável chegada do policial. Abaixou o vidro justo em tempo de vê-lo cumprimentar tocando o quepe com a ponta dos dedos.

— Boa noite, senhor.

— Boa noite, agente.

— Poderia me dar a carteira de motorista e os documentos do veículo, por favor? Russell estendeu os documentos do carro, o certificado de aluguel e a carteira. O agente, com o distintivo da polícia de Ross County, examinou-os sem devolvê-los. Era um sujeito atarracado, com o nariz largo e a pele bexigosa.

— De onde veio, sr. Wade? — De Nova York. Acabei de aterrissar no aeroporto de Ross County.

A careta que recebeu em troca o fez entender que cometera um erro. Talvez o policial pertencesse à mesma escola de pensamento do sr. Balling.

— Creio que temos um probleminha, sr. Wade.

— Qual? — O senhor estava correndo como uma bala de fuzil. E pelo seu hálito, acho que corria como uma bala de fuzil um tanto alta.

— Não estou bêbado, agente.

— É o que veremos a seguir. Basta que sopra um balãozinho, como fazia quando era criança.

Desceu da Mercedes e seguiu o agente até seu carro. Fez o que lhe pedia mas, infelizmente, o resultado não foi o mesmo de sua infância. A reserva pessoal do uísque de Jenson Wade não permitiu que o ar que saía de seu pulmões fosse aquele de um menino.

O agente olhou para ele com ar satisfeito.

— Precisa vir comigo. Vai me acompanhar de bom grado ou precisarei usar as algemas? Devo recordar que a resistência à prisão é uma agravante.

Russell sabia disso bem demais. Aprendeu esse último detalhe às próprias custas.

— Não vai precisar de algemas.

Com a concordância do sr. Balling, deixou a Mercedes no acostamento e entrou no carro de patrulha. Quando saiu da viatura policial no número 28 da North Paint Street, um pensamento o confortou. Estava procurando o gabinete do xerife e, fosse como fosse, lá estava ele.



O barulho de passos no corredor o fez levantar-se e aproximar-se das grades. Pouco depois, um homem de uniforme parou diante da porta da cela.

— Russell Wade? — Sou eu.

Sem cortesia, o agente lhe fez um sinal com a cabeça de cabelos ralos. Parecia o irmão bonzinho do sujeito que dormia no catre ao lado.

E talvez fosse.

— Venha, chegaram os reforços.

Depois do estalo da fechadura e do rangido da grade, seguiu o homem pelo corredor.

Pararam diante de uma porta de madeira, na qual estava escrito que Thomas Blein era o xerife de Ross County. O agente bateu e abriu logo em seguida. Fez um sinal para que entrasse e fechou a porta às suas costas. Russell viveu uma situação quase idêntica no dia anterior. Gostaria de dizer ao agente que estava feliz por não ter recebido as mesmas atenções que a secretária de seu pai lhe dispensou, mas considerou no mínimo inoportuno.

No gabinete, havia dois homens e um leve aroma de charuto. Um deles estava sentado atrás de uma escrivaninha cheia de papel e era, sem sombra de dúvida, o Thomas Blein da inscrição na porta. Alto, cabelos bastos e brancos, um rosto sereno, mas enérgico. O físico enxuto era valorizado pelo uniforme e lhe conferia, ao mesmo tempo, a justa importância.

O sujeito que estava sentado numa cadeira bem em frente da escrivaninha era um advogado. Não parecia um deles, mas o fato de estar ali e as palavras do policial o fizeram supor que fosse. A confirmação chegou quando o sujeito, com ar pachorrento e olhar agudo, levantou e lhe estendeu a mão.

— Bom dia, sr. Wade. Sou Jim Woodstone, seu advogado.

Na noite anterior, aproveitou o único telefonema a que tinha direito para ligar para o avião, no número que a aeromoça tinha lhe dado. Depois de explicar a situação em que se encontrava, pediu que entrasse em contato com seu pai para informá-lo. Teve a impressão de que Sheila Lavender não estava totalmente surpresa com o que lhe disse.

Russell apertou a mão do advogado.

— Prazer em conhecê-lo, doutor.

Russell dirigiu-se em seguida ao homem da escrivaninha.

— Bom dia, xerife. Sinto muito se lhe criei algum inconveniente. Não era minha intenção.

Tendo em vista o que se sabia sobre ele, aquela atitude respeitosa deve ter surpreendido os dois homens da lei, que se viram por um instante do mesmo lado da barricada. Blein fez um simples gesto interrogativo com a cabeça.

— O senhor é Russell Wade, o ricaço? — Meu pai é o ricaço, eu sou apenas o destrambelhado e deserdado.

O xerife sorriu diante da descrição breve e cabal que Russell deu de si mesmo.

— O senhor é uma pessoa muito controvertida. Com razão, acho eu. É isso mesmo? — Bem, diria que sim.

— O que faz na vida? Russell sorriu.

— Quando não uso meu tempo arrumando um jeito de ser preso, sou jornalista.

— E trabalha para que jornal? — Nenhum, no momento. Faço freelance.

— E o que o trouxe a Chillicothe? O advogado Woodstone interveio. Profissional e prevenido. Tinha que justificar de alguma maneira os honorários que a Wade Enterprise pagaria.

— Sr. Wade, não é obrigado a responder se não achar conveniente.

Russell fez um gesto com a mão significando que estava tudo bem e satisfez a curiosidade do xerife. Naquele caso era fácil, bastava dizer a verdade.

— Estou fazendo uma reportagem sobre a guerra do Vietnã.

Blein levantou uma sobrancelha com um ar vagamente cinematográfico.

— Alguém ainda se interessa? Mais do que você pode imaginar... — Há certas coisas que ficaram obscuras e que, na minha opinião, o público tem o direito de saber.

Viu um pesado envelope marrom sobre a escrivaninha, ao lado do xerife. Parecia aquele onde guardaram todo o conteúdo de

seus bolsos na noite anterior, alguns minutos antes de tirar as fotos sinaléticas, as impressões digitais e de jogá-lo dentro de uma cela.

— Esses são meus minguados pertences? O xerife pegou o envelope e abriu. Retirou o conteúdo e colocou na frente dele em cima da escrivaninha. Quando Russell se aproximou, viu que não faltava nada. Relógio, carteira, chaves da Mercedes... Os olhos do xerife caíram sobre a fotografia do rapaz com o gato. Seu rosto tinha a expressão de um ponto de interrogação quando se desencostou da cadeira e apoiou os cotovelos na mesa.

— Posso? Russell respondeu que sim antes mesmo de entender direito o que estava autorizando.

O xerife pegou a foto e a examinou um instante. Depois, recolocou-a entre os objetos pessoais de Russell.

— Pode me dizer como conseguiu essa foto, sr. Wade? Logo depois de ter feito a pergunta, Blein virou-se para dar uma olhada significativa para o advogado.

— Naturalmente, não é obrigado a responder se não achar conveniente.

Russell interrompeu a réplica do advogado e lançou-se no vazio.

— Segundo as informações que tenho, esse rapaz morreu no Vietnã e se chamava Matt Corey.

— Exatamente.

Aquela palavra soou a seus ouvidos como a abertura de um sólido paraquedas.

— O senhor o conhecia? — Trabalhamos juntos quando éramos jovens. Eu ganhava alguns trocados trabalhando em obras como pedreiro no tempo livre. Ele era uns dois anos mais velho e trabalhava numa empresa onde fiquei um verão inteiro.

— Lembra o nome da firma? — Ah, era a construtora de Ben Shepard. O depósito fica em North Folk Village. Matt era como um filho para Ben e morava num quarto do barracão.

Blein apontou para uma das fotos com o indicador.

— Junto com Walzer, esse gato esquisito de três patas.

Sem muita esperança, Russell fez a pergunta seguinte.

— E Ben Shepard ainda está vivo? A resposta do xerife foi inesperada e não escondia um leve tom de inveja.

— Mais do que nunca. Aquele bicho velho tem quase 85 anos, mas é forte como um touro e continua vendendo saúde. E tenho certeza que ainda trepa feito um coelho.

Russell esperou que o coro de anjos que soava em sua cabeça chegasse ao final de seu cântico de glória.

— Sabe onde posso encontrá-lo? — Ele tem uma casa em Slate Mills, perto de seu velho armazém. Vou anotar o endereço.

Blein pegou papel e caneta e rabiscou algumas palavras numa folha, que colocou sobre a foto. Russell achou que seu gesto era um sinal de boa sorte. Aquelas imagens foram o início de tudo. Esperava que as palavras escritas na folha fossem o endereço do fim.

Russell sentiu a impaciência chegar e percebeu que era hora de partir.

— Posso ir? Blein fez com as mãos um gesto que significava liberdade.

— Perfeitamente. Seu advogado e a fiança que pagou dizem que sim.

— Agradeço de coração, xerife. Apesar das circunstâncias, foi um prazer.

Woodstone levantou-se da cadeira. Ele e o homem atrás da escrivaninha apertaram as mãos. Certamente se encontravam com frequência por causa dos respectivos trabalhos, numa cidadezinha pequena como Chillicothe. Enquanto isso, Russell já tinha ido até a saída e estava abrindo a porta.

A voz do xerife o deteve.

— Sr. Wade? Virou-se e, já com a mão na maçaneta, se viu diante dos olhos claros do xerife.

— Sim? — Visto que me submeteu a um interrogatório, posso lhe fazer uma pergunta? — Claro.

— Por que se interessa por Matt Corey? Russell mentiu sem nenhum pudor, tentando com todas as suas forças não deixar que percebessem.

— Parece que o rapaz foi protagonista de um ato de heroísmo que não foi reconhecido. Estou fazendo uma matéria para divulgar seu sacrifício e de outros soldados ignorados como ele.

Não parou para se perguntar se seu tom patriótico enganara o maduro representante da lei. Em sua cabeça, já estava sentado diante de um velho construtor de nome Ben Shepard. Desde que o bicho velho, como definiu Blein, aceitasse falar com ele. Russell lembrava-se bem da dificuldade que teve para ser recebido por aquele outro bicho velho que era seu pai.

Seguiu o advogado Woodstone até a rua, atravessando a parte do prédio que era aberta ao público, onde uma moça de uniforme estava atrás de um balcão e outro agente sentava-se numa escrivaninha verificando documentos. Assim que saíram, sentiu-se de volta à América. Chillicothe era a sua essência plena, com todas as qualidades e defeitos. Carros e pessoas moviam-se entre casas, letreiros, placas, proibições e sinais de trânsito, tudo aquilo que o país construiu, vencendo e perdendo guerras, à luz da glória ou na penumbra do constrangimento. Em todo caso, pagando o preço em sua própria pele.

Russell viu a Mercedes que alugara estacionada do outro lado da rua. O advogado seguiu seu olhar e apontou para ela com um gesto.

— O sr. Balling mandou alguém pegar o carro com a cópia das chaves. Dei ordens de que a deixassem aqui para o senhor.

— Ótimo trabalho. Agradeço muito, sr. Woodstone. Falarei sobre isso com a pessoa que o contratou.

— Foi seu pai em pessoa.

Russell não conseguiu reprimir a surpresa.

— Meu pai? — Sim. No começo, pensei que fosse um trote, mas quando ouvi que o senhor tinha sido preso... O advogado parou antes de completar a gafe. Estava dizendo que considerou mais convincente o fato de que Russell Wade tivesse sido preso por excesso de velocidade e por dirigir em estado de embriaguez do que a voz de seu pai declarando seu próprio nome ao telefone.

Russell disfarçou a vontade de rir por trás de uma providencial coçadinha no nariz.

— Meu pai parecia alterado? O advogado deu de ombros para apagar o próprio constrangimento.

— Foi isso que me confundiu. Quando ouvi sua voz ao telefone, tive a impressão de que estava se segurando para não rir.

Russell deixou aflorar o tal sorriso.

Descobrir depois de todo aquele tempo que Jenson Wade tinha senso de humor era, no mínimo, estranho. Ficou se perguntando quantas coisas não sabia sobre o pai. Logo em seguida, respondendo a si mesmo, pensou com certa amargura que eram pelo menos tantas quantas as que seu pai não sabia sobre ele.

33

RUSSELL PAROU O CARRO NA FRENTE da casa e desligou o motor.

Ficou sentado alguns instantes naquela paisagem campestre, sob um céu que não tinha vontade de sorrir. Recusou com gentileza e firmeza quando o advogado Woodstone se ofereceu para acompanhá-lo, argumentando que conhecia Ben Shepard há décadas.

Verdade ou não, enquanto fazia o oferecimento, os olhos brilhavam de curiosidade.

Russell entendia o motivo. Tratava-se de uma cidade pequena e estar de posse de informações frescas garantia o centro das atenções no churrasco de domingo. Só o fato de ter defendido o filho do dono da Wade Enterprise já seria motivo suficiente para uma hora de discurso. Não queria impor aos comensais de Woodstone o sofrimento de ouvir suas fofocas por mais duas horas.

A casa que estava observando era de pedra e madeira, tinha amplas vidraças e dava a impressão de solidez. Com certeza, o proprietário a construiu segundo as próprias necessidades e os próprios critérios estéticos, que eram admiráveis. Tinha dois andares e estava situada no cume de uma pequena colina. Na fachada, havia um alpendre elevado, ao qual se chegava subindo alguns degraus. Na frente, um gramado e um jardim muito bem cuidados e, do lugar em que se encontrava, Russell conseguia entrever uma horta na parte de trás. Uma centena de metros à direita havia uma rua asfaltada que passava pelos fundos da casa, onde certamente ficava a garagem.

Desceu do carro e se aproximou da cerca que circundava a propriedade. Ao lado da entrada para pedestres, uma caixa de correio pintada de verde exibia o nome de Shepard em letras brancas. O portãozinho não estava fechado e não viu nenhum cartaz avisando da presença de cães no interior. Russell abriu-o e tomou o caminho traçado por placas de pedra encaixadas na

grama. Quando faltavam poucos passos para chegar à casa, um figura surgiu, saindo de trás da esquina, à esquerda. Era um homem de estatura superior à mediana, de físico ainda cheio de vigor, com o rosto rugoso e bronzeado e olhos azuis surpreendentemente jovens. A roupa de trabalho e a cesta de verduras que carregava indicavam que vinha da horta. Não o viu antes porque estava encoberto pela casa.

Quando percebeu sua presença, parou. Sua voz era tranquila e firme.

— Deseja alguma coisa? — Estou procurando pelo sr. Ben Shepard.

— Pois acabou de encontrá-lo.

Russell ficou impressionado com a personalidade daquele velho senhor.

Instintivamente, resolveu que a única forma de lidar com ele era dizer sempre e somente a verdade.

— Meu nome é Russell Wade e sou jornalista em Nova York.

— Muito bem. Agora que já me contou, pode pegar seu carro e voltar para o lugar de onde veio.

Ben desfilou tranquilamente à sua frente e subiu os degraus que levavam à varanda.

— É muito importante, sr. Shepard.

O homem respondeu sem se virar.

— Tenho quase 85 anos, meu jovem. Na minha idade, a única coisa importante é reabrir os olhos no dia seguinte.

Russell viu que se não revelasse alguma coisa aquele encontro terminaria antes mesmo de começar.

— Gostaria de falar de Little Boss.

Ao ouvir aquele nome, que durante anos só deve ter sido pronunciado por sua memória, o velho se deteve no meio da escada.

Depois o rosto ocupou o lugar que antes era da nuca.

— O que sabe de Little Boss? — Sei que era o apelido de um rapaz que se chamava Matt Corey.

Sua réplica foi brusca e decidida.

— Matt Corey morreu no Vietnã há muitos anos.

— Não. Matt Corey morreu em Nova York cerca de seis meses atrás.

Os ombros de Ben Shepard se afrouxaram. Parecia comovido, mas não surpreso com a notícia. Ficou alguns instantes com o rosto inclinado para o chão. Quando o levantou, Russell viu que tinha os olhos úmidos. As lágrimas contidas de Lester, irmão de Wendell Johnson, lhe vieram à mente. Russell se deu conta de que a guerra, qualquer guerra, continua a fazer muita gente chorar, mesmo anos e anos depois de ter chegado ao fim.

O velho indicou a casa com um gesto de cabeça.

— Entre.

Russell seguiu Ben Shepard à parte interna e viu-se num amplo salão que ocupava toda a frente da construção. À direita, na direção da lareira, havia uma mesa de sinuca com a taqueira ao lado; à esquerda, ficava a TV, com poltronas e sofás. O grande ambiente era decorado de modo sóbrio e surpreendentemente moderno, embora os móveis não parecessem novos. Russell pensou que, no seu tempo, aquela sala devia ter sido a vanguarda do gênero. Por todo lado, como característica comum, quadros e objetos representavam as lembranças de toda uma vida.

Shepard foi para a sala de estar e indicou um sofá com um gesto.

— Sente-se. Quer um café? Russell sentou-se numa poltrona que prometia conforto. Uma vez sentado, ficou contente ao constatar que a promessa foi mantida.

— Com prazer. Acabei de passar a noite na cadeia. Um café seria perfeito.

O velho não comentou, mas pareceu apreciar sua sinceridade. Virou-se para uma porta do outro lado do salão, pela qual se adivinhava a cozinha.

— Maria! Uma moça de cabelos escuros e tez morena abriu totalmente a porta e se apresentou na soleira. Era jovem e bastante bonita e Russell entendeu de onde vinha o comentário malicioso do xerife sobre seu anfitrião.

— Pode fazer um café, por favor? Sem dizer nada, a moça voltou para a cozinha. O velho sentou-se diante de Russell, em

outra poltrona. Cruzou as pernas e olhou para ele com curiosidade.

— Quem o prendeu? — Um agente do xerife, na 104.

— Um gordo, com rosto bexiguento e jeito de caubói que perdeu as vacas? — Ele mesmo.

O velho fez um gesto com a cabeça, com uma expressão que lembrava histórias de lobos que perdem os dentes, mas não o vício de morder.

— Lou Ingraham. Para ele, o mundo acaba nos limites do condado. Não gosta de estranhos e não perde ocasião de espezinhá-los sempre que pode. Sua coleção de escalpos é muito significativa.

Naquele momento, Maria saiu pela porta carregando uma bandeja com uma garrafa térmica de café, um bule de leite e duas xícaras. Aproximou-se da poltrona de Shepard e pôs tudo na mesinha ao lado.

— Obrigado, Maria. Pode ir para casa. Eu resolvo por aqui.

A moça deu um sorriso que iluminou a sala.

— Obrigada, Ben.

Afastou-se e desapareceu atrás da porta, contente com a folga inesperada. Russell entendeu que a conversa fiada do anfitrião servia apenas para passar o tempo enquanto não se livrava de uma presença que poderia ser indiscreta. Isso o deixou de bom humor e ao mesmo tempo com o pé atrás.

— Como quer o café? — Preto e sem açúcar. Como pode ver, não custo muito.

Enquanto o velho servia o café da garrafa, resolveu tomar a iniciativa.

— Sr. Shepard, quero falar primeiro. Se o que disser for correto, vou me permitir algumas perguntas. Caso contrário, seguirei o seu conselho. Pego o carro e vou embora para o lugar de onde vim.

— Certo.

Russell começou sua exposição dos fatos. Com um pouco de apreensão, pois não tinha muita certeza de que as coisas tinham realmente acontecido como pensava.

— Matt Corey trabalhava para o senhor e vivia no seu barracão. Era dono de um gato que, por artes da natureza ou dos homens, só tinha três patas. E se chamava Walzer.

Tirou do bolso a foto do rapaz com o animal e colocou sobre o colo de Ben Shepard.

O velho abaixou a cabeça e examinou-a sem tocá-la.

— Em 1971 ele foi para o Vietnã, 11º Regimento de Cavalaria Mecanizada, para ser preciso. Serviu em Xuan-Loc junto com um rapaz chamado Wendell Johnson. Os dois ficaram amigos. Um dia participaram de uma operação que se transformou num massacre e foram os únicos sobreviventes de todo o pelotão. Foram feitos prisioneiros pelos vietcongues e usados em seguida como escudos humanos contra um bombardeio.

Russell fez uma pausa, com medo de ter ido depressa demais. Viu que Ben Shepard olhava para ele com interesse, mais atento à sua atitude que às suas palavras.

— Apesar da presença dos dois, o bombardeio foi realizado. Wendell Johnson e Matt Corey foram bombardeados com napalm. Um deles foi atingido em cheio e morreu carbonizado, o outro se salvou, mas com queimaduras gravíssimas no corpo inteiro.

Depois de um longo período de recuperação e reabilitação num hospital militar, teve alta, mas estava devastado, tanto no aspecto físico quanto no psicológico.

Russell fez outra pausa, durante a qual percebeu que ambos estavam prendendo a respiração.

— Tenho razões para crer, por um motivo que não sou capaz de esclarecer, que as plaquetas dos dois foram confundidas. Matt Corey foi declarado morto e todos pensaram que o sobrevivente fosse Wendell Johnson. E quando se recuperou, ele aceitou essa troca de identidades. Não havia fotos nem impressões que pudessem desmenti-lo. Seu rosto estava completamente deformado e talvez nem tivesse mais impressões digitais.

O silêncio caiu sobre a sala. O silêncio que evoca lembranças e incentiva o voo dos fantasmas. Ben Shepard permitiu que uma lágrima reprimida há anos rolasse de seus olhos e caísse molhando a foto.

— Sr. Shepard... O velho interrompeu-o, fitando-o com olhos não corrompidos nem pela idade, nem pelos homens.

— Ben.

Aquele convite queria dizer que, por uma estranha alquimia que às vezes se cria entre pessoas até então desconhecidas, daquele momento em diante havia entre eles algo mais do que palavras. À luz daquela familiaridade inesperada, Russell deslizou a pergunta seguinte com a voz mais calma que conseguiu encontrar.

— Ben, quando foi a última vez que viu Matt Corey? O velho levou uma eternidade para responder.

— No verão de 1972, logo depois que saiu do hospital militar.

Depois daquela admissão, o velho decidiu finalmente servir um café para si mesmo.

Pegou a xícara e bebeu um longo gole.

— Veio aqui e me contou a mesma história que você acabou de contar. Depois, pegou o gato e foi embora. Nunca mais o vi.

Russell avaliou que Ben Shepard não era capaz de mentir e, portanto, o que acabou de dizer não era mentira, apenas uma meia-verdade. Mas ao mesmo tempo entendeu que se desse um passo em falso, aquele homem ia se fechar como um ouriço e não conseguiria mais nada dele.

— Sabe se Matt teve um filho? — Não.

O modo como Ben Shepard levou a xícara de café à boca, logo depois de pronunciar aquele monossílabo, lhe pareceu um pouco precipitado. Russell percebeu que sua única chance era deixar aquele homem a par da extrema importância de qualquer informação que pudesse dar.

E só havia um jeito de fazer isso.

— Ben, sei que é um homem de honra, na melhor acepção da palavra, e é a isso que vou render homenagem. Vou revelar uma coisa que, se você não fosse o homem que penso que é, jamais revelaria.

Ben fez um gesto com a xícara para agradecer e convidá-lo a continuar.

— É uma história difícil de contar, pois é uma história em que é difícil de acreditar.

Disse isso para preparar o homem que tinha diante de si, mas também para confirmar para si mesmo o absurdo humano de toda aquela história. E a necessidade absoluta de esclarecê-la.

— Está acompanhando as notícias sobre os atentados em Nova York? Ben fez um gesto com a cabeça.

— Sim. Uma história horrível.

Russell respirou fundo antes de continuar. Não podia fazer isso fisicamente, mas cruzou os dedos mentalmente e fitou Ben direto nos olhos.

— Depois desse último encontro com você, Matt Corey se transferiu para lá e durante toda a sua vida trabalhou na construção civil.

O velho se alegrou instintivamente.

— Era muito bom. Nasceu para isso. Na sua idade, já entendia mais do que muita gente que estudou.

Havia afeição e lamento no rosto de Ben Shepard. Mas Russell sentia a angústia tensionar o seu. Tomou cuidado para que aquilo que iria dizer parecesse uma constatação piedosa e não um insulto.

— Matt era uma pessoa muito doente, Ben. E depois do que aconteceu, a solidão em que viveu todo aquele tempo só fez piorar a desordem mental em que mergulhou.

Enquanto trabalhava, instalou bombas em vários dos prédios que ajudou a construir.

Nova York está cheia delas. Seis meses depois de sua morte, começaram a explodir.

O rosto do velho ficou bruscamente lívido. Russell lhe deu um tempo para metabolizar a notícia. Por fim, tentou lhe passar toda a convicção de que dispunha.

— Se não encontrarmos o filho de Matt Corey, as explosões vão continuar.

Ben Shepard colocou a xícara na mesinha a seu lado, depois se levantou e foi até a janela. Ficou de costas olhando além das vidraças e ouvindo. Talvez o canto dos pássaros, talvez as batidas de seu próprio coração, talvez o vento entre as árvores. Ou ainda alguma coisa que não vinha de fora, mas de dentro. Talvez as

palavras trocadas entre ele e Matt Corey muitos e muitos anos atrás ressoassem em sua mente lúcida.

Russell achou conveniente esclarecer qual era o seu papel naquela história.

— Eu vim aqui porque estou trabalhando em colaboração com a polícia de Nova York. Obtive esse privilégio porque fui eu quem forneci elementos para a solução das investigações. Se falar comigo, tem a minha palavra de honra de que só direi o estritamente necessário para deter os atentados, sem envolver você.

Ainda as costas e o silêncio. Russell sublinhou a gravidade da situação com números.

— Mais de cem pessoas morreram, Ben. E outras vão morrer. Não sei dizer quantas, mas a próxima vez pode ser que seja uma massacre ainda maior.

O velho começou a falar sem se virar.

— Quando o conheci, Matt estava num reformatório no norte, na fronteira do estado.

Ganhei uma concorrência para uma reforma da instituição. Quando chegamos e começamos a montar os andaimes, os outros rapazes olhavam para nós com desconfiança.

Alguns sacaneavam. Ele, ao contrário, se interessou pelo trabalho que via crescer diante de seus olhos a cada dia. Fazia perguntas, queria saber o que estávamos fazendo e como.

Finalmente, eu me convenci e pedi ao diretor que o deixasse trabalhar conosco. Depois de hesitar um pouco, o diretor consentiu, avisando que se tratava de um garoto difícil. Tinha nas costas uma história familiar de causar arrepios em qualquer um.

Russell percebeu que Ben estava revivendo um momento importante de sua vida. Sem saber por que, estava certo de ser a primeira pessoa que tinha acesso àquelas informações e àquelas emoções.

— Afeiçoei-me ao garoto. Era caladão e sombrio, mas aprendia muito depressa.

Quando saiu do reformatório, convidei-o para trabalhar comigo de forma estável. E lhe ofereci aquele quarto no barracão.

Seus olhos brilhavam quando entrou ali pela primeira vez. Era o primeiro lugar realmente dele desde que chegara ao mundo.

O velho se afastou da janela e voltou a se sentar diante de Russell.

— Pouco a pouco, Matt se transformou no filho que nunca tive. E no meu braço direito. Foram os operários que lhe botaram o apelido de Little Boss, pelo modo como dirigia os trabalhos na minha ausência. Se tivesse ficado, eu passaria a empresa para ele em vez de vendê-la para aquele babaca que a comprou. Mas um dia ele me disse que partiria como voluntário para o Vietnã.

— Voluntário? Não sabia disso.

— Essa é a parte nojenta da história. Uma daquelas que fazem você ter vergonha de ser um homem.

Russell ficou em silêncio e à espera. Seu interlocutor resolveu compartilhar com ele uma taça de fel que durante aquele tempo todo não conseguiu engolir sozinho.

— Um dia fomos contratados para fazer uma ampliação da casa do juiz do condado.

Herbert Lewis Swanson, Deus o amaldiçoe onde ele estiver. Foi então que Matt conheceu Karen, a filha do juiz. Estava presente na primeira vez em que se encontraram. Logo percebi que alguma coisa estava acontecendo. E logo vi que essa coisa só podia significar encrenca.

O velho sorriu à lembrança daquele amor. Russell imaginou o mesmo sorriso de ternura no rosto do frade que sabia da história de Romeu e Julieta.

— Começaram a se encontrar às escondidas. Talvez esses tenham sido os únicos momentos realmente felizes da vida de Matt Corey. Às vezes, gosto de me iludir pensando que aqueles que passou comigo também o foram.

— Tenho certeza que sim.

O velho fez um gesto com os ombros que tornava o passado absolutamente inútil, pois trazia apenas a fragilidade do presente.

— Em todo caso, de pouco adiantou. Chillicothe é uma cidade pequena e se esconder é muito difícil. Cedo ou tarde todos ficam

sabendo de tudo. E o juiz ficou sabendo que sua única filha estava saindo com um rapaz. Em seguida, descobriu quem era o tal rapaz.

A vida de Karen já estava programada. Era bonita, rica e inteligente. Um sujeito como Matt não entrava nos planos de seu pai, que era um homem muito, muito poderoso naquela época. Tinha nas mãos praticamente toda a cidade.

Ben tomou mais um gole do café. Parecia relutar em transformar as lembranças em palavras, como se isso significasse ser ferido de novo.

— Naquela época, aconteceu um duplo homicídio no rio. Um casal de hippies que estava acampando foi encontrado assassinado. Todos os dois a facadas. O culpado e a arma do crime nunca foram encontrados. O xerife naquele tempo era um tal de Duane Westlake e seu ajudante, Will Farland. Estavam de mãos e pés atados a Swanson, que os comprou com privilégios e dinheiro. Duas noites depois da descoberta dos cadáveres, os dois apareceram no quarto de Matt com um mandado de busca assinado pelo próprio juiz. Disseram que encontraram maconha entre suas coisas e um grande facão de caça, que poderia ser a arma do crime. Matt me disse depois que foi obrigado à força a colocar suas impressões digitais no cabo do facão.

A voz do velho estava cheia de ódio, aquele que impede que as feridas cicatrizem.

— Tenho certeza de que Matt nunca vendeu um grama daquela droga a quem quer que fosse. E nunca teve um facão.

Russell não tinha motivos para isso, mas partilhava daquela confiança.

— Foi arrastado para a prisão e lhe contaram todas as coisas desagradáveis que teria de enfrentar. Uma acusação de consumo e tráfico de entorpecentes e outra, bem mais grave, de homicídio. Quem colocou a droga no quarto de Matt foram eles. Quanto ao facão, não consigo acreditar que aqueles dois mataram os hippies de propósito. Mas o xerife foi a primeira pessoa a chegar ao local do crime e dar sumiço na arma, deve ter sido uma brincadeira de criança para alguém como ele. Além do mais, como Matt morava comigo, os dois filhos da puta disseram que conseguiriam me

envolver na história sob a acusação de cumplicidade e favorecimento. E como alternativa para o processo e a prisão, fizeram uma oferta: partir como voluntário para o Vietnã.

Ben acabou seu café.

— E ele aceitou. O resto você já sabe.

— Uma história velha como o mundo.

Ben Shepard olhou para ele com seus olhos azuis, nos quais havia naquele momento uma sofrida rendição.

— O mundo ainda é muito jovem para fazer com que histórias como essa não se repitam mais.

Russell tinha a impressão de ter entrado com sapatos pesados num local onde deveria andar na ponta dos pés. Mas precisava prosseguir a qualquer custo. Por muitos motivos.

E cada um deles tinha o rosto de um ser humano.

— E Karen? — Ficou incrédula diante dessa decisão. Depois a incredulidade se transformou em desespero. Mas uma das exigências do xerife era o silêncio. Com ela e comigo.

Sem perguntar nada, o anfitrião lhe serviu um outro café na xícara vazia.

— Depois de um período de treinamento em Fort Polk, na Louisiana, voltou para casa escondido durante o período de licença que o exército concedia a todos os que estavam para embarcar para o Vietnã. Viveu um mês praticamente fechado no barracão, esperando que ela viesse. Passavam todo o tempo possível naquele quarto e espero que cada um daqueles minutos tenha durado anos, embora saiba que em geral não é assim. Um mês e meio depois de sua partida, Karen veio me avisar que estava grávida. E escreveu para ele também. Não tivemos tempo de receber nenhuma resposta, pois logo em seguida chegou a notícia de sua morte.

— E o que foi feito dela? — Karen era uma mulher de fibra. Quando seu pai descobriu que estava grávida, tentou convencê-la de todas as maneiras a abortar. Mas ela resistiu, ameaçando revelar a todo o mundo quem era o pai da criança e que o juiz a aconselhara a fazer um aborto.

Sua posição política não suportaria aquilo e aquele desgraçado escolheu o mal menor: o escândalo de ter uma filha

mãe solteira.

— Mas Matt voltou.

— Voltou. No estado em que você sabe.

Durante alguns instantes, Russell viu as imagens daquele encontro passarem pelos olhos de Ben. E toda a dor e todo o afeto que sentiu por aquele rapaz desventurado.

— Quando o vi e quando o reconheci, senti uma pena por dentro que levou anos para passar. Aquele garoto deve ter sofrido de uma forma horrenda coisas que não é justo que um ser humano experimente.

Ben tirou um lenço do bolso do velho cardigã e passou nos cantos dos lábios. Sem perceber, usou quase as mesmas palavras que disse a Matt na noite em que o encontrou diante do barracão.

— Por culpa daquilo em que se transformou, não quis revelar a Karen que ainda estava vivo. Tive que jurar que eu também não contaria.

— E depois? — Pediu para ficar algumas horas no barracão, porque precisava fazer uma coisa.

Assim que terminasse, voltaria para pegar o gato e iria embora. Vi quando saiu a pé em direção à cidade. Foi a última vez que o vi.

Uma nova pausa. Russell sabia que estava prestes a revelar uma coisa importante.

— No dia seguinte, os cadáveres de Duane Westlake e de Will Farland foram retirados dos escombros carbonizados da casa do xerife. Espero que continuem a queimar no inferno.

Havia nos olhos de Ben Shepard um desafio aberto contra qualquer um que não fosse capaz de compartilhar aquele sentimento. Depois de terem chegado até aquele ponto, Russell perdeu qualquer vestígio de lucidez de julgamento. Só queria saber.

O velho construtor reclinou-se no encosto de sua poltrona.

— Cerca de dez anos depois, o juiz Swanson morreu e foi encontrar seus digníssimos comparsas.

Relaxou e concedeu-se alguns instantes para saborear aquela hipótese, que para ele parecia ser uma certeza.

— E o que houve com o menino? — Quando era pequeno, Karen vinha aqui de vez em quando para que o visse. Depois nos perdemos de vista, não sei se por culpa minha ou dela.

Russell entendeu que, por honestidade, tinha aceitado parte de uma responsabilidade que na verdade não julgava ter.

— E depois, o que aconteceu? — Passei por alguns problemas financeiros a certa altura da vida. Para resolvê-los, entreguei a empresa a um diretor e fiquei três anos trabalhando numa plataforma de petróleo como especialista em explosivos. Quando voltei, soube que Karen tinha vendido tudo e partido. Nunca mais a vi.

Russell sentiu a decepção queimar sua garganta mais que a fumaça de mil cigarros.

— Não sabe para onde ela foi? — Não. Se soubesse, diria.

O velho ficou alguns segundos fazendo um balanço pessoal.

— Já entendi a importância de encontrar a pessoa que está procurando. E já tenho remorsos suficientes para acrescentar mais este.

Russell olhou além da janela. Pensou que, em todo caso, era uma pista. Não seria difícil para a polícia encontrar o rastro de Karen Swanson e, conseqüentemente, também não seria difícil achar o filho dela. O que faltava era tempo. Se estava certo, a próxima explosão ocorreria durante a noite. E haveria novas imagens como aquelas que a televisão e os jornais mostraram na cena dos atentados. Voltou a olhar para Ben, que entendeu seu desconforto e esperava pelo fim daquela reflexão antes de intervir.

— Russell, tem uma coisa que gostaria de lhe dizer, mas é uma pista tão vaga, que talvez não valha a pena levá-la em consideração.

— Em casos como esse, tudo deve ser levado em consideração.

O velho olhou as mãos marcadas pela idade por alguns segundos. Na palma, viam-se todas as linhas de sua vida e a consciência de cada uma delas.

— Meu primo dirigiu o Wonder Theatre, aqui de Chillicothe, durante anos. Uma coisa modesta, em sua maior parte espetáculos

locais, shows de pequenos grupos e de cantores semidesconhecidos. E alguma companhia em turnê que trazia de vez em quando um sopro de novidade e uma ilusão de cultura.

Russell aguardou, esperando que sua intuição se mostrasse verdadeira.

— Um dia, muitos anos depois da partida de Karen e de seu filho, chegou à cidade um espetáculo de variedades. Mágicos, cômicos, acrobatas e coisas do gênero. Meu primo é capaz de jurar que Manuel Swanson estava entre os artistas. Repito, muitos anos tinham se passado, ele usava um nome artístico, mas essa foi a impressão de meu primo. E disse que apostaria uma discreta quantia nisso. Disse também que chegou a lhe perguntar se já tinham se encontrado antes. A resposta foi negativa, que era a primeira vez que vinha a Chillicothe na vida.

Russell levantou-se, alisando as calças de nervoso.

— Já é alguma coisa, mas exige uma longa investigação. Temo que a gente não tenha todo esse tempo.

— Uma foto do sujeito poderia ajudar? Ao ouvir aquelas palavras, Russell virou-se bruscamente e olhou para ele.

— Com certeza seria a melhor coisa para ter à mão.

— Espere.

Ben Shepard levantou-se da poltrona e foi pegar o telefone sem fio que estava sobre um móvel. Digitou um número e esperou a resposta.

— Alô, Homer? É Ben.

Alguns segundos para ouvir. Alguma preocupação do outro lado.

— Não, fique tranquilo. Estarei no boliche hoje à noite. Liguei para outra coisa.

Esperou que a pessoa do outro lado da linha se acalmasse.

— Homer, lembra-se da história que me contou sobre o jovem Swanson e aquela companhia? Russell não estava conseguindo entender, mas esperou a sequência.

— Não guardou algum material deles no meio de sua papelada? A resposta foi breve, pois Ben replicou imediatamente.

— Ótimo. Vou mandar uma pessoa aí e, por favor, faça o que ele lhe pedir. Seu nome é Russell Wade. Se não confiar nele, pode confiar em mim.

Talvez tenham acontecido alguns protestos e pedidos de explicações, mas Ben Shepard cortou bruscamente.

— Faça o que estou pedindo e basta. Tchau, Homer.

Cortou a comunicação e virou-se para Russell.

— Meu primo conservou durante todos esses anos um exemplar dos cartazes de cada artista que se exibiu em seu teatro. Uma espécie de coleção. Acho que pretende escrever um livro, algum dia. Entre eles, está também o da pessoa que está procurando.

Pegou um bloco e uma esferográfica que estavam ao lado do telefone e escreveu um nome e um endereço, estendendo a folha para Russell.

— Aí está o endereço. Não há mais nada que eu possa fazer.

Russell seguiu seu instinto. Pegou a folha e logo em seguida abraçou Ben Shepard. A sinceridade e a emoção daquele gesto diluíram a surpresa. Russell esperava que diluíssem também a tristeza quando ficasse sozinho novamente.

— Preciso ir, Ben. Não tem ideia de quanto lhe sou grato.

— Na verdade, sei das duas coisas. E sei também que você é uma excelente pessoa.

Muita sorte naquilo que procura, em todos os sentidos.

Ben Shepard tinha os olhos outra vez úmidos, mas seu aperto de mão foi firme e enxuto. E transformou-se imediatamente numa lembrança para se guardar através dos anos. Pouco depois, enquanto ajustava o endereço dado por Ben no navegador, perguntou-se se seria capaz de administrar sozinho as informações que reuniu. Precisava de uma capacidade investigativa de que só a polícia dispunha. Portanto, tinha de voltar para Nova York o mais rápido possível, assim que pegasse o material que estava com Homer. Enquanto dava partida no carro e se dirigia para a cidade, não conseguia decidir se a excitação que sentia vinha da descoberta que acabara de fazer ou da ideia de que logo encontraria Vivien novamente.

34

PELA JANELA DA CLÍNICA, VIVIEN VIU o Sol despontar e subir pouco a pouco, anunciando um novo dia. Mas não para Greta. Para ela, não haveria mais alvoradas ou crepúsculos, até o dia de uma ressurreição em que sempre tivera tanta dificuldade de acreditar. Encostou a testa na vidraça e sentiu na pele o frio úmido da superfície. Fechou os olhos sonhando em despertar num tempo e num lugar onde nada daquilo tivesse acontecido, e ela e a irmã fossem meninas e felizes como só as crianças sabem ser. Pouco antes, enquanto segurava a mão de Greta e ouvia o bip-bip-bip do monitor ficar cada vez mais lento até se transformar numa linha verde e reta que chegava do nada e levava ao nada, reviveu num segundo as imagens dos momentos que passaram juntas como costuma acontecer apenas com as pessoas que estão à beira da morte.

E embora no passado estivesse convencida de que aquele era um privilégio reservado aos moribundos para que tivessem consciência da duração de suas vidas, naquele caso particular achava que a vida tinha sido absurdamente curta. Talvez porque fosse ela quem estava sobrando e tudo parecesse frágil e inútil, com aquele vazio da ausência que não sabia por quanto tempo faria parte dela mesma.

Aproximou-se da cama e apoiou os lábios na testa de Greta. A pele era lisa e macia e as lágrimas de Vivien deslizaram pela têmpora, caindo no travesseiro. Estendeu a mão e apertou o botão ao lado da cabeceira da cama. Ouviu o barulho de uma campainha. A porta se abriu e uma enfermeira apareceu.

Com uma rápida olhada no monitor, a mulher se deu conta da situação. Pegou o telefone interno no bolso e enviou uma mensagem.

— Doutor, pode vir ao quarto 28, por favor? Pouco depois, o dr. Savine entrou no quarto, precedido pelo som de seus passos

rápidos no corredor. Era um homem de meia-idade e estatura mediana, com a testa alongada pela calvície, ar competente e uma conduta paciente, de quem é cômico de sua profissão. Aproximou-se do leito, tirando o estetoscópio do bolsinho do jaleco, afastou o lençol e apoiou o instrumento no peito magro de Greta. Um segundo para entender e outro para se virar para Vivien com uma expressão que compreendia todas as situações iguais àquela que já tinha vivido em sua carreira médica.

— Sinto muito, srta. Light.

A voz e as palavras não eram simples formalidade. Vivien sabia que o pessoal e os médicos da Mariposa dedicavam uma atenção especial àquele caso. E a impotência deles diante da progressão da doença foi acompanhada dia após dia por um sentimento de derrota que compartilhavam com ela. Virou-se de costas para não ver o lençol cobrindo o rosto de Greta.

A dor e o cansaço fizeram sua cabeça girar. Vacilou e se apoiou na parede para não cair. O dr. Savine chegou imediatamente para ampará-la, acompanhando-a até uma poltroninha em frente ao leito. Pegou seu pulso e Vivien sentiu os dedos experientes buscando os batimentos.

— A senhorita está exausta. Não seria o caso de repousar um pouco? — Gostaria muito, doutor, mas não posso. Não agora.

— Se bem me lembro, é da polícia, não? Vivien ergueu para o médico um rosto em que se lia cansaço e urgência.

— Sou. E preciso voltar para Nova York a qualquer custo. É uma questão de vida ou morte.

— Bem, não há mais nada que possa fazer por aqui. Se tem fé, uma prece chega a seu destino venha de onde vier. E caso ainda não tenha providenciado, a clínica pode fornecer o nome de algumas agências funerárias muito competentes e discretas. Eles tratam de tudo.

Savine virou para a enfermeira.

— Meg, pode preparar os documentos para o atestado de óbito. Passarei para assinar em um minuto.

Assim que ficaram sozinhos, Vivien levantou-se da poltrona, sentindo as pernas rígidas.

— Doutor, tenho um dia terrível pela frente. E não posso dormir.

Fez uma pausa para vencer a timidez.

— Não é comum alguém da polícia fazer esse tipo de pedido, mas preciso de alguma coisa que me mantenha acordada.

O médico deu um estranho sorriso de compreensão.

— É uma armadilha? Vou acabar algemado? Vivien sacudiu a cabeça.

— Não. Só nas minhas preces de agradecimento.

Savine pensou um instante.

— Espere um momento.

Saiu pela porta, deixando Vivien sozinha. Alguns instantes depois, voltou com uma caixinha de plástico branco. Sacudiu para mostrar que havia uma pílula ali dentro.

— Aqui está. Em caso de necessidade, tome esse comprimido. Mas, atenção, não pode consumir bebidas alcoólicas.

— Não se preocupe. Obrigada, doutor.

— Boa sorte, senhorita. E mais uma vez, meus pêsames.

Vivien ficou sozinha. Tentou se convencer de que sua irmã não estava mais naquele quarto, que o corpo estendido sob o lençol era somente o invólucro que conteve durante aqueles anos todos a sua bela alma, um recipiente vazio emprestado que, por isso mesmo, seria devolvido à terra. Apesar disso, não conseguiu deixar de dar um último beijo e um último olhar em Greta.

No tampo da mesinha de cabeceira havia uma garrafinha de água pela metade. Abriu a caixinha que o médico lhe deu e jogou o comprimido diretamente na língua. Engoliu com um pouco d'água e teve a impressão de que tinha gosto de lágrimas. Em seguida, afastou-se do leito, pegou a jaqueta do cabide e saiu do quarto.

Percorreu o corredor com os olhos queimando. Entrou no elevador e deslizou sem solavancos ou rumores até o hall e o balcão da recepção com duas jovens atendentes uniformizadas. Foi até lá e em poucos minutos entrou em contato com uma agência cujo número de telefone tinha sido fornecido por uma das moças e deu as instruções para a preparação do corpo de Greta.

Depois olhou ao redor, aquele local onde não tinha mais nada a fazer e onde, sobretudo, não podia fazer mais nada. Quando levaram Greta para lá, apreciou a elegância e a sobriedade da Mariposa. Agora se transformara num lugar onde às vezes as pessoas não ficam curadas.

Saiu para o ar livre e para o carro que estava no estacionamento. Era cedo demais para que a pílula apresentasse algum resultado, e talvez fosse apenas um efeito placebo, mas sentia o cansaço desaparecer e seu corpo se liberar pouco a pouco das partículas de chumbo que tinha acumulado.

Entrou no carro e ligou o motor, apontando a frente para a saída. Enquanto saía da cidade com a permissão do trânsito, dirigindo-se para a Palisades Parkway, que a levaria para fora de Nova Jersey, rememorou todos os acontecimentos que a levaram àquele ponto das investigações e da vida.



No dia anterior, quando padre McKean lhe contara seu segredo, contrariando uma das regras mais férreas de seu ministério, sentiu-se ao mesmo tempo preocupada e excitada. Por um lado, havia a responsabilidade em relação às pessoas inocentes cujas vidas poderiam estar em perigo — exatamente o mesmo sentimento que convenceu o sacerdote a falar com ela. Por outro lado, havia o desejo de evitar que ele experimentasse as consequências de uma decisão que certamente foi muito sofrida.

A obra de Michael McKean era importante demais. Os jovens dos quais cuidava o adoravam e era necessário, para eles e para todos os que ainda chegariam à Joy, que o encontrassem ali à sua espera.

Depois do almoço com os jovens, durante o qual riu e brincou com uma Sundance que parecia completamente renovada, no corpo e no espírito, recebeu o telefonema da clínica. O dr. Savine, com toda a delicadeza que a mensagem pressupunha, informou que o estado de Greta estava piorando e que eles esperavam o pior a qualquer momento. Voltou à mesa, tentando não transmitir a

sensação de angústia que sentia por dentro, mas não conseguiu enganar os olhos atentos e a sensibilidade de Sundance.

— O que houve, Vunny? Tem alguma coisa errada? — Nada, querida. Problemas no trabalho. Sabe como são esses mequetrefes, fazem tudo o que podem para escapar.

Usou a palavra mequetrefes de propósito, pois era um termo que a divertia quando era pequena.

Porém, apesar da tentativa de minimizar as coisas, não conseguiu deixá-la totalmente convencida.

Continuou a lançar olhares apreensivos à sua expressão e a seus olhos úmidos durante toda a refeição.

Antes de ir, afastou-se com padre McKean. Avisou sobre a piora do estado da mãe de Sundance e disse que iria para a clínica, em Cresskill, assim que saísse dali. Combinaram que, naquela mesma tarde, ele afixaria um cartaz anunciando uma confissão extraordinária na quinta-feira e que se apresentaria no confessionário logo depois do almoço. Quanto à sexta-feira, dia em que o sacerdote ouvia confissões na igreja de São João Batista, em Manhattan, ficaram de conversar de novo e elaborar um plano de ação com base nos horários previstos.

Durante a viagem, Vivien enfrentou a prova mais dura. Precisava falar com Bellew e obter muito sem revelar nada. Esperou que o apreço que seu superior tinha por ela fosse grande o suficiente para que lhe concedesse o que pediria em confiança.

O capitão respondeu ao segundo toque, com uma voz cansada.

— Bellew.

— Oi, Alan, é Vivien.

— Esteve em Williamsburg? Franco e direto como sempre. Com o acréscimo de uma ansiedade que não precisava de muita coisa para se transformar em neurose.

— Estive. Mas não consegui absolutamente nada no apartamento. O nosso suposto Wendell Johnson realmente viveu como um fantasma, dentro e fora de casa.

Um silêncio que valia como uma imprecação. Vivien continuou.

— Mas tenho uma novidade que chegou de outra parte. Grande e determinante, se tivermos sorte.

— Ou seja? — Temos a possibilidade de pôr as mãos no homem que está explodindo as bombas.

Uma voz incrédula soou aos seus ouvidos.

— É mesmo, de verdade? Como conseguiu? — Alan, vai precisar confiar em mim. Não posso dizer mais nada.

O capitão mudou o tom da conversa. Vivien o conhecia bem. Sabia que aquela manobra era para fugir do assunto e ganhar tempo para pensar.

— Wade continua com você? Se esperava ouvir a saudação de Russell no viva-voz, a resposta de Vivien certamente o surpreendeu.

— Não, resolveu desistir.

— Tem certeza de que ele não vai falar nada? — Tenho.

Não tenho certeza de mais nada a respeito daquele homem. E o pior é que ele não tem mais certeza a meu respeito... Mas não era o momento de falar e menos ainda de pensar naquilo. O capitão aceitou o abandono como um bom sinal. E diante da possibilidade daquela prisão, voltou a se animar, com as pilhas recarregadas.

— O que devo fazer, então? Ou melhor, o que você vai fazer? — Ponha a polícia do Bronx de prontidão. Precisam estar prontos para sintonizar um comprimento de onda cifrado a partir das duas da tarde de amanhã e obedecer às minhas orientações.

Em troca, teve um resposta sem alternativas.

— Sabe que um pedido desse tipo é um bilhete só de ida, não sabe? O chefe está mais grudado em mim que uma ostra num rochedo. Se a polícia entrar em ação e não conseguir resultados, terei que dar explicações extremamente embaraçosas. E nesse caso, nossas cabeças vão rolar. Com certeza.

— Sei disso. Mas é o único caminho que temos. A única esperança em que podemos nos agarrar para tentar detê-lo.

— Está bem. Espero que saiba o que está fazendo.

— Eu também espero. Obrigada, Alan.

O capitão desligou e ela ficou sozinha, viajando em direção a um adeus.



Exatamente como agora, enquanto estava voltando para Nova York com uma presença dentro do carro que pouco a pouco se dissiparia no ar, mas não na memória.

Atravessou a George Washington Bridge e seguiu até pegar a Webster Avenue à esquerda, na direção de Laconia Street, onde ficava a sede do 47º Distrito. Seguiu até encontrar o número 4111 e estacionou o carro na frente do prédio, entre os carros de serviço, com agentes sentados à espera. Assim que saltou do Volvo, a porta de vidro se abriu e o capitão saiu em companhia de uma pessoa à paisana que ela não conhecia.

Combinou de se encontrar com Bellew ali na noite anterior, quando ligou para ele antes de desativar... O telefone, cacete! Desativara o celular logo que chegou à clínica, para evitar que quebrasse o silêncio do lugar. Sabia que não haveria nenhuma ligação importante durante a noite. Se alguma coisa ia acontecer, seria no dia seguinte. Queria ficar com sua irmã, sozinha e isolada do resto do mundo, durante aquela que afinal revelou ser a última noite que passaram juntas.

Depois, abalada pela morte de Greta, esquecera completamente de reativá-lo quando partiu para Cresskill. Remexeu os bolsos da jaqueta, pegou o aparelho e o religou com dedos frenéticos, esperando que ninguém tivesse chamado naquele espaço de tempo. A esperança durou pouco. Assim que o celular entrou em rede, chegaram várias mensagens de ligações perdidas.

Russell.

Depois, agora não tenho tempo.

Sundance.

Depois, meu anjo, agora não sei o que dizer e nem como dizer.

Bellew.

Santo Cristo, por que não liguei essa porcaria de telefone? Padre McKean Maldição, maldição, maldição.

Verificou a hora da ligação e viu que foi feita ao meio-dia. Olhou o relógio. Duas e quinze. Ignorava o motivo daquele

telefonema, mas não podia retornar a ligação naquela hora, pois padre Michael certamente já estava no confessionário. Se o telefone tivesse tocado, podia ser motivo de mal-estar para um penitente qualquer ou de suspeita para o homem que estavam caçando, se por um acaso do destino estivesse lá.

Nesse meio-tempo, Bellew e o outro homem já estavam a seu lado no estacionamento.

Era um homem robusto, mas seu andar mostrava que era forte e ágil, apesar de não ter um porte atlético.

— Onde você se meteu, Vivien? O capitão viu a expressão de seu rosto e seu tom mudou completamente.

— Desculpe-me. Como está sua irmã? Vivien ficou em silêncio, esperando que o comprimido do dr. Savine a ajudasse a reprimir as lágrimas, além de mantê-la acordada. As palavras não ditas foram mais claras que qualquer discurso.

Bellew pôs a mão em seu ombro.

— Sinto muito, de verdade.

Vivien despertou. Percebeu o constrangimento do outro homem. Ele entendeu que alguma coisa de ruim tinha acontecido. Uma coisa que podia quantificar, mas diante da qual não sabia como reagir. A detetive interrompeu o mal-estar estendendo a mão.

— Detetive Vivien Light. Obrigada pela ajuda.

— Sou o comissário de polícia William Codner. Prazer, espero que... Vivien jamais saberia o que Codner esperava, pois o telefone que ainda estava em sua mão começou a tocar. A tela se iluminou e surgiu o nome de padre McKean. Vivien sentiu uma onda de calor partir de seu estômago e se espalhar pelo corpo inteiro. Atendeu imediatamente, cobrindo o microfone do celular com o dedo, para que nenhum som chegasse ao outro lado.

Levantou o rosto para os dois homens que estavam com ela.

— Pegamos.

O comissário fez um gesto com a mão e os carros partiram. Uma viatura veio até eles.

Vivien sentou-se no banco da frente. Bellew e Codner sentaram-se atrás.

— Rapazes, o jogo começou. A bola está com você, Vivien.

— Um instante.

Uma voz que não conhecia, calma e profunda.

— ... e como pode ver, as promessas foram mantidas.

Em seguida, a resposta de padre McKean.

— Mas a que preço! Quantas vidas custou essa loucura?

Vivien afastou um pouco o telefone do ouvido. Tirou o receptor-transmissor do seu suporte no rádio e deu instruções aos carros na escuta.

— A todos os carros. Detetive Light falando. Convergir para a zona de Country Club.

Isolem o quarteirão entre Tremont, Barkley, Logan e Bruckner Boulevard. Quero um cordão de carros e agentes capaz de controlar todos os que saírem da área, a pé ou de carro.

— Loucura? Alguém chamou de loucura as Pragas do Egito? Alguém chamou de loucura o Dilúvio Universal? Vivien sentiu como se uma mão apertasse seu peito e as batidas de seu coração acelerarem. Aquele homem estava mesmo louco. Louco furioso. Ouviu a voz do sacerdote, cheia de compaixão, tentando passar um pouco de razão a alguém que não tinha condições de recebê-la.

— Mas depois veio Jesus e o mundo mudou. Aprendeu o perdão.

— Jesus fracassou. Vocês pregaram sua palavra, mas não o escutaram. Vocês o mataram... A voz abandonou seu tom baixo para se tornar ligeiramente estridente. Vivien tentou imaginar o rosto daquele homem na penumbra do confessionário que, para os outros, significava expiação e perdão dos pecados e que para ele era apenas o local onde podia divulgar seus anúncios solenes de morte.

— Foi por isso que resolveu vestir essa jaqueta verde? Por isso resolveu matar tantos inocentes? Por vingança? Vivien compreendeu que padre McKean estava lhe passando uma indicação, a confirmação da descrição do homem. E, ao rebater as afirmações, estava lhe dando tempo para chegar. Levou o microfone à boca novamente e falou com os agentes na escuta.

— O suspeito é um sujeito de raça branca, alto, cabelos escuros. Está usando uma jaqueta verde de tipo militar. Pode estar

armado e é perigoso. Repito: pode estar armado e é muito perigoso.

O homem confirmou a exatidão daquela descrição com as palavras que se seguiram, murmuradas com o rancor do ódio e pronunciadas como uma condenação.

— A vingança e a justiça coincidem nesse caso. E as vidas humanas não valem nada para mim, como nunca valeram nada para vocês.

Mais uma vez a voz de Michael McKean.

— Não sente a santidade desse lugar? Não encontra aquela paz que está buscando pelo menos aqui, na igreja dedicada a São João Batista, o homem que, em sua modéstia, declarou-se indigno de batizar o Cristo? Vivien sentiu as forças lhe faltarem. São João Batista? Era esse o motivo do telefonema do sacerdote. Queria avisá-la de que, por alguma razão, não estava em Saint Benedict, mas tinha antecipado em um dia a sua visita semanal à igreja de São João Batista.

Gritou para o teto do carro a sua derrota.

— Não está lá. Não está lá, maldito! Ouviu a voz alarmada de Bellew chegar às suas costas.

— O que está dizendo, o que houve? Pediu com um gesto que se calasse.

— A santidade está no fim. Por isso, não descansarei no domingo. E da próxima vez as estrelas desaparecerão e todos aqueles que estão embaixo delas.

— O que significa isso? Não entendi.

De novo a voz, segura de si, baixa e ameaçadora.

— Não precisa entender. Basta esperar.

Uma pausa na qual Vivien viu outras pessoas morrerem, ouviu seus gritos no estrondo da explosão, suas vidas ardendo no fogo que as recebia em seguida. E sentiu-se morrer com elas.

A voz continuou a expor a sua insana ameaça.

— Este é o meu poder. Este é o meu dever. Este é o meu querer.

Mais uma pausa. Depois o delírio.

— Eu sou Deus.

Vivien estendeu a mão para o rádio e mudou a frequência, transferindo-a para aquela que a polícia de Manhattan usava habitualmente.

— A todos os carros na escuta. Detetive Vivien Light, do 13º Distrito, falando.

Dirijam-se a toda velocidade para o Fashion District, em torno do quarteirão entre as Ruas 31 e 32 e a Sétima e Oitava Avenidas. O procurado é um sujeito de raça branca, alto, cabelos escuros. Usa uma jaqueta verde militar. Pode estar armado e ser muito perigoso.

Aguardo na escuta.

Do celular chegou a voz baixa do reverendo McKean.

— Vivien, está aí? — Estou.

— Ele foi embora.

— Obrigada. Você foi ótimo. Ligo depois.

Vivien desabou no encosto. Fez um gesto desencorajado para o motorista.

— Pode parar. Não temos mais pressa.

Enquanto o motorista encostava à direita, o capitão se enfiou entre os bancos da frente para encarar Vivien. E para que Vivien o visse olho no olho.

— O que houve? Quem era ao telefone? Vivien virou para olhar para ele.

— Não posso dizer. A única coisa que posso dizer agora é que temos que aguardar. E torcer.

Bellew voltou a sentar-se. Entendeu que alguma coisa dera errado, mas não exatamente o quê. Vivien sabia como seu superior estava se sentindo naquele momento, pois não podia ser muito diferente do que ela também sentia. No carro, ninguém tinha coragem de falar. Passaram-se alguns minutos nos quais o tempo e o silêncio tinham a mesma espessura viscosa.

Pouco depois, uma voz chegou pelo rádio.

— Aqui é o agente Mantin do Midtown South. Pegamos um elemento que corresponde à descrição. Usa uma jaqueta verde de tipo militar.

Vivien sentiu o alívio chegar como uma onda e apagar qualquer tipo de chama.

— Grande, rapazes. Onde vocês estão? — Na 31, esquina com a Sétima.

— Levem o suspeito para o distrito de vocês. Estamos chegando.

Vivien fez um gesto para o motorista que partiu, afastando o carro da calçada. Uma mão que vinha de trás pousou no ombro de Vivien.

— Ótimo trabalho, moça.

Aquele cumprimento só teve valor até o minuto seguinte. Outra voz chegou pelo rádio trazendo confusão e desespero para dentro do carro.

— Aqui viatura 31, do Midtown South. Agente Jeff Cantoni. A gente também encontrou um sujeito que corresponde à descrição.

Não tiveram nem tempo de perguntar o que estava acontecendo quando uma terceira voz se fez ouvir.

— Aqui agente Webber, na Sexta Avenida, esquina com a Rua 32. Temos uma passeata de veteranos. Deve ter uns dois mil homens usando jaqueta militar verde.

Vivien fechou os olhos e cobriu o rosto com as mãos. Refugiou-se numa escuridão que dava a impressão de que o sol nunca mais surgiria. Só se permitiu chorar quando essa escuridão e ela se transformaram numa coisa só.

35

VIVIEN SAIU DO ELEVADOR E PERCORREU lentamente o corredor.

Quando chegou diante da porta, pegou a chave no bolso e a enfiou na fechadura.

Assim que deu a primeira volta, a porta em frente se abriu e Judith apareceu na soleira.

Segurava um de seus gatos, malhado de branco e ferrugem, no braço.

— Olá, finalmente voltou.

Naquele momento, o humor de Vivien não aceitava a possibilidade de presenças inoportunas.

— Oi, Judith. Desculpe, estou com muita pressa.

— Não quer um café? — Não, agora não. Mas muito obrigada.

A velha olhou para ela por um instante com compaixão e censura.

— Não se pode esperar muita coisa de quem só pensa em gorjeta.

Fechou a porta na cara de Vivien com uma expressão de desprezo. O estalo da fechadura isolou Judith e seus gatos num mundo que só pertencia a eles. Em outra ocasião, as esquisitices da mulher teriam enternecido e divertido Vivien. Mas naquele momento ela não tinha espaço para outros sentimentos que não fossem a raiva, a decepção e o lamento. Por si, por Greta, por Sundance. Pelo padre McKean. Por todas as pessoas que só viveriam até o momento em que aquele louco resolvesse desencadear um novo inferno.

Depois da confirmação definitiva do insucesso, Bellew ficou um longo instante em silêncio, sem coragem de olhar para ela. Ambos sabiam o que ia acontecer. No dia seguinte, a enorme mobilização e o fiasco subsequente estariam na boca de todo o Departamento de Polícia de Nova York e sobretudo do chefe, que,

como o capitão tinha avisado, pediria explicações e talvez demissões.

Vivien estava pronta para entregar distintivo e pistola, caso lhe pedissem. Tentou tudo o que podia, mas nada dera certo. Por culpa do acaso, mas sobretudo por culpa sua, de sua negligência. Por não ter lembrado de religar o maldito telefone a tempo. O fato de que tudo acontecera junto com a morte de sua irmã não era desculpa. Era um membro da polícia e suas exigências e sentimentos pessoais deviam ficar em segundo plano, sobretudo num caso como aquele. Não se mostrou capaz e estava disposta a enfrentar as consequências.

E se mais gente morresse, teria que suportar aquelas consequências para sempre.

Entrou no apartamento daquele homem doente e desesperado que durante anos se automeou Wendell Johnson. Encontrou o mesmo ambiente despojado, a mesma sensação de solidão irremediável. Uma luz acinzentada entrava pela janela e tudo parecia esmaecido, sem vida e sem esperança, ao redor e dentro dela.

Vagou pela casa esperando que ela lhe dissesse algo.

Não sabia direito o que estava procurando, mas sabia que havia alguma coisa inexplorada naquele lugar, uma sugestão que foi sussurrada em seu ouvido, mas que ela não fora capaz de ouvir e decifrar. Só precisava recobrar a tranquilidade e esquecer todo o resto para poder lembrar o que era. Pegou a única cadeira da mesa e levou-a para o centro da cozinha. Sentou-se de pernas abertas, os braços apoiados no tecido áspero do jeans, olhando ao redor.

O telefone no bolso da jaqueta tocou.

Sentiu um desejo instintivo de desligar sem nem olhar de onde vinha a ligação. Depois, com um suspiro, procurou-o com a mão e aceitou a chamada. A voz excitada de Russell Wade chegou a seus ouvidos.

— Vivien, finalmente. É Russell. Consegui encontrá-lo.

A comunicação estava um pouco ruim, e Vivien não pôde ouvir direito.

— Acalme-se. Fale com calma. Encontrou quem? Russell começou a pronunciar bem as palavras. E finalmente Vivien entendeu do que estava falando.

— O cara que se passou por Wendell Johnson durante todos esses anos se chama na verdade Matt Corey. Nasceu em Chillicothe, Ohio. E tinha um filho. Tenho o nome e uma foto.

— Está maluco? Como conseguiu isso? — É uma história complicada de explicar. Onde você está? — No apartamento de Wen... Interrompeu-se. Resolveu conceder o benefício da dúvida a Russell, até prova em contrário.

— No apartamento desse tal de Matt Corey, na Broadway, em Williamsburg. E você? — Aterrissei há quinze minutos no La Guardia. Agora estou na Brooklyn Expressway, descendo em direção ao sul. Estarei aí em dez minutos.

— Está bem. Ande rápido. Vou esperar aqui.

Inacreditável. Tentou se sentar de novo, mas teve a sensação de que em poucos minutos suas pernas começariam a estremecer de nervosismo e ouviria o barulho dos próprios saltos no assoalho.

Levantou-se e deu alguns passos no apartamento que já conhecia de cor e salteado.

Russell chegou sozinho onde ela havia fracassado. Percebeu que não sentia raiva ou inveja dele. Só alívio pelas pessoas inocentes que talvez conseguissem salvar e admiração pelo que ele conseguira fazer. Não se sentia humilhada. E logo em seguida descobriu qual era o motivo disso. Aquele alguém não era um homem qualquer, aquele alguém era Russell.

Um grilo começou a cricrilar em seu ouvido, sem atentar para sua impaciência. Alguém só sente prazer com o sucesso de uma outra pessoa quando a ama. E ela se deu conta de estar perdidamente apaixonada por aquele homem. Tinha certeza de que, cedo ou tarde, conseguiria tirá-lo da cabeça, mas precisaria de muito tempo e muito empenho.

Esperou, com um toque autoirônico, que a busca de um novo trabalho a mantivesse suficientemente ocupada. Passou para o

quarto de dormir, acendeu a luz e pela enésima vez deslizou os olhos por aquela casa sem espelhos e sem quadros nas paredes.

O estalo chegou com a velocidade que somente o pensamento e a luz podem ter.

Sem quadros nas paredes... Quando ainda estava com Richard, seu antigo namorado, aprendeu a conhecer os artistas. Ele era arquiteto, mas era também um pintor discreto. As inúmeras pinturas penduradas nas paredes de sua casa demonstravam isso. Mas evidenciavam também o narcisismo natural que caracteriza os artistas em geral. Às vezes numa medida inversamente proporcional ao próprio talento. Parecia estranho que aquele homem, o tal Matt Corey, tivesse realizado todos aqueles desenhos e conseguisse, com o passar dos anos, escapar à tentação de exibir pelo menos um.

A menos que... Um par de passos e estava diante do balcão encostado à parede. Pegou a grande pasta cinza na prateleira inferior. Abriu-a e folheou rapidamente os desenhos feitos no inusitado suporte de plástico transparente Constelação de Karen, Constelação da Beleza, Constelação do Fim... até encontrar o que procurava. A campainha tocou exatamente quando estava retirando o desenho do maço. Colocou-o no tampo de madeira áspera e foi abrir a porta, esperando que não fosse Judith com um suplemento de reclamações. Encontrou pela frente um Russell com ar acabado, barba por fazer, cabelos em desordem e roupas amarfanhadas.

Segurava na mão direita um objeto que parecia um cartaz enrolado.

Pensou duas coisas ao mesmo tempo: que ele era lindo e que ela era uma idiota.

Pegou-o pelo braço e puxou-o para dentro, antes que a porta da frente se abrisse.

— Entre.

Vivien fechou a porta rapidamente, confundindo o barulho da fechadura com a voz excitada de Russell.

— Preciso lhe mostrar uma coisa... — Um segundo. Primeiro me deixe verificar uma outra.

Voltou para o quarto, seguida por Russell, que não estava entendendo nada. Pegou a lâmina de plástico contornada de azul onde o pintor traçou aquela que, segundo ele, seria a Constelação da Ira. O desenho era composto por uma série de pontos brancos intercalados de tanto em tanto por pontinhos vermelhos.

Seguida pelo olhar curioso de Russell, aproximou-se do mapa de Nova York que estava pendurado na parede e apoiou o desenho sobre ele. Coincidiam perfeitamente. Mas enquanto os pontos brancos pareciam dispostos ao acaso, alguns se perdendo no rio ou no mar, os vermelhos ficaram todos em terra firme, com uma localização geográfica precisa.

Vivien falou sobretudo consigo mesma, a meia voz.

— É um memorial.

Depois, mantendo sempre o desenho sobreposto ao mapa, Vivien virou-se para Russell, que estava a seu lado. Ele também começava a entender, embora não fizesse a menor ideia de como Vivien tinha chegado até ali.

— Esse Matt Corey não tinha nenhuma veleidade artística. Sabia muito bem que não tinha talento algum. Fez os desenhos apenas para esconder essa planta. E tenho certeza de que os pontos vermelhos correspondem aos locais onde escondeu as bombas.

Ajustou melhor aquela espécie de transparência e quando o mapa da cidade ficou nítido diante dela, seu rosto ficou lívido. Não conseguiu reprimir uma exclamação angustiada.

— Oh, meu Deus! Quando recolocou a transparência sobre o mapa, Vivien ainda tinha esperança de estar errada. Mas obteve apenas uma confirmação, que tornou a verificar exaustivamente, percorrendo o mapa com o dedo e aproximando-se até quase tocar a parede.

— Ele colocou bombas na Joy também.

— O que é Joy? — Agora não. Precisamos ir. Já.

— Mas eu... — Vai me explicando no caminho. Não temos um minuto a perder.

Um segundo e Vivien já estava na porta, que segurou aberta enquanto Russell chegava.

— Ande rápido. Código RFL.

Enquanto esperavam o elevador, Vivien sentia o cérebro trabalhar como nunca em sua vida. Mérito das circunstâncias ou do comprimido dado pelo dr. Savine, qualquer que fosse a origem daquela lucidez não teria a menor importância naquele momento. Tentou trazer à memória as palavras exatas que o homem da jaqueta verde pronunciou no confessionário.

A santidade está no fim. Por isso, não descansarei no domingo... Isso queria dizer que o próximo atentado estava programado para o domingo seguinte.

O que lhe concedia um mínimo de tempo para intervir, se sua hipótese em relação à transparência fosse correta. Mas, no que dizia respeito à Joy, não queria correr riscos. A comunidade precisava ser evacuada com a maior rapidez possível. Não podia perder a irmã e a sobrinha num único dia.

Chegaram à rua e foram correndo para o carro. Russell ofegava atrás dela. O ar arruinado que exibia devia corresponder a um estado físico semelhante. Vivien pensou que teria tempo de descansar um pouco durante a viagem até o Bronx.

Tentou ligar para o celular do padre McKean, mas estava desligado. Perguntou-se por quê, pois naquela altura dos fatos já deveria ter retornado à Joy, vindo de Saint John.

Talvez, depois da experiência de algumas horas atrás, desejasse que o telefone fosse apenas um objeto inanimado no fundo do bolso. Tentou ligar para o número de John Kortighan, mas o celular tocava e tocava e ninguém respondia.

E a cada toque Vivien perdia um ano de vida.

Colocou o sinalizador no teto do carro e se afastou do meio-fio, fazendo os pneus cantarem no asfalto. Não queria ligar para o número da comunidade, pois preferia não alarmar os jovens e espalhar o pânico entre eles. Também não podia ligar para Sundance, pois os hóspedes da Joy não tinham permissão para usar celulares.

Enquanto subia as ruas à velocidade máxima permitida pelo trânsito, Vivien retomou a conversa com Russell, que estava com a mão direita agarrada no apoio que ficava logo acima da janela.

Naquele momento, dirigir era apenas uma questão de instinto animal, de repetição de gestos habituais, de nervos, de reflexos. A curiosidade que estava sentindo era um dos poucos traços humanos que permaneciam.

— E então, o que descobriu? — Não é melhor pensar na direção agora? — Consigo dirigir e ouvir ao mesmo tempo.

Russell pareceu se resignar a passar por aquela provação, mas tentou ser o mais sintético possível.

— Não sei nem explicar direito como consegui, mas o fato é que cheguei ao nome desse Matt Corey. Ele é mesmo o Little Boss daquela foto que nós encontramos em Hornell. Foi companheiro de armas de Wendell Johnson no Vietnã. Durante anos, Matt Correy foi considerado morto quando na verdade assumiu a identidade do amigo.

Vivien fez a pergunta que mais lhe importava.

— E o filho? — Não está mais em Chillicothe. Seu nome é Manuel Swanson. Não sei onde pode estar agora. Mas na época mostrava certas inclinações artísticas.

Ergueu o cartaz enrolado que segurava na mão esquerda.

— E consegui encontrar um cartaz de seu show.

— Mostre.

Durante toda a sua falação, Russell não conseguiu desviar os olhos da estrada, onde o XC60 disparava numa espécie de zigue-zague entre os outros carros em movimento, que diminuía a velocidade e encostavam para facilitar sua passagem.

Seu protesto soou enérgico, mas não assustado.

— Está maluca? Estamos correndo a quase cento e cinquenta quilômetros por hora.

Vamos acabar batendo ou fazendo alguém bater.

Vivien levantou a voz.

— Mostre, já falei.

Talvez demais. Já o tinha feito uma vez e se arrependera.

De má vontade, Russell desenrolou o cartaz. Vivien deu uma primeira olhada e, instintivamente, leu a inscrição vermelha impressa embaixo da foto. Em letras maiúsculas, um nome e um adjetivo se destacavam.

O fantástico Mister Me Voltou a cuidar da direção. Aproveitou um trecho com poucos carros para dar uma segunda olhada mais longa e mais precisa à foto. E seu coração deu um salto tão forte que ficou com medo que um outro como aquele o fizesse explodir.

Quando deu por si, estava murmurando uma invocação, com o desejo de prosseguir sem solução de continuidade.

— Santo Deus. Santo Deus. Santo Deus.

Russell enrolou o cartaz e jogou o tubo no banco de trás. Apesar do barulho, ouviu que caía no chão, atrás do banco em que estava sentado.

— O que houve, Vivien? O que aconteceu? Quer me dizer para onde estamos indo? Como resposta, Vivien aumentou a velocidade, apertando o acelerador até o fundo.

Tinham acabado de deixar a ponte sobre o Hutchinson River para trás e o carro seguia pela 95 com toda a velocidade que seu motor permitia.

Para aplacar a ansiedade que estava dilacerando seu peito, Vivien resolveu satisfazer a curiosidade de Russell, enquanto rezava para estar enganada. Mas sabia que não seria ouvida.

— Joy é uma comunidade para jovens toxicodependentes. Minha sobrinha, filha de minha irmã, está lá. Filha da minha irmã que morreu esta noite. Ele colocou bombas lá também.

Vivien sentiu as lágrimas chegando, impulsionadas pela dor finalmente expressada. E um nó subir até a garganta e partir sua voz. Enxugou os olhos com o dorso da mão.

— Maldito.

Russell não pediu mais explicações. Vivien se refugiou em sua revolta contra a vida para recobrar a lucidez. Depois, quando tudo tivesse chegado ao fim, sabia que aquela raiva se transformaria em veneno se não conseguisse cuspi-la. Mas agora precisava dela, pois era a sua força.

Quando chegaram à Burr Avenue, Vivien diminuiu a velocidade e retirou o sinalizador giratório para não ser denunciada por faróis e sirenes. Deu uma olhada em Russell. Estava sentado no seu lugar em silêncio, sem medo, e sem invadir aquele que, por enquanto, era uma espaço reservado só a ela. Gostou muito dessa

atitude. Era um homem que sabia falar, mas sobretudo sabia quando era o momento de calar.

Pegaram a estradinha de terra que levava à Joy. Ao contrário das outras vezes, não levou o Volvo até o estacionamento. Encostou à direita, numa clareira protegida da visão por um grupo de ciprestes.

Vivien saiu do carro. Russell a imitou.

— Espere aqui.

— De jeito nenhum.

Quando viu que estava decidido e que por nenhuma razão desse mundo ficaria esperando no carro, Vivien se tranquilizou. Tirou a pistola do coldre, ergueu o cão, introduzindo uma bala na agulha. Aquele gesto, tão habitual para ela, aquele gesto que era a sua segurança, fez uma sombra passar pelo rosto de Russell. Guardou-a no coldre.

— Fique atrás de mim.

Vivien se aproximou da casa seguindo um percurso alternativo que terminava no pátio. Através dos arbustos, escondidos pela vegetação, chegaram à parte da frente da construção costeando o jardim. Vivien viu surgir a fachada familiar da Joy e sentiu uma pontada de angústia. Levou sua sobrinha para lá cheia de confiança e agora aquela casa onde tantos jovens estavam encontrando uma nova esperança de vida podia se transformar de um momento para outro num local de morte. Acelerou o passo e a cautela. Perto da construção havia dois jovens sentados num banco. Vivien reconheceu Jubilee Manson e sua sobrinha.

Ao abrigo dos arbustos, esticou-se e agitou um braço para chamar a atenção dela.

Assim que conseguiu, pediu silêncio colocando o dedo indicador na frente dos lábios.

Os dois jovens se levantaram e foram até onde ela estava. Seu gesto imperioso e seu comportamento fizeram com que Sundance abaixasse a voz instintivamente.

— O que é, tia, o que aconteceu? — Fique em silêncio e ouça. Comporte-se de uma maneira normal e faça exatamente o que vou

dizer.

Sua sobrinha entendeu logo que não se tratava de uma brincadeira. Vivien achou conveniente estender suas instruções ao outro jovem.

— Façam o que vou dizer, os dois. Reúnam todo mundo e vão para longe da casa, o mais longe possível. Entenderam? O mais longe possível.

— Certo.

— Onde está o padre McKean? Sundance indicou o sobrado.

— No seu quarto, com o John.

— Oh, não! Como se reforçasse aquela exclamação instintiva, inesperado e seco, o rumor inconfundível de um tiro chegou da casa. Vivien levantou-se num salto. A pistola surgiu em sua mão, como se os dois movimentos estivessem naturalmente ligados entre si.

— Vão embora. Corram o mais que puderem.

Vivien correu para a casa. Russell a seguiu. Ouvia seus passos rangendo no cascalho, num rumor que parecia insuportável naquele momento. Cruzou a porta de vidro e se viu diante de um grupo de jovens que olhavam para o topo da escada, de onde o disparo havia partido.

Rostos perplexos. Rostos curiosos. Rostos assustados ao vê-la entrar empunhando uma pistola. Embora a conhecessem, Vivien achou melhor identificar-se, de modo que inspirasse confiança imediata.

— Polícia. Podem deixar comigo. Saiam daqui e vão para longe da casa. Rápido.

Os rapazes não se fizeram de rogados. Saíram correndo, com o medo estampado no rosto. Vivien esperou que, lá fora, Sundance tivesse a força e a habilidade de acalmá-los e levá-los consigo para um lugar seguro.

Começou a subir a escada, com a pistola firmemente empunhada.

Russell estava atrás dela. Russell estava com ela.

Degrau por degrau, chegaram ao primeiro andar, onde ficavam os quartos dos internos. Não havia nenhum jovem no

patamar. Provavelmente, todos estavam fora ocupados em suas atividades cotidianas. Do contrário, encontraria alguns deles por ali, atraídos pelo tiro. Foi à janela e viu um grupo de jovens correndo pela rua até sumirem de vista.

O alívio não fez com que abaixasse a guarda.

Apurou os ouvidos para tentar escutar alguma coisa.

Nenhuma voz, nenhum lamento.

Somente o eco daquele disparo que parecia uma presença ainda viva na espiral da escada.

Vivien seguiu adiante e subiu o lance de escada que levava à água-furtada. No alto, no final dos degraus, dava para ver uma porta aberta.

Chegaram ali com o silêncio dos gatos e a respiração de suas presas. Quando pisaram o assoalho do patamar, Vivien apoiou as costas na parede por alguns instantes. Respirou profundamente e deslizou para dentro do aposento com a pistola em punho. O que viu lhe causou horror e uma reação quase instantânea. Padre McKean estava estendido no chão com um tiro de arma de fogo no meio da testa. Os olhos abertos fixavam o teto com uma expressão de espanto. Por trás de sua cabeça, uma mancha de sangue se alargava no chão. John estava sentado num banquinho e a olhava com olhos vazios, apertando um revólver na mão.

— Largue o revólver. Já.

Vivien gritou por instinto, mas John estava claramente em estado de choque e não parecia ter nenhuma intenção de reagir, nem condições para tanto. Apesar disso, Vivien apertou mais forte o cabo de sua Glock.

— Largue o revólver, John. Agora.

O homem virou a cabeça na direção da mão que empunhava o revólver, como se só agora percebesse a sua presença. Depois, os dedos se abriram e a arma caiu no chão.

Vivien afastou-a com um chute.

John ergueu para ela os olhos cheios de lágrimas. Sua voz era um lamento.

— Vamos dizer que fui eu. É o que faremos. Diremos que fui eu.

Vivien soltou as algemas da cintura e colocou-as nos pulsos daquele homem, imobilizando-o com os braços atrás das costas. Só então se permitiu respirar.

Russell estava parado na soleira da porta e olhava o cadáver estendido no chão numa poça de sangue. Vivien se perguntou se ele estava ali ou se estava revivendo alguma cena do passado. Deu um tempo para que se recuperasse.

O mesmo tempo que concedeu a si mesma.

John estava sentado no banco, o rosto inclinado para o chão. Continuava a murmurar sua incompreensível ladainha. Vivien não esperava surpresas de sua parte. Examinou o local onde se encontrava. Um quarto pobre, austero, sem nenhuma concessão à vaidade, exceto por um pôster de uma pintura de Van Gogh na parede. Uma cama de viúvo, uma escrivaninha, um baú, uma poltrona lisa. Livros por todo lado, de gêneros e cores diversos.

E no chão, ao lado do armário, uma mala aberta.

Pela tampa escancarada despontavam um envelope de papel marrom grosso e gasto, um álbum de fotografias e uma jaqueta militar verde.

Só naquele momento percebeu que a TV estava ligada e bloqueada em pausa. Viu que Russell entrou, pegou o controle remoto de cima da escrivaninha e acionou o velho aparelho de vídeo. Na tela, as figuras voltaram a se animar, numa fotografia granulada que talvez fosse a transcrição de um velho Super8 para VHS. Junto com as imagens, chegaram as vozes.

Vivien recebeu com a morte no coração o que a tela lhe mostrava.

Sentado no centro de um palco de um pequeno teatro, parado sob as luzes, diante da sala cheia, havia um jovem ventríloquo, não tão jovem que não pudesse ser reconhecido.

Em seus joelhos havia um boneco de cerca de um metro de altura, que ele segurava com a mão enfiada nas costas. O fantoche representava um ancião usando uma túnica branca, com longos cabelos muito alvos e barba da mesma cor.

Num outro tempo e muito longe dali, Michael McKean dirigiu-se ao boneco, fazendo uma pergunta com voz impaciente.

— Mas quer fazer o favor de me dizer quem é você? E o boneco respondeu com voz calma e profunda.

— Ainda não entendeu? Ora, meu rapaz, você é mesmo muito estúpido.

Depois, movimentado pela mão experiente de seu animador, ele virou a cabeça para a plateia para desfrutar de suas risadas. Ficou um instante em silêncio, franzindo as espessas sobrancelhas sobre os olhos de vidro de um azul artificial.

Enfim, disse tudo aquilo que todo o público esperava ouvir.

— Eu sou Deus.

36

— E QUANDO CHEGAMOS À JOY, vimos que John, o braço direito do padre McKean, tinha assassinado o sacerdote com um tiro. É tudo o que sabemos, por enquanto.

Vivien acabou seu relato e partilhou o silêncio com as pessoas presentes na sala, que a olhavam com as mais diversas expressões. Quem já conhecia a história, pôde revivê-la passo a passo, por meio de suas palavras, e sentir na boca o gosto amargo da confirmação.

Quem a ouviu pela primeira vez do início ao fim, não conseguia tirar do rosto a expressão de incredulidade.

Eram sete horas. A luz da manhã entrava pela janela e se desenhava no assoalho.

Todos estavam exaustos.

No gabinete do prefeito, no New York City Hall, estavam presentes Joby Willard, chefe de polícia, o capitão Alan Bellew, Vivien, Russell e o dr. Albert Grosso, psicopatologista escolhido pelo prefeito Wilson Gollemberg para dar consultoria durante as investigações e que foi chamado às pressas para prestar assistência a John Kortighan em seu estado de confusão mental.

Considerando o que a Joy escondia entre suas paredes, todos concordaram em que os jovens não poderiam passar a noite naquele lugar. Foram entregues aos cuidados do pessoal externo que colaborava com a comunidade e alojados provisoriamente num hotel do Bronx que aceitou hospedá-los.

Vivien beijara Sundance, reservando-se o direito de adiar para o dia seguinte a notícia da morte de sua mãe. Vendo-os entrar no furgão, Vivien pensou que seria necessário muito trabalho antes que conseguissem esquecer. Esperou que nenhum deles se perdesse ao enfrentar mais aquela prova que eram chamados a superar.

Uma vez terminada a perícia, depois de o corpo de Michael McKean ser removido, depois de seu assassino ser levado embora algemado, um carro passou para pegá-los e conduzi-los à prefeitura, aonde chegaram quase ao mesmo tempo que o capitão e onde o próprio Gollemberg os esperava, mergulhado num poço de ansiedade.

Antes de tudo, quis saber se o perigo de novas explosões já estava definitivamente afastado.

Bellew explicou que o esquadrão antibombas inutilizou o controle remoto que detonava as explosões e que, graças à carta encontrada em poder do padre e à confirmação das informações no mapa, fruto de uma intuição genial de Vivien, puderam fazer uma lista precisa dos edifícios minados. Apesar dos compreensíveis transtornos que traria para os cidadãos, o trabalho de remoção teria início em algumas horas.

Em seguida, Vivien resumiu a história em sua complexidade e irracionalidade, até a dramática conclusão.

Naquele momento da reunião, o dr. Grosso, um homem que tinha cerca de 45 anos e era exatamente o oposto do estereótipo de um psiquiatra, percebeu que tinha chegado sua vez. Levantou-se e, andando pela sala, começou a falar com uma voz calma que, desde as primeiras palavras, soube atrair a atenção de todos.

— Por tudo o que ouvi aqui, posso arriscar um diagnóstico, mas devo me reservar o direito de só confirmá-lo depois de estudar melhor o caso. Infelizmente, terei de me basear em testemunhos, uma vez que não posso falar diretamente com a pessoa envolvida.

Devo adverti-los, portanto, que ficaremos sempre no campo das certezas hipotéticas.

Acariciou o bigode, procurando falar em termos que estivessem ao alcance de todos.

— Pelo que ouvi, creio que padre McKean sofria de vários distúrbios. O primeiro era um desdobramento de personalidade, que fazia com que deixasse de ser ele mesmo no momento em que o outro o substituíra, identificável por uma jaqueta verde. Para ser mais claro, quando usava a tal jaqueta, não estava fingindo, interpretando um papel, como um ator, mas se tornava realmente

outro homem. E quando se via livre desse outro, não guardava nenhuma lembrança. Tenho certeza de que sua angústia diante de todas aquelas mortes era sincera. O fato de ter decidido desrespeitar um dos dogmas máximos de sua Igreja e violar o segredo confessional para que o culpado fosse entregue à justiça e os atentados tivessem fim é prova disso.

O médico apoiou as mãos numa mesa e deixou o olhar vagar ao redor. Talvez aquela fosse sua atitude ao dar aulas na universidade.

— Muitas vezes a epilepsia vem se somar a essas síndromes. Esse termo não deve nos levar ao erro: não se trata do mal que todos conhecemos habitualmente, ou seja: olhos revirados, baba na boca, convulsões. A epilepsia pode se apresentar de formas muito variadas. Durante os ataques, o paciente pode sofrer alucinações. Portanto, não é improvável que o padre McKean realmente visse o seu alter ego naquelas ocasiões. Prova disso é o fato de que pôde descrevê-lo, o que também prova o que afirmei antes, ou seja, a absoluta falta de consciência sobre o que o outro estava vivendo.

Fez um gesto com os ombros que serviu de introdução ao que ia dizer.

— O fato de que possuísse dotes de ventríloquo e tivesse praticado essa arte na juventude só confirma nossa tese. Nas pessoas predispostas, cria-se às vezes uma identificação entre o artista e o boneco, cuja simpatia e cujo appeal diante do público são a verdadeira causa do sucesso. E desperta a inveja ou até mesmo a aversão. Sei de um colega que tratou de um paciente que estava convencido de que seu fantoche tinha um caso com sua mulher.

Sorriu sem alegria.

— Sei que coisas como essa, ditas aqui e agora, podem até fazer rir. Mas peço que acreditem que elas estão na ordem do dia dos hospitais psiquiátricos.

Afastou-se da mesa e voltou a passear pela sala.

— No que diz respeito ao John Kortighan, acho que ele foi completa e involuntariamente subjugado pela figura carismática do padre McKean. Deve tê-lo idealizado a tal ponto, que o transformou

num ídolo e, conseqüentemente, teve de matá-lo quando descobriu quem ele era de fato, e o que estava fazendo. Quando falei com ele, chegou a propor que disséssemos a todos que o responsável pelos atentados era ele, Kortighan, para manter intacto o bom nome do sacerdote e todas as coisas importantes que ele fizera na vida. Como podem ver, a mente humana é... O telefone em cima da mesa do prefeito tocou e interrompeu a conclusão. Gollemberg estendeu a mão e levou o fone ao ouvido.

— Alô? Ficou ouvindo por um instante, sem mudar de expressão.

— Bom dia para o senhor também. Sim, tudo acabou. Posso confirmar que a cidade não corre mais nenhum perigo. Existem outros engenhos explosivos, mas já foram localizados e neutralizados.

Uma nova resposta do outro lado, que o prefeito pareceu aceitar com prazer.

— Obrigado, senhor. Enviarei quanto antes um relatório detalhado dessa história terrível. Assim que tivermos entendido as coisas em sua totalidade.

Escutou mais um instante.

— Sim, confirmo. Vivien Light.

Um sorriso, talvez provocado pelas palavras da pessoa com quem falava.

— Certo, senhor.

O prefeito ergueu o rosto procurando por Vivien e — É para a senhorita.

estendeu-lhe o fone, para seu espanto.

Vivien aproximou-se, pegou o telefone e levou-o ao ouvido como se nunca antes tivesse feito aquele gesto.

— Alô? A voz que ouviu era uma das mais conhecidas do mundo.

— Bom dia, srta. Light. Meu nome é Stuart Bredford e dizem por aí que sou o presidente dos Estados Unidos.

Vivien reprimiu o instinto de ficar em posição de sentido, mas não a emoção.

— É uma honra falar com o senhor, presidente.

— É uma honra para mim. Antes de mais nada, gostaria de lhe dar meus pêsames pela morte de sua irmã. A perda de uma pessoa querida é como um pedaço de nós que se vai.

E deixa um vazio que nunca será preenchido. Sei que as duas eram muito ligadas.

— Sim, senhor. Muito.

Vivien ficou se perguntando como ele teria feito para saber da morte de Greta. Em seguida, lembrou a si mesma de que se tratava do presidente dos Estados Unidos, que podia ter, em poucos minutos, as informações que quisesse sobre tudo e todos.

— Isso só faz aumentar seu mérito. Apesar do luto, conseguiu concluir com sucesso um caso difícilíssimo. Salvou centenas de inocentes da morte certa.

— Só fiz meu trabalho, senhor.

— E eu lhe agradeço o fato de tê-lo feito, em meu nome e em nome de todas aquelas pessoas. Mas já que falamos em fazer o próprio trabalho, agora cabe a mim.

Uma pausa.

— Primeiramente, garanto que, apesar dos acontecimentos que vieram a público, a Joy não vai fechar. É um compromisso que assumo com a senhorita neste momento. Palavra de presidente.

Vivien viu os rostos dos jovens desfilarem, um a um, em sua mente, e a expressão perdida que tinham quando entraram no veículo que os levaria embora da Joy. Saber que continuariam a ter uma casa encheu seu coração de paz.

— Isso é maravilhoso, senhor. Os jovens ficarão muito felizes.

— E quanto à senhorita, gostaria de lhe pedir uma coisa.

— Às ordens, senhor.

Uma pequena pausa, talvez uma reflexão.

— Estará livre no dia 4 de julho? — Como, senhor? — É minha intenção propor seu nome para a Medalha de Ouro do Congresso. A entrega dessa honraria acontece aqui em Washington, no dia 4 de julho. Acha que estará livre de compromissos nessa data? Vivien sorriu como se o homem do outro lado da linha pudesse vê-la.

— Desmarcarei qualquer compromisso a partir de agora, senhor.

— Muito bem. A senhorita é uma grande pessoa.

— O senhor também, presidente.

— Serei presidente por mais quatro anos, mas a senhorita, por sorte, ficará a vida inteira onde está. Até breve, minha amiga.

— Obrigada, senhor.

A voz apagou-se e Vivien ficou alguns instantes de pé ao lado da escrivaninha, sem saber o que dizer e fazer. Colocou o fone no gancho e olhou ao redor. A curiosidade estava estampada no rosto de todos. E não tinha vontade alguma de satisfazê-la. Aquele era um momento só seu e, na medida do possível, não pretendia dividi-lo com ninguém.

A mão batendo na porta veio em socorro daquela decisão e daquele silêncio.

O prefeito virou-se na direção das batidas.

— Entre! Uma rapaz de cerca de 30 anos apareceu segurando um jornal.

— O que houve, Trent? — Precisa ver uma coisa, sr. prefeito.

Gollemberg fez um gesto, e Trent se aproximou da mesa, sobre a qual colocou um exemplar do *The New York Times*. O prefeito leu rapidamente e em seguida virou o jornal de modo que todos pudessem ver.

— O que significa isso? Vivien, como todos os outros, aliás, ficou boquiaberta.

A primeira página estava ocupada por uma única manchete: A VERDADEIRA HISTÓRIA DE UM FALSO NOME de Russell Wade. Logo abaixo havia duas fotos, bastante claras apesar da impressão sempre precária dos jornais. Na primeira, um rapaz segurava um grande gato preto. Na segunda, John Kortighan, fotografado um pouco de perfil, estava sentado num banco, apertando um revólver na mão. O olhar vazio e ausente se voltava para um ponto indefinido à sua direita.

O olhar de todos os presentes passou com um sincronismo perfeito do jornal para Russell, que, como sempre, tinha escolhido a

cadeira mais afastada. Sentindo-se observado, uma expressão inocente estampou-se em seu rosto.

— Tínhamos um acordo, não? Vivien se pegou sorrindo. De fato, era verdade. Estava em seu direito, e até aquele momento ninguém podia acusá-lo de não ter cumprido sua palavra. No entanto, olhando a página do jornal, foi mordida pela curiosidade e resolveu satisfazê-la, não só para ela, como para todos os presentes.

— Russell, tem uma coisa que eu gostaria de saber.

— Pode falar.

— Como é que você fez para tirar aquela foto de John?

Estivemos juntos o tempo todo, e não vi nenhuma máquina fotográfica em sua mão.

Com uma cara compungida, Russell se levantou e se aproximou da escrivaninha.

— Tem uma coisa que meu irmão me deixou como herança. Ele também me ensinou como e quando usá-la.

Enfiou a mão no bolso e a retirou de punho fechado. Em seguida, estendeu o braço para a frente. Quando abriu os dedos, permitindo que todos vissem o que escondiam, Vivien mal conseguiu segurar o riso. Diante de seus olhos, uma máquina fotográfica em miniatura surgiu na palma da mão de Russell.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE UM FALSO NOME

CHOVIA NO FUNERAL DE MINHA MÃE, e Vivien segurava minha mão.

Ouvindo a água bater no guarda-chuva, vi o ataúde descer para o túmulo no pequeno cemitério do Brooklyn, onde já estavam meus avós, com a tristeza de nunca ter sabido de verdade quem era Greta Light. Mas acho que chegarei lá, com o tempo, graças à lembrança de todas as palavras que trocamos e das brincadeiras que fizemos e dos momentos serenos que vivemos. Embora eu tenha tentado arruinar tudo, vou conseguir, com a ajuda de minha tia, que é uma mulher forte e incrível, apesar das lágrimas que escorriam de seus olhos, frágeis como as de qualquer um diante da morte.

O padre falou de pó e de terra e de retornos.

Quando o vi, quando ouvi aquelas palavras, meu pensamento voou até o padre McKean e todas as coisas que ele construiu para mim e para outros jovens como eu. Foi terrível saber o que havia por trás de seu olhar, descobrir tudo o que foi capaz de fazer e como o mal consegue alcançar lugares que deveriam estar fechados para ele.

As pessoas me explicaram que a culpa de suas ações não estava de fato em sua vontade, mas apenas naquela parte de seu ser que era dominada por uma maldade que ele não controlava.

Como se, dentro do mesmo corpo, habitassem duas almas diversas.

Não foi nada fácil de aceitar. Mas foi fácil de entender, porque experimentei isso na própria pele.

Vi esse lado mau descer para o túmulo junto com o corpo de Greta Light, minha mãe.

Duas partes corruptíveis, destinadas a voltar à terra e virar de novo pó. A essência viva e verdadeira de minha mãe e de padre McKean estará sempre junto a mim e à pessoa que serei um dia. Ao fitar os olhos de Vivien, percebi através da dor e das lágrimas que agora estou no caminho certo.

Meu pai não estava presente ao funeral.

Ele telefonou dizendo que estava do outro lado do mundo e que não daria tempo de voltar. Em outro momento, eu teria sentido sua falta. Talvez tivesse derramado algumas lágrimas. Agora tenho coisas mais importantes por que chorar. Agora essa ausência é apenas mais uma caixa vazia de uma longa série de caixas vazias que deixaram de ser uma surpresa ruim quando finalmente entendi que não me interessa descobrir o que levam em seu interior.

Tenho uma família. Foi meu pai quem escolheu não fazer parte dela.

Quando tudo terminou, enquanto as pessoas já se afastavam, fiquei sozinha com Vunny diante da terra recém-revolvida, que cheirava a musgo e a renascimento.

De repente, ela virou a cabeça, e segui seu olhar.

De pé sob a chuva havia um homem alto, sem chapéu e sem guarda-chuva, com um impermeável escuro. Reconheci imediatamente. Era Russell Wade, o sujeito que acompanhou com ela as investigações e que está publicando uma série de artigos no The New York Times intitulada A verdadeira história de um falso nome.

Ele já tinha aparecido nos jornais, algum tempo atrás, como protagonista de histórias bastante discutíveis. Agora parece ter encontrado a forma de transformar tudo isso. O que significa que tudo pode mudar, quando menos se espera, mas somente se há desejo real de mudar. Vivien me passou o guarda-chuva e, sob a água que caía, aproximou-se dele.

Falaram brevemente, e o homem se afastou. Enquanto ele ia embora, vi minha tia ficar ali, em pé, olhando para ele, com a chuva caindo em seu rosto e removendo o sal das lágrimas.

Quando voltou para perto de mim, li uma tristeza nova em seus olhos, diferente daquela que a morte de mamãe causava.

Apertei sua mão e ela entendeu. Tenho certeza de que falaremos do assunto um dia desses.

Agora estou aqui, ainda na Joy, sentada no jardim, sob um céu sem chuva. Diante de mim, um fio de água reflete o sol e parece ser um bom presságio. Embora nesse momento a casa pareça estar cheia de fantasmas, tenho certeza de que, em pouco tempo, voltaremos a conversar até reaprendermos a sorrir. Entendi muitas coisas aqui, do modo mais simples. E fui aprendendo aos poucos, dia após dia. Enquanto tentava entender os outros jovens que viviam a meu lado, acho que comecei a conhecer a mim mesma.

Soube que a comunidade não deixará de existir, graças à intervenção do governo e de muitas outras pessoas que resolveram ser solidárias. Embora Vivien tenha proposto que eu vá morar com ela, resolvi que no futuro continuarei por aqui mesmo, para dar uma mão, se eles me aceitarem. Não preciso mais da Joy, mas tenho a ilusão de que a Joy precisa de mim.

Meu nome é Sundance Green e faço 18 anos amanhã.

APERTO O BOTÃO DO INTERFONE E a voz de minha secretária chega com a eficiência que lhe é peculiar.

— Pois não, sr. Wade.

— Não me passe nenhuma ligação durante os próximos quinze minutos.

— Como quiser.

— Melhor dizendo, espere passar meia hora.

— Muito bem. Boa leitura, sr. Wade.

Havia uma nota divertida em sua voz. Acho que sabe muito bem por que pedi esse tempo. Além do mais, foi ela quem me trouxe, há pouco, o exemplar do The New York Times que está em cima de minha escrivaninha neste momento. A primeira página exhibe uma manchete com caracteres que daria para ver até de um avião.

A verdadeira história de um falso nome — Terceira parte.

Mas o que me interessa mesmo é o nome do autor.

Começo a ler o artigo e bastam duas colunas para perceber que é realmente danado de bom. Estou tão surpreso, que prefiro deixar para ficar orgulhoso num segundo momento.

Russell tem a capacidade de atrair o leitor sem deixar nenhum ponto de fuga. A história é, sem dúvida, muito interessante, mas devo reconhecer que seu modo de contá-la é magistral.

A luz do interfone e a voz da secretária chegam de surpresa.

— Sr. Wade... — O que houve? Já disse que não quero ser incomodado.

— Seu filho está aqui.

— Mande entrar.

Enfio o exemplar do jornal na gaveta da escrivaninha. Poderia dizer a todo o mundo que fiz isso para não deixá-lo envergonhado.

E seria mentira.

Na realidade, o gesto serve para esconder meu embaraço. É uma sensação que detesto e que já evitei ao custo de algumas centenas de milhares de dólares.

Pouco depois, Russell entra na sala. Está tranquilo e tem um ar repousado. Usa roupas decentes e até fez a barba.

— Oi, papai.

— Olá, Russell. Minhas felicitações. Parece que se transformou numa celebridade. E tenho certeza de que isso vai lhe trazer um monte de dinheiro.

Ele fez um gesto com os ombros.

— Tem coisas na vida que o dinheiro não pode comprar.

Respondo imitando seu gesto.

— Tenho certeza disso, o que não tenho é prática. Na minha vida, lidei sempre com os outros tipos de coisas.

Ele se senta na minha frente. Olha para mim diretamente nos olhos. É uma bela sensação.

— Depois dessa sessão de filosofia barata, o que posso fazer por você? — Estou aqui para agradecer. E para tratar de negócios.

Espero que prossiga. Meu filho sempre teve, apesar dos pesares, a capacidade de excitar minha curiosidade. Além daquela de me tirar do sério como ninguém mais no mundo.

— Sem sua ajuda, eu não teria conseguido esse resultado. Por isso, serei grato a você por toda a minha vida.

Tais palavras me encham de prazer. Nunca poderia imaginar ouvi-las saindo da boca de Russell. Mas a curiosidade permanece.

— E de que tipo de negócios está querendo tratar comigo? — Você tem uma coisa que eu gostaria de comprar de volta.

Entendo finalmente e não consigo evitar um sorriso. Abro a gaveta da escrivaninha e retiro o contrato assinado por ele em troca de minha intervenção, que estava embaixo do jornal. Coloco em cima da escrivaninha, no meio de nós dois.

— Está se referindo a isso? — É. Exatamente isso.

Reclinado no espaldar da poltrona, busco seus olhos.

— Sinto muito, filho. Mas, como você mesmo disse, há coisas que o dinheiro não pode comprar.

Inesperadamente, ele sorri.

— Mas não tenho nenhuma intenção de lhe oferecer dinheiro.

— Ah, não? E pretende me pagar com o quê? Enfia a mão no bolso e tira de lá um pequeno objeto de plástico cinza. Mostra para mim, e vejo que se trata de um gravador digital.

— Com isso.

A experiência me ensinou a ficar sempre impassível. Mais uma vez, consigo fazê-lo. O problema é que ele também está a par dessa minha capacidade.

— E o que tem aí, posso saber? Fiz a pergunta para ganhar tempo, mas, se não emburreci de repente, sei muito bem do que se trata e para que serve. E ele só faz confirmar.

— É um gravador com os telefonemas que você deu ao general. Este minúsculo objeto em troca desse contrato.

— Você não teria coragem de usá-lo contra mim.

— Tem certeza? Pode me pôr à prova. Já tenho tudo planejado.

Passa a mão no ar diante de si, num gesto que indica uma manchete em letras garrafais.

— A verdadeira história de uma verdadeira corrupção.

Adoro jogar xadrez. Uma das regras da disciplina desse jogo é reconhecer o mérito do adversário quando se é derrotado. Mentalmente, pego o Rei e o derrubo na horizontal sobre o tabuleiro. Depois, pego o contrato na mesa. Com um gesto teatral, rasgo a folha em pedacinhos miúdos e os deixo cair na cesta de papéis.

— Pronto. Você não tem mais nenhum compromisso comigo. Russell levanta-se e põe o gravador na minha frente.

— Sabia que chegaríamos a um acordo.

— Foi uma chantagem.

Ele olha para mim com uma expressão divertida.

— Decididamente, sim.

Russell olha a hora. Vejo em seu pulso um Swatch de poucos dólares. O relógio de ouro que lhe dei um dia deve ter sido vendido.

— Preciso ir. Larry King está à minha espera para uma entrevista.

Conhecendo-o, poderia ser apenas uma brincadeira. Mas, com a fama que já conquistou, não ficaria espantado se fosse verdade.

— Tchau, papai.

— Tchau. Não posso dizer que foi um prazer.

Afasta-se em direção à porta. Seus passos sobre o carpete não fazem nenhum rumor.

Nem a porta, quando se abre. Chamo por ele no momento em que está saindo.

— Russell... Vira-se para mim, com aquele rosto que todos dizem que é cópia do meu.

— Sim? — Um desses dias, se tiver vontade, poderia passar em casa para almoçar. Acho que sua mãe ficaria muito contente em revê-lo.

Ele me encara com olhos que, no futuro, terei de aprender a conhecer. Leva um tempo para responder.

— Irei com prazer. Muito prazer.

Depois sai e desaparece.

Fico um instante sentado ali, pensando. Sempre fui um homem de negócios. Hoje, creio que fechei um dos melhores. Depois, estendo a mão e pego o gravador. Aperto o botão que dá início à reprodução do que está gravado.

Logo em seguida, eu me dou conta. Sempre pensei que meu filho fosse um péssimo jogador de pôquer, mas parece que é uma daquelas pessoas que têm a capacidade de aprender com os próprios erros.

A fita está vazia.

Não tem porra nenhuma gravada ali.

Levanto-me e vou até a janela. Lá embaixo, vejo Nova York, uma das muitas cidades que consegui conquistar em minha vida. Mas hoje me parece um pouco mais preciosa, no momento em que um pensamento alegre atravessa minha mente.

Meu filho, Russell Wade, é um grande jornalista e um grande filho da puta.

Creio que esse segundo aspecto de sua personalidade ele herdou de mim.

ESTOU EM BOSTON, NO CEMITÉRIO EM QUE meu irmão está sepultado. Atravessei a porta de vidro e agora estou no interior do mausoléu da família, que abriga há anos os restos mortais dos Wades. A lápide é de mármore branco, como todas as outras, aliás. Robert me sorri, imutável em sua foto sobre a cerâmica, na qual seu rosto jamais envelhecerá.

Temos mais ou menos a mesma idade, agora.

Hoje fui almoçar na casa de meus pais. Não lembrava que aquela casa era tão grande e tão rica. Quando me viram entrar, os empregados me olharam com os mesmos olhares que, creio, Lázaro recebeu depois da ressurreição. Na verdade, alguns deles nunca tinham me visto pessoalmente. Somente Henry, quando abriu a porta e se pôs de lado para que eu passasse, e após ter me acompanhado ao encontro de minha mãe e de meu pai, apertou meu braço e olhou para mim com ar de cumplicidade.

Depois sussurrou algumas palavras.

— A verdadeira história de um falso nome. Grande trabalho, sr. Russell. De verdade.

Durante o almoço, na mansão em que fui criança e vivi tantos momentos com Robert e meus pais, a ferrugem de tantos anos de afastamento não desapareceu facilmente. Todo aquele silêncio e todas aquelas palavras cruéis não poderiam ser apagados num instante, só com boa vontade. Contudo, tivemos uma excelente refeição e começamos a conversar como não fazíamos há muito tempo.

Durante o café, meu pai mencionou uma coisa que disse ter ouvido por aí. Afirmou que mais de uma pessoa tinha ventilado a possibilidade de meu nome para o Pulitzer.

Quando acrescentou que daquela vez ninguém conseguiria tirá-lo de mim, eu sorri. Minha mãe também sorriu, e eu pude finalmente respirar.

Fingi que nada tinha acontecido e olhei para aquele ótimo líquido escuro que fumegava na xícara.

Um telefonema que fiz quando estava retornando de Chillicothe me veio à memória.

Liguei para o The New York Times pelo telefone do avião e pedi para falar com Wayne Constance. Muitos anos antes, na época do meu irmão, era o responsável pelas notícias internacionais. Agora, era diretor da publicação, com todos os méritos.

A voz que saiu pelo fone era exatamente igual à que eu lembrava.

— Olá, Russell. O que posso fazer por você? Um pouco de frieza. Desconfiança. Curiosidade.

Eu não esperava nada muito diferente daquilo. Sabia que não merecia nada diferente.

— Sou eu que posso fazer algo por você, Wayne. Tenho uma verdadeira bomba nas mãos.

— Ah, é? E de que se trata? Um pouco menos de frieza. Um pouco mais de curiosidade. O acréscimo de um véu de ironia. Mesma desconfiança.

— Não posso lhe dizer nada agora. A única coisa que posso dizer é que você terá exclusividade, se quiser.

Levou um segundo para responder.

— Russell, não acha que já chafurdou na lama o suficiente nos últimos anos? Sabia que a melhor forma de responder era dando-lhe razão.

— Concordo totalmente. Mas dessa vez é diferente.

— E quem garante isso? — Ninguém. Mas você vai me receber e vai ver o que tenho para você.

— Por que tem tanta certeza? — Por dois motivos. O primeiro é que você é mais curioso que um gato. O segundo é que jamais perderia uma oportunidade de me sacanear depois.

Ele riu como se fosse uma piada. Mas nós dois sabíamos que era a pura verdade.

— Russell, se me fizer perder tempo, vou mandar o pessoal da segurança jogar você pela janela e vou fiscalizar pessoalmente para que o façam.

— Você é grande, Wayne.

— Não. Seu irmão, sim, era grande. É em memória dele que vou examinar o que quer me mostrar.

Não falei mais com ele até aquela noite na Joy — a noite em que as certezas de todos foram derrubadas para dar lugar ao vazio enorme de nosso desconhecimento. Do homem, de sua natureza, do mundo que nos cerca, do mundo que temos dentro de nós.

Enquanto esperávamos que os policiais chegassem para fazer a perícia, procurei um lugar em que houvesse um computador com conexão com a internet. Quando encontrei, fechei-me lá dentro e redigi o primeiro artigo. Foi só o tempo de escrever como se alguém atrás de mim estivesse ditando palavra por palavra, como se eu fosse o dono daquela história desde sempre, como se a tivesse vivido mil vezes e narrado outras tantas.

Depois, anexeí o texto a um e-mail que enviei para o jornal.

O resto da história é conhecido. Vou tentar construir aos poucos o que ainda falta, dia após dia.

Passaram-se duas semanas desde o funeral da irmã de Vivien. Duas semanas desde a última vez que a vi, a última vez que nos falamos. A partir daquele momento, minha vida entrou num carrossel tão veloz, que as imagens pareciam se sobrepor sem que

eu conseguisse distinguir uma da outra. Agora chegou a hora de esse carrossel parar, pois continuo a sentir um vazio dentro de mim que as luzes dos estúdios de televisão, as entrevistas e minhas fotos na primeira página dos jornais — desta vez, sem vergonha — não podem preencher. Toda essa experiência absurda acabou me ensinando que as palavras não totalmente expressadas são, às vezes, mais perigosas e mais danosas que as que gritamos a plenos pulmões. Ensinou também que a única maneira de não correr riscos, em certos casos, é arriscar. E que a única forma de não ter dívidas é não se endividar.

Ou pagar as dívidas.

E é exatamente a primeira coisa que farei assim que voltar a Nova York.

Por isso estou diante do túmulo de meu irmão e olho seu rosto que sorri para mim.

Retribuo seu sorriso, esperando que Robert possa me ver. Em seguida, com todo o afeto que há neste e no outro mundo, digo uma coisa que sonhava dizer há anos.

— Consegui, Robert.

Depois, viro as costas e me afasto dali.

Agora, nós dois estamos livres.

O ELEVADOR CHEGA A MEU ANDAR e, assim que as portas deslizantes se abrem, algo diferente me recebe e me surpreende. Na parede em frente a ele, pendurada com fita adesiva, há uma foto.

Chego perto para observá-la.

Sou eu, retratada de perfil no gabinete de Bellew, com uma expressão absorta e os cabelos fazendo um pouco de sombra no rosto. O clique me pegou num instante de reflexão e conseguiu capturar com perfeição a dúvida e a sensação de impotência que sentia naquele momento.

Viro a cabeça e, na parede à esquerda, pendurada em cima da campainha, vejo outra foto.

Pego-a e, à luz do pequeno hall, também a observo com atenção.

Mais uma vez, a pessoa retratada sou eu.

No salão da casa de Lester Johnson, em Hornell. Tenho olhos marcados por olheiras de cansaço, mas uma expressão voluntariosa ao ver a foto de Wendell Johnson e Matt Corey no Vietnã. Lembro-me bem daquele instante. Era um momento em que tudo parecia perdido, mas em vez disso, a esperança ressurgia quando menos esperávamos.

A terceira foto está pendurada na madeira, no meio da porta.

Mais uma vez, eu, agora na casa de Williamsburg, estudando pela primeira vez os desenhos daquela pasta. Quando ainda não sabia que não eram apenas péssimas obras de arte, mas o modo engenhoso que um homem encontrara para traçar o mapa de sua loucura. Relembro bem meu estado de espírito naquele momento, mas não tinha consciência de minha expressão, talvez porque, àquela altura, já não fosse mais dona de meus sentimentos.

Naquele instante, percebo que a porta está apenas encostada. Empurro a maçaneta e as dobradiças se movem com um rangido.

Na parede em frente à entrada encontro outra foto.

À luz incerta que chega de fora e se enfia na penumbra da casa não consigo ver direito.

Imagino que seja mais uma foto minha.

A luz no corredor se acende. Dou um passo para dentro, mais curiosa que preocupada.

Viro a cabeça e uma coisa chega não se sabe de onde e toma posse de meu estômago. É enorme e leve. Vibra como se reunisse todas as asas do mundo, sem possibilidade de escolha.

À minha direita, no meio da sala, vejo Russell. Sorri para mim e faz um gesto engraçado com as mãos.

— Serei preso por violação de domicílio? Peço a Deus que não me faça dizer alguma coisa idiota. No entanto, antes que Deus possa intervir, consigo sozinha.

— Como conseguiu entrar? Ele mostra a palma da mão esquerda, na qual estão as chaves de casa.

— Com a outra chave. Nunca lhe devolvi. Pelo menos não terei a agravante do arrombamento.

Chego mais perto e o olho bem nos olhos. Não consigo acreditar que esteja olhando para mim como eu queria que olhasse desde o primeiro momento em que o vi. Ele vira de lado e aponta para a mesa. Viro os olhos e vejo que está posta, com uma toalha branca de linho, pratos de porcelana, talheres de prata e uma vela acesa no centro.

— Eu lhe prometi um jantar, lembra? Talvez não saiba que já venceu. Talvez saiba, e queira me aniquilar. Seja como for, não tenho nenhuma intenção de escapar. Não sei qual é a expressão de meu rosto, mas na confusão em que me encontro ainda consigo pensar que seria um crime não ter uma foto do momento.

Russell se aproxima da mesa e indica as travessas.

— Aqui está: jantar preparado pelo chef preferido de meu pai. Temos lagosta, ostras, caviar e um monte de outras coisas cujo nome não lembro.

Com um gesto elegante, indica uma garrafa que fora dentro de um balde de gelo.

— Para o peixe, temos aqui um excelente champanhe.

Depois, pega uma garrafa de vinho tinto com etiqueta colorida.

— E para o resto, Il Matto, um magnífico vinho italiano.

As batidas de meu coração alcançaram o limite do inimaginável, e a respiração chegou a um nível tal, que se tornou quase nula.

Vou me aproximando e envolvo seu pescoço com meus braços.

Durante o beijo, sinto que tudo passa e que tudo chega naquele exato momento. Que tudo existe e que nada existe, só porque estamos nos beijando. E quando sinto que ele corresponde, penso que sem ele eu morreria, e que talvez morra por ele, agora, naquele instante.

Afasto-me um pouquinho. Só um pouquinho, porque mais que isso não consigo.

— Vamos para a cama? — Mas, e o jantar? — Dane-se o jantar! Ele sorri para mim. Sorri sobre meus lábios, e seu hálito é um perfume maravilhoso.

— A porta está aberta.

— Dane-se a porta também! Chegamos ao quarto e, por um tempo que parece infinito, eu me sinto tola e idiota e prostituta e linda e amada e adorada, e comando e imploro e obedeço. Por fim, resta o corpo dele ao lado do meu, uma claridade embaçada atrás das cortinas e a respiração calma enquanto ele dorme. Levanto-me da cama, enfio o roupão e vou para a janela.

Deixo que meu olhar, finalmente sem angústia e sem medo, ultrapasse a barreira das vidraças.

Lá fora, sem atentar para as luzes e para os homens, um vento leve sobe o rio.

Talvez siga alguma coisa; talvez esteja sendo seguido por alguma coisa. Mas é agradável ficar por alguns instantes sentindo essa brisa passar ciciando por entre as árvores. É uma brisa fresca e leve, daquelas que enxugam as lágrimas dos homens e impedem que os anjos chorem.

E eu finalmente posso dormir.

FIM

AGRADECIMENTOS

O FIM DE UM ROMANCE É como a partida de um amigo: deixa sempre certo vazio.

Felizmente, o percurso também nos faz encontrar velhos amigos e conhecer novos. Por isso, quero agradecer:

— à Dra. Mary Elacqua de Rensselaer, assim como a Wonder Janet e Super Tony, seus adoráveis pais, o fato de terem me recebido no Natal com todo o afeto que dariam a uma pessoa da família

— ao Pietro Bartocci, seu inimitável marido, a única pessoa no mundo que consegue roncar mesmo acordado e fechar um negócio nesse meio-tempo

— à Rosanna Capurso, genial arquiteta de Nova York, de cabelos vermelho-fogo e um sentido de amizade que aquece da mesma maneira

— ao Franco di Mare, na prática um irmão, cujas sugestões foram determinantes para traçar o perfil dos correspondentes de guerra. Se consegui, obviamente, o mérito é meu. Se não consegui, a culpa é dele

— ao Ernest Amabile, que me deu acesso, já homem, à experiência de quem, quando jovem, esteve no Vietnã, e viu

— ao Antonio Monda, que fez com que me sentisse um intelectual italiano em Nova York

— ao Antonio Carlucci, que dividiu comigo sua experiência e me apresentou a um restaurante sensacional

— ao Claudio Nobis e à Elena Croce, por sua hospitalidade e seus livros

— ao Ivan Genasi e à Silvia Dell’Orto, por terem partilhado comigo a chegada de uma cegonha que veio da Ikea do Brooklyn

— à Rosaria Carnevale, que, além de ter me abastecido de pão fresco durante minha permanência em Nova York, é realmente uma eficiente diretora de banco

— ao Zef, que, além de ser um amigo, é realmente o building manager de um edifício na Rua 29

— à Claudia Peterson, de fato uma veterinária, que, com o marido, Roby Facini, me emprestou a história de Walzer, seu singular gato de três patas

— ao Carlo Medori, que fez do cinismo seu divertimento e do afeto a sua essência

— ao Detetive Michael Medina, do 13º Distrito do New York Police Department, a gentil assistência em um momento de dificuldade

— ao Dom Antonio Mazzi, a consultoria sobre os vínculos sacerdotais. E por ser, de certa forma, com suas comunidades de recuperação, o inspirador de parte desta história e o protagonista de uma aventura maravilhosa

— à Dra. Elda Feyles, anatomopatologista do Hospital Civil de Asti e ao dr. Vittorio Montano, neurologista da mesma instituição, sua assessoria durante a redação deste romance.

Enfim, sou obrigado, com um prazer infinito, a voltar pela enésima vez a meu grupo de trabalho, composto de pessoas que, depois de tanto tempo, colocam-me diante de uma alternativa: ainda não se cansaram de mim ou, se isso aconteceu, são capazes de fingir de maneira extraordinária.

Em ambos os casos, merecem seu aplauso:

— o corsário Alessandro Dalai, porque entende que os grappini de ancoragem* e os grappini de bar** são duas coisas diferentes [** Pequenas âncoras de quatro ganchos. (N. do T.); ** Copinhos especiais para beber grapa. (N. do T.)*]

— a cristalina Cristina Dalai, para que continue imperturbavelmente recomprando os copos que regularmente quebro

— o enciclopédico Francesco Colombo, meu inigualável editor, porque, por sorte dele e minha, tem um cérebro a mais e um Bentley a menos

— o “cheguevário” Stefano Travagli, que, assim como Oscar Wilde, conhece a importância de se chamar Ernesto

— a elegíaca Mara Scanavino, sublime diretora de arte, pois consegue de modo extremamente criativo aprontar as maiores confusões

— a pitagórica Antonella Fassi, porque dança em nossos corações de autores com a mesma leveza com que dança sobre nossos escritos

— as rutilantes Alessandra Santangelo e Chiara Codeluppi, minhas impagáveis Press Sisters, que sabem fazer de seus peitos escudos e baluartes.

E, com eles, o pessoal da Baldini Castoldi Dalai editore, que sempre consegue fazer com que me sinta um grande autor, embora a questão ainda esteja *sub judice*.

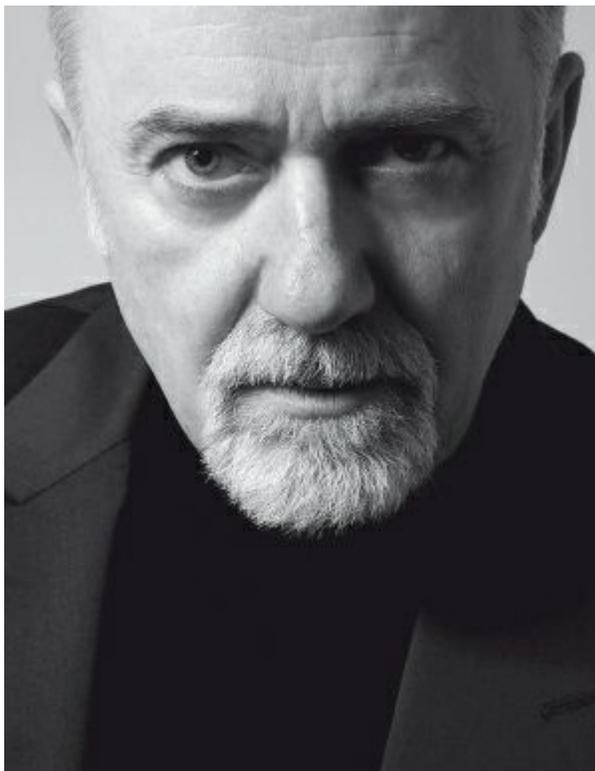
A eles agrego o meu agente, Piergiorgio Nicolazzini, uma criatura de ficção científica, porque recebeu como um verdadeiro amigo o meu desembarque alienígena em seu planeta.

Como se costuma dizer, os personagens desta história, à exceção de Walzer, são fruto da imaginação, e qualquer relação com personagens existentes é puramente casual.

Quem leu este romance entendeu que não há nada de autobiográfico no título. Deixo intacta, para quem não leu e pensa que há, essa ilusão que só me honra.

Dito isso, cumprimento com uma reverência e uma mesura do meu chapéu de penacho.

SOBRE O AUTOR



Nascido em Asti, no Piemonte, em 1950, o italiano Giorgio Faletti, com formação em direito, tornou-se cantor, compositor e comediante de televisão. *Eu mato*, lançado em 2002, permaneceu mais de um ano nas listas dos mais vendidos da Itália e foi traduzido para 25 idiomas.

Giorgio Faletti publicou *Nienti di vero tranne gli occhi*, *Fuori da un evidente destino*, *Pochi inutili nascondigli* e *Io sono Dio* — todos, best-sellers. Começou a compor e a cantar no Festival de Música de San Remo, e atuou em comédias como *Notte Prima degli esami*. Entusiasmado torcedor do Juventus, reside na ilha de Elba.

Outros livros do autor
Eu mato



Memórias de um vendedor de mulheres



Fonte arquivo .ePub

Ebook Maniacs

Reformatação .ePub

 **clubinho**

2013